

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

VALFRIDO DA SILVA NUNES

**O GÊNERO CARTA DO LEITOR NO JORNAL DO COMMERCIO DE  
PERNAMBUCO: UMA ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA**

Maceió  
2012

VALFRIDO DA SILVA NUNES

**O GÊNERO CARTA DO LEITOR NO JORNAL DO COMMERCIO DE  
PERNAMBUCO: UMA ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, dentro da Linha de Pesquisa Estudos Textuais: Oralidade, Leitura e Escrita, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação da Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira.

Maceió  
2012

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

N872g Nunes, Valfrido da Silva.

O gênero carta do leitor no Jornal do Commercio de Pernambuco: uma abordagem sociorretórica / Valfrido da Silva Nunes. – 2012.  
236 f. : il.

Orientadora: Maria Inez Matoso Silveira.

Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 151-157.

Apêndices: f. 158-172.

Anexos: f. 173-236.

1. Gêneros textuais – Análise. 2. Carta do leitor. 3. Retórica. 4. Concepção sociorretórica. 5. Jornal do Commercio de Pernambuco. I. Título.

CDU: 801:82.085



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

## TERMO DE APROVAÇÃO

VALFRIDO DA SILVA NUNES

Título do trabalho: "O GÊNERO CARTA DO LEITOR NO JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO: UMA ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

*Maria Inez Matoso Silveira*

Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

*Maria Stela Torres Barros Lameiras*

Prof. Dr. Maria Stela Torres Barros Lameiras (PPGLL/UFAL)

*Benedito Gomes Bezerra*

Prof Dr. Benedito Gomes Bezerra (UFPE)

Maceió, 26 de março de 2012.

À Lívia Regina (“rainha branquíssima”), minha sobrinha,  
que, em virtude da sua tenra idade, ainda não saboreou  
as delícias da nossa língua materna.

## AGRADECIMENTOS

Produzir o gênero “Agradecimentos” é sempre uma tarefa arriscada e desafiadora. Ao término dele (se é possível que se termine) ficamos sempre com uma sensação de incompletude... Consciente disso, gostaria de agradecer imensamente a todos que contribuíram, de alguma maneira, para a realização deste trabalho, dentre eles:

- **A Deus** – pela Sua Onipresença, Onipotência e Onisciência... Ele que nos faz deitar em verdes pastos e nos guia mansamente a águas tranquilas; que, quando elevamos os nossos olhos para os montes em busca de socorro, nunca se furta a nos responder; que, no meio do deserto, fez brotar água cristalina das rochas; que, diante da perseguição dos faraós, fez o mar fender-se e os Seus remidos atravessarem-no por terra seca; que escreveu os dez mandamentos nas tábuas de pedra e que nos molda como um vaso de barro na mão do oleiro. Somente a Ele, o Soberano e Todo Poderoso, sejam dadas toda honra e toda glória!
- **À minha família** – nas pessoas de Maria Soares Nunes (minha avó paterna), Valmi Soares Nunes (meu pai), Olinda Regina da Silva Nunes (minha mãe), Aracelle Cristina Barros de Araújo Nunes (minha esposa), Lígia da Silva Nunes e Lídia da Silva Nunes (minhas irmãs) e Valdemir da Silva Nunes (meu irmão). A eles que, assim como os textos, tecem as coesões e as coerências da minha vida, ao mesmo tempo em que soam como as notas mais doces e afinadas da sinfonia da minha existência!
- **À Professora Doutora Maria Inez Matoso Silveira** – minha orientadora, a quem muito devo, do ponto de vista da minha formação intelectual, principalmente pela confiança no meu fôlego acadêmico; pelas horas de bate-papo, quando almoçávamos juntos, e pelos encontros de orientação, regados a cafezinho; pelos valiosos ensinamentos e pelo insigne senso de humor, que fazia com que os nossos encontros, além de proveitosos, se tornassem agradáveis. Enfim, não poderia deixar de fazer menção a essa mulher que

considero uma representante muito positiva do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

- **À Banca de Qualificação** – composta pelas professoras examinadoras Maria Francisca Oliveira Santos e Maria Stela Torres Barros Lameiras, pelas observações pertinentes e sugestões enriquecedoras, que muito contribuíram para a lapidação deste trabalho.
- **À Banca de Defesa** – cuja composição contou mais uma vez com contribuição relevante da professora Stela Lameiras, a quem sou muito grato, e com a presença do Professor Doutor Benedito Gomes Bezerra, que, como pesquisador renomado da área da Linguagem, abrilhantou a nossa Sessão de Defesa.
- **Ao corpo docente do PPGLL** – pelo diálogo acadêmico nas acaloradas discussões em sala de aula, por ocasião do cumprimento dos créditos.
- **Aos amigos** – pelo incentivo, pelos momentos de tensão e de alegria que compartilhamos, tanto nos corredores da Faculdade de Letras, quanto nos eventos acadêmicos dos quais participamos Brasil a fora.

“Prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras.”

Fragmento do discurso de posse de Dilma Rousseff –  
1ª Presidenta da República Federativa do Brasil (1/1/2011)

## RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa que investigou como o gênero textual *carta do leitor* funciona no universo midiático impresso, considerando aspectos do seu projeto enunciativo e da sua organização retórica. Por se tratar de um gênero situado na esfera do jornalismo opinativo, a *carta do leitor* tem se mostrado como um construto retoricamente eficaz para manifestar pontos de vista, propiciando aos seus usuários a participação no debate público como forma de exercício da cidadania em sociedades democráticas. Esse gênero também tem se configurado como um “artefato cultural” digno de atenção pela comunidade acadêmica, devido ao fato de oportunizar discussões acerca do funcionamento real da linguagem humana, na modalidade escrita, em práticas sociais de interação verbal, numa sociedade grafocêntrica como a nossa. A pesquisa teve como objetivo descrever e analisar *cartas do leitor*, a partir de: a) uma análise contextual-enunciativa, em que se buscou entender quem produz o gênero, com que intenção; quem recebe, quem seleciona; a forma como ele é publicado; enfim, as relações de forças, de restrição, de conveniências e o jogo de interesses que a produção, publicação e recepção desse gênero implica e b) uma análise da sua organização retórica, considerando os traços recorrentes, quanto aos movimentos e estratégias retóricas, mesmo sabendo-se da sua heterogeneidade em relação a esse aspecto, particularmente em quatro de seus tipos: a *carta de elogio*, a *carta de esclarecimento*, a *carta de sugestão* e a *carta de consulta*. Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa são de natureza predominantemente qualitativa, respaldada por dados quantitativos relativos às recorrências, a partir da análise de um *corpus* – constituído de 237 exemplares autênticos do gênero – colhido do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, durante o primeiro semestre do ano de 2010. Os fundamentos teóricos do trabalho assentam-se na Teoria de Gêneros Textuais, em sua abordagem sociorretórica, através da contribuição de Swales (1990; 2009a; 2009b), Bhatia (1993; 1997; 2009), Miller (1984; 2009) e Bazerman (2006; 2007; 2009), sem deixar de lado os relevantes estudos de Bakhtin (1976; 1993; 1997a; 1997b; 1998; 2003; 2009), Marcuschi (2007; 2008; 2010a; 2010b), dentre outros. Os resultados revelaram que a *carta do leitor* é um gênero bastante heterogêneo, tanto do ponto de vista dos seus propósitos comunicativos, quanto da sua organização retórica. A análise dos dados mostrou também que os processos de produção, edição e recepção desse gênero são complexos, visto que várias questões socioideológicas estão aí embutidas.

**Palavras-chave:** Carta do leitor. Análise de gêneros. Concepção sociorretórica de gêneros textuais.

## ABSTRACT

This work results from a research which investigated how the textual genre *letter from the reader* works in the universe of printed mass media, considering aspects of its enunciative project and its rhetorical organization. Being a genre situated in the sphere of opinion journalism, the *letter from the reader* has been an effective rhetorical construct so as to manifest points of view, giving conditions to users to participate in the public debate as a form of exercising citizenship in democratic societies. This genre has also been a “cultural artifact” which deserves attention by the academic community due to the fact of providing discussion about the real functioning of written human language in social practices of verbal interaction in a graphocentric society like ours. The research had the objectives of describing and analyzing *letters from the reader* having as main purposes to do a) an enunciative and contextual analysis trying to understand who produces and his/her intentions; who receives the letters and who select them; the form under which they are published; the force relations including the restrictions, conveniences, and game interests that its production, publication and reception of this genre imply and b) the rhetorical organization of the genre considering the recurrent features, the rhetorical moves and their strategies, although considering their heterogeneity in relation to this aspect observed particularly in four types of *letter from the reader*, such as: the compliment letter, the suggestion letter, the explanation letter and the consultation letter. The methodological proceedings adopted in the research were basically qualitative, supported by quantitative data from the recurrences observed in the corpus – 237 authentic *letters from the read* published in the *Jornal do Comercio* in Pernambuco State, Brazil, during the first semester of 2010. The theoretical foundation of the work is based on Textual Genre Theory in its sociorhetorical approach with the contributions of several researchers such as Swales (1990; 2009a; 2009b), Bhatia (1993; 1997; 2009), Miller (1984; 2009) and Bazerman (2006; 2007; 2009), counting on other relevant studies of Bakhtin (1976; 1993; 1997a; 1997b; 1998; 2003; 2009), Marcuschi (2007; 2008; 2010a; 2010b), among others. The results revealed the *letter from the reader* is a very heterogeneous genre, not only in relation to its communicative purposes, but also in its rhetorical organization. The analysis also showed that the processes of production, edition and reception of this genre are complex, due to the various socio and ideological aspects which underly its social use.

**Keywords:** Letter from the reader. Genre analysis. Sociorethorical approach of textual genres.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Forças centrípetas <i>versus</i> forças centrífugas.....	23
Figura 02 – Modelo <i>CARS</i> para introduções de artigos de pesquisa.....	34
Figura 03 – Metodologia para análise de gêneros proposta por Bhatia.....	38
Figura 04 – Níveis de descrição genérica.....	40
Figura 05 – A carta do leitor no <i>layout</i> do jornal.....	78
Figura 06 – Excerto de carta do leitor enviada por autoridade institucional.....	87
Figura 07 – Carta enviada por leitor perfeccionista.....	88
Figura 08 – Carta enviada por leitor reclamante.....	89
Figura 09 – Carta do leitor enviada por pessoa física.....	91
Figura 10 – Carta do leitor enviada por pessoa jurídica.....	92
Figura 11 – E-mail enviado por leitor à redação do <i>JC</i> para lograr publicação.....	97
Figura 12 – Transmutação de e-mail enviado por leitor em carta à redação.....	98
Figura 13 – Análise das alterações que ocorreram no processo de edição da carta.....	99
Figura 14 – Propósitos comunicativos do gênero textual carta do leitor.....	101
Figura 15 – Carta que não apresenta verbo explícito referente ao ato de fala.....	103
Figura 16 – Menor exemplar de carta do leitor encontrado no <i>corpus</i> .....	104
Figura 17 – Carta cujo verbo não corresponde ao ato de fala do sujeito escrevente.....	104
Figura 18 – Carta do leitor que critica personalidade do mundo artístico.....	106
Figura 19 – Carta do leitor que aborda tema de interesse nacional.....	107
Figura 20 – Carta do leitor que traz uma crítica entre missivistas.....	108
Figura 21 – Carta do leitor que faz um alerta.....	109
Figura 22 – Carta do leitor que faz uma solicitação de serviço.....	110
Figura 23 – Carta do leitor que faz um apelo.....	111
Figura 24 – Carta do leitor que faz uma divulgação.....	112
Figura 25 – Carta do leitor dirigida a interlocutor particular.....	114
Figura 26 – Exemplar autêntico da carta de elogio.....	117
Figura 27 – Exemplar autêntico da carta de esclarecimento.....	125
Figura 28 – Exemplar autêntico da carta de sugestão.....	132
Figura 29 – Exemplar autêntico da carta de consulta.....	138

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Categorização das cartas dos leitores.....	80
Tabela 02 – Tipos de carta do leitor que serão analisadas sociorretoricamente...	82
Tabela 03 – Quem escreve cartas ao <i>JC</i> (abordagem geográfica).....	93
Tabela 04 – Formas de identificação dos leitores nas cartas enviadas à redação.....	94
Tabela 05 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de elogio, considerando-se o universo de 24 exemplares.....	124
Tabela 06 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de esclarecimento, considerando-se o universo de 20 exemplares.....	131
Tabela 07 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de sugestão, considerando-se o universo de 13 exemplares.....	136
Tabela 08 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de consulta, considerando-se o universo de 09 exemplares.....	143

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Carta de elogio em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (021).....	119
Quadro 02 – Carta de elogio em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (136).....	121
Quadro 03 – Carta de esclarecimento em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (003).....	127
Quadro 04 – Carta de esclarecimento em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (042).....	129
Quadro 05 – Carta de sugestão em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (181).....	133
Quadro 06 – Carta de sugestão em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (096).....	135
Quadro 07 – Carta de consulta em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (011).....	139
Quadro 08 – Carta de consulta em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (184).....	141

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>A.A</b>	Alcoólicos Anônimos
<b>CARS</b>	Create A Research Space
<b>CD</b>	Comunidade Discursiva
<b>CELPE</b>	Companhia Energética de Pernambuco
<b>CL</b>	Carta do leitor
<b>DIRCON</b>	Diretoria de Controle Urbano
<b>E1, E2, E3...</b>	Estratégia retórica
<b>Fig.</b>	Figura
<b>FPM</b>	Fundo de Participação Municipal
<b>GRCT</b>	Grande Recife Consórcio de Transportes
<b>IPTU</b>	Imposto Predial e Territorial Urbano
<b>JC</b>	Jornal do Commercio
<b>JCPM</b>	Grupo João Carlos Paes Mendonça
<b>LTD</b>	Linguística do Texto e do Discurso
<b>M1, M2, M3...</b>	Movimento retórico
<b>OAB</b>	Ordem dos Advogados do Brasil
<b>PAC</b>	Programa de Aceleração do Crescimento
<b>PC</b>	Propósito Comunicativo
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PMO</b>	Prefeitura Municipal de Olinda
<b>STF</b>	Supremo Tribunal Federal
<b>TG</b>	Teoria de Gêneros Textuais
<b>TSE</b>	Tribunal Superior Eleitoral
<b>UPP</b>	Unidade de Polícia Pacificadora

## SUMÁRIO

	<b>PALAVRAS INICIAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>TEORIA DE GÊNEROS TEXTUAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1</b>	<b>O Círculo de Bakhtin e os gêneros do discurso.....</b>	<b>21</b>
<b>1.2</b>	<b>Perspectiva sociorretórica da análise de gêneros.....</b>	<b>27</b>
1.2.1	John Swales.....	29
1.2.2	Vijay Bhatia.....	36
1.2.3	Carolyn Miller.....	44
1.2.4	Charles Bazerman.....	51
<b>2</b>	<b>CARTAS E A CARTA DO LEITOR (CL).....</b>	<b>54</b>
<b>2.1</b>	<b>A carta e seus usos sociais ao longo do tempo.....</b>	<b>55</b>
<b>2.2</b>	<b>A esfera jornalística e o jornalismo opinativo.....</b>	<b>59</b>
<b>2.3</b>	<b>A carta do leitor na contemporaneidade.....</b>	<b>65</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>74</b>
<b>3.1</b>	<b>Da revisão da literatura sobre o tema.....</b>	<b>74</b>
<b>3.2</b>	<b>Caracterização do suporte: o <i>Jornal do Commercio (JC)</i>.....</b>	<b>76</b>
<b>3.3</b>	<b>Coleta do material de pesquisa e seleção do <i>corpus</i>.....</b>	<b>79</b>
<b>3.4</b>	<b>Natureza da pesquisa.....</b>	<b>82</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE CONTEXTUAL E ENUNCIATIVA DA CARTA DO LEITOR.....</b>	<b>85</b>
<b>4.1</b>	<b>Considerações sobre os sujeitos que escrevem ao <i>JC</i>.....</b>	<b>86</b>
<b>4.2</b>	<b>O envio de cartas à redação e seus processos de edição.....</b>	<b>94</b>
<b>4.3</b>	<b>As funções sociais e os propósitos comunicativos da carta do leitor.....</b>	<b>100</b>
<b>4.4</b>	<b>Conteúdos temáticos abordados nas cartas e seus destinatários.....</b>	<b>105</b>

<b>5</b>	<b>ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA CARTA DO LEITOR.....</b>	<b>115</b>
<b>5.1</b>	<b>Delimitando algumas variedades da carta do leitor.....</b>	<b>116</b>
5.1.1	Carta de elogio.....	117
5.1.2	Carta de esclarecimento.....	125
5.1.3	Carta de sugestão.....	131
5.1.4	Carta de consulta.....	137
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>144</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>151</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>158</b>
	APÊNDICE A – Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de elogio.....	159
	APÊNDICE B - Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de esclarecimento.....	167
	APÊNDICE C - Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de sugestão.....	169
	APÊNDICE D - Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de consulta.....	171
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>173</b>
	ANEXO A - Página do <i>JC</i> onde são publicadas as cartas dos leitores.....	174
	ANEXO B - Cartas do leitor do <i>JC</i> coletadas no período de 20/03/10 a 20/04/10.....	175

## PALAVRAS INICIAIS

---

Esta dissertação resulta de uma pesquisa realizada a partir da análise de um *corpus* constituído de *cartas do leitor* (gênero textual também designado pela comunidade que o usa como *carta à redação*, *carta ao editor*, *carta ao diretor*, *carta ao redator*) coletado na mídia impressa, a saber, o *Jornal do Commercio (JC)* de Pernambuco, durante o primeiro semestre do ano de 2010. Aliás, trata-se de uma reflexão sobre a “prosa do dia-a-dia” (no sentido bakhtiniano), ou seja, uma observação sobre o funcionamento real da linguagem humana, sob as lentes da ciência, a partir de um recorte autêntico de um gênero textual que se faz presente nas práticas languageiras da contemporaneidade.

Nesse sentido, a pesquisa foi norteada a partir da seguinte questão: *partindo do princípio de que a carta do leitor é um gênero textual pertencente ao jornalismo opinativo, de que maneira esse construto genérico funciona na comunidade usuária, considerando seu projeto enunciativo e sua organização retórica – mesmo sabendo da sua heterogeneidade<sup>1</sup> em relação a esse aspecto?* Tal indagação delimita o fenômeno por nós investigado e, ao mesmo tempo, leva-nos a fazer uma opção teórico-metodológica que, de forma coerente, respalde os resultados alcançados com as análises.

A escolha da temática justifica-se em razão de a *carta do leitor*, sendo um gênero textual opinativo, figurar como um “artefato cultural” eficaz para manifestar pontos de vista, propiciando aos seus usuários, de alguma forma, o direito de ouvir e fazer-se ouvir, além de instigar-lhes a participar do debate público, como forma de exercício da cidadania nas sociedades ditas democráticas. Ademais, um estudo dessa natureza traz subsídios, de alguma forma, para o ensino desse gênero na escola<sup>2</sup>, pelo fato de oportunizar discussões acerca da linguagem humana, na

---

<sup>1</sup> Considerando que o termo “heterogeneidade” é relativamente marcado, dando margem a múltiplas interpretações e variando semanticamente conforme seja a perspectiva teórica da qual faça parte, esclarecemos que, ao longo deste trabalho, ele é utilizado como sinônimo de “diversidade”, “variedade”, no que diz respeito à maleabilidade dos propósitos comunicativos da *carta do leitor*, que pode servir para: reclamar, elogiar, esclarecer, sugerir, consultar, agradecer, dentre outros (conforme veremos mais adiante).

<sup>2</sup> Nessa passagem, sinalizamos apenas que a *carta do leitor* poderá render resultados proveitosos nas aulas de língua (tanto materna quanto estrangeira). Logo, não discorreremos com mais detalhes sobre esse assunto, porque ele não fez parte do escopo da pesquisa.

modalidade escrita, em práticas sociais de interação verbal numa sociedade grafocêntrica<sup>3</sup> como a nossa. Assim, entendemos que esse gênero é funcional e didatizável, tanto para atividades de leitura e compreensão, quanto para atividades de produção textual. Quando da sua efetiva aplicação, poderá tornar o ensino de línguas mais proficiente e autêntico, ao favorecer a inserção do sujeito aprendiz em práticas de letramento.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo descrever e analisar *cartas do leitor*, focalizando alguns de seus componentes enunciativos e retórico-discursivos. No que diz respeito ao projeto enunciativo, abordamos os processos de produção/edição/recepção do gênero, que consolidam as relações de poder entre mídia e leitor, bem como suas implicações ideológicas e manipuladoras aí subjacentes. No que concerne ao componente retórico, uma vez que entram em cena os efeitos que se pretende causar no leitor, analisamos o gênero quanto à sua arquitetura genérica (organizada em *movimentos* e *estratégias*), considerando traços recorrentes, a partir do seu propósito comunicativo predominante.

Na verdade, a descrição e a análise de gêneros hoje têm se tornado uma atividade cada vez mais interdisciplinar, em função da sua elasticidade. Não é sem propósito que Marcuschi (2008) já dizia que a análise de gêneros é uma atividade que encapsula uma descrição da língua em uso, uma análise do texto e do discurso<sup>4</sup>, inclusive respondendo a questões de natureza sociocultural, e uma visão de sociedade. Noutras palavras, o trato dos gêneros textuais diz respeito ao trato da língua no cotidiano em suas múltiplas formas.

Diante disso, o suporte científico do trabalho parte da Teoria de Gêneros Textuais (TG), em sua concepção sociorretórica – defendida por Swales (1990; 2009a; 2009b), Bhatia (1993; 1997; 2009), Miller (1984; 2009) e Bazerman (2006; 2007; 2009) –, a qual considera o gênero como uma ação social tipificada, motivado

---

<sup>3</sup> Segundo Cavalcante & Nunes (2011, p. 171), “não vivemos em uma sociedade ágrafa. A nossa civilização, com fortes reflexos eurocêntricos, sempre cultivou a escrita. Não é à toa que a Carta de Pero Vaz de Caminha é considerado o primeiro texto escrito em língua portuguesa em solo brasileiro (a Terra de Santa Cruz). Assim, somos uma cultura com escrita, o que não invalida as culturas que têm apenas a língua em sua modalidade oral, obviamente.”

<sup>4</sup> A propósito, não estamos postulando, neste trabalho, uma separação radical entre as categorias *texto* e *discurso*. Embora sejam conceitos tomados como diferentes por uns e como sinônimos ou quase sinônimos por outros, estamos defendendo, com Marcuschi (2008, p. 81), que “não é interessante distinguir rigidamente entre *texto* e *discurso*, pois a tendência atual é ver um contínuo entre ambos como uma espécie de condicionamento mútuo.”

por uma situação retórica recorrente. Tal concepção não se contrapõe, do ponto de vista filosófico, à visão de língua(gem) do Círculo de Bakhtin (1976; 1993; 1997a; 1997b; 1998; 2003; 2009), tampouco à sua contribuição para o entendimento dos gêneros como *tipos relativamente estáveis de enunciados* ou *formas de discurso*, para além da Literatura e da Retórica. Ademais, a pesquisa aporta na Linguística do Texto e do Discurso (LTD), principalmente por meio dos estudos de Marcuschi (2007; 2008; 2010a; 2010b). Julgamos pertinente ainda estabelecer uma interface com a área de Comunicação, uma vez que mergulhamos no universo do jornalismo e da imprensa, a partir dos estudos de Marques de Melo (2003a; 2003b), Mesquita (1998), Sodré (1966), dentre outros.

Do ponto de vista metodológico<sup>5</sup>, trata-se de uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa, respaldada por dados quantitativos relativos às recorrências, uma vez que o foco é a apreciação e a interpretação dos dados coletados, a partir das análises de um *corpus* constituído de 237 exemplares autênticos do gênero *carta do leitor*, coletados do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, no período cronológico de 20/03/10 a 20/04/10.

Esta dissertação está sistematizada em cinco capítulos. Os dois primeiros apresentam os fundamentos teóricos da pesquisa; o terceiro capítulo traz à tona os procedimentos metodológicos adotados para a análise do fenômeno que aqui se investiga, e os dois últimos focalizam, respectivamente, as análises: contextual-enunciativa e da organização retórica de algumas variedades do gênero, a saber: as *cartas de elogio, esclarecimento, sugestão e consulta*.

O primeiro capítulo, intitulado “Teoria de Gêneros Textuais”, faz uma abordagem acerca do conceito de gênero, considerando como ponto de partida a contribuição do Círculo de Bakhtin e da Teoria de Gêneros Textuais, em sua concepção sociorretórica. Para tanto, expomos a perspectiva teórica de quatro estudiosos que, embora tenham suas singularidades, mantêm alguns traços comuns, no que diz respeito ao conceito de gênero, apesar de os dois primeiros pesquisadores trilharem por caminhos mais etnográficos: Swales (1990; 2009a; 2009b), Bhatia (1993; 1997; 2009), Miller (1984; 2009) e Bazerman (2006; 2007; 2009).

---

<sup>5</sup> O capítulo 3 deste trabalho explica detalhadamente os procedimentos metodológicos da pesquisa.

No segundo capítulo, “Cartas e a carta do leitor”, buscamos compreender um pouco as cartas em seus usos sociais ao longo dos tempos, bem como a sua importância para a instrumentalização de gêneros mais complexos. Convergindo para o mundo do jornalismo e da imprensa, abordamos a *carta do leitor* no jornalismo impresso do século XXI como um gênero que mantém “traços genéticos” com o gênero cartas *lato sensu*. Neste capítulo, procuramos ainda caracterizar a *carta do leitor*, a partir de alguns estudos já realizados sobre o gênero em tela.

O terceiro capítulo põe em cena os “Procedimentos Metodológicos” da pesquisa, descrevendo para o leitor o caminho por nós percorrido para chegarmos aos resultados apontados nas análises, desde os primeiros passos para o levantamento da bibliografia já existente sobre o tema, à coleta do material de pesquisa e seleção do *corpus*.

O quarto capítulo, “Análise contextual e enunciativa do gênero”, inicia o processo de análise dos dados *de facto*, focalizando os processos de produção/edição/circulação do gênero, tais como: o mapeamento dos sujeitos que enviam as missivas ao jornal, o lugar social a partir do qual eles falam, os conteúdos temáticos, os propósitos comunicativos e as funções sociais do gênero; o processo de edição dessas epístolas, os seus destinatários, além de outros aspectos envolvidos nos processos focalizados.

A bem dizer, o gênero *carta do leitor*, na mídia em tela, revelou grande complexidade, servindo a vários propósitos comunicativos, dentre eles o de criticar/reclamar, elogiar, esclarecer, sugerir, consultar, solicitar/pedir, alertar, agradecer, entre outros. Portanto, no quinto capítulo, “Análise da organização retórica do gênero<sup>6</sup>”, fazemos a análise dos *movimentos retóricos* (com suas respectivas *estratégias*) que organizam quatro tipos de *carta à redação*: a *carta de elogio*, a *carta de esclarecimento*, a *carta de sugestão* e a *carta de consulta*, visto que estas estão entre as que apareceram com maior frequência no *corpus*.

---

<sup>6</sup> Para essa análise, desconsideramos, portanto, a carta de *crítica/reclamação*, visto que o gênero em estudo tende, quase sempre, a ser associado, à reclamação, à denúncia, ao protesto. Assim sendo, procuramos mostrar que a *carta do leitor*, dada a sua heterogeneidade, nem sempre está circunscrita aos propósitos acima mencionados, podendo atender a outras finalidades. Eis a razão por que resolvemos priorizar as *cartas de elogio, esclarecimento, sugestão e consulta*. Por outro lado, não apreciamos também os demais tipos – *carta de alerta, carta de solicitação, carta de apelo, carta de agradecimento*, dentre outros –, uma vez que se mostraram em pequena quantidade no *corpus*. Mais adiante, esclarecemos melhor essa questão.

## 1 TEORIA DE GÊNEROS TEXTUAIS

---

*Para zombar de seus interlocutores, Sócrates propôs uma definição do homem como “bípede sem penas”. Incontestavelmente, o homem caminha sobre dois pés e não possui penas; mas o mesmo pode se dizer de um frango despenado! A definição do homem que se tornará canônica no Ocidente será “animal racional” ou, como dizia sobretudo Aristóteles, “animal possuidor de logos”. A razão e a linguagem são, indissociavelmente, os atributos próprios da humanidade.*

**Sylvain Auroux**

Com a publicação e a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998, 2002), as nossas escolas se depararam com um novo conceito que prontamente “revolucionaria” o ensino de línguas (quer materna, quer estrangeira) no nosso país e que, ao mesmo tempo, era apontado como a forma mais eficaz de desestabilizar as conhecidas “práticas pedagógicas tradicionais”, as quais estavam prioritariamente centradas numa gramática normativa pouco funcional e numa “prática de redação” que não excedia a trilogia narração – descrição – dissertação.

É assim que, aos poucos, chega às escolas e torna-se comum entre nós o conceito de “gênero”. Entretanto, repensar o ensino de línguas a partir dos gêneros textuais requer uma reflexão teórica sólida para não se tornar somente mais um modismo, visto que os primeiros questionamentos a surgir são: o que se entende efetivamente por gênero de texto; gêneros por quê, para quê e a serviço de quem; gênero sob qual perspectiva teórica e assim por diante. É assim que descortinamos um terreno fértil e multidisciplinar com questões nem sempre tão bem resolvidas.

Hoje, com o avanço das pesquisas linguísticas, verificamos que existem diversas abordagens teórico-metodológicas no tratamento com os gêneros, as quais tanto se aproximam quanto se distanciam em seus recortes epistemológicos. Curiosamente, elas não se excluem, muito menos podem ser vistas de uma maneira taxionomicamente fechada. Contrariamente, elas dialogam entre si, embora, muitas vezes, apresentem terminologias flutuantes.

A conhecida distinção entre “gênero textual” e “gênero discursivo”<sup>7</sup> é um exemplo clássico disso que ora afirmamos. Como disse Bunzen (2004, p.2), “ao procurar perceber o que é comum e diferente nessas tradições, estamos justamente enfatizando que não há apenas um único caminho”.

Dessa forma, torna-se pertinente citar, com base na literatura pesquisada, as correntes teóricas que mais se destacam no estudo de gêneros na contemporaneidade, apesar de estarmos conscientes de que elas não são suficientes para abarcar toda a produção científica concernente a esse tema. Marcuschi (2008, p. 152-153), por exemplo, chega a traçar um panorama mínimo sobre algumas perspectivas teóricas para o estudo dos gêneros atualmente, tanto no Brasil, quanto internacionalmente, embora deixe claro que não se trata de uma classificação rígida, mas aberta e sujeita à discussão.

Portanto, algumas delas são mundialmente conhecidas e aplicadas em várias universidades brasileiras e do exterior, tais como: 1) a concepção sociossemiótica; 2) a concepção sociodiscursiva 3) a concepção sociorretórica, dentre outras. Contudo, convém ressaltar que não discutiremos neste trabalho as duas primeiras, uma vez que para a ancoragem teórico-epistemológica da nossa pesquisa a teoria sociorretórica dos gêneros textuais nos interessa mais de perto.

Ainda do ponto de vista teórico-filosófico, abordaremos neste capítulo a contribuição de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, dado que a sua concepção de linguagem – esse “atributo próprio da humanidade” – e de gênero alargam o entendimento dos gêneros textuais, para além do campo da Arte e da Retórica Clássica. Na verdade, concordamos com Marcuschi (2008, p. 152), quando diz que: “como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos nós de forma bastante proveitosa.”

---

<sup>7</sup> A propósito, Rojo (2005, p. 185) discute essa questão, considerando uma pesquisa sobre as produções científicas que fazem alguma referência ao termo “gênero”, a partir dos anos 1995/1996, defendendo que a *teoria de gêneros do discurso* centra-se, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos. Por outro lado, a *teoria de gêneros textuais* estaria mais focada na descrição da materialidade textual. Entretanto, a posição por nós adotada neste trabalho ancora-se na visão marcuschiana (2008, p. 154) de que “todas essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico”. É com essa visão que os termos *gênero textual*, *gênero discursivo*, *gênero comunicativo* e *gênero retórico* (conforme MILLER, 1984) são empregados nesta dissertação.

## 1.1 O Círculo de Bakhtin e os gêneros do discurso

Bakhtin é considerado o “divisor de águas” no estudo dos gêneros textuais. É assim que iniciamos a nossa descrição do filósofo russo que, longe de ser linguista ou teórico da literatura, é autor<sup>8</sup> de uma teoria, em cujo âmago estão a visão dialógica e a visão discursiva da linguagem acima de qualquer terminologia. Antes mesmo de adentrarmos a discussão de gêneros propriamente dita, teceremos algumas observações acerca da concepção bakhtiniana de língua(gem), visto que o olhar do Círculo sobre os gêneros textuais é caudatário dela.

Primeiramente, convém salientar que Bakhtin e seu Círculo não estão preocupados em estabelecer relações dicotômicas entre os fenômenos da língua. Explica-se, por exemplo, o fato de eles não diferenciarem sequer os conceitos de língua e linguagem e de darem total atenção à fala, como, por outros motivos, não o fizera Saussure<sup>9</sup> (2006). Seguramente, podemos dizer que Bakhtin não é o teórico dos conceitos e das definições “etiquetadas”; sua discussão é de natureza filosófica, configurando-se como o teórico das questões textuais/discursivas.

Enquanto Saussure era linguista, sob a influência do Positivismo, Bakhtin era filósofo, cuja preocupação está muito além de criar uma teoria linguística ou literária. Sob a influência do marxismo, o mestre russo trata os fenômenos linguísticos do ponto de vista sociológico, considerando, sobretudo, os valores ideológicos que perpassam a língua(gem), a qual constrói a realidade e é constituída por ela. Portanto, como disse Marcuschi (2008, p. 19, *itálicos do autor*), essa visão “toma a *língua como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada.*”

Filosofando acerca dessas questões, Bakhtin e seus seguidores partem de uma abordagem crítica dos estudos linguísticos produzidos até então. Nesse sentido, atacam muito da literatura linguística, desde os estudos filológicos à

---

<sup>8</sup> A questão da autoria em Mikhail Bakhtin é polêmica. Por diversas razões – pessoais ou políticas, no mundo soviético –, muitas das obras de Bakhtin aparecem assinadas, ora somente por ele mesmo, ora juntamente com seus seguidores, com relevo para Volochínov e Medvedev. No entanto, optamos por denominar – como o fazem muitos autores – toda a produção como sendo do Círculo de Bakhtin, citando conforme aparecem os nomes dos autores catalogados nas obras.

<sup>9</sup> Não estamos afirmando que a perspectiva formalista dos estudos linguísticos seja inferior ao que ora expomos. A discussão aqui não tem o propósito de fazer juízo de valor em relação às diferentes concepções de língua. Quer seja na vertente americana, quer seja na tendência europeia, o formalismo tem contribuído para o entendimento dos fenômenos linguísticos e para a consolidação da Linguística como ciência, com suas bases teórico-metodológicas, haja vista a repercussão e validade dos estudos de Saussure e Chomsky.

abordagem dos neogramáticos e assim por diante, perpassando duas grandes correntes que eles denominaram de “subjativismo idealista” ou “subjativismo individualista” e “objetivismo abstrato”. Essa última<sup>10</sup>, uma crítica explícita ao formalismo saussureano (2006).

Como dissemos, o Círculo de Bakhtin nega as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico acima referidas, que dominaram todo o movimento formalista, pois, para ele, (2009, p. 128, itálicos do autor): “a língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*”

Com efeito, a noção de língua na perspectiva do Círculo refere-se à língua viva, que acontece na interação verbal entre os sujeitos do discurso. É, portanto, *dialógica* e atravessada pela ideologia. Não é uma língua neutra, virtual, abstrata; ao contrário, caracteriza-se como dinâmica, plástica e flexível. Como *reflete* e *refrata* a realidade, a língua é tão heterogênea e complexa tanto quanto as relações humanas.

É elucidativa a exposição em que o filósofo soviético justapõe as duas visões de língua, ou melhor, contrapõe o objetivismo abstrato à perspectiva dialógica/interacionista. Com ele a palavra:

Temos em vista não o *minimum* linguístico abstrato da língua comum, no sentido do sistema de formas elementares (de símbolos linguísticos) que assegure um *minimum* de compreensão na comunicação prática. Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica (BAKHTIN, 1998, p. 81).

A esta altura, não se pode deixar de mencionar que Bakhtin e seus seguidores não negam a existência do sistema linguístico. Eles questionam os estudos linguísticos que não levam em consideração as questões discursivas inerentes ao mundo da vida, o que, segundo eles, tornaria a língua uma mera abstração.

---

<sup>10</sup> Segundo Nunes (2010a, p. 1816), para essa tendência, “o centro organizador centra-se no sistema linguístico, bem entendido como o sistema das formas lexicais, gramaticais e fonéticas. Decorre daqui toda uma visão de língua sob um olhar racionalista, em que o código linguístico assemelha-se ao código matemático. Neste ínterim, não interessa o signo que reflete a realidade, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, como pura abstração”.

Bakhtin argumenta que a língua possui duas forças, as quais não se contradizem dicotomicamente, mas que são aplicadas concomitantemente pelos sujeitos do discurso no momento da enunciação: as *forças centrípetas* e as *forças centrífugas*. Enquanto as primeiras dizem respeito aos processos de centralização e de unificação da língua, as segundas referem-se ao curso da descentralização e da desunificação. Desse modo, depreendemos que as *forças centrípetas* concernem ao que é estático, ao passo que as *forças centrífugas* tendem para a inovação, para a dinâmica da língua.

Pensando nisso, Bakhtin (1998) defende que esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das *forças centrípetas* caminha o trabalho contínuo das *forças centrífugas* da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação.

Em *Estética da Criação Verbal*, o estudioso russo também reconhece a existência do sistema linguístico, quando diz:

A língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem direcionamento real no todo de um enunciado concreto. A expressão desse direcionamento real nunca se esgota, evidentemente, nesses recursos especiais (gramaticais) (BAKHTIN, 2003, p. 306).

Em suma, podemos representar tais conceitos conforme a figura abaixo:

**Figura 01 – Forças centrípetas versus forças centrífugas**



Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Portanto, há de se convir que nem tudo na língua é homogêneo, bem como nem tudo prescinde de regras. Há forças centralizadoras – o sistema normativo – que coexistem com forças descentralizadoras – a diversidade, as variações, as dispersões. As palavras do mestre russo evidenciam que uma língua vai muito além da sua estrutura léxico-gramatical, devendo ser analisada no contexto dialógico da interação verbal.

Essa contínua insistência do Círculo de Bakhtin em busca do concreto, do palpável, do que transcende o plano do puramente linguístico, leva-o a afirmar reiteradamente que o mundo teórico não deve se dissociar do mundo da vida, pois:

um ato de nossa atividade, de nossa real experiência, é como um Jano bifronte. Ele olha em duas direções opostas: ele olha para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unidade irrepitível da vida realmente vivida e experimentada. Mas não há um plano unitário e único onde ambas as faces poderiam mutuamente se determinar com relação a uma única e singular unidade. É apenas o evento único do Ser no processo de realização que pode constituir essa unidade única; tudo que é teórico ou estético deve ser determinado como um momento constituinte do evento único do Ser, embora não mais, é claro, em termos teóricos ou estéticos (BAKHTIN, 1993, p. 20).

A nosso ver, o filósofo russo, nesta citação extraída de um dos seus manuscritos inacabados, redigido na sua juventude, chama-nos a atenção para o fenômeno da enunciação como o ato irrepitível, único e singular do dizer. Assim, é somente na realidade “vivida” e “experimentada” que nos constituímos como ser. Portanto, cultivar apenas o teorismo sem uma responsabilidade com o mundo da vida seria, em termos bakhtinianos, uma “perniciosa divisão”.

Finalmente, e mais uma vez asseverando, com Marcuschi (2008, p. 152), que “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem”, entendemos que “a língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 131-132, itálico dos autores).

A par dessas considerações, é fundamental ressaltar que Bakhtin não criou o conceito de gênero. A propósito, Marcuschi (2008, p. 147) diz que “o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda”, esclarecendo que “seria uma gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais”, pois já se discutia gêneros desde a Antiguidade Clássica, na Literatura e na Retórica. É comum ouvirmos

classificações como gênero lírico, épico, dramático até mesmo nos livros didáticos da Educação Básica, terminologias que são reflexo desta visão clássica de gênero. Diante disso, buscamos entender qual a contribuição de Bakhtin e seus seguidores para o estudo dos gêneros, ou melhor, qual a novidade trazida por eles.

Como disse Faraco (2003, p. 112), os estudos anteriores “privilegiavam as formas em si e chegavam a operar normativamente sobre sua reificação”. Portanto, depreendemos que as abordagens feitas eram de cunho estrutural, sem levar em consideração a historicidade e a maleabilidade dos gêneros. Assim sendo, uma das grandes contribuições de Bakhtin (2003, p. 262, *itálicos do autor*) nessa questão – em consonância com a sua visão dialógica de língua, evidentemente – é reconhecer que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” Dessa forma, Bakhtin ensina-nos a ver os gêneros como construtos dinâmicos, ao mesmo tempo em que se mostram equilibrados, incluindo aí toda e qualquer *forma de discurso* [social], inclusive os gêneros do cotidiano.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin e Volochínov (2009, p. 44) chegam a afirmar que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica.” Vemos, por conseguinte, que Bakhtin não trata os gêneros de forma engessada, pronta e imutável. Ao contrário, embora reconheça certa padronização em função da recorrência, pois os gêneros têm *estrutura composicional*, o filósofo soviético deixa claro que eles são flexíveis e plásticos, assim como dinâmica é a vida. Logo, cremos que a tendência para a inovação é uma propriedade dos gêneros discursivos<sup>11</sup>.

Ora, essa noção de gênero com relativa estabilidade – ou *equilíbrio instável* – provocou uma ruptura com a perspectiva formalista, elucidando que os gêneros não são enrijecidos, porém têm fronteiras muito tênues entre si, chegando mesmo a fundirem-se, o que justifica a *hibridização* dos gêneros discursivos.

Um ganho muito significativo com a teoria bakhtiniana centra-se no fato de se considerar não somente os gêneros escritos, mas também os gêneros orais; aliás, o Círculo de Bakhtin tem grande preocupação em fazer referência à fala, visto que sua

---

<sup>11</sup> Nunes (2010b, p. 6) afirma que, “com o advento da internet, inúmeros gêneros surgiram – e-mail, recados no *orkut* etc. –, outros transmutaram-se – ‘conversa’ no MSN e bate-papos na *web*. Da mesma forma que surgem, eles também desaparecem, conforme sejam as necessidades reais da comunicação discursiva – a Carta de Condolências e a Carta Régia são exemplos disso”.

perspectiva não é dicotômica. Assim, a teoria bakhtiniana contempla desde a réplica do diálogo cotidiano aos tratados científicos, filosóficos e artísticos.

Bakhtin (2003) afirma que os gêneros do discurso caracterizam-se por três elementos que estão indissoluvelmente imbricados, a saber: o *conteúdo temático*, o *estilo* e a *construção composicional*, os quais são determinados pelas necessidades comunicativas de determinado campo da comunicação discursiva. Como as atividades humanas são multiformes, é justificável a riqueza dos gêneros, bem como sua heterogeneidade.

Ademais, o mestre soviético chama a atenção para dois conceitos basilares nesta discussão: os *gêneros primários* e os *gêneros secundários*. Enquanto os primeiros estão relacionados aos gêneros mais simples formados na comunicação discursiva imediata – gêneros da conversa familiar, das narrativas espontâneas, das atividades efêmeras do cotidiano etc. –, os segundos dizem respeito àqueles mais complexos e, relativamente, mais desenvolvidos e organizados – romances, dramas, pesquisas científicas etc.

Ainda assim, é de fundamental importância não associar os gêneros primários à oralidade nem os gêneros secundários à escrita. Isso seria um equívoco. O bilhete, por exemplo, que é um gênero escrito, deve ser tomado como um gênero primário, enquanto uma conferência, que é um gênero oral, pertence aos gêneros secundários. A diferença não reside, portanto, na modalidade de realização da língua(gem), mas na complexidade (mais formal) ou simplicidade (mais informal) do gênero.

É válido sublinhar ainda que, para Bakhtin, o gênero discursivo é a “unidade real da comunicação discursiva”, pois sem ele a comunicação humana certamente ficaria comprometida. Segundo o mestre russo:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez em cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Seguindo essa discussão, o teórico russo chega mesmo a afirmar que aprendemos uma língua por meio de gêneros. Por isso, não basta apenas dominar as formas da língua. Conforme disse o próprio Bakhtin, em suas reflexões filosóficas (2003, p. 284), “muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas”.

Convém salientar que os gêneros do discurso não existem no vazio. Eles não pairam no caos. Não são neutros nem estanques. Todo dizer é orientado para o que já foi dito e influenciado pelo que ainda se vai dizer. É com essa concepção que Bakhtin (2003, p. 296) entende o enunciado como “um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” e, mais adiante (2003, p. 300), esclarece que “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez.”

Com efeito, enquanto *e/o*, tal enunciado só se constrói dialogicamente; ademais, uma construção dialógica supõe sujeitos que interagem entre si ativamente, alternando os seus papéis – ora como falante/escrevente, ora como ouvinte/leitor. Assim, é possível dizer, com Bakhtin, que todo enunciado suscita resposta, quer imediata, quer retardada. Esse é o princípio da *responsividade*, propriedade de todos os gêneros.

## 1.2 Perspectiva sociorretórica da análise de gêneros

Neste tópico, discutiremos algumas contribuições teórico-metodológicas relevantes para análise de gêneros hoje. Como já dissemos, a TG, em sua perspectiva sociorretórica, é apenas uma dentre as várias correntes existentes para se descrever esses construtos. A escolha dessa perspectiva teórica tem a ver com a natureza da análise que nos propomos fazer do gênero *carta do leitor* –, o qual, na maior parte das suas variedades, permite-nos analisá-lo do ponto de vista de sua organização retórica, em busca das regularidades que se reiteram nos processos de tipificação social.

Portanto, é conveniente e sensato referir os grandes pilares desta teoria que está tão em voga nos dias atuais, a saber: John Swales (1990; 2009a; 2009b), Vijay Bhatia (1993; 1997; 2009), Carolyn Miller (1984; 2009) e Charles Bazerman (2006;

2007; 2009). Para sermos mais precisos, os dois primeiros enquadram-se numa perspectiva sociorretórica de carácter mais etnográfico voltado para o ensino instrumental de segunda língua, enquanto os dois últimos caracterizam-se por adentrarem uma perspectiva mais sociorretórica/sócio-histórica e cultural.

Acerca da perspectiva de Swales e Bhatia, Marcuschi (2008) explica que eles basicamente, analisam e identificam estágios na estrutura do gênero, persistindo um carácter mais prescritivo nessa posição teórica. Há também preocupação com o aspecto sociointeracional dos gêneros, principalmente com os do domínio acadêmico, e forte vinculação institucional. Maior preocupação com a escrita do que com a oralidade, sem prescindir de uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica. Entretanto, atualmente, entendemos que a visão prescritiva a que se refere o linguista gaúcho tem cedido lugar a um carácter mais descritivo nessa perspectiva teórica de análise de gênero, considerando aspectos discursivos do gênero. Por outro lado, há de se convir que praticamente todas as teorias de gênero preocupam-se mais com os gêneros escritos, embora nos últimos anos tenha sido dispensada uma considerável atenção aos gêneros orais.

No que concerne à segunda perspectiva, ou seja, a de Miller e Bazerman, Marcuschi (2008) afirma que se trata da escola americana influenciada não só por Bakhtin, mas também por antropólogos, sociólogos e etnógrafos; preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta para o ensino e sim para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como sua relação com o poder.

Com base nisso, deixamos claro aqui que ambas<sup>12</sup> as perspectivas não se contradizem. Ao contrário, elas se harmonizam, dialogando entre si. Nesse sentido, esclarecemos que o fenômeno investigado na nossa pesquisa foi analisado a partir desse duplo enfoque, muito embora não seja um gênero de texto relativamente mais

---

<sup>12</sup> A título de esclarecimento, convém ressaltar que, neste trabalho, agrupamos os autores que se ocupam da análise de gênero e que fazem parte da nossa base teórica dentro de uma mesma abordagem dos estudos de gênero, que estamos denominando de *sociorretórica*, pelo forte componente retórico que entra nessas análises, a exemplo do que fez Silveira (2005). Todavia, vale observar que Swales e Bhatia, de um lado, e Miller e Bazerman, por outro lado, não se veem nem são vistos universalmente como defensores de uma mesma concepção teórico-metodológica da análise de gêneros. Aliás, em geral, os dois primeiros se dizem pertencer à perspectiva do “Inglês para Fins Específicos”, ao passo que os dois últimos usam a terminologia “Estudos Retóricos de Gêneros”.

formatado como aqueles do mundo acadêmico, administrativo ou empresarial, o que, em certo sentido, tornou a nossa pesquisa um pouco mais desafiadora.

### 1.2.1 John Swales

É indiscutível hoje, no meio acadêmico, seja no Brasil, seja no exterior, o reconhecimento da importância dos estudos de gêneros textuais desenvolvidos pelo linguista inglês John Malcolm Swales. Sua proposta para a análise de gêneros – especialmente voltada para aqueles do mundo acadêmico – tem contemplado gêneros variados, considerando tanto seus aspectos formais, quanto os discursivos.

Ademais, no dizer de Hemais & Biasi-Rodrigues (2005), a perspectiva teórico-analítica de Swales é tributária de uma visão eclética do autor, uma vez que, para a construção da sua teoria, ele se ancora em vários estudos previamente realizados por outros estudiosos em diferentes campos de atuação, tais como: os estudos sobre folclore, os estudos sobre habilidades e estratégias usadas principalmente para leituras com objetivos variados, os estudos literários, a linguística, a retórica, a etnografia, a antropologia cultural, a análise do discurso, dentre outros.

Todas essas concepções teóricas constituem-se em fontes valiosas para a própria formulação dos conceitos de *gênero*, *propósito comunicativo* (PC) e *comunidade discursiva* (CD), tão caros ao teórico em pauta. A bem da verdade, Swales reconhece que os estudos sobre folclore fazem uma classificação de gêneros, considerando as formas, que são permanentes, mas, por outro lado, sofrem mudanças na sociedade; observa que no campo dos estudos literários, contrariamente aos folcloristas, enfatiza-se a não estabilidade do gênero, a quebra das convenções; admite que a contribuição da retórica centra-se no fato de ela classificar os diversos tipos de discurso, embora não seja uma abordagem completa, e assim por diante.

Diante desse panorama, convém ressaltar que, para Swales:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível

com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, mas precisam de validação ulterior (SWALES, 1990, p. 58)<sup>13</sup>.

Pelo visto, o conceito de gênero mostrado leva em consideração pelo menos cinco pontos que merecem aqui, ao menos minimamente, serem colocados em relevo: 1) a *ideia de classe*, pois o gênero passa a ser considerado como uma classe de eventos comunicativos, levando-se em consideração as suas condições de produção e recepção; 2) a noção de *propósito comunicativo compartilhado*, isto é, os objetivos, a finalidade do gênero; 3) a *prototipicidade*, entendida como os traços especificados na definição do gênero; 4) a *razão ou lógica subjacente ao gênero*, ou seja, as convenções esperadas e manifestadas nos gêneros, as quais facilitam o seu reconhecimento pelos membros da comunidade; e 5) a *terminologia*, uma vez que os membros mais experientes e ativos da comunidade discursiva reconhecem os eventos comunicativos como ações retóricas recorrentes e, portanto, dão nomes ao gêneros.

Todavia, é mister esclarecer que, posteriormente, o próprio Swales revisitou o conceito de *propósito comunicativo* – entendido inicialmente como o critério privilegiado na definição do gênero, embasando não só a sua estrutura esquemática, como também as escolhas em torno de conteúdo e estilo –, fazendo algumas modificações em sua teoria, uma vez que o autor reconhece as limitações dessa definição. Dessa forma, o propósito não deve ser tomado *a priori* como chave determinante para a definição de um gênero textual.

Advertem Askehave & Swales (2009) que o PC assumiu um *status* de certeza absoluta, um ponto de partida conveniente, mas subestimado pelos analistas.

---

<sup>13</sup> Tradução livre, do original, em inglês, “a genre comprises a class of communicative events, the members of which share set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. The rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one the operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation.”

Contudo, a maioria das obras importantes dentro da linha das primeiras publicações nesta área tem estabelecido, de várias formas, que os propósitos, os objetivos ou resultados públicos são mais evasivos, múltiplos, sobrepostos e complexos do que originalmente concebidos.

Com efeito, essa não é uma questão tão simples que possa ser resolvida a partir de um olhar superficial sobre um gênero. Ao contrário, exige-se uma análise acurada do linguístico e seus entornos – leiamos, texto e contexto – a fim de que se possa chegar a uma conclusão razoável do(s) propósito(s) que permeia(m) determinado gênero. Aos olhos do analista, a questão se reveste de maior complexidade que, certamente, escapa à ótica do leitor comum. Não é sem razão que Askehave & Swales argumentam que:

o propósito comunicativo não pode, por si mesmo, ajudar os analistas a decidirem rápida, tranquila e indiscutivelmente quais dentre os textos A, B, C e D pertencem ao gênero X ou Y, pois esses analistas dificilmente saberão, de saída, quais são os propósitos comunicativos daqueles textos. Antes, o que é imediatamente manifesto ao analista do gênero não é o propósito, e sim a forma e o conteúdo. Além disso, mesmo que um texto se refira ao próprio propósito comunicativo de forma explícita e evidente, como em “o propósito dessa carta é informar que sua conta excedeu o limite de crédito”, diríamos que é temerário interpretar sempre tais enunciados do modo como se apresentam (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 228).

Para comprovar que o conceito de propósito comunicativo é fluido e indefinido, Askehave e Swales (2009) recorrem a alguns gêneros do cotidiano, dentre eles, a lista de compras, a carta de recomendação e o fôlder empresarial. Tomemos como exemplo o primeiro deles. Curiosamente, os autores escrevem que a lista de compras pode cumprir diferentes propósitos, posto que, conforme pesquisas têm mostrado, além de servir para fazer a pessoa recordar o que se precisa comprar – como uma forma de auxílio à memória – a lista de compras também é usada por outras pessoas como autodisciplina, isto é, para prevenir compras por impulso. Mais que isso, ela ainda pode funcionar como um instrumento de esperança romântica, caso um jovem fortemente atraído pela balconista queira convencê-la de sua aptidão como um possível companheiro.

Por fim, no que concerne a essa discussão, Askehave & Swales (2009), à guisa de sugestão, insistem que o propósito (mais exatamente, os conjuntos de propósitos comunicativos) retenha o *status* de um critério “privilegiado”, mas em um sentido diferente daquele inicialmente proposto por Swales. Não é mais privilegiado

pela centralidade, proeminência ou clareza evidente, mas por sua posição como recompensa ou retribuição aos investigadores no momento em que chegam a completar o círculo hermenêutico.

Como já sinalizamos anteriormente, outro conceito caro a Swales é o de *comunidade discursiva (CD)*. Nas suas próprias palavras (2009, p. 205), uma CD é “um grupo sociorretórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos”. Entretanto, a questão parece não ser tão pronta e acabada assim; dois problemas, pelo menos, surgem com essa definição: um deles diz respeito à dificuldade em se reconhecer tais comunidades e o outro está relacionado aos critérios usados para definir uma comunidade discursiva.

Embora reconhecendo ser essa uma tarefa difícil, Swales (1990, p 24-27), inicialmente, enumerou seis critérios que poderiam definir uma CD: 1) possui um conjunto de objetivos públicos comuns amplamente aceitos; 2) possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros; 3) usa mecanismos de participação principalmente para prover informação e *feedback*; 4) utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros para a realização comunicativa de seus objetivos; 5) desenvolve um léxico específico; e 6) admite membros com um grau adequado de conhecimento relevante e perícia discursiva.

Essa sua visão de CD causou muitos debates, pois partia, para muitos outros estudiosos, de critérios reducionistas, utópicos e estáticos. Além do mais, faltavam-lhe mecanismos para distinguir ou medir a abrangência do termo. Questionou-se ainda que tal definição se aplicava apenas a comunidades já formadas e, portanto, não abarcava as comunidades em formação ou em fase de transição. Além disso, não contemplava o dissenso ou as tensões da comunidade, nem a possibilidade de incorporar avanços e novidades.

Essas implicações, de uma forma ou de outra, levaram Swales (2009, p. 207-208) a reformular os critérios definidores de uma CD, tomando-a numa dimensão mais complexa. Nessa nova concepção, uma comunidade de discurso: 1) possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados pública e explicitamente e também podem ser, no todo ou em parte, aceitos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos, mas relacionados; 2) possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros; 3) usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do *feedback*; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de

valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional; 4) utiliza uma seleção crescente de gêneros para alcançar seu conjunto de objetivos e para praticar seus mecanismos participativos. Eles frequentemente formam conjuntos ou séries; 5) já adquiriu e continua buscando uma terminologia específica; 6) possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Para ilustrar suas considerações teóricas, Swales (2009) recorre a dois exemplos, a nosso ver, elucidativos. Primeiro, ele cita o caso de uma associação da qual faz parte; tal instituição pode ser considerada como uma *comunidade discursiva em evolução*, pois possui muitos dos mecanismos elencados para definir uma comunidade de discurso: reuniões mensais, boletim interno, rede de comunicação por telefone, hierarquia informal entre “veteranos” e recém-admitidos na comunidade, gêneros convencionalizados etc.

Em seguida, o linguista anglófono faz referência à marinha americana, a qual ele considera uma *comunidade discursiva altamente conservadora*. Ele explica o porquê: uma mensagem codificada de modo esquisito – na visão do leitor comum – foi apresentada a 350 oficiais da referida corporação e, curiosamente, em menos de 45 segundos mais de 95% deles foram capazes de identificar que se tratava de um memorando, cuja finalidade era requisitar ajuda para realizar a avaliação técnica de uma aeronave. É provável que para um sujeito não membro da comunidade aqueles dizeres não passassem de uma escrita indecifrável. Assim, cremos que uma comunidade discursiva caracteriza-se como um grupo relativamente fechado, com características bastante peculiares.

Contudo, como afirma Swales (2009, p. 213), “apesar do esforço em definir e estabelecer critérios, o conceito ainda não satisfaz. Um termo de arte continua sendo um termo de arte”. No entanto, há de se convir que:

Sejam quais forem as nossas inclinações acadêmicas, nossa *deformation professionelle*, independentemente de nos interessarmos por comunicação acadêmica ou comunicação nos lugares de trabalho, se nosso interesse é monocultural ou transcultural, à parte nosso envolvimento com sociologia ou retórica, escrita ou literatura, etnografia, análise do discurso, redação ou Inglês como Segunda Língua (ESL), o conceito de comunidade discursiva estabelece, embora de maneira imprecisa, uma rede de conexão interdisciplinar (SWALES, 2009, p. 214).

A par dessas discussões, convém trazer à tona um dos modelos de análise de gêneros proposto por Swales, o qual ele nomeou de modelo *CARS* (*Create A Research Space*)<sup>14</sup> e que dá conta, principalmente, da análise de gêneros mais “formatados”, tais como aqueles do mundo acadêmico e profissional, conforme inúmeras pesquisas têm comprovado.

É conhecida a pesquisa desenvolvida por Swales (1990), a qual deu origem ao modelo referido, com base em um *corpus* composto de 48 introduções de artigos de pesquisa, cujos resultados apontaram uma regularidade de quatro movimentos retóricos (*moves*) nesse gênero: 1) estabelecer o campo da pesquisa; 2) sumarizar pesquisas prévias; 3) preparar a presente pesquisa; 4) introduzir a presente pesquisa.

Entretanto, conforme Silveira (2005), esse modelo baseado em quatro movimentos retóricos foi modificado pelo próprio Swales, em virtude da imbricação dos movimentos 1 e 2, o que estava dificultando o trabalho de outros analistas. Diante disso, Swales revisou o modelo e reduziu-o para três movimentos; valendo-se de uma “analogia ecológica”, o autor subdividiu-os em passos (*steps*) opcionais e obrigatórios, que revelam como as informações são distribuídas nas introduções dos artigos. Observemos o esquema abaixo:

**Figura 02 – Modelo *CARS* para introduções de artigos de pesquisa**

<i>Move 1 – ESTABELECE UM TERRITÓRIO</i>
<i>Step 1 – reivindica centralidade e/ou</i>
<i>Step 2 – faz a generalização do tópico e/ou</i>
<i>Step 3 – revisa itens da pesquisa anterior</i>
<i>Move 2 – ESTABELECE UM NICHOS</i>
<i>Step 1A – opõe-se às reivindicações anteriores ou</i>
<i>Step 1B – aponta lacunas ou</i>
<i>Step 1C – levanta questionamentos</i>
<i>Move 3 – OCUPA O NICHOS</i>
<i>Step 1A – delinea os propósitos ou</i>
<i>Step 1B – anuncia a pesquisa em tela</i>
<i>Step 2 – anuncia as principais descobertas</i>
<i>Step 3 – indica a estrutura do artigo de pesquisa</i>

Fonte: (SWALES, 1990, p. 141 *apud* SILVEIRA, 2005, p. 95)

<sup>14</sup> Esclarecemos que esse não é o único modelo proposto por Swales. De qualquer forma, adverte o autor, que cumpre entendermos “os modelos retóricos e estruturais como metáforas potencialmente reveladoras dos arranjos discursivos que operam como hipóteses testáveis e rejeitáveis para o planejamento comunicativo por parte de escritores, leitores, ouvintes e falantes” (SWALES, 2009b, p. 33-46).

É bem verdade que o modelo anteriormente exposto não funciona como uma “camisa de força” para a análise de artigos de pesquisa, em função da maleabilidade dos gêneros. Não é sem propósito que os gêneros são tidos como *tipos relativamente estáveis de enunciado*, dada a sua flexibilidade nas comunidades de discurso em que circulam. Isso justifica a assertiva de que nem todas as introduções dos artigos de pesquisa apresentam essa organização retórica ou ainda que *moves* e *steps* podem variar na ordem em que aparecem.

No Brasil, a aplicação do modelo CARS tem se mostrado útil para a análise de gêneros. Hemais & Biasi-Rodrigues (2005) citam alguns trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros com diferentes gêneros de texto, tais como resenhas de livro, resumos de dissertações, introduções de artigos de pesquisa, seções de revisão da literatura, resenhas acadêmicas, depoimentos de alcoólicos anônimos, dentre outros.

Outro trabalho que convém ser registrado, ancorado no modelo swalesiano, é a pesquisa realizada por Silveira (2005), a qual contempla um gênero do mundo do trabalho: o ofício. Considerando-o um tipo de carta, a autora faz uma análise minuciosa da sua organização retórica, constatando ser esse um gênero de múltiplos propósitos. Ela chega a classificar os ofícios analisados em ofícios de solicitação, ofícios de encaminhamento, ofício-convite para evento e ofício de informação e esclarecimento, ressaltando ainda a argumentatividade presente no gênero.

Não menos importante é a análise que ela faz dos elementos linguístico-textuais e retórico-gramaticais do gênero em tela, ressaltando as marcas da formalidade, da impessoalidade, as modalizações, a complexidade sintática, dentre outros. Tal análise desemboca no que a autora chamou de *burocratês*, isto é, o registro linguístico de uso comum na burocracia administrativa.

Arrematando a discussão, corroboramos que o modelo analítico de Swales se mostra fértil para a análise de gêneros, tanto do universo acadêmico e profissional, quanto para além desses, ressalvado com bom senso o fato de que o modelo pode não ser aplicável a todos os gêneros. Mesmo assim, a adaptação tem sido possível em alguns casos. Para Silveira (2005, p. 96), “essa adaptação é possibilitada pelo fato de o modelo priorizar a dimensão retórica, que é um fator importante em qualquer gênero.”

Para efeito de fim desta seção, concordamos com a ideia de que uma das maiores contribuições do linguista inglês aos estudos de gêneros, em termos analítico-metodológicos e pedagógicos, seja esse seu modelo de análise de gêneros textuais, que se caracteriza pela regularidade dos movimentos retóricos, com a força e a flexibilidade suficientes para ser aplicado nos mais variados contextos (BIASI-RODRIGUES; HEMAIS; ARAÚJO, 2009, p. 32). É o que veremos na análise dos dados desta pesquisa.

### 1.2.2 Vijay Bhatia

Para adentrarmos um pouco nas reflexões teóricas propostas por Bhatia para a análise de gêneros, partamos desta citação:

Embora seja um desenvolvimento relativamente recente no campo dos estudos aplicados do discurso, a análise de gêneros tem se tornado extremamente popular nos últimos anos. O interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações não se restringe mais a um grupo específico de pesquisadores de uma área em particular ou de um setor qualquer do globo terrestre, mas cresceu a ponto de assumir uma relevância muito mais ampla do que jamais foi imaginado (BHATIA, 2009, p. 159).

Com efeito, não menos importante que o modelo desenvolvido por Swales (1990) para a análise de gêneros é a teoria – e metodologia – empreendida por Bhatia para analisar os gêneros textuais. Situando-se também numa perspectiva sociorretórica, o trabalho do linguista indiano reveste-se de grande importância, principalmente no que toca os gêneros profissionais, embora não descarte os gêneros acadêmicos.

Uma das perguntas norteadoras do trabalho de Bhatia (2009, p. 160) é: *“por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como fazem?”* A busca incessante pela(s) resposta(s) levou Bhatia a focar sua descrição nos usos da língua, para além de uma abordagem superficial apoiada nas formas linguísticas. Embora seja autor de uma teoria própria, é inegável admitir que a concepção de gênero de Bhatia é bastante influenciada pelo modelo de Swales; no entanto, cumpre observar que sua teoria tem particularidades, devidas, talvez, ao fato de Bhatia lidar com gêneros cujo teor é mais persuasivo (SILVEIRA, 2005).

Bhatia (1993, p. 17-22) expõe que uma análise equilibrada de gêneros deve contemplar três tipos de orientação que são fundamentais para a sua compreensão.

Primeiramente, convém atentar para uma *orientação linguística*, a qual deve privilegiar os traços linguísticos do gênero (gramaticais, lexicais, estilos, registros, aspectos discursivos e retóricos), com relevo para a questão do registro, tomando-o não em si e por si, mas, sobretudo, buscando compreender por que uma determinada variedade toma a forma que toma em determinados gêneros.

Em segundo lugar, é preciso considerar uma *orientação sociológica*, cuja pretensão é possibilitar ao analista o entendimento de como um determinado gênero define, organiza e comunica a realidade social; corolário da visão de gênero como ação social defendida por Miller (1984), Bhatia (1993) destaca que os estudos sociológicos podem se tornar mais atentos aos usos que se fazem dos recursos linguísticos para fins sociais, ao passo que os linguistas podem adicionar a explanação sociológica às suas interpretações do uso da língua em contextos acadêmicos e profissionais.

Por fim, urge levar em conta uma orientação *psicológica* ou *psicolinguística*, a qual focaliza os aspectos táticos ou estratégicos da construção de gêneros – ponto que Bhatia considera subestimado por Swales (1990), na teoria deste. Aqui entram em cena questões referentes à estruturação cognitiva, às escolhas estratégicas individuais do escrevente, ao propósito comunicativo e à discussão polêmica entre gêneros e subgêneros.

Obviamente, para fazermos uma análise de gênero não precisamos seguir essa ordem, visto que os aspectos linguísticos, sociais e psicológicos coexistem nos gêneros; aliás, eles também não devem ser analisados isoladamente, mas sim como fazendo parte do gênero textual em sua inteireza; resta ao analista atentar para tais aspectos. Portanto, a sequência em que essas orientações aparecem acima tem apenas cunho didático.

A partir disso, procuramos montar um quadro resumitivo com a metodologia proposta por Bhatia (1993) para a análise de qualquer gênero, a qual ele organiza em sete passos, que não são engessados, obviamente; eles poderão ser seguidos na íntegra ou em outra ordem, desde que deem conta da análise do gênero que o pesquisador se propôs investigar. Assim sendo, julgamos pertinente apresentá-los aqui, embora com algumas adaptações, conforme mostra o quadro da página seguinte:

**Figura 03 – Metodologia para análise de gêneros proposta por Bhatia**

1. Colocar o texto-gênero num contexto situacional	Identificado o exemplar típico do gênero em estudo, deve-se situá-lo no seu contexto de produção, valendo-se da experiência prévia do analista ou de usuários que o utilizem, e atentando para as convenções comunicativas do gênero dentro da comunidade.
2. Levantar a literatura existente sobre o gênero em questão	Investigar a literatura disponível, analisando gêneros similares; buscar instrumentos, métodos e teorias que sejam pertinentes e relevantes, bem como guias e manuais relevantes para a comunidade usuária, sem esquecer a história, as crenças etc. da comunidade.
3. Refinar a análise contextual/situacional	Abordar tópicos como: quem são os falantes/escreventes, a audiência, seus relacionamentos e suas metas; identificar a realidade extratextual, o tópico e o assunto que o texto está tentando representar, assim como o relacionamento do texto com essa realidade, etc.
4. Selecionar o <i>corpus</i>	Definir o gênero ou subgênero com que se quer trabalhar; certificar-se de que os critérios para definição do gênero estão claramente definidos; decidir-se sobre critérios para uma seleção adequada do <i>corpus</i> para o(s) propósito(s) específico(s) etc.
5. Estudar o contexto institucional	Estudar o sistema e/ou metodologia no qual o gênero é usado, suas regras e convenções; incluir o estudo do contexto organizacional, se ele influencia o gênero de alguma forma; não esquecer que há instituições que impõem suas próprias restrições e convenções organizacionais etc.
6. Níveis de análise linguística	<p>1) Análise dos traços léxico-gramaticais: estudar traços específicos da variedade linguística à qual o gênero pertence.</p> <p>2) Análise da textualização: realçar os aspectos táticos do uso convencional da língua, especificando de que forma os valores restritos ao uso da língua são adotados pelos membros da comunidade.</p> <p>3) Interpretação estrutural do texto-gênero: enfatizar os aspectos cognitivos da organização linguística do texto, ou seja, do ponto de vista da sua organização retórica e da sua racionalidade.</p>
7. Informações especializadas para a análise de gênero	Confrontar as informações do analista com as de informantes especialistas da comunidade discursiva onde o gênero circula, que são praticantes daquela cultura de forma rotineira.

Fonte: Bhatia, 1993, p. 22-36 (com adaptações)

Bhatia (1997) não se furta a tecer considerações sobre a análise de gêneros hoje. Para ele, apesar dos muitos vieses que os analistas de gêneros têm seguido atualmente, algo comum perpassa a todos, o que os torna, de alguma forma, irmanados. Melhor dizendo, a teoria de gêneros apresenta uma considerável base comum, visto que enfatiza: 1) o *conhecimento convencional do gênero*; 2) a *versatilidade da descrição dos gêneros* e 3) a *tendência para a inovação*. Comentaremos, resumidamente, cada um desses pontos.

Em primeiro lugar, no que diz respeito ao conhecimento convencional, Bhatia é claro ao dizer que:

Os gêneros são definidos essencialmente em termos de uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dá origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados, que, por sua vez, estabelecem formas estruturais relativamente estáveis e, em certa extensão, até mesmo impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais (BHATIA, 2009, p. 161).

Partindo desse ponto de vista, o autor assegura que tal conhecimento convencional se apresenta em função: a) da *recorrência de situações retóricas* (contexto em que um dado evento comunicativo acontece); b) dos *propósitos comunicativos compartilhados* (relação mútua entre participantes de uma comunidade discursiva em particular) e c) das *regularidades da organização estrutural* (formas estruturais que delineiam um construto genérico).

Curiosamente, o linguista indiano (2009) ilustra de forma elucidativa que as situações retóricas são tipificadas, a partir do exemplo da relação paciente/ginecologista. Realmente, mesmo o médico tranquilizando a paciente, com voz gentil e suave, pedindo para ela relaxar o máximo possível, durante o exame, a situação não é confundida com um encontro sexual, mas entendida como um encontro médico, em virtude do contexto das consultas ginecológicas: hospital ou consultório, parafernália médica etc.

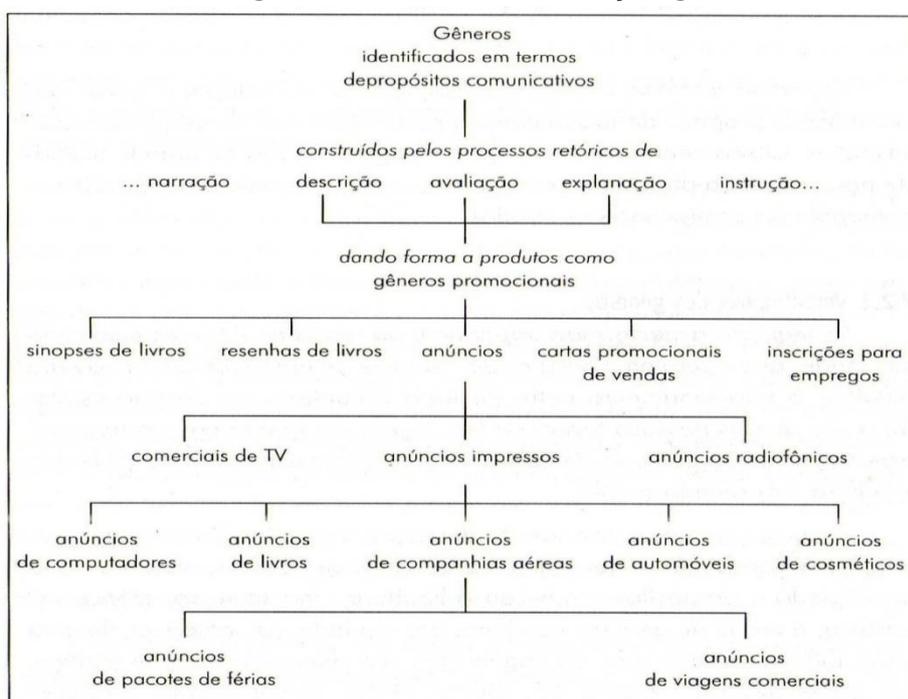
Segundo Bhatia (2009, p. 163), isso evidencia que “as convenções dos gêneros são de grande utilidade para manter a atmosfera comunicativa e a ordem social desejáveis nas comunidades profissionais civilizadas.” Indubitavelmente, a situação retórica acima exemplificada (consulta médica) tem propósitos comunicativos compartilhados de forma óbvia (a paciente vai ao ginecologista porque deseja consultar-se, diagnosticar possíveis problemas de saúde, prevenir-se

de problemas futuros etc.), o que justifica o emprego de um léxico específico pelo médico (“relaxe”, “serei o mais delicado que puder”), sem que ele seja mal interpretado.

Em segundo lugar, é válido considerar também que, embora os gêneros sejam formas sociais padronizadas em função da recorrência, eles são construtos versáteis. A compreensão de tal instabilidade exige que consideremos: a) *texto e contexto em sentido estrito*; b) *o uso que as pessoas fazem da linguagem e o que torna isso possível* e c) *língua e cultura*, em sentido amplo. Torna-se necessário esclarecer que essa versatilidade dos gêneros, na visão de Bhatia (2009), toma como critério privilegiado o propósito comunicativo ligado a uma situação retórica específica, o que justifica a descrição de gêneros em níveis, ora mais específicos, ora mais generalizados.

Dito de outra maneira, é o PC – um conceito também muito versátil, na opinião do autor – que garante a identificação de um gênero em particular ou de uma *constelação de gêneros* relacionados. Legitimando isso que defende, Bhatia (2009, p. 164-165) cita o caso dos gêneros promocionais, os quais servem mais ou menos a um propósito promocional comum: “promover um produto ou um serviço para um cliente potencial”, tais como exemplificados na figura abaixo:

**Figura 04 – Níveis de descrição genérica**



Fonte: (BHATIA, 2009, p. 164)

Se observarmos atentamente a figura da página anterior, veremos os diversos níveis a que Bhatia se refere. Inicialmente, identificamos que gêneros diferentes como a sinopse de livro, os anúncios, as inscrições para empregos e as cartas promocionais apresentam um mesmo propósito – amplo, por sinal. À medida que mais se refina a análise, os anúncios, por exemplo, são cada vez mais analisados em níveis específicos: anúncios – anúncios impressos – anúncios de companhias aéreas – anúncios de viagens comerciais.

O esquema mostrado anteriormente exemplifica claramente uma *colônia discursiva*, em que os gêneros “são pouco discerníveis em termos de propósitos comunicativos e mais em termos de *meio de discurso*, portanto pertencem, como gêneros, à mesma categoria geral popularmente conhecida como anúncios”. (BHATIA, 2009, p. 165, itálicos nossos). No dizer do próprio autor:

O interessante na teoria de gêneros é que, caso se utilize a situação retórica ou o propósito comunicativo como critério privilegiado, isso implica que, enquanto o propósito comunicativo permanece o mesmo, os textos em questão são identificados como gêneros intimamente relacionados. À medida que nos movemos do nível mais alto para os níveis mais baixos de generalização, precisamos definir o propósito comunicativo em uma crescente ordem de especificidade e detalhamento, se desejamos realmente distingui-los como gêneros ou subgêneros (BHATIA, 2009, p. 166).

Em terceiro lugar, convém discorrer sobre mais um aspecto constitutivo dos gêneros textuais: a sua *tendência para a inovação*. Embora a relativa padronização dos gêneros seja fundamental para manter a sua integridade genérica na comunidade discursiva em que circula, é verdade também que eles são altamente maleáveis, plásticos e, por isso, sujeitos à inovação e à mudança. Em termos bhatianos (2009, p. 167), diríamos que “eles são construtos dinâmicos.”

Essa dinamicidade, aparentemente contraditória quando relacionada ao caráter convencional dos gêneros, ratifica a ideia de que eles são entidades complexas, haja vista a explosão da tecnologia informacional e dos recursos multimídia, que têm acelerado o surgimento, a transmutação e, até mesmo, o desaparecimento de inúmeros gêneros textuais. Essa natureza aparentemente paradoxal do gênero, isto é, essa busca do equilíbrio entre a estabilidade e a instabilidade nos faz lembrar, em termos bakhtinianos, das *forças centrífugas* e das *forças centrípetas*, referidas anteriormente nesta dissertação. Assim, podemos dizer

também que os gêneros, como formas de uso da língua(gem), não estariam imunes a esse contínuo jogo de forças.

Nesse sentido, é coerente pensar com Bathia (1997) que os gêneros se misturam e se imbricam o tempo todo sem que muitas vezes percebamos. Tal hibridização é explorada pelos membros mais experientes da comunidade discursiva, os quais, para atingir os efeitos pretendidos, se baseiam no que já foi estabelecido dentro da comunidade, ou, como afirma o próprio Bhatia (2009, p. 170), “o aspecto decisivo em tais associações é que elas comunicam melhor no contexto daquilo que já é familiar.”

Para efeito de exemplificação, tomemos um artigo de pesquisa cujo título seja: “*Blog meu, blog meu, existem alunos mais conectados do que os meus?*”<sup>15</sup>. A princípio, é possível considerar o enunciado destacado como altamente criativo e inovador, porém, não podemos esquecer que, em tal contexto, a significação desse enunciado, e de outros da mesma natureza, só se completa quando os relacionamos àquilo que nos é familiar, pois “é a experiência que lhes confere o efeito desejado. [...], se não houver familiaridade com o original, o valor da inovação se enfraquece.” (BHATIA, 2009, p. 170).

Nesse caso, a plenitude da significação deve levar em consideração, necessariamente, o clássico conto *Branca de Neve e os sete anões*, cuja personagem, a rainha feiticeira, formulava sempre esta pergunta – “*Espelho meu, espelho meu, há no mundo alguém mais bela do que eu?*” – para o espelho mágico, a fim de manter, a todo custo, sua beleza soberana no reino. Tais considerações corroboram a discussão de que “o escritor de gêneros hábil utiliza o que é convencionalmente disponível em uma comunidade discursiva para promover seus próprios e sutis objetivos.” (BHATIA, 2009, p. 170).

A bem dizer, em seu clássico *Analysing Genre: language use in professional settings*, Bhatia (1993, p. 40) já afirmava que “explorar as regras e as convenções em nome da criatividade e da inovação é bom, mas é muito melhor fazer isso depois

---

<sup>15</sup>Trabalho apresentado por Antônio Carlos Xavier e Marcus Petrônio Fernandes Iglesias e publicado nos Anais do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem, UFPE: Recife, 2010.

que se tem desenvolvido pelo menos uma boa compreensão, senão um bom domínio sobre as convenções.”<sup>16</sup>

É útil esclarecer que essa tendência natural dos gêneros à imbricação e à mistura, fenômeno que tem sido referido por alguns como “falsos gêneros”, configura-se em razão de os gêneros servirem a mais de um propósito, ou melhor, a diferentes finalidades. É dessa forma que um gênero pode ter a forma de um e a função de outro. Para o linguista indiano:

seja qual for a explicação, os gêneros muito dificilmente servem a propósitos únicos; eles apresentam um conjunto de propósitos, mas esse conjunto muito frequentemente se torna um misto de propósitos complementares. Não será errado alegar que esses mesmos propósitos apresentam “valores genéricos”, caso se possa identificá-los separadamente (BHATIA, 2009, p. 171).

Outro ponto a se ressaltar na teoria de Bhatia é a relação que ele estabelece entre gênero e autoridade. O autor é bastante enfático ao dizer que “os gêneros derivam sua autoridade das convenções, que se baseiam na crença de que todas as formas discursivas, especialmente aquelas usadas em contextos institucionalizados, são socialmente determinadas”. (BHATIA, 2009, p. 178). E, mais adiante, completa: “como outras formas de discurso, os gêneros são socialmente construídos e, mais ainda, intimamente *controlados* pelas práticas sociais.” (idem, p. 179, itálicos nossos). Essa afirmação se afina com o gênero que investigamos em nossa pesquisa, visto que a publicação de uma *carta do leitor* depende do monitoramento da mídia que a veicula.

Diante disso, não podemos negar que os gêneros refletem as relações de poder estabelecidas na sociedade. Em outras palavras, só exploram, interpretam e inovam os gêneros aqueles membros legitimados das comunidades discursivas, os quais já detêm conhecimentos prévios para regular os contratos genéricos, preservando-lhes a sua integridade.

A título de ilustração, o autor recorre ao mundo acadêmico, destacando que um artigo de pesquisa, para ser submetido a um periódico, passa por no mínimo dois mecanismos que asseguram a sua integridade genérica: a revisão em pares e a intervenção editorial. E, como prova de autoridade e poder, ele ressalta que as

---

<sup>16</sup> Tradução livre, do original em inglês, “exploiting rules and conventions for the sake of creativity and innovation is good but it is much better to do so after one has developed at least a good awareness of, if not good mastery over such conventions”.

comissões editoriais tendem a emitir parecer favorável aos artigos que têm a ver com suas respectivas áreas de pesquisa; caso contrário, os artigos serão desencorajados ou até mesmo rejeitados. Além disso, a equipe editorial goza de todo o poder inimaginável para manter a integridade do gênero em tela. Tais atitudes elucidam a forte “função censora das comunidades discursivas” (BHATIA, 2009, p. 188).

À parte os conflitos e as tensões – que são normais em qualquer comunidade de discurso –, os gêneros textuais possibilitam uma relação irmanada entre os membros da comunidade, pois “o uso recorrente de tais formas discursivas cria solidariedade entre os membros, conferindo-lhes sua arma mais poderosa para manter os estranhos à comunidade a uma distância segura.” (BHATIA, 2009, p. 183). Nesse prisma, é pertinente dizer que os gêneros típicos de uma determinada comunidade discursiva fazem dela um reduto próprio, com suas normas, seus valores, suas particularidades, ou seja, sua força controladora, a exemplo da comunidade legal – com seus contratos, seus decretos, suas leis.

### 1.2.3 Carolyn Miller

De total importância para a abordagem de gêneros por nós adotada nesse trabalho é a visão empreendida pela professora e pesquisadora norte-americana Carolyn R. Miller em sua teoria, cujo carro-forte é a noção de *gênero como ação social* (1984). Entretanto, essa visão não é neutra nem infundada; ao contrário, traz sobre si as influências da Nova Retórica – uma revitalização da Retórica Clássica no contexto norte-americano do século XX – e do pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin, prioritariamente no que respeita aos gêneros do discurso, em virtude da natureza constitutivamente dialógica da linguagem.

Em harmonia com essa concepção, Miller (2009, p. 22) enfatiza que “uma definição retoricamente válida de gênero precisa ser centrada não na substância ou na forma de discurso, mas na ação que é usada para sua realização.” Em outras palavras, a abordagem da autora vai muito além da exploração do conteúdo e da forma do gênero, ao passo que aponta em sua definição para critérios pragmáticos. É dessa forma que ela rejeita explicitamente quaisquer abordagens de gênero que se concentrem apenas em taxonomias, visto que não passariam de uma visão reducionista, ou seja, puro formalismo. Para ela (idem, p. 22), “a classificação do

discurso será retoricamente sólida se contribuir para uma compreensão de como o discurso funciona – isto é, se reflete a experiência retórica do povo que cria e interpreta o discurso”.

Seguindo essa linha de pensamento, Carvalho, escrevendo sobre a teoria de Miller, dá-nos um exemplo digno de nota:

Como ação social, tanto um recado anotado para alguém que não está em casa, como uma mesma mensagem informando a mudança de endereço eletrônico, direcionada a pessoas com quem mantemos os mais variados tipos de distância ou proximidade social, são construídos com base em nossa experiência sociorretórica: estabelecemos propósitos comunicativos e cuidamos para que sejam alcançados, dando-lhes forma segundo nossa percepção de semelhanças, gerais ou específicas, entre a situação atual e outras situações que julgamos análogas. As regularidades na forma e conteúdo desses textos seriam reflexo de outros tipos de regularidades subjacentes, a indicar que, por exemplo, as práticas de produção e/ou recepção desses textos também apresentam regularidades passíveis de ser identificadas (CARVALHO, 2005, p. 136).

Nesse sentido, a visão milleriana não desmerece a importância das convenções da prática retórica. Dando exemplos claros, a autora argumenta (2009, p.23-24) que discursos inaugurais, elogios fúnebres (*eulogies*), discursos jurídicos e outros semelhantes têm formas convencionais porque surgem em situações com estruturas e elementos semelhantes e porque os retores respondem de modo semelhante, tendo aprendido de um precedente o que é apropriado e que efeitos suas ações provavelmente terão sobre outras pessoas.

A partir dessa ótica, os gêneros são tomados como “artefatos culturais” que constituem uma classe aberta, com novos membros evoluindo, velhos membros decaindo (MILLER, 2009, p. 25), o que justifica sua natureza instável. As noções de recorrência e ação retórica são consideradas basilares nessa concepção, porquanto “o gênero, dessa maneira, torna-se mais que uma entidade formal; ele se torna pragmático, completamente retórico, um ponto de ligação entre intenção e efeito, um aspecto da ação social” (MILLER, 2009, p. 24).

A proposta de Miller, portanto, converge para levar os estudos dos gêneros a fundo, para além da trivialidade, com uma veia etnometodológica, aberta e pragmática. No dizer dela mesma, “essa abordagem insiste que os gêneros ‘*de facto*’, os tipos para os quais temos nomes na linguagem cotidiana, nos dizem algo teoricamente importante sobre o discurso”. (MILLER, 2009, p. 28).

Fundamental na teoria de Carolyn Miller é o conceito de *situação retórica*. Tomando-o emprestado de Burke e Bitzer, a autora argumenta que esse conceito é particularmente importante, já que as situações retóricas são recorrentes. Contudo, urge compreender que :

o que recorre não pode ser uma configuração material de objetos, eventos e pessoas, tampouco pode ser uma configuração subjetiva, uma 'percepção', porque essas também são únicas de momento a momento e de pessoa a pessoa. A recorrência é um fenômeno intersubjetivo, uma ocorrência social e não pode ser entendida em termos materialistas (MILLER, 2009, p. 30).

Assim, não se pode deixar de mencionar que, para essa compreensão, é preciso perceber ainda dois outros conceitos basilares na teoria de Miller: *exigência* (Burke) e *motivo* (Bitzer). Embora sejam termos correlatos, de alguma forma, eles apresentam certa tensão. No entanto, o que é relevante para a nossa discussão é compreender, segundo a estudiosa norte-americana (2009, p. 32), que “a exigência tem que estar localizada no mundo social, e não numa percepção privada nem numa circunstância material”.

Portanto, vemos que a abordagem da autora vai para além do individual, considerando a exigência como um propósito retórico de fato e não como a mera intenção individual do sujeito falante/escrevente. Por isso, a exigência fornece ao retor uma maneira socialmente reconhecível para realizar suas intenções conhecidas. E a exigência precisa ser vista não como a causa da ação retórica nem como a intenção, mas como motivo social. Compreender uma exigência é ter um motivo (MILLER, 1984).

Realmente, adentrar no universo milleriano é produtivo para se ter clareza do que se entende efetivamente por *gênero como ação social*. E, nesse caminhar, merece nota a atenção dispensada pela autora aos processos de tipificação. Partindo da noção de recorrência das situações retóricas, sempre motivadas socialmente, é justo dizer que, em função das similaridades com as quais nos deparamos, vamos criando tipos e armazenando-os – como se formassem um “estoque de conhecimentos”. Assim, relacionamos experiências o tempo todo: o novo só se torna familiar porque reconhecemos semelhanças relevantes com o já conhecido. Eis aqui um diálogo com a visão de Bhatia (2009), conforme já discutimos nesta dissertação.

Logo, diante dessas ações tipificadas, passamos a usar os gêneros retóricos tipificados, obviamente. É como se as situações recorrentes “convidassem-nos” a utilizar determinados gêneros comunicativos. É assim que vemos, rotineiramente, jogadores instruindo novatos num jogo, professores dando aulas, mães contando histórias para seus filhos, fregueses fazendo pedidos por telefone, alunos de pós-graduação defendendo dissertações e teses, pesquisadores participando de bancas de defesas, crianças participando de rituais religiosos etc.

Por um lado, a ideia de compartilhamento desses gêneros tipificados é indispensável para o nosso engajamento na sociedade, caso contrário seria difícil manter a comunicação e a ordem social; por outro lado, convém destacar que esses mesmos gêneros também evoluem – ainda mais se pensarmos numa era de instabilidades constantes como esta em que vivemos –, embora o nosso “estoque de conhecimentos” seja bastante estável.

Com efeito, reconhecemos os gêneros retóricos porque eles se fundam em situações recorrentes; por conseguinte, os compreendemos como entidades completas: uma conferência, um elogio fúnebre, um manual técnico e assim por diante. Entretanto, se permanecermos apenas no nível do reconhecimento do gênero, sabemos que isso diz muito pouco sobre ele. É preciso descobrir em que medida o gênero funciona como uma ação retórica para satisfazer determinada exigência social, ou seja, buscar o entendimento do seu “sentido genérico”.

Nessa perspectiva, a pesquisadora americana (2009, p. 41) ressalta o componente social na definição de gênero, já que ele se refere a uma categoria convencional de discurso baseada na tipificação em grande escala da ação retórica; como ação adquire significado da situação e do contexto social em que essa situação se originou. Dessa concepção, decorre que os gêneros são práticas sociais; por conseguinte, a realização de tais práticas evidentemente baseia-se nas convenções do discurso, as quais são estabelecidas pelos membros da sociedade como forma de agir conjuntamente.

Prosseguindo a discussão, Miller (2009), em outro artigo, – intitulado *Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros* – cita alguns exemplos dessa plasticidade dos gêneros, recorrendo a pesquisas já realizadas por outros estudiosos. Ela se refere ao artigo de pesquisa como um gênero que muito mudou nos últimos trezentos anos; destaca que o discurso dos tribunais norte-americanos no final do século XX apresenta semelhanças perceptíveis com o discurso das

cortes na cultura ateniense (século IV a.C.); enfatiza que a encíclica papal contemporânea tem sua gênese nos documentos do Império Romano, assim como o discurso do rei dirigido ao parlamento deu origem ao gênero *Inaugural Addresses*, ou seja, o discurso inaugural dos presidentes eleitos dos Estados Unidos.

Reforçando as discussões aqui postas, Miller sustenta a tese de que:

aquilo que aprendemos quando aprendemos um gênero não é apenas um padrão de formas ou mesmo um método de realizar nossos próprios fins. Mais importante, aprendemos quais fins podemos alcançar: aprendemos que podemos elogiar, apresentar desculpas, recomendar uma pessoa para outra, assumir um papel oficial, explicar o progresso na realização de metas. Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. Como uma ação significativa e recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural (MILLER, 2009, p. 44).

Repensando gêneros e, ao mesmo tempo, pensando numa organização hierárquica em níveis, Miller esclarece que ver o gênero como “artefato cultural” é situá-lo como um fenômeno intermediário, localizado exatamente entre a linguagem (micronível de análise) e a cultura<sup>17</sup> (macronível de análise). Não é falso dizer, portanto, que a abordagem de gênero de Miller ancora-se nas noções de “reprodução” – termo tomado emprestado de Giddens, em sua Teoria da Estruturação – e “recorrência” – termo oriundo da Retórica Clássica –, vocábulos que, na visão da autora, apresentam certa equivalência.

Equilibrando esses dois conceitos, Xavier (2010, p.15) defende que, seja “reprodução” ou “recorrência”, percebemos que as ações linguísticas dos envolvidos em uma comunidade se repetem e, por meio desta repetição de atos (principalmente Atos de Fala), é possível haver reconhecimento e identificação que se intensificam ao ponto de se transformar em aceitação, interinfluência e adesão ao discurso e à prática do outro. Esses movimentos vão formar a memória da comunidade, componente importante por funcionar como estoque das informações de base às quais os sujeitos sempre recorrem e as reproduzem.

Diante disso, Miller enxerga o gênero como um “constituente específico” da própria sociedade, uma vez que é apontado como fundamental para organizar a

---

<sup>17</sup> Admitindo que o conceito de cultura é amplo e complexo, Miller adota uma das conceituações de Raymond Williams (1976, p. 80 *apud* MILLER, 2009, p. 47)), em trabalho desenvolvido por ele no século XIX, numa perspectiva antropológica, para quem a cultura “é um ‘modo particular de vida’, em um certo tempo e lugar, experienciado em toda a sua complexidade por um grupo que compreende a si mesmo como um grupo identificável.”

estrutura comunicativa; além do mais, ele é uma das “estruturas de poder” que perpassam a vida institucional. Logo, pensar gênero, na perspectiva da autora, é pensar um aspecto da comunicação situada que é capaz de reprodução, com regras, tipificações sociais, exigência recorrente, restrições, num dado espaço-tempo concreto.

Isso posto, convém esclarecer que a autora (1984) não está dando primazia aos aspectos estruturais em detrimento da ação social; ao contrário, ela entende que a estrutura, ou forma, é um aspecto constituinte da ação e que a ação é o aspecto principal. Ressalta também que, embora as estruturas sejam o que se reconhece como constituintes da sociedade, pois é o que é reproduzível, a ação é o que é significativo, e é na ação que criamos o conhecimento e a capacidade necessária para reproduzir a estrutura.

É assim que a ideia de *comunidade retórica* se conecta ao que vimos discutindo, já que “não podemos compreender completamente os gêneros sem uma compreensão mais profunda do sistema comunal do qual são constituintes, sem explorar mais detidamente a natureza da coletividade.” (MILLER, 2009, p. 53).

É interessante notar que, para Miller (2009), uma comunidade retórica não se centra em coletividades taxonômicas – entendidas como grupos que têm similaridades e talvez até crenças compartilhadas, porém sem inter-relação real, tal como “o grupo de pessoas que possui passaporte britânico” – nem em coletividades relacionais, isto é, grupos cujos membros têm relações reais uns com os outros, por meio das quais acontece o compartilhamento ativo. Negando essas duas concepções, a autora vai propor uma comunidade com um terceiro *status*: o virtual.

Assim, passemos a palavra a ela:

Uma comunidade retórica, proponho eu, é apenas essa tal entidade virtual, uma projeção discursiva, um construto retórico. É a comunidade tal qual é invocada, representada, pressuposta ou desenvolvida no discurso retórico. É constituída por atribuições de ações retóricas articuladas características, gêneros de interação, modos de realização, que inclui o de reproduzir a si mesma. Do mesmo modo que as estruturas de Giddens, as comunidades retóricas “existem” nas memórias humanas e nas suas instanciações específicas em palavras: não são inventadas do zero, mas persistem como aspectos estruturadores de todas as formas de ação socioretórica. Como os gêneros, as comunidades retóricas “existem” em uma hierarquia discursiva, não no espaço-tempo; elas existem, contudo, em um nível cumulativo muito mais elevado do que os gêneros (MILLER, 2009, p. 55).

De forma ilustrativa, a pesquisadora norte-americana exemplifica que essas comunidades não devem ser procuradas demográfica ou geograficamente: nas salas de aula, nas forças-tarefa civis, nos grupos que cultivam um *hobby*, nos congressos acadêmicos. Uma comunidade retórica, segundo ela, opera retoricamente “em parte através do gênero, como o lugar operacional da ação articulada, reproduzível, o nexos entre o privado e o público, o singular e o recorrente, o micro e o macro.” (idem).

O que é significativo nessa concepção de Miller é que uma comunidade retórica sempre deverá ser vista como um lugar de conflitos, tensões, contrassensos, (des)acordos e contenção. Dito de outra maneira, ela será o lugar da coexistência das “forças centrípetas” e das “forças centrífugas” (em termos bakhtinianos, como já vimos), onde concomitantemente estão incluídas as semelhanças e as diferenças.

Todavia, é óbvio que o centripetismo é essencial para que a comunidade retórica não se desfaça. Na ótica de Miller (2009, p. 57-58), o que sustenta tal comunidade – enquanto força centrípeta – são estes três elementos: 1) o gênero; 2) a metáfora ou figuras de uma forma geral; e 3) a narrativa. O primeiro impõe estrutura a uma dada ação no espaço-tempo; o segundo estabelece conexões que de outra forma não podem ser feitas; o terceiro impõe inteligibilidade a eventos passados.

A concordarmos com Miller, enfatizamos que:

na sua dimensão *pragmática*, os gêneros não apenas ajudam pessoas reais, em comunidades espaço-temporais, a fazer seu trabalho e realizar seus propósitos; eles também ajudam as comunidades virtuais – as relações que carregamos em nossas mentes – a reproduzir e reconstruir a si mesmas para continuarem suas histórias (MILLER, 2009, p. 58).

Portanto, fica claro que, assim como a língua tem forças de conservação e forças de dispersão que coexistem, os gêneros retóricos – como práticas de uso da língua – também se situam nesse mesmo jogo de forças. Assim, podemos asseverar que é graças às forças de união que as situações retóricas são recorrentes e que os gêneros textuais são passíveis de regularidades, conforme discutiremos nas análises da *carta do leitor*.

#### 1.2.4 Charles Bazerman

A visão de gênero adotada por Bazerman (2006; 2007; 2009) dialoga em muito com a perspectiva de Miller, especificamente no que concerne aos processos de tipificação e à abordagem de gênero como *ação social*. O autor enfatiza a relevância dos gêneros textuais para as práticas de letramento, inclusive na escola. É nessa direção que, para ele (2006, p. 10), o conceito de gênero “pode nos falar da mente, da sociedade, da linguagem e da cultura e até da organização e do funcionamento das leis e da economia, como também de muitos outros aspectos da vida letrada moderna.”

Não é sem propósito que tal visão prescinde de uma abordagem puramente formal de gênero, considerando-o uma ação tipificada pela qual podemos tornar nossas intenções e sentidos inteligíveis para outros. Nessa linha de raciocínio, pensar gêneros é pensar formas de tipificação social imbuídas de agência, já que estamos falando em *ação social* e, portanto, não cabe aqui a ideia de sujeito passivo. Assim, no dizer do pesquisador norte-americano:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar (BAZERMAN, 2006, p. 23).

Bazerman adverte que o conceito de gênero em língua inglesa surge na arena discursiva da arte. Ao mesmo tempo, o autor critica a abordagem desse conceito no campo dos estudos literários que, numa visão normativa, tem dado mais atenção às questões puramente textuais e de mera contemplação que às sobre as relações sociais, embora reconheça que, depois dos estudos de Bakhtin e de outros teóricos, essa visão tem se alargado e incorporado uma preocupação com o histórico e com o psicossocial.

Ancorada nos desenvolvimentos da linguística, da retórica, da psicologia e da sociologia, a investigação de gênero de Bazerman extrapola substancialmente essa visão reducionista e formalista que o autor critica, pois “os gêneros, da forma como são percebidos e usados pelos indivíduos, tornam-se parte de suas relações sociais

padronizadas, de sua paisagem comunicativa e de sua organização cognitiva” (BAZERMAN, 2006, p. 28). Eis aqui um diálogo claro com a visão milleriana de gêneros como *ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes*; além disso, não descarta o papel das agências na comunicação discursiva, pois, como ilustra o próprio autor:

Através da escrita, fazemos nosso marco no mundo, um marco potencialmente pensado, feito com habilidade e desenvolvido maduramente. (...) [Mas] não são apenas as grandes figuras históricas que se inscreveram nas páginas da história que expressam agência através da escrita. Cada vez que compartilhamos nossos pensamentos numa carta para um amigo; fazemos um pedido numa carta comercial; *expressamos nosso ponto de vista numa carta ao editor*, somos agentes em nossos próprios interesses (BAZERMAN, 2006, p. 12, itálicos nossos).

Conforme vimos discutindo ao longo deste capítulo, os gêneros são fundamentais para organizar as interações humanas e manter a ordem social. Por conseguinte, Bazerman (2007) convida-nos a pensar, inclusive, mais especificamente no uso da língua escrita, já que esta não tem as mesmas características da conversa face a face, o que, em certo sentido, torna aquela mais descontextualizada; daí ser imprescindível enxergar o texto com os olhos do gênero.

Na ótica do autor (2007), hoje lidamos com textos em que é provável que o único contexto que achemos para eles seja em sua relação com outros textos, ou seja, a intertextualidade. Não recebemos muitas dicas do ambiente físico, material ou social para nos orientarmos na sua interpretação. Gêneros podem nos ajudar nessa confusão ao assinalar para nós a situação e a ação, projetando o contexto invisível. Ainda segundo o educador norte-americano (2006), os gêneros se constituem em verdadeiros *habitats*, na medida em que definem espaços sócio-historicamente, nos quais reconhecemos os outros e somos reconhecidos, ao mesmo tempo em que fazemos uso da palavra de modo reconhecível e apropriado.

Portanto, o professor da Universidade da Califórnia (2006), esclarece que o que emerge dos vários estudos, revelados por essas investigações, é que os gêneros constituem um recurso rico e multidimensional que nos ajuda a localizar nossa ação discursiva em relação a situações altamente estruturadas. O gênero é apenas a realização visível de um complexo de dinâmicas sociais e psicológicas. Ao compreendermos o que acontece com o gênero, porque o gênero é o que é,

percebemos os múltiplos fatores sociais e psicológicos com os quais nossos enunciados precisam dialogar para serem mais eficazes.

Dessa forma, podemos pensar metaforicamente que a materialidade linguística de um gênero é apenas a ponta do *iceberg*, quando imaginamos não só a profundidade e a complexidade de uma dada situação da comunicação discursiva, mas também o papel dos sujeitos envolvidos no processo de produção e recepção de um dado gênero textual.

Neste capítulo, buscamos travar um debate em torno do conceito de gênero, a partir da abordagem sociorretórica, empreendida por Swales (1990; 2009a; 2009b), Bhatia (1993; 1997; 2009), Miller (1984; 2009) e Bazerman (2006; 2007; 2009), que os tomam como construtos retóricos recorrentes em situações comunicativas reiteradas. Tecemos considerações acerca da teoria e metodologia empreendida por Swales e Bhatia para a análise de gêneros, especificamente aqueles do universo acadêmico e profissional, bem como a ideia de gênero como *ação social*, defendida por Miller, a qual se coaduna com a visão de Bazerman, no que tange aos processos de tipificação social, dos quais os gêneros são parte integrante.

Do ponto de vista filosófico, discutimos a contribuição seminal do Círculo de Bakhtin (1976; 1993; 1997a; 1997b; 1998; 2003; 2009), que redimensionou a noção de gêneros discursivos, deslocando-os de campos mais específicos da cultura humana, tais como os Estudos Literários e a Retórica Clássica, para toda e qualquer esfera da comunicação humana; a partir desse olhar inovador, os gêneros passam a ser vistos como enunciados concretos, plásticos e flexíveis, cujo equilíbrio é instável. Todas essas considerações teórico-metodológicas são fundamentais para embasar as análises que faremos em capítulos seguintes, quando a carta do leitor – como gênero jornalístico – ilustrará o que discutimos em nível teórico neste capítulo.

No capítulo seguinte, daremos início a um estudo mais específico acerca do fenômeno *cartas*, com relevo para o gênero comunicativo *carta do leitor*. Aliás, faremos um retrospecto da *carta* como um gênero que, próximo à modalidade oral de realização da língua, tem cumprido diversos usos sociais ao longo dos tempos. Além disso, buscaremos compreender um pouco mais da esfera jornalística, particularmente, no que respeita ao chamado *jornalismo opinativo*. Nesse recorte, procuraremos caracterizar a *carta do leitor* a partir de alguns estudos já realizados.

## 2 CARTAS E A CARTA DO LEITOR (CL)

---

*Enquanto você lê estas palavras, está tomando parte numa das maravilhas do mundo natural. Você e eu pertencemos a uma espécie dotada de uma admirável capacidade, a de formar ideias no cérebro dos demais com esquisita precisão. Eu não me refiro com isso à telepatia, o controle mental ou às demais obsessões das ciências ocultas. Aliás, até para os crentes mais convictos, estes instrumentos de comunicação são pífios em comparação com uma capacidade que todos possuímos. Esta capacidade é a linguagem.*

**Steven Pinker**

Sabemos que os gêneros textuais são construtos retóricos altamente maleáveis, dinâmicos e heterogêneos; por essa razão eles não devem ser analisados como produtos a-históricos. O caráter evolutivo dos gêneros é constitutivo da sua natureza, por isso mesmo não os inventamos da noite para o dia. Além do mais, não podemos perder de vista a relação intrínseca entre entidade genérica e cultura; isso justifica, em parte, o fato de não vermos circulando cartas régias nos meios do alto escalão político-administrativo do Brasil atual, mas sim decretos presidenciais; da mesma forma, não nos damos conta de que o alvará era uma espécie de edito real e que hoje funciona como uma licença dada a alguém, garantindo-lhe direitos e privilégios particulares para explorar determinado serviço.

Se formos pensar nos artefatos genéricos que circulam na internet, por exemplo, estaremos diante de um terreno fértil, cujas pesquisas têm revelado que muito do que se apresenta como gênero virtual na contemporaneidade retoma, de alguma forma, o já conhecido. Enfim, são novas situações retóricas, motivadas pelo rápido avanço da tecnologia, que demandam o surgimento de “novos” gêneros, assim como o desaparecimento de outros.

Marcuschi (2010b) já dizia que uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a.C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. A partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século

XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente, o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

A par disso, abordaremos, neste capítulo, o gênero *cartas*<sup>18</sup> como o alicerce para o surgimento de gêneros diversificados nos mais diversos domínios da cultura humana e, dentre eles, a arena do jornalismo opinativo, na qual a *carta do leitor*<sup>19</sup> se insere. Logo, faremos uma breve incursão histórica, tanto para compreendermos melhor o fenômeno *cartas*, quanto para ampliarmos os nossos horizontes acerca do universo midiático – em especial, o mundo do jornalismo impresso –, seja no Brasil, seja no exterior; finalizaremos este capítulo com uma caracterização do gênero em debate, a partir de pesquisas já realizadas.

## 2.1 A carta e seus usos sociais ao longo dos tempos

Parafraseando Bazerman (2009), a carta é a base social de gêneros diferenciados. A bem dizer, pesquisas têm comprovado que o artigo científico, a patente e os relatórios, por exemplo, mantêm relação com as *cartas*. Em outras palavras, dizemos que aqueles são “gêneros-filhos” deste “gênero-mãe” (se podemos assim metaforizar). E não para por aí. Muitos outros gêneros têm uma estreita ligação com a correspondência, dentre eles: letras de câmbio, cartas de crédito, livros do Novo Testamento, encíclica papal, jornais, romances, entre outros.

No entanto, nas palavras do referido estudioso:

os primeiros documentos através dos quais poderíamos mostrar a maior influência das cartas ou não sobreviveram ou não são facilmente acessíveis. Mesmo assim, as poucas evidências que encontrei na literatura secundária sugerem que as cartas podem ter exercido uma influência ampla e importante na formação de gêneros (BAZERMAN, 2009, p. 84).

---

<sup>18</sup> Segundo Costa (2009, p. 53), “tradicionalmente pessoas, instituições, repartições mantêm correspondência por meio de cartas, que geralmente são enviadas via correio, portanto, fechadas num envelope, endereçadas e seladas. Ou seja, trata-se de uma mensagem, manuscrita ou impressa, dirigida a uma pessoa ou a uma organização para comunicar-lhe algo.”

<sup>19</sup> Costa (2009, p. 53), em seu Dicionário de Gêneros Textuais, dedica um verbete à *carta do leitor*. Para ele, esse gênero é “geralmente de opinião (argumentativa), circula em jornais e revistas, já que o leitor a envia para manifestar seu ponto de vista sobre matérias que leu.”

É bem verdade que, nos primórdios dos letramentos da humanidade, não podemos imaginar o modelo de sociedade que temos hoje, com o “dilúvio” de gêneros textuais organizadores dos mais diversos sistemas comunicativos nos quais estamos imersos. Da máquina de escrever ao computador, a tecnologia evolui continuamente e, quer queira, quer não, ela interfere nas nossas formas de interação social. Essas mudanças bruscas e urgentes nos desatualizam com muita rapidez, daí a necessidade de sermos leitores e escritores abertos à inovação, a fim de que possamos ter o mínimo de entendimento das práticas sociais e institucionais que são mediadas pelos gêneros na sociedade em que vivemos. Afinal:

Os gêneros nos ajudam a navegar dentro dos complexos mundos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer uma espécie de texto, reconhecemos muitas coisas sobre a situação social e institucional, as atividades propostas, os papéis disponíveis ao escritor e ao leitor, os motivos, as idéias, a ideologia e o conteúdo esperado do documento e o lugar onde tudo isso pode caber na nossa vida (BAZERMAN, 2009, p. 84).

Historicizando sobre os primeiros gêneros da cultura escrita, Bazerman (2009) argumenta que o surgimento deles tem a ver com os gêneros da *performance* pública falada (o épico, a história coletiva recitada, o mito, a ode, o coral, o drama, o discurso, o conto popular, a adivinha e a piada), os quais eram transcritos para servir como memoriais e, portanto, faziam parte do acervo para a leitura privada. Além disso, as transcrições de discussões orais sobre conhecimentos e crenças foram relevantes para consolidar a atividade de escrita.

Ainda nessa fase, convém ressaltar que alguns gêneros surgem de atos de fala cotidianos mais comuns, tais como os atos de contar e relembrar. Nesse sentido, foram relevantes também os comandos orais de autoridades, os quais foram transformados em ordens, leis, códigos e proclamações. Não é sem motivo que a nossa Constituição Federal também se chama Carta Magna.

No dizer de Bazerman (2009), as cartas se expandiram dos usos mais formais e oficiais para o âmbito do particular e, dessa forma, as cartas familiares tornaram-se comuns entre todas as classes sociais da Antiguidade Clássica. Não é sem razão que dois tipos delas chegaram a ser tratadas como documentos eruditos nas escolas e bibliotecas pessoais: cartas sobre temas técnicos ou profissionais e cartas-ensaio, a exemplo das cartas aristotélicas.

Assim, estamos diante de um gênero fértil e multifuncional que não pode ser enquadrado em um único tipo. É pensando nisso que se manifesta o estudioso da Universidade da Califórnia (2009), ao frisar que, do seu amplo uso no mundo clássico, podemos ver como a carta, uma vez criada para mediar a distância entre dois indivíduos, fornece um espaço de relação aberta, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar a relação entre os indivíduos e a natureza da transação corrente.

Falar em *cartas* simplesmente numa sociedade grafocêntrica como a nossa – e, por conseguinte, com múltiplos sistemas de gêneros – parece não dizer muita coisa.

De fato o rótulo **carta** é abrangente e pouco esclarecedor: excetuando-se o formato externo – cabeçalho, data, assinatura – e algumas expressões formulaicas frequentes em suas seções iniciais e finais, o corpo da carta permite qualquer tipo de comunicação: desde as vantagens de um determinado cartão de crédito até informações sobre o condomínio, passando pelas esperadas novidades do amigo que mora no exterior. Todas são cartas, mas não devemos colocá-las na mesma categoria (PAREDES SILVA, 1997, p. 121, negrito da autora).

É assim que, imediatamente somos convidados a mexer no “baú da memória” e enquadrar as cartas em alguma espécie em particular. Noutros termos, é preciso especificar a que tipo de carta estamos nos referindo, já que, à medida que mais temas e transações, de forma reconhecível, inserem-se nas cartas, o gênero, em si, se expande e se especializa (BAZERMAN, 2009). Essa discussão nos interessa muito de perto, dado que o fenômeno investigado na nossa pesquisa, como já deixamos claro em momentos anteriores, é justamente a *carta do leitor*, uma variedade do gênero cartas *lato sensu*.

Curioso e de especial interesse para o nosso foco de estudo é o papel desempenhado pela impressão, pois com ela multiplicaram-se cópias de textos para audiências amplas e desconhecidas. Com isso, pelo menos três principais tipos de escrita que floresceram na cultura impressa parecem ter alguma conexão com a carta: o jornal, a revista científica e o romance (BAZERMAN, 2009).

Como podemos notar, o estudioso norte-americano deixa explícita em sua exposição a relação entre a carta e alguns gêneros/suportes da cultura impressa.

Desse modo, o jornal, para ele, provavelmente mantém algum tipo de relação com a carta, mesmo que sejam traços residuais. Não é sem propósito que, em suas próprias palavras (2009, p. 94), “muitos dos elementos das cartas ainda permanecem na indústria jornalística; por exemplo, repórteres mantidos em países e cidades distantes são, ainda hoje, referidos como correspondentes, mesmo nos programas noticiosos da televisão.”

Enfim, como nem sempre temos a consciência devida da importância das cartas, na maioria das vezes, o que percebemos é que, no repertório de gêneros da coletividade, elas figuram como um gênero trivial e, para muitos, ao falarmos em carta, parece estarmos nos referindo a algo obsoleto. É comum ouvirmos as pessoas desdenharem da carta pessoal enviada/recebida via Correios, visto que, para elas, estamos na “era do e-mail, do telefone celular e das redes sociais”<sup>20</sup>. Essas mesmas pessoas nem se dão conta de que até mesmo o e-mail é uma espécie de “carta virtual”. A rigor, ele não é uma novidade radical.

Seguramente, de uma coisa não podemos nos esquecer: as cartas, comparadas a outros gêneros, podem parecer simples por serem tão abertamente ligadas às relações sociais e a escritores e leitores particulares, mas isso só significa que elas nos revelam clara e explicitamente a socialidade que faz parte de toda escrita. Isso, entretanto, pode ser a própria razão por que as cartas têm sido tão instrumentais na formação de gêneros mais especializados e menos autointerpretativos (BAZERMAN, 2009).

Em se tratando de cartas, Paredes Silva (1988), na sua tese de doutoramento, tomando cartas pessoais como *corpus* da sua pesquisa – embora não seja esse o fenômeno investigado por ela –, tece alguns comentários acerca desse gênero textual. A autora discute um pouco aquilo que Bazerman havia afirmado há pouco: a relação das cartas, e mais especificamente da carta pessoal, com a oralidade. No seu próprio dizer (*idem*, p. 73), “há textos escritos que caminham na direção da oralidade – é o caso das cartas pessoais. E é nessa encruzilhada do oral com o escrito, da narrativa com o depoimento, que é preciso considerá-los, em seu produto acabado.”

---

<sup>20</sup> É pertinente destacar que essa afirmação provém da nossa própria experiência docente em rede pública de ensino. Nas aulas de produção de texto, por exemplo, percebemos que todas as vezes que fazíamos referência à carta, os estudantes desdenhavam, justificando que se tratava de algo que ninguém mais usava. Na verdade, eles estavam referindo-se à *carta pessoal*, visto que é a prototípica na nossa cultura. No entanto, enquanto pesquisadores, estamos certos de que essa visão de associar o fenômeno *cartas* somente à *carta pessoal* é, realmente, muito limitada.

O tom distenso que permeia esse gênero textual permite que ele seja aproximado à conversação espontânea, embora reconheçamos hoje que até mesmo esta tem suas regras, haja vista o que provam as pesquisas linguísticas, na área dos Estudos Conversacionais. Além do mais, convém tomar ambos os gêneros – a carta pessoal e a conversação espontânea – para além do individual, inserindo-os em quadros sociológicos mais amplos.

Portanto, Paredes Silva (1988) está certa, ao dizer que a aproximação da “conversa solta” com cartas pessoais mostra-se produtiva: na escrita, elas representam o que há de mais próximo a uma conversa casual. Assuntos do dia a dia também podem ir se sucedendo ao sabor das circunstâncias, assim como vão surgindo as digressões, associações, lembranças: ao correr da pena.

Para essa estudiosa, uma diferença a ser notada entre a “conversa escrita” e a conversa casual é que aquela é circunstancialmente assimétrica, uma vez que a escolha do tema, as condições do dizer, a determinação do tempo, enfim, a detenção do poder fica a cargo de apenas um dos participantes. Por outro lado, esse gênero textual é terreno fértil para a marcação da subjetividade, dado que, no seu fio discursivo, expressão de sentimentos, afeto, emoções são constantes.

É válido ressaltar que, mesmo tendo um escopo mais linguístico, a pesquisa da autora chega, em certo sentido, a fazer rudimentos de uma análise da *organização retórica* da carta pessoal, muito embora ela não faça menção a esse dispositivo teórico-analítico, dado que não é essa a perspectiva teórica com a qual ela trabalha em sua tese.

## 2.2 A esfera jornalística e o jornalismo opinativo

Inicialmente, é coerente frisar que estamos numa *esfera da comunicação* bastante específica: a jornalística. Naturalmente, as condições de produção/recepção da *carta do leitor*<sup>21</sup> são fortemente marcadas pelas particularidades do mundo do jornal. Não podemos fugir disso. Assim sendo, torna-se necessário conhecer um pouco mais do universo jornalístico, com o intuito de

---

<sup>21</sup> Entendemos que a *carta do leitor* é um gênero jornalístico não apenas por estar na seção de opinião do suporte em que circula (jornal impresso, no nosso caso), mas, principalmente, por emergir de um processo de retextualização. Melhor dizendo, o texto enviado pelo leitor (geralmente o cidadão comum) é submetido à apreciação do editor do jornal, que poderá reescrevê-lo antes da publicação.

compreender melhor o funcionamento do gênero em tela nesse contexto comunicativo.

É certo que todas as contribuições advindas dessa arena discursiva são relevantes para o entendimento do fenômeno que investigamos em nossa pesquisa. Dessa maneira, ancorados nos estudos de Marques de Melo (2003a), primeiramente é fundamental ratificar que o jornalismo é um fenômeno universal, mas com raízes europeias. E, no caso brasileiro, em particular, não podia ser diferente: ele nutre-se do modelo português, sem abrir mão das influências francesa, britânica e norte-americana, embora tenha sua identidade própria.

Produto da confluência de padrões importados (principalmente franceses e norte-americanos), durante o século XIX, o Jornalismo Brasileiro adquiriu identidade própria no bojo do processo de modernização da imprensa, que se transforma, no transcurso do século XX, para enfrentar a competição com o rádio e a TV (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 9).

Contudo, não é sem motivo que o jornalismo brasileiro sofre essas transformações. Elas estão relacionadas às mudanças sócio-históricas no panorama mundial, ou seja, esse fenômeno tem como pano de fundo a experiência democrática que o país vivenciou no período seguinte à Segunda Guerra Mundial, bem como as inovações tecnológicas da conjuntura desenvolvimentista, aceleradas com a abertura das nossas fronteiras à cultura transnacional, no alvorecer do século XXI (MARQUES DE MELO, 2003b).

Embora tenha havido interpretações equivocadas, por parte de alguns autores, no sentido de associar *jornalismo* a *jornal*, o estudioso acima referido (2003a) entende que o jornalismo deve ser concebido como um processo social que se articula a partir da relação entre organizações formais e coletividades, através de canais de difusão que asseguram a transmissão de informações em função de interesses e expectativas.

Com essa visão, desfazemos a ideia errônea de alguns ao associar jornalismo apenas à mídia impressa, posto que a categoria *jornalismo* envolve também o radiojornalismo, o telejornalismo e, mais recentemente, o webjornalismo. Por outro lado, não podemos negar que a própria imprensa viabilizou tecnologicamente o jornalismo, em função das necessidades sociais e culturais nas operações mercantis e financeiras que movimentavam as cidades, na circulação

mais rápida das ideias e dos inventos que tornaram a reprodução do conhecimento um fator político significativo (MARQUES DE MELO, 2003a).

No dizer do estudioso citado (2003a, p. 19) “as primeiras manifestações do jornalismo – as *relações*, os *avisos*, as *gazetas*, que circulam escassamente no século XV e ampliam-se no século XVI – atendem à necessidade social de informação dos habitantes das cidades, súditos e governantes.” Assim, a fase embrionária do jornalismo é fortemente marcada pela *censura prévia* exercida pelos Estados nacionais e pela Igreja nas nações católicas, por isso a periodicidade das publicações impressas era praticamente ausente. Mais adiante (idem, p. 22), o mesmo autor esclarece que “o autêntico jornalismo – processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura – só emerge com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura prévia”, por volta do século XVII.

Como já sinalizamos anteriormente, França e Inglaterra são países pioneiros na luta pela consolidação da “liberdade de imprensa”. Entretanto, coube aos Estados Unidos da América, no século XIX, dar à imprensa uma feição mais industrial, em função do seu acelerado ritmo produtivo. Agora, a informação converte-se em mercadoria, configurando-se como um empreendimento rentável.

A bem da verdade, o fim da *censura prévia* constituiu um fator preponderante para que o jornalismo assumisse fisionomia peculiar – a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo ideias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista. Nesses primeiros momentos da sua afirmação, o jornalismo caracteriza-se pela expressão de opiniões. Na medida em que a liberdade de imprensa beneficiava a todos, as diferentes correntes de pensamento ou os distintos grupos sociais se confrontavam através das páginas dos jornais que editavam (MARQUES DE MELO, 2003a).

Pelo visto, as considerações acima apontam para um processo gradativo, em que, cada vez mais, os cidadãos participam da atividade jornalística. O silêncio imposto pelos que detêm o poder começa a ser rompido e, dessa forma, passamos a “ouvir” as vozes que se autoafirmam, para além de publicações clandestinas ou oficiais, com mero cunho de propaganda governamental.

Um fato curioso, a título de ilustração, diz respeito a maior ou menor presença do leitor na cena jornalística, que varia de acordo com os sistemas de governo que regem os países. No mundo socialista, por exemplo, havia maior preocupação dos

jornais com seus leitores que nas sociedades capitalistas. Isso justifica, em certo sentido, a maior reserva de espaço para publicação de cartas de leitores em jornais e revistas da imprensa socialista, a exemplo do que acontecia na ex-União Soviética e em outros países que pertenciam a esse mesmo sistema de governo (MARQUES DE MELO, 2003a).

Para o autor acima citado, isso não invalida a tese de que as cartas dos leitores não são um privilégio socialista. Sociedades capitalistas, como a nossa, também cedem espaço na imprensa para que se ouça a voz do leitor, porém em menor proporção, daí o leitor aparecer em posição secundária no conjunto das políticas editoriais. Com efeito, a opinião do leitor não aparece só nas cartas. Muitas vezes ela está diluída em outras páginas do jornal, como nas enquetes que coletam a opinião pública por amostragem sobre um determinado tema, nas entrevistas e nas matérias pagas, embora todas passem pelo crivo editorial. Em todo caso, é razoável entender que “a carta é, contudo, aquele espaço em certo sentido democrático, ao qual cada um pode recorrer” (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 175), muito embora nem tudo que se envia ao jornal seja publicado. Não podemos nos esquecer também de que, antes mesmo de ser publicada, a carta do leitor é editada.

Isso posto, é plausível entendermos que o funcionamento da engrenagem jornalística é uma atividade complexa, que não foge ao direcionamento ideológico da empresa que o gera; seja ele *informativo*, *interpretativo*, *opinativo* ou *diversional*<sup>22</sup>, o jornalismo, como processo midiático, não é neutro, objetivo, nem transparente. É assim que, na prática, o ato de selecionar – ideológico por excelência – marca a *linha editorial*, isto é, a ótica sob a qual o veículo de comunicação vê o mundo, atendendo aos seus interesses, por meio do poder de que dispõe.

Afinar-se com a *linha* é, pois, comungar com a opinião da empresa. Isso é tão forte que aquele que não “rezar conforme a cartilha” será expulso do grupo, pois “quem milita nos meios jornalísticos sabe que de períodos em períodos as empresas

---

<sup>22</sup> Raymond Nixon (*apud* MARQUES DE MELO, 2003a, p. 28-29), esclarece melhor esta categorização plural do jornalismo. Para ele, o *jornalismo informativo*, cumpre uma função observadora, registrando fatos e acontecimentos; o *jornalismo opinativo* atua com função conselheira e formadora de opinião; o *jornalismo interpretativo* (também chamado de *jornalismo investigativo*) objetiva enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade por meio de esclarecimentos, explicações e detalhes nem sempre percebidos claramente pelo público e o *jornalismo diversional* tem por finalidade preencher os momentos de ócio das pessoas ou comunidades, entretendo-as. Enfatizamos, porém, que esta não é a única terminologia aceita, já que há oscilações entre os estudiosos do jornalismo, o que mostra que esta questão ainda não está muito bem equacionada.

efetuem reformulações nos seus quadros redacionais, e ‘expurgam’ aqueles que insistem em desafiar a orientação oficial” (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 77). Mais que isso: “quase sempre os boletins ou matérias que enchem as cestas do lixo são aqueles que colidem com a linha editorial da empresa, e por isso não vale a pena sequer tomá-los como ‘dicas’ para as pautas” (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 84).

Essa discussão traz à baila os chamados *filtros ideológicos* do jornalismo, isto é, os mecanismos que intervêm no processo de seleção das unidades informativas. Seguindo a taxonomia do estudioso referido, temos as *pautas* – herança do jornalismo norte-americano – que são escritas por jornalistas enclausurados (pauteiros) e funcionam como uma espécie de previsão do que se desenrolará no dia seguinte. Outro filtro é a *cobertura*, que é uma estrutura organizada para acompanhar o que está ocorrendo na sociedade (leiamos, elite), como a Presidência da República, o Congresso Nacional etc.;

Além dessas, ainda temos as *fontes*, que podem ser próprias, contratadas ou voluntárias. Formam as primeiras, os correspondentes, as sucursais e a reportagem local; são exemplos das segundas: as agências informativas que se especializam na cobertura de fatos nacionais e internacionais; constituem as terceiras: serviços de relações públicas montados por empresas estatais, corporações privadas, órgãos governamentais e até mesmo pelos movimentos sociais.

E, por fim, o *copidesque* – outra herança do jornalismo norte-americano – que cumpre o papel de microfiltro. Em outras palavras, ele cuida da unificação da linguagem utilizada, especificamente no âmbito do *jornalismo informativo*. No caso da imprensa, o jornalista corrige e reescreve matérias, adequando-as ao estilo do veículo de comunicação; em suma, é uma espécie de peneira fina a serviço da linha editorial.

Dessa forma, longe de um jornalismo monolítico, ou melhor, que se constitua como obra de uma só pessoa (*O Correio Braziliense*, o primeiro periódico brasileiro, é um exemplo clássico desse monolitismo), temos hoje um jornalismo industrial que, mesmo com seus mecanismos de supervisão e controle, apresenta diferentes perspectivas na apreensão e valoração da realidade: a da empresa, a do jornalista, a do colaborador, a do leitor, dentre outras, diluídas em vários gêneros textuais que engendram o todo da produção jornalística de um periódico.

Um fato que merece ser observado é que nem sempre o jornal – ou a mídia impressa em geral – foi privilégio de todos os brasileiros, como ainda não o é.

Todavia, gradativamente, tivemos avanços, obviamente. Apesar da ainda evidente exclusão midiática, principalmente entre aqueles de menor poder aquisitivo, a imprensa tem ganhado uma dimensão mais massiva, desde meados do século passado. E dois fatores foram extremamente significativos para isso: a ampliação das oportunidades educacionais; e a relativa elevação da capacidade aquisitiva, permitindo aos trabalhadores da indústria o consumo de bens simbólicos. O pano de fundo dessa revolução cultural é o poderio da democracia representativa, que se firma no desejo de participação política dos cidadãos (MARQUES DE MELO, 2003b).

Diante desse quadro, não podemos nos esquecer de que a imprensa figura na história da humanidade como a inovação que alterou profundamente a marcha civilizatória. Em parte, ela instaurou a cidadania, criando condições indispensáveis para a emergência das sociedades democráticas. Mas essas somente logram aperfeiçoamento e consolidação na medida em que são capazes de garantir o regime da liberdade de imprensa (MARQUES DE MELO, 2003b).

Em princípio, não é demais reiterar que a invenção gutembergiana provocou uma revolução avassaladora na imprensa e, conseqüentemente, nas relações sociais. Ela incomodou, principalmente, os “donos do poder”, tanto civil quanto eclesiástico, que instauraram a *censura prévia* como forma de controlar e manipular o que se publicava. Mas, “é no bojo das democracias construídas pela Revolução Norte-Americana (1776) e pela Revolução Francesa (1789) que a liberdade de imprensa ganha legitimidade política, ensejando modelos que se reproduziram em várias partes do mundo” (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 145). Inclusive, entre nós.

No que tange à realidade brasileira, Marques de Melo (2003b) comenta que não poderia ser diferente. Permanecemos sob o regime da *censura a priori* até 1820, quando a Revolução do Porto estabelece na metrópole lusitana a liberdade de impressão. Os patriotas, inclusive os brasileiros, aproveitaram o ensejo para publicar jornais nas nossas cidades mais importantes, contribuindo, de alguma forma, para a consolidação da Independência do Brasil em 1822. Depois disso, nasceu um novo tipo: a *censura a posteriori*, cuja finalidade era coibir os abusos cometidos por cidadãos que se desviassem das normas coletivamente instituídas. Não obstante é somente com a Constituição de 1988, cujo modelo é norte-americano, que ambas as *censuras* serão abolidas definitivamente, figurando, a partir daí a Lei de Imprensa,

que disciplina os crimes de informação e opinião. Noutras palavras, a punição agora constitui prerrogativa do poder judiciário.

É certo que vivemos momentos nebulosos na história política do Brasil. Todas as atribuições desse período, presenciadas em pleno século XX, marcaram o regime do Estado Novo, na segunda metade dos anos 30 e princípio dos anos 40; e o ciclo militar pós-64, que perdurou até a sanção da nossa Constituinte de 1988. Nos “anos de chumbo”, cidadãos, jornalistas, artistas, intelectuais, enfim, oposicionistas ao governo vigente tiveram a sua liberdade de expressão tolhida. Essa “cultura do silêncio” teve fortes implicações na governabilidade do nosso país e no meio midiático, inclusive na imprensa.

Por outro lado,

é inegável o reconhecimento de que o período posterior à Constituição de 1988 afigura-se como aquele em que desfrutamos de plena liberdade de expressão e de comunicação pública no Brasil. Nunca a imprensa valeu-se dessa competência de informar livremente a sociedade como na última década (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 147).

Em que pese a afirmação do autor, particularmente ao acreditar numa “plena liberdade de expressão”, não podemos nos esquecer de que, de alguma maneira, a vida democrática está ancorada na liberdade de imprensa, entendida como “a expressão plural das correntes de pensamento que atuam na sociedade. Mas ela só se robustece quando o conjunto da sociedade usufrui os benefícios da informação pública” (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 149). De fato, se olharmos para o passado, fica mais fácil compreendermos que, de alguma forma, estamos progredindo.

### **2.3 A carta do leitor na contemporaneidade**

Considerando as discussões até aqui travadas, não podemos nos esquecer das relações de “parentesco” entre as cartas e a *carta do leitor*. Já dissemos, ancorados em estudiosos do assunto, que as cartas são um gênero plural, que pode servir a inúmeros propósitos comunicativos. Todavia, agora, estamos diante de uma ramificação desse gênero. Dito de outra forma, acreditamos que a *carta do leitor*, conforme sua própria designação explícita, mantém traços “genéticos” com os chamados gêneros epistolares. Aliás, no veículo de comunicação que nos serviu de

suporte para a pesquisa, toda *carta do leitor* parte, em sua concepção, de uma carta fechada ou de um *e-mail*<sup>23</sup>. Entretanto, é somente no *layout* do jornal, depois de editada, que ela ganha identidade de *carta do leitor*.

Nesta direção, reiteramos que a *carta do leitor* está situada dentro do chamado *jornalismo opinativo*. Por se tratar da expressão da opinião dos leitores do jornal, não poderia deixar de estar em local mais apropriado. Nos jornais da grande imprensa, é comum ver seções destinadas especificamente para esse fim com os mais variados nomes. No nosso caso em particular, este espaço do jornal denomina-se “Cartas”<sup>24</sup>, dentro de uma seção maior designada como “Opinião”<sup>25</sup>, na qual se encontram ainda os artigos de opinião, o editorial, a charge e as crônicas.

Para este jornalista português:

As secções de <<Cartas ao Director>>, estimável tradição da imprensa em países de liberdade de expressão, representam um lugar destinado ao contacto com os leitores, onde se acolhem opiniões e informações. Os textos são necessariamente curtos, a fim de abranger o maior número de participantes possível no espaço disponível (MESQUITA, 1998, p. 182).

De fato, o leitor deveria ser realmente o foco da produção jornalística, uma vez que tudo o que se publica no jornal é para ser lido por alguém que compra o produto, contribuindo para a rentabilidade da empresa. Para Marques de Melo (2003a, p. 173), o leitor representa o outro polo da produção jornalística, “pois o processo só se completa quando a informação coletada e selecionada pela instituição noticiosa chega ao seu conhecimento e ele a confronta com o seu referencial comunitário.”

---

<sup>23</sup> Esclarecemos que, no *Jornal do Commercio* de Pernambuco, as cartas publicadas procuram materializar a voz do leitor, que chega ao jornal de diferentes maneiras. No “entre em contato”, da página de opinião do jornal, está claro que o leitor pode enviar correspondência, e-mail ou até mesmo fazer uma ligação telefônica. Posteriormente ao período da nossa pesquisa, temos percebido que, muitas vezes, essas informações aparecem linguisticamente explicitadas logo após a “assinatura”, no rodapé do texto editado, explicando a maneira como ele foi concebido, se “por carta”, “por e-mail” ou “por telefone”.

<sup>24</sup> A aparição do título “Cartas” na seção do jornal (à época quando coletamos nossos dados, ver Anexo A) indica que aquela comunidade profissional reconhece as produções enviadas pelos leitores como cartas. Isso evidencia que as comunidades discursivas possuem terminologias, uma vez que reconhecem situações retóricas recorrentes e, por isso, dão nomes aos gêneros, conforme já discutimos, na teoria deste trabalho, em Swales (1990; 2009a).

<sup>25</sup> Algum tempo depois do período em que coletamos nossos dados, a referida seção passou a se chamar “Voz do leitor”.

No entanto, assim deveria ser, porém não o é. Segundo o autor, a produção jornalística é unidirecional, centrada na transmissão de informações. O leitor, nesse caso, não é o principal elemento do processo. Ele é apenas um ponto de articulação, “o ponto de chegada da produção jornalística, sem o qual a instituição não sobrevive.” (p. 173). Dessa forma, o leitor, o receptor, não participa do processo de produção jornalística. Ou melhor, não participa ativamente. Por outro lado, da sua sintonização com as mensagens difundidas é que depende o fluxo informativo para se tornar concreto. Logo, tem uma participação passiva, abstrata, indireta (MARQUES DE MELO, 2003a).

As considerações acima expostas são importantes para que entendamos a (não) participação do leitor frente ao processo do todo jornalístico. Elas são fundamentais ainda para justificar o porquê da recorrência dos leitores à carta, conforme textualiza o próprio Marques de Melo:

Enquanto não emergem soluções tecnológicas e políticas que viabilizem essa participação do público nas experiências jornalísticas, resta ao cidadão recorrer à *carta* como um recurso para expressar pontos de vista, suas reivindicações, sua emoção. Trata-se de um recurso possível, mas nem sempre viável. Pois depende dos mecanismos inerentes à instituição jornalística para lograr difusão (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 173, *italico do autor*).

Quando se trata de assunto pessoal, o cidadão que se sentir prejudicado poderá recorrer ao direito de resposta, assegurado legalmente. Logo, o erro cometido será reparado e publicado em edições posteriores. Com seu caráter relativamente atemporal, a carta do leitor caracteriza-se como um gênero que reproduz “o ângulo de observação que resgata o outro lado do fluxo jornalístico: o do receptor, o da coletividade.” (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 67).

No caso do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, encontramos muitas missivas que nem sempre tratam de intervenção no debate público. Na verdade, há muitas cartas, inclusive de crítica/reclamação, que abordam temas políticos; são verdadeiros exemplos da participação dos cidadãos pernambucanos nas questões de interesse nacional. Por outro lado, identificamos muitas epístolas em que os cidadãos/leitores reclamam da prestação de serviços de telefonia, água, luz, transporte público, infraestrutura etc., ou seja, questões de cunho mais particular, conforme veremos nas análises.

Do ponto de vista histórico, não encontramos na literatura pesquisada, uma data que sirva de marco para o surgimento das *cartas dos leitores* nos jornais. Por outro lado, temos informações que funcionam como pistas para tecermos algumas considerações a esse respeito. A primeira delas diz respeito aos diferentes momentos da governabilidade das nações. A forte censura por parte do Estado e da Igreja ceifava a liberdade de imprensa. A voz do leitor no jornal possivelmente não se fazia ouvir, até porque a grande massa era analfabeta e não desfrutava desse bem cultural que é a escrita. Em suma, Igreja e Estado sempre foram os filtros que arbitrariamente faziam o que bem lhes parecia.

No caso brasileiro, encontramos um dado significativo:

O *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, primeiro periódico publicado por brasileiro, e primeiro livre da censura portuguesa, circulou de 1º de junho de 1808 a dezembro de 1822. (...) Dividia-se em seções: *Política*, contendo documentos oficiais, nacionais e estrangeiros; *Comércio e Artes*, com informações sobre o comércio nacional e internacional; *Literatura e Ciências*, com informações científicas e literárias, livros e sua crítica; *Miscelânea*, com matéria variada, informações do Brasil e de Portugal e até polêmicas; *Reflexões*, sobre as novidades do mês, com os comentários dos acontecimentos recentes; e ***Correspondência, que inseria as comunicações recebidas, às vezes anônimas, às vezes sob a responsabilidade de estranhos, com o próprio nome ou pseudônimos*** (...) (SODRÉ, 1966, p. 28, negritos nossos).

Essa informação nos assegura que as cartas de leitores já figuravam até mesmo no primeiro periódico brasileiro livre da *censura prévia*, no século XIX. Lá já se podia encontrar a seção “Correspondência”, evidenciando que o diálogo<sup>26</sup> do jornal com seus leitores é fato antigo, conquanto ocorresse de forma tímida, obviamente.

Entendemos, portanto, que, do ponto de vista político e econômico, a queda das monarquias, a ascensão da burguesia ao poder e, sobretudo, a abertura democrática, fruto de revoluções em várias partes do mundo, possibilitaram uma maior participação do público leitor na mídia impressa. Cremos que seja a partir daí que começa a figurar nos jornais a opinião dos cidadãos comuns que, ávidos por participar do debate público e por exteriorizar seus anseios, não se furtam a enviar seus escritos às redações dos jornais.

---

<sup>26</sup> Termo utilizado aqui em sentido diferente daquele que se refere à conversa face a face. Estamos utilizando este termo no sentido bakhtiniano, para quem todo enunciado suscita resposta, visto que o dialogismo é constitutivo da linguagem humana.

Ademais, o papel da escolarização para dominar a tecnologia da escrita e o aumento do poder aquisitivo das classes menos favorecidas também são fatores relevantes para a consolidação desse ideal democrático e, conseqüentemente, dessa participação mais ativa no mundo midiático, como forma de exercício da cidadania.

Visto isso, sistematizamos, com base na literatura consultada, algumas características do gênero comunicativo *carta do leitor*. Primeiramente, há de se convir que se trata de “um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário” (BEZERRA, 2010, p. 228) e que tem como suporte jornais e revistas (em suas versões impressas e eletrônicas), dirigidos aos diversos tipos de público (infantil, infantojuvenil, adulto).

Seguramente, esse é um gênero com *diferentes nomenclaturas*, uma vez que é conhecido no meio em que circula como *carta do leitor*, *carta de leitor*, *carta à redação*, *carta ao redator*, *carta ao editor*, *carta ao diretor*. Com base nisso, cada jornal/revista dá um nome específico para a seção em que elas aparecem: *Painel do leitor*, *Cartas*, *Voz do leitor*, *Fala o leitor*, *A palavra do leitor* (SILVEIRA, 1979); *Agora eu digo*, *Do leitor*, *Sempre quis saber*, *Super leitor* (ESPÍNDULA, 2011), entre outros.

Do ponto de vista de sua organização estrutural, a *carta do leitor* é um gênero “transmutado”. Ou seja, em sua *concepção*, assemelha-se à carta pessoal ou ao e-mail, apresentando seção de contato, núcleo da carta, seção de despedida, assinatura (NOVAES, 2006); *pós-edição*, caracteriza-se como um texto curto, que geralmente contém título – como forma de sumarização do assunto do texto (CECILIO e RITTER, 2010) –, corpo do texto, nome do autor, local (colocado na parte inferior da carta), ausência da data de envio (PASSOS, 2003); algumas vezes apresenta endereço de e-mail para contato; outras vezes, traz a função/cargo desempenhado pela pessoa que enviou a carta.

A bem da verdade, a *carta do leitor* configura-se como um gênero de múltiplos propósitos comunicativos; geralmente tem a finalidade de elogiar, solicitar, divulgar, sugerir, perguntar, agradecer, retificar, esclarecer, criticar, denunciar, reclamar etc. Esses três últimos parecem ser os propósitos predominantes, o que levou Costa (2005) a rotular a *carta do leitor* de “gênero porta-voz de queixa, crítica e denúncia” ou ainda “um dispositivo eficaz de divulgação de problemas”. Lemos (1979) preferiu metaforizá-las como uma “espécie de *muro das lamentações*”.

Quanto às formas de envio, não podemos negar que, com o advento da internet, a forma mais prática para se enviar um texto à redação é por e-mail, porém a maioria dos jornais/revistas também recebe cartas via correio (COSTA, 2005) ou fax (KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2010); outros periódicos ainda recebem ligações telefônicas e as transformam em cartas, o que evidencia um processo de retextualização.

Um aspecto curioso com relação ao gênero em debate diz respeito ao fato de ele ser produzido pelo leitor e editado pela edição do jornal. Melhor dizendo, o leitor da mídia envia a *carta ao editor* da revista/jornal – “leitor preferencial”, no dizer de Buani (2007) –, que poderá alterá-la, adaptando-a para “resguardar o ethos do jornal” (COSTA, 2005). Por isso, dizemos que se trata de um gênero retextualizado, já que o texto é produzido pelo “leitor, de quem partiu o texto original, e [pel]o jornalista, que o reformulou” (BEZERRA, 2010, p. 228). Isso evidencia que “nem todas as cartas recebidas por um jornal são publicadas. Há uma triagem, uma seleção. É a redação que decide qual carta publicará” (MELO, 1999, p.28).

É inegável o *caráter aberto* da carta ao editor, posto que se trata de um gênero de domínio público (BEZERRA, 2010), assim como os demais publicados em jornais/revistas, uma vez que pode ser lido “por todos os leitores do meio de comunicação para o qual foram enviadas” (CARDOSO e SILVA, 2006, p. 15), ou seja, é “dirigida a destinatários desconhecidos” (PASSOS, 2003, p. 81).

No que concerne aos níveis de linguagem, por se tratar de uma espécie de carta, próxima de uma “conversa por escrito”, a *carta do leitor* quase sempre é produzida num registro formal distenso. Em outros termos, não chega a ser ultraformal, tampouco predominantemente informal. Para Costa (2005), “espera-se que a linguagem usada aproxime-se da modalidade oral da língua”; no dizer de Buani (2007), a depender do veículo em que a carta apareça, é possível até mesmo a “presença de gírias no texto”. Na visão de Nunes (2011b, p. 1239), “embora circule na modalidade escrita da língua, a *Carta do Leitor* apresenta marcas da oralidade, ratificando a ideia do *continuum* tipológico dos gêneros textuais.”

Por outro lado, Espíndula (2011) afirma que as cartas “usam a linguagem em sua variedade culta”, perspectiva que se coaduna com Melo (1999) e Passos (2003). Bezerra (2010) adverte que se trata de um gênero textual de fácil acesso que “está escrito em registro formal ou semiformal do português”, variando conforme o

suporte. Portanto, inferimos que há uma variação de registro, ocasionada pelos diferentes veículos de comunicação e públicos-alvo a quem a carta se destina.

Embora a *carta do leitor* seja uma “ramificação” do gênero maior *cartas*, Melo (1999, p. 14-15) classifica-a como “um gênero secundário”, visto que “a carta pode sofrer modificações, pode vir a ser editada antes de sua publicação, o que implica na reformulação do texto original.” Ademais, o ato de elogiar, reclamar, esclarecer, dentre outros, é praxe na oralidade das interações cotidianas. Logo, a carta ao editor os incorpora e dá-lhes uma feição de texto escrito, o que também contribui para caracterizá-la como um gênero secundário. Mesmo assim, dada a sua “espontaneidade” (MATIAS, 2007), e por apresentarem quase sempre uma sintaxe menos rigorosa, as cartas de leitores foram classificadas por Fontanini (2002, p. 227) como “textos breves de cultura popular”.

A *carta ao redator* também é caracterizada como um gênero híbrido. De fato, quando da sua concepção, ela tem “formato semelhante à carta pessoal” (CARDOSO e SILVA, 2006), já que “está inserida dentre as cartas de caráter pessoal” (PASSOS, 2003), resguardadas as suas particularidades. Para Cecilio e Ritter (2007), o caráter interativo das cartas à redação “reforça a idéia de aproximação da carta do leitor com a carta pessoal”, no suporte investigado por elas. De outro modo, Melo (1999), p. 23) defende que “a carta à redação guarda pouca semelhança (...) com o gênero epistolar carta. (...) Escreve-se para os possíveis leitores, que, podendo se qualquer um, são todos, é o público leitor, heterogêneo e bastante indeterminado.”

Apesar de se postular que a *carta do leitor* é um gênero opinativo e, por conseguinte, predominantemente argumentativo, em virtude da presença de recursos “que caracterizam a argumentatividade presente no texto” (SILVA, 2011), nada impede que outras sequências textuais<sup>27</sup> possam vir a aparecer. Segundo

---

<sup>27</sup> A propósito, esclarecemos que as sequências textuais ou tipologias textuais “são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições” (ADAM, 2011, p. 205, negritos do autor). Para esse mesmo autor (idem), “**uma sequência é uma estrutura**, isto é:

- uma **rede relacional hierárquica**: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- uma **entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna** que lhe é própria, e, portanto, em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto).”

Passos (2003, p. 87), as “cartas são constituídas de seqüências argumentativas, expositivas e narrativas”, no suporte que investigou. Exceto a seqüência dialogal, a nosso ver, todas as demais podem aparecer na carta do leitor. É assim que entendemos esse gênero como tipologicamente heterogêneo.

Sem dúvida, o gênero em tela apresenta uma considerável versatilidade temática. Segundo Passos (2003, p. 86), “o corpo do texto das *cartas de leitor*, como em qualquer outra carta, versa sobre assuntos variados”. Ademais, elas também variam conforme o suporte. Bezerra (2010) exemplifica que *Veja* frequentemente aborda temas de interesse nacional, *Capricho* centra-se em temas de interesse pessoal, ao passo que *SuperInteressante* tem um viés mais científico. No caso da pesquisa de Cecilio e Ritter (2007, p. 2064) “as cartas abordam temas que remetem a edições anteriores da revista ou à solicitação de reportagens”.

Como se trata de um gênero textual menos formatado, já que é um tipo de carta, o leitor/escrevente sente-se mais à vontade para expressar seus pensamentos. Ao contrário dos gêneros científicos e da burocracia administrativa e empresarial, que tendem a ser mais objetivos e impessoais, segundo Passos (2003, p. 101), as *cartas de leitores* apresentam “características interativas e subjetivas”, como por exemplo na “desinência número/pessoal dos verbos” que trazem à tona a “marcação da subjetividade, prevalecendo o eu como elemento centralizador”.

Todavia, conforme esclarecem Cardoso e Silva (2006), convém ressaltar que nas *cartas de leitores* podem aparecer linguagem mais pessoal ou mais impessoal ou ainda a possibilidade de utilizar os dois tipos de linguagem ao mesmo tempo; enfim, maior ou menor impessoalidade, de acordo com a intenção do autor. Numa perspectiva benvenistiana, Mello (2007, p. 1957) afirma que “a (inter)subjetividade está no uso da língua em qualquer instância comunicativa, embora não marcada formalmente”.

Não é um equívoco afirmar que quem envia cartas à redação são escreventes “anônimos”. Para Melo (1999, p. 26), “na maioria das vezes, são leitores anônimos que assinam as cartas”. Com efeito, o anonimato a que a autora se refere diz

---

É assim que “essas diferentes combinações são denominadas ‘narrativa’, ‘argumentativa’, ‘explicativa’, ‘dialogal’ e ‘descritiva’.” (ibidem). Ao mesmo tempo, essas tipologias textuais constituem o TEXTO, entendido como “*uma estrutura hierárquica complexa que compreende n seqüências – elípticas ou completas – do mesmo tipo ou de tipos diferentes.*” (ADAM, 2009, p. 129, itálico do autor). Advertimos, porém, que o conceito de tipologia textual não deve ser confundido com o de gênero (textual/discursivo/retórico/comunicativo), já discutido no capítulo anterior desta dissertação.

respeito ao fato de os leitores/escreventes serem pessoas que não ocupam o alto escalão do governo ou que não são reconhecidos da população. Em outros termos, Bezerra (2010, p. 229) explicita que são pessoas comuns “apenas identificadas, na seção de cartas, pelo nome e cidade/estado de onde enviam a correspondência.”

Outra característica da carta de leitor é a sua *atemporalidade relativa*. Enquanto alguns gêneros têm um caráter mais duradouro, outros “envelhecem” muito rapidamente. Se compararmos charges com receitas culinárias, não fica difícil compreender que aquelas são bem mais temporais – “sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos” (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 66) –, enquanto estas são mais atemporais, ou seja, podem ser compreendidas em diferentes épocas, sem depender inteiramente da situação retórica que as originou. Diante disso, a carta do leitor se situa num nível de *relativa atemporalidade*, já que não é completamente dependente do contexto imediato; apesar de “alimentar-se”, em grande parte, de matérias jornalísticas, estrutura-se “de modo temporalmente mais defasado”, já que “não coincidem como o seu [dos fatos] momento eclósivo” (MARQUES DE MELO, 2003a, p. 66).

Neste capítulo, foram abordados assuntos que contemplam um olhar sócio-histórico sobre as *cartas*, como gênero que deu origem (e continua dando) a muitos outros. Nesse ínterim, não ficaram de fora considerações acerca do trabalho jornalístico no que concerne aos recursos que favorecem o direcionamento ideológico da mídia, a fim de que compreendêssemos melhor o funcionamento do gênero *carta do leitor*. Por fim, esboçamos, baseados em pesquisas realizadas com o gênero em tela – sob as mais diferentes perspectivas teóricas –, algumas características constatadas em *cartas à redação*.

No capítulo seguinte, teceremos algumas reflexões sobre a resposta para a pergunta: “como a pesquisa foi desenvolvida?” Portanto, trataremos do aparato metodológico da investigação por nós realizada.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

*É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.*

**Émile Benveniste**

Neste capítulo, abordaremos os aspectos metodológicos da nossa pesquisa, cujo objetivo é delinear para o leitor o caminho percorrido por nós para chegarmos aos resultados e discussão que serão apresentados mais adiante. Com efeito, este é um ponto crucial em qualquer pesquisa, posto que o conhecimento científico para ser caracterizado com tal exige, de fato, uma ancoragem teórico-metodológica.

Partindo dessa observação, convém tecer algumas considerações acerca da ocorrência da *carta do leitor* na mídia em questão. Portanto, elencaremos alguns tópicos que se seguirão, no que diz respeito à revisão da literatura sobre o tema, ao suporte onde a carta do leitor circula, à coleta do material, à seleção do *corpus* e à natureza da pesquisa em discussão.

#### 3.1 Da revisão da literatura sobre o tema

Embora já se tenha percebido nos fundamentos teóricos deste trabalho, não é por demais enfatizar que suas bases teóricas assentam-se na Linguística de Texto e, mais especificamente, na Teoria de Gêneros Textuais, em sua concepção sociorretórica. Neste tópico, discorreremos um pouco sobre a busca pelo que já havia sido escrito sobre o gênero em estudo. Julgamos esse tópico relevante, pois:

É preciso ressaltar, em relação à metodologia sociorretórica de análise de gênero, que a própria busca de material bibliográfico já perfaz um passo da pesquisa, pois não se trata apenas de visualizar o debate acadêmico, mas de entender como a comunidade discursiva onde o gênero circula (nesse caso a de produção do jornal) o concebe. Nesse momento inicial, busca-se um conceito mínimo que permita ao pesquisador entender como o gênero funciona na comunidade discursiva e, portanto, que tipo de material terá que analisar e como deverá coletá-lo (SIMONI; BONINI, 2009, p. 126).

Diante disso, afirmamos que um dos desafios desta pesquisa foi encontrar trabalhos direcionados para ou que estivessem muito próximos do gênero em pauta, no campo dos estudos linguísticos. Na verdade, eles ainda são escassos. Mesmo assim, não desistimos de procurá-los. E encontramos: duas teses de doutorado<sup>28</sup>, três dissertações de mestrado<sup>29</sup>, seis capítulos de livros publicados<sup>30</sup> e treze artigos<sup>31</sup> disponíveis em *sites* da internet, ora publicados em revistas científicas, ora em anais de eventos.

Por um lado, convém ressaltar que grande parte dos trabalhos citados são estudos aplicados ao ensino. Noutras palavras, são propostas didático-pedagógicas, uma vez que a *carta do leitor* presta-se a múltiplos usos na sala de aula, o que, seguramente, configura-o como um gênero textual didatizável. Por outro lado, observamos que nem todos os trabalhos lidos focam o construto genérico em si. Às vezes, ele é tomado apenas como um recorte autêntico de uso da língua, no qual são examinados tópicos gramaticais.

No entanto, mesmo sendo estudos realizados com base em alguma teoria da área da Linguística, percebemos que nenhum dos trabalhos encontrados se propunha a fazer um estudo da *carta do leitor* na perspectiva que adotamos, ou seja, nenhum deles tinha como marco teórico a teoria de gênero, em sua abordagem sociorretórica. A única exceção encontra-se em Simoni e Bonini (2009), cujo trabalho ancora-se, de fato, na teoria que referimos. Mesmo assim, seu estudo não versa necessariamente sobre a *carta do leitor*, mas sobre um outro gênero, também do domínio jornalístico, que os autores denominam *carta-consulta*.

Diante disso, já que trabalhamos com um gênero jornalístico, optamos, como forma de enriquecer a pesquisa, por extrapolar o campo da Linguística e adentrarmos outro universo que também trabalha com linguagem, porém numa perspectiva diferente: a área de Comunicação. Portanto, buscamos subsídios em escritos de autores que estudam o jornalismo. Lá encontramos alguns textos que

---

<sup>28</sup> Melo, 1999; Paredes Silva, 1988.

<sup>29</sup> Matias, 2009; Rocha, 2008; Silva, 2005.

<sup>30</sup> Bezerra, 2010; Köche; Boff; Marinello, 2010; Simoni & Bonini, 2009; Passos, 2003; Fontanini, 2002; Paredes Silva, 1997.

<sup>31</sup> Silva, 2011; Espíndula, 2011; Matias, 2010; 2007; Cordeiro & Oliveira, 2010; Rangel, 2008; Rodrigues, 2007; Cecilio & Ritter, 2007; Mello, 2007; Buani, 2007; Cardoso & Silva, 2006; Novaes, 2006; Costa, 2005.

foram de extrema valia para o debate ora posto<sup>32</sup>. Esse passo foi fundamental para podermos vislumbrar o olhar de alguém que está, em certa medida, situado nos bastidores da produção jornalística/impressão, pois são conhecedores, de alguma forma, de características específicas dessa comunidade discursiva.

### 3.2 Caracterização do suporte: o *Jornal do Commercio* (JC)

Em se tratando da *carta do leitor* na mídia, tanto impressa quanto virtual, os/as leitores/as escrevem sobre os mais diversos assuntos que sejam dos seus interesses e, mais que isso, desejam torná-los públicos, por isso recorrem a esses suportes<sup>33</sup>, a fim de que os seus textos sejam publicados em lugares apropriados.

No que se refere à pesquisa em tela, escolhemos como veículo de comunicação para a coleta dos nossos dados o *Jornal do Commercio* de Pernambuco: um periódico diário que circula tanto na versão impressa, quanto digital. Ressaltamos que a coleta dos nossos dados não foi feita nesta versão, porém naquela.

Fundado em 1919, o JC, como os demais jornais da grande imprensa, está dividido nos tradicionais cadernos de Política, Economia, Internacional, Brasil (notícias nacionais), Cidades (notícias mais locais), Esportes, Caderno C (cultura e diversão) e Classificados. Além disso, ele também tem os suplementos semanais, tais como Tecnologia (terça-feira), Turismo (quarta-feira), Boa Mesa (sexta-feira), Galera JC (sábado), Arrecifes e JC TV (ambos no domingo). O jornal dispõe de várias colunas que tratam dos mais variados temas e, vez por outra, lança um Caderno Especial, o qual sempre traz em seu bojo uma série de reportagens sobre um determinado tema polêmico e/ou que está muito em voga.

De especial interesse para nós é uma das seções que foge um pouco ao chamado *jornalismo informativo* e adentra o *jornalismo opinativo*. Melhor dizendo, é uma seção fixa do referido jornal, intitulada *Opinião*, em cujo *layout* (conferir anexo A deste trabalho) aparecem o editorial, a charge, os artigos de opinião e as cartas

---

<sup>32</sup> Marques de Melo, 2003a; 2003b; Mesquita, 1998; Silveira, 1979; Lemos, 1979; Sodré, 1966.

<sup>33</sup> Marcuschi (2008, p. 174, itálicos do autor) define o suporte como “*um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.”

enviadas pelos leitores, já que estas polemizam temas de relevância social e dialogam com outros gêneros textuais do mundo do argumentar.

Recentemente, depois da coleta dos nossos dados, essa seção sofreu mudanças. Permanecem na seção *Opinião* apenas o editorial, os artigos e a charge. As cartas ganharam relevo numa nova seção, em página específica, intitulada “Voz do leitor”, em que, além de enviarem cartas, os leitores podem interagir de outras formas com o jornal, enviando fotografias e vídeos (estes para a versão digital, obviamente). Para tanto, os leitores podem escrever cartas e enviá-las, via correios ou via e-mail, ou ainda ligar para a redação.

A partir das mudanças realizadas, o jornal passou a publicar diariamente uma média de doze/treze *cartas de leitores*, além de mostrar em suas páginas fotografias enviadas pelos próprios leitores. Na parte superior da seção “Voz do leitor”, aparecem os seguintes dizeres: “Sua opinião é muito importante”<sup>34</sup>. A preocupação do *JC* com os leitores levou o jornal a estampar na sua capa todos os dias uma chamada para a seção interna, o que não se fazia antes, quando colhemos os nossos dados. Normalmente, aparece nessa chamada um trecho aspeado de uma das cartas do dia, com o número da página do jornal em que se pode encontrar o texto do leitor na íntegra.

Na verdade, convém ressaltar que a nossa pesquisa está focada nas cartas efetivamente publicadas, as quais, de alguma forma, já sofreram intervenção por parte do editor do jornal, visto que já estão diagramadas no jornal impresso. Na ocasião em que realizamos a coleta dos dados, eram publicadas diariamente uma média de sete/oito cartas por dia, que, por serem textos de tamanho relativamente pequeno, constituídos de um único parágrafo, ficam dispostas na forma de coluna, alinhadas à esquerda.

Na maior parte das cartas, aparece um título – em negrito – para o texto, geralmente formado por uma única palavra; vez por outra, vem, juntamente ao texto de algumas cartas, uma gravura colocada pela edição do jornal, o que legitima a sua natureza multimodal, uma vez que todo texto, seja ele oral ou escrito, não deixa de ser um evento multissemiótico.

---

<sup>34</sup> Acreditamos que essa preocupação do jornal impresso com os leitores, numa constante busca pela interação mídia-leitor, tem a ver com uma possível perda de espaço para as mídias digitais, visto que a tecnologia do computador e a conexão em rede (a internet) têm alterado as nossas rotinas e mudado as nossas práticas tradicionais de leitura.

Observemos, nesta figura, uma carta escaneada tal como se apresenta diariamente nas páginas da mídia que nos serviu de suporte para a pesquisa:

**Figura 05 – A carta do leitor no *layout* do jornal**



Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 25/03/2010.

No exemplo acima, temos uma *carta de reclamação*. A figura da torneira encoberta pela teia da aranha sugere o abandono do local, ou seja, como não chega água, a torneira não é usada. O ponto de interrogação formado a partir da gota d'água reforça a ideia do questionamento do leitor/consumidor.

Na mídia veiculadora do nosso objeto de pesquisa, as cartas se agrupam logo abaixo do editorial do jornal – disposto horizontalmente – e ladeiam a charge. Pequenas notas históricas que recapitulam fatos registrados pelo jornal disputam espaço com estas mesmas cartas (ver anexo A deste trabalho).

É fácil perceber que as cartas têm uma disposição gráfico-visual muito semelhante entre si. Aos olhos do leitor comum, elas parecem bastante irmanadas, porém, aos olhos do pesquisador, elas se mostraram bastante complexas e

heterogêneas. É o que veremos nas análises que serão feitas mais adiante neste trabalho.

### 3.3 Coleta do material de pesquisa e seleção do *corpus*

Um dos primeiros passos para realizar a pesquisa correspondia à obrigação de ler diariamente o jornal em pauta ou, pelo menos, passar os olhos ligeiramente para acompanhar os fatos e relacioná-los, evidentemente, com as cartas dos leitores publicadas. Na verdade, os textos que mereciam ser lidos na íntegra eram as próprias cartas, se bem que, vez por outra, precisávamos recorrer a um editorial, uma reportagem, uma fotografia, outras cartas, enfim, com o objetivo de construir os sentidos do texto examinado, uma vez que as cartas mantêm *links* com outros textos do jornal, formando uma *rede de gêneros*. Mais que isso: as cartas também dialogam com outros textos que não são da arena jornalística. Chegamos a encontrar referências a poemas, por exemplo, os quais tiveram que ser pesquisados e lidos para estabelecer uma ponte com a carta em questão.

Nesta direção, adotamos um procedimento simples para acompanhar a publicação das missivas. Todos os dias, depois de serem lidas, as cartas eram recortadas do jornal e afixadas em cadernos, cronologicamente. Assim, iniciamos a coleta no dia 20/03/10 e resolvemos parar no dia 12/05/10, visto que, a nosso ver, muitas coisas já estavam se repetindo e, também, em virtude da vastidão do *corpus*. Portanto, julgamos ser o momento oportuno de parar com a coleta. Na verdade, colecionamos um total de 372 cartas. Este número é, realmente, uma enorme quantidade para se fazer análise. No entanto, julgamos positivo esse procedimento inicial, pois, dessa forma, pudemos nos familiarizar melhor com o gênero e, ao mesmo tempo, ter uma visão mais ampla do seu funcionamento.

Coletado o material, tínhamos pela frente o desafio de delimitar o *corpus*, visto que, como dissemos, o número de exemplares do gênero era grande, logo, se fosse para fazermos uma análise de todo o material, no curto período de tempo disponível, a pesquisa poderia se tornar inexecutável. Diante disso, resolvemos fazer um primeiro afunilamento, partindo de um critério cronológico: estabelecemos um período de 30 (trinta) dias consecutivos de ocorrência do gênero. Logo, consideramos o período de 20/03/10 a 20/04/10. Mesmo assim, o total de cartas ainda foi de 237.

É válido sublinhar que, depois desta delimitação<sup>35</sup>, todas as cartas até então recortadas e afixadas em cadernos apropriados, foram digitalizadas (conforme podemos verificar no anexo B deste trabalho). Não obstante, urge destacar que a digitalização das missivas não exime a autenticidade do gênero. Ademais, tentamos digitá-las o mais parecido possível com a sua apresentação gráfica no jornal. Embora a digitação elimine a figura que, geralmente, acompanha o texto, optamos por manter as cartas digitalizadas, uma vez que a multimodalidade não faz parte do escopo desta pesquisa.

Contudo, agora, a nosso ver, já era possível fazer uma categorização das epístolas com base em seus propósitos comunicativos. Assim, começamos a agrupar as cartas de acordo com o objetivo a que se propunham. Foi dessa forma que chegamos aos resultados apresentados na tabela abaixo:

**Tabela 01 – Categorização das cartas dos leitores**

<b>PROPÓSITO COMUNICATIVO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Criticar/reclamar	154
Elogiar	024
Esclarecer	020
Sugerir	013
Consultar/perguntar	009
Alertar	005
Solicitar/pedir	004
Apelar	004
Agradecer	002
Divulgar	001
Desabafar	001
<b>TOTAL</b>	<b>237</b>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

De fato, quanto ao propósito comunicativo, já tínhamos uma dimensão real dos dados, porém, para fazermos uma análise minuciosa, ainda tínhamos um *corpus* bastante extenso. Diante disso, decidimos fazer um segundo recorte. Portanto, a

<sup>35</sup> Esclarecemos que o número de exemplares que constitui um *corpus* de uma dada pesquisa varia de acordo com a intenção do pesquisador. Embora essa quantidade (237, no nosso caso) possa parecer excessiva, ela ainda se mostra inferior, quando comparada a outras pesquisas que, analisando esse mesmo gênero textual, porém em outros veículos de comunicação, à luz de outras teorias, tinham como *corpus* 275 (PASSOS, 2003) e 293 (MELO, 1999) *cartas de leitores*, respectivamente.

presente pesquisa ficará dividida em dois *corpora*: um expandido e outro restrito. O primeiro diz respeito ao total de cartas acima recortado, isto é, o conjunto das 237 (aquelas digitalizadas e constantes do anexo B desta dissertação); o segundo, refere-se às cartas que serão analisadas ao longo desta dissertação, ora apresentadas na íntegra, ora em excertos (estas cartas ou fragmentos delas aparecerão enumerados, entre parênteses, conforme a ordem disposta nos anexo B deste trabalho).

É pertinente chamar a atenção para o fato de que organizar o material coletado e selecionado em dois *corpora* não é, a rigor, uma inovação nossa. Procedimento semelhante já havia sido adotado por Melo (1999, p. 7-11), quando, estudando também o gênero textual “carta à redação” – porém à luz da Análise do Discurso, em uma perspectiva de linha francesa – deixou bem claro esse procedimento metodológico na sua tese de doutorado.

Similarmente, Silveira (2005), pesquisando um gênero da burocracia administrativa – o ofício –, ao montar o *corpus* da sua tese de doutorado, também coletou uma quantidade maior de exemplares do gênero, totalizando 56; depois, destes foram selecionados 48 ofícios para se fazer análise, seguindo a metodologia implementada por Bhatia (1993) e aplicando, com adaptações, o modelo de Swales (1990) à análise de um gênero não acadêmico.

No nosso caso, para a análise do gênero, do ponto de vista da sua organização retórica, isto é, dos elementos que se repetem, constituindo as regularidades do gênero, fizemos algumas escolhas como base em alguns critérios. Ou seja, apesar de a carta de crítica/reclamação aparecer com maior frequência, perfazendo um total de 64,98% do *corpus*, não fizemos análise de sua organização retórica, visto que há quase um consenso de que toda *carta do leitor* seja uma carta de reclamação. Com a intenção de desconstruirmos esse equívoco, decidimos, para este estudo, priorizar as *cartas de elogio, esclarecimento, sugestão e consulta*, excetuando-se também aqueles tipos de carta que apareceram com menor frequência no *corpus* expandido.

Portanto, na página seguinte, apresentamos uma tabela que informa a quantidade de cartas que será analisada, do ponto de vista da sua organização retórica:

**Tabela 02 – Tipos de carta do leitor que serão analisadas sociorretoricamente**

TIPO DE CARTA	QUANTIDADE
Carta de elogio	24
Carta de esclarecimento	20
Carta de sugestão	13
Carta de consulta	09
TOTAL	66

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

O procedimento foi desenvolvido com base na comparação entre movimentos retóricos (*moves*) e passos (*steps*) ou estratégias nos exemplares de uma mesma espécie de carta. Em síntese, trata-se de uma análise empreendida à luz dos postulados de Swales (1990), Bhatia (1993) e Silveira (2005), com adaptações, à análise de um gênero jornalístico.

Convém frisar que, para as demais análises, que não a da organização retórica, tal como a contextual-enunciativa, sobre a qual discorreremos no próximo capítulo, consideramos o *corpus* expandido do trabalho, buscando, quando necessário, o exemplar do gênero na íntegra ou em fragmentos.

### 3.4 Natureza da pesquisa

De forma geral, sabemos que as pesquisas científicas podem ser, no mínimo, de dois tipos: quantitativas ou qualitativas. No que diz respeito à primeira, sabemos que ela:

recorre à quantificação como única via de assegurar a validade de uma generalização, pressupondo um modelo único de investigação, derivado das ciências naturais, que parte de uma hipótese-guia, só admita observações externas, siga um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas (CHIZZOTTI, 2003, p. 222).

Por outro lado, a pesquisa qualitativa:

recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Pelo que vem sendo discutido ao longo desta dissertação, infere-se que a pesquisa em tela é de natureza predominantemente qualitativa, uma vez que, embora recorramos a quantificações estatísticas como forma de sistematização dos dados, as análises em si são de natureza interpretativa. De fato, trata-se de uma análise documental de um *corpus* constituído de *cartas do leitor*, como já referimos acima. Esse método de coleta de dados é importante porque, segundo Lüdke e André (1986, p. 38), “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.”

Convém notar que esse tipo de pesquisa parece ser o mais apropriado para as investigações na área das Ciências Humanas e Sociais, e mais especificamente no campo da Linguística, posto que lidar com o texto-gênero, na perspectiva que adotamos, é lidar com um construto que não pode ser enquadrado em fórmulas, examinado em laboratório, dissecado e isolado como se faz com uma bactéria, um vírus, um fóssil, um composto químico etc. Dessa forma, os dados coletados na nossa pesquisa, “representam ainda uma fonte ‘natural’ de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

Examinar textos é examinar práticas languageiras autênticas, enquanto ocorrência na comunicação. Investigar gêneros é pensar o texto a partir dos seus usos, sempre se levando em consideração suas condições de produção e recepção, o lugar social de onde os sujeitos se posicionam, as relações sociais imbricadas nesses eventos, sem descartar o componente histórico-ideológico. Noutras palavras, considerar a *ação social*. Enfim, estamos diante de um artefato linguístico-cultural que, para ser analisado em todas as suas dimensões, não pode ferir os princípios da própria natureza da linguagem humana, que é simultaneamente escorregadia, opaca, volúvel e mutável.

Neste capítulo, procuramos esclarecer a metodologia que adotamos para a realização da pesquisa. Caracterizamos a mídia que serve de suporte para o gênero pesquisado, descrevendo como as cartas se arranjam no espaço do jornal. Além disso, expomos como se deu o processo de coleta dos dados, desenhando o trajeto por nós percorrido para ler, recortar, selecionar e digitar o *corpus*. Por fim, discutimos a natureza da pesquisa em questão, posto que se configura como predominantemente qualitativa, respaldada por dados quantitativos, os quais são interpretados e apreciados.

No capítulo seguinte, daremos início à análise dos dados coletados. Nele, faremos uma análise apreciativa do contexto enunciativo da carta do leitor. Noutros termos, trata-se de uma abordagem mais discursiva do gênero em tela, contemplando aspectos relacionados à sua produção, edição e recepção na sua esfera de circulação típica. Julgamos este momento oportuno, tendo em vista que a abordagem sociorretórica dos gêneros textuais os toma como construtos retóricos motivados por uma situação retórica recorrente. Portanto, urge compreender um pouco mais de que maneira a carta do leitor responde a essas situações, considerando alguns dos aspectos sociais, linguísticos, retóricos, cognitivos e ideológicos aí subjacentes.

#### 4 ANÁLISE CONTEXTUAL E ENUNCIATIVA DA CARTA DO LEITOR

---

*Um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro do seu contexto de situação, se me é permitido cunhar uma expressão que indique, por um lado, que a concepção de contexto precisa ser ampliada e, por outro, que a situação em que as palavras são usadas jamais poderá ser descartada como irrelevante para a expressão linguística. Podemos ver o quanto a noção de contexto necessita ser substancialmente ampliada se quisermos que ela tenha plena utilidade. De fato, ela deve ultrapassar os limites da mera linguística e ser alçada à análise das condições gerais sob as quais uma língua é falada.*

**Malinowski**

Considerando a *carta do leitor* como prática socioideológica de uso da língua, mostraremos, neste capítulo, quem são os sujeitos que as enviam ao *JC*, de qual lugar social eles falam e onde vivem; julgamos pertinente ainda pôr em cena o processo de edição das cartas, uma vez que elas não são publicadas *ex integro* pela redação do jornal; ademais, não deixamos de lado as funções sociais da carta do leitor, seus propósitos comunicativos, suas temáticas, bem como o público a quem se destina. Todos esses elementos contextuais e enunciativos são fundamentais para visualizarmos o entorno que subjaz ao gênero, porquanto, como afirmam Bakhtin & Volochínov:

Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação. (...) O discurso verbal em si, tomado isoladamente como um fenômeno puramente linguístico, não pode, naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1976, p. 4-5).

Nesse prisma, procuramos enfatizar que a arquitetura de um gênero textual nunca deve se dissociar do seu projeto enunciativo, pois, como disse Marcuschi (2008, p. 155), “não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas”, já que “eles são parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela.” (idem, p. 156).

Se nos valêssemos da metáfora do *iceberg*, à qual já nos referimos anteriormente, diríamos que fazer análise do contexto enunciativo-discursivo de um gênero textual significa, minimamente, ir em busca de sua parte submersa, isto é, das questões que envolvem os seus processos de produção, edição, circulação e recepção. Aliás, o que a nós se apresenta por meio da materialidade linguística de um gênero textual é, quiçá, somente a ponta do *iceberg*. Assim, não podemos descolar o texto, enquanto unidade da comunicação humana, do mundo da vida. Em termos filosóficos, Bakhtin (1997b, p. 183) já dizia que “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem.”

#### 4.1 Considerações sobre os sujeitos que escrevem cartas ao *JC*

Silveira (1979, p. 85), editor da seção “Cartas” do *Jornal do Brasil*, durante algum tempo – em seu texto *Carta do leitor: uma resposta crítica?* – inicia dizendo que “é hábito antigo o diálogo entre os leitores e os jornais”. Ele chega a tipificar os missivistas de jornal em quatro grupos:

- 1 – as **autoridades**, ou não, que louvam ou retificam determinadas informações ou conceitos publicados. (...);
- 2 – os **perfeccionistas**, que não deixam passar nenhuma informação equivocada sem a necessária retificação ou reprimenda. Sobretudo no que se refere a dados históricos, datas e nomes. (...);
- 3 – os que, sentindo-se **lesados** ou prejudicados, recorrem ao jornal em busca de justiça ou apenas de desabafo. (...);
- 4 – os **anônimos**, que sem coragem para assumir determinadas posições, valem-se de mil subterfúgios para ver publicadas suas opiniões. (...) (SILVEIRA, 1979, p. 186-187, negritos nossos).

Tomemos como critério de análise a classificação proposta por Silveira (1979). Primeiramente, convém destacar que as cartas publicadas no *Jornal do Commercio* de Pernambuco, no período observado, não identificam a função social ou a profissão dos indivíduos que as escrevem ou ainda as empresas/repartições nas quais eles trabalham. Todavia, localizamos uma epístola que foge dessa regularidade, mas não sem propósito, conforme mostra a figura da página seguinte:

**Figura 06 – Excerto de carta do leitor enviada por autoridade institucional**

“O caderno especial publicado dia 30, nesse **Jornal do Comercio** ressaltando a importância de olhar para os gigantes da indústria naval e ver até onde Pernambuco pode chegar, é um trabalho primoroso, relevante para este momento em que a indústria naval ressurgiu em nosso País (...). Vamos apoiar a distribuição do caderno no lançamento do navio, em data ainda a ser marcada. É o nosso reconhecimento ao trabalho de vocês. **Etiene Ramos – Petrobras Transporte S.A. – Transpetro**” (099)

Fonte: Jornal do Comercio, Recife, 02/04/10.

Essa é a única carta de todo o material coletado e analisado cuja identificação, além da “assinatura”, traz o nome da instituição à qual o sujeito escrevente pertence<sup>36</sup>. Porém, como já afirmamos, há uma intencionalidade subjacente aí, ideologicamente marcada. Não se trata de qualquer instituição, mas de uma subsidiária (Transpetro) de uma gigante da economia brasileira (Petrobrás). Portanto, é conveniente estampar o nome da empresa até mesmo como forma de validação do jornal. A presença da filiação institucional, uma exceção às demais cartas, é a prova de que, com esse recurso, “instaura-se, assim, um discurso de autoridade, de poder” (MELO, 1999, p. 24), em contraposição às missivas enviadas pelos cidadãos comuns.

Afinal, é também uma *carta de elogio*, o que, em certo sentido, enaltece a instituição jornalística. As marcas linguísticas, por meio dos sintagmas “trabalho primoroso” e “relevante”, e da oração “É o nosso reconhecimento...” evidenciam o teor laudatório do texto. Seguindo a classificação de Silveira (1979), indubitavelmente, esta é uma missiva pertencente ao Grupo 1.

Em se tratando de missivistas do Grupo 2 – os perfeccionistas –, localizamos apenas uma carta desse tipo no nosso *corpus*. Vejamos a fig. 07 da página seguinte:

<sup>36</sup> Melo (1999, p. 27) esclarece o porquê dessa escassez de cartas enviadas à redação por autoridades (pessoais ou institucionais). Para ela, “quando personalidades falam, suas declarações viram notícia, ganham destaque. A imprensa dá sempre um tratamento privilegiado ao discurso das pessoas que ocupam cargos importantes ou são figuras de prestígio na sociedade. As autoridades não procuram o jornal, mas são procuradas por ele, são fontes da informação. Ou seja, as autoridades não têm necessidade de escrever cartas à redação, pois elas têm um espaço garantido e significativo na imprensa. Por exemplo, se o Presidente da República escreve uma carta ao jornal, muito provavelmente, não será veiculada na seção cartas, mas transformada em notícia ou artigo.”

**Figura 07 – Carta enviada por leitor perfeccionista**

“Observamos que na matéria sobre o PAC, publicada no **JC**, do dia 4, Caderno Economia, no quadro “Em marcha lenta”, Pernambuco detém 871 projetos e, no campo, “concluídos”, apresenta um percentual de 9,50% em relação ao total de empreendimentos. Consultamos a fonte “Contas Abertas”, indicada no artigo e constatamos que o total das obras concluídas neste Estado foram 56, o que equivale a 6,42% de 871 projetos. Gostaríamos de perguntar se existe alguma outra fonte que justifique o percentual apontado pelos senhores, porque erros dessa natureza denigrem a imagem do **JC**. Será que podemos confiar em todos os dados apresentados? **Cecília Gomes** – Recife – eaogomes@hotmail.com”

“**NR** – O autor da matéria, Giovanni Sandes, responde: Não há erro da leitora, nem da reportagem. Apenas os números de referência são diferentes. Uma tabela exclui projetos regionais que beneficiam o Estado e a outra não. Assim, facilmente poderíamos encontrar um terceiro e até um quarto número, se observássemos, por exemplo, a execução financeira do PAC só em Pernambuco e em Pernambuco mais projetos regionais.”  
(184)

Fonte: Jornal do Commercio, Recife, 13/04/10.

Verificamos, por intermédio do texto acima, que a missivista é perfeccionista, pois confere e contrasta os dados da matéria jornalística nos mínimos detalhes, com o intuito de averiguar se eles realmente são precisos. Ela não se furta a enviar uma *carta de consulta* ao *JC*, pois certamente almeja uma resposta convincente. Imediatamente, o jornal responde, para preservar a própria face, com uma “Nota da Redação”, explicando que não houve erro ao transmitir a informação.

Valendo-nos ainda da categorização proposta por Silveira (1979), verificamos que os autores das cartas analisadas na nossa pesquisa constituem, em sua maior parte, missivistas do Grupo 3 – os lesados –, visto que houve o predomínio de cartas do leitor do tipo *carta de crítica/reclamação*, como apontam os dados sistematizados mais adiante. A título de ilustração, vejamos esta carta:

### Figura 08 – Carta enviada por leitor reclamante

“É lamentável a forma como o governador Eduardo Campos trata os professores. O Secretário de Educação, por sua vez, ninguém fala ninguém vê. Vergonhoso dizer que o aumento ficou em torno de 3%, quando outras categorias tiveram bem mais. É assim que querem melhorar a educação no Estado? A eleição vem aí, e se todos os professores da ativa e aposentados souberem dar o troco... Já passamos o ano de 2009 na penúria. Vamos repetir a dose em 2010? Por que esse tratamento para com os professores? **Carmem Ferraz** – Floresta – [carmem465@yahoo.com.br](mailto:carmem465@yahoo.com.br)” (109)

Fonte: Jornal do Commercio, Recife, 03/04/10.

Fica bastante óbvio o discurso da professora, profissão inferida a partir da construção sintática “já passamos o ano de 2009 na penúria”; ela se inclui no grupo de professores, quando usa o verbo na 1ª pessoa do plural (“passamos”). Assim, a docente, sentindo-se lesada pelas atitudes do governo do Estado diante da questão salarial, não se furta a exteriorizar suas lamúrias nas páginas do jornal. Aliás, a seção de cartas do jornal tem se tornado, segundo Lemos (1979, p. 199) “um serviço de utilidade pública que atende e resolve problemas (...) como sendo um dos canais de comunicação que encaminha queixas e denúncias para serem respondidas”.

Quanto ao Grupo 4 – o dos *anônimos*<sup>37</sup> –, todas as cartas que chegam ao jornal passam por processo de conferência, identificação e avaliação. Assim, Marques de Melo (2003a, p. 177) afirma que “as anônimas não merecem qualquer atenção. As outras passam pelo crivo da verificação e são publicadas de acordo com critérios que privilegiam, geralmente, a projeção social do missivista.”

Curiosamente, em sua dissertação de mestrado, Matias (2009) estudou cartas de leitores de periódicos pernambucanos do século XIX. Lá, ele verificou que as cartas eram publicadas na íntegra e que, muitas delas, eram assinadas por pseudônimos, o que, em certo sentido, constitui anonimato, visto que mascaravam o verdadeiro autor. Acerca disso, Cunha (2007, p. 13) afirma que, à época, “estas eram assinadas por pseudônimos ou por pessoas com algum prestígio social ou cargo público, que escreviam para se defender de acusações ou prestar algum

<sup>37</sup> Termo empregado aqui no sentido de “que não tem nome”, “sem assinatura”.

esclarecimento.” Portanto, constatamos que o *JC*, de fato, não publica cartas anônimas.

Nessa linha de pensamento, convém urdir algumas considerações acerca do lugar social ocupado pelos sujeitos que enviam cartas ao *JC*. Como disse Sodré (1966, p. 1), “a história de imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista.” Neste prisma, não podemos deixar de registrar que o jornal é uma empresa que visa à lucratividade e, por isso mesmo, não foge aos interesses financeiros da sociedade capitalista em que vivemos. Os textos veiculados pela mídia são produzidos para serem consumidos, ou seja, são produtos que devem ser vendidos/comprados.

Noutras palavras, vemos na subjacência dessa prática as contradições da sociabilidade, uma vez que quem produz o jornal aparece na posição daquele que detém o poder do que pode/deve ser (ou não) dito, ao mesmo tempo em que quem o compra, se não questionar ou analisar com visão crítica, pode estar apenas reproduzindo e aceitando como verdade absoluta o que a mídia divulga para as pessoas, numa posição tácita de dominado.

Não podemos perder de vista, portanto, que:

A própria indústria midiática, estruturada segundo as regras da economia de mercado, procura captar os anseios dos consumidores, atuando em consonância com as suas expectativas. E quanto maior for a competição entre os produtores mais benefícios terão os consumidores, pela variedade de opções existentes (MARQUES DE MELO, 2003b, p. 138).

A partir dessas considerações, é pertinente reiterar que, pelo menos na mídia em debate, é concedido ao leitor um espaço onde se possa ouvir a sua voz. Mesmo que esse espaço não seja totalmente livre para o sujeito escrevente dizer o que quiser, ele tem a oportunidade de manifestar relativamente seu ponto de vista, questionar a ordem posta, discordar, refutar, desfazer mal-entendidos etc. Inclusive, em uma das cartas analisadas, um leitor se posiciona acerca dessa questão, da seguinte forma:

“[...] Não há um olhar para o futuro, o que vale é o retrato no jornal. A propaganda continua sendo a alma do negócio. **E o espaço para questionar tudo isso é muito controlado.**” (025) [grifos nossos]

Como podemos ver, o leitor que enviou a carta textualiza que a voz do leitor na mídia é, em certo sentido, bastante controlada, haja vista que a publicação de uma carta passa pelo crivo de um editor que a retextualiza. Duvidamos muito que a carta efetivamente publicada seja uma reprodução *ipsis verbis* da carta enviada pelo leitor, conforme mostraremos nas páginas seguintes deste trabalho.

Nesse contexto, lançando um olhar sobre os sujeitos que escrevem cartas ao *JC*, identificamos, primeiramente, dois grandes grupos: 1) sujeitos que emitem sua própria opinião acerca de um determinado fato e 2) sujeitos que falam em nome de uma instituição.

No primeiro caso, *peçoas físicas*, trata-se de cidadãos que escrevem ao jornal: para reclamar de algum problema que lhes afeta em particular ou que atinge a comunidade da qual fazem parte; para tecer alguma crítica, quer seja a políticos, quer seja a personalidades do mundo artístico ou religioso; para elogiar alguma pessoa ou feito ou ainda, mais especificamente, matérias do próprio jornal; para sugerir algum tipo de solução para um determinado problema; para buscar respostas para problemas; para alertar, solicitar, agradecer etc.

No segundo grupo, *peçoas jurídicas*, observamos que se trata, predominantemente, de *cartas de esclarecimento*. Com efeito, são, em sua maioria, cartas-resposta que as instituições enviam para os leitores que fizeram algum tipo de reclamação ou solicitação. Aqui, mais uma vez, vemos a preocupação que as instituições têm em preservar a sua imagem perante a sociedade, sejam elas públicas ou privadas.

Leiamos o texto abaixo, conforme mostra a figura 09:

#### Figura 09 – Carta do leitor enviada por pessoa física

“Na entrevista do governador Eduardo Campos, no final do ano passado neste **JC**, ele disse que 2010 seria o ano da saúde de Pernambuco. Embora estejamos no início de 2010, percebe-se que muito terá de ser feito para a população do Estado ser bem atendida, sobretudo os usuários do plano de saúde Sassepe, dos funcionários públicos. Inclusive, sugiro ao **JC** tentar fazer uma marcação de consulta no 0800-284-2727, call center do Sassepe. Tal call center é o único que conheço que só dá sinal de ocupado. Nós, usuários, ficamos tentando horas para ser atendidos e, quando somos ouvidos, as vagas (oito por dia para cada especialidade em todo o Estado) já têm sido preenchidas. Para professores que têm dois vínculos como no meu caso, recebemos o desconto do plano nos dois contratos, ou seja, pagamos em dobro por um serviço que não funciona bem nem pela metade. **Alexsandro Cavalcanti** – Abreu e Lima – quimicalex@hotmail.com” (068)

Fonte: Jornal do Commercio, Recife, 28/03/10.

Essa é uma *carta de reclamação* enviada por um leitor à redação do jornal. A insatisfação do escrevente está clara na passagem “pagamos em dobro por um serviço que não funciona bem nem pela metade”. Trata-se, aliás, da manifestação de um usuário do plano de saúde dos servidores públicos estaduais de Pernambuco, Sassepe; é a voz de um sujeito trabalhador, um professor, profissão inferida do texto por meio da construção sintática “como no meu caso”, em que o pronome possessivo na 1ª pessoa do singular (“meu”) marca que o autor da carta pertence ao grupo dos “professores que têm dois vínculos”.

Agora, vejamos, na figura abaixo, o que respondeu a instituição, cujo discurso está a serviço do Estado, obviamente:

**Figura 10 – Carta do leitor enviada por pessoa jurídica**

“Em resposta à carta “Consultas”, a diretoria do Sassepe informa que o sistema agenda mais de 40 mil consultas por mês. Para a especialidade de cardiologia, por exemplo, a oferta mensal é de oito mil vagas. É importante esclarece que, diariamente, a grade é aberta para todas as especialidades. Os agendamentos são realizados por especialidades e em horários pré-definidos. Ao todo, são mais de 50 terminais de atendimento exclusivos para o usuário do Sassepe. Ressaltamos, ainda, que alguns médicos específicos atendem em determinados dias da semana e há uma cota definida de consultas, o que pode restringir o limite de vagas/dia. Quanto ao desconto do Sassepe em contracheque, segundo a Lei Complementar nº 30 – que regulamenta o Sassepe, o percentual é calculado sob o total de vantagens, provenientes do Estado, recebidas pelo servidor. **Assessoria de Imprensa do IRH** (105)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 02/04/10.

Ficam bastante óbvias, a partir do cotejo entre as duas cartas, as intenções discursivas dos sujeitos envolvidos nessa interlocução. A *carta de reclamação* (fig. 09), uma voz que rompe com a ordem (im)posta, com a aceitação tácita das coisas, com o conformismo, representa o discurso de um sujeito que “compra” os serviços do plano de saúde e está insatisfeito com ele, por isso exige mudanças no sistema de atendimento.

Por outro lado, a *carta de esclarecimento* (fig. 10), numa tentativa de preservar a imagem da instituição – o governo do Estado de Pernambuco – que “vende” os serviços, em certa medida, desmente as críticas feitas pelo leitor,

mostrando o outro lado, agora positivo, da questão, inclusive recorrendo a bases legais.

Ao longo das nossas investigações, constatamos ainda duas ocorrências de cartas que não representam um ponto de vista particular do sujeito escrevente nem tampouco são cartas-resposta com a finalidade de fazer algum esclarecimento. Contudo, representam vozes coletivas, uma vez que são identificadas com autoria da “Equipe MID Comunicação” (carta 143) e do “Condomínio do Edifício Tiradentes” (carta 198), respectivamente, que podem ser verificadas no Anexo B deste trabalho. Ambas são cartas cujo propósito comunicativo é elogiar o jornal.

Na nossa investigação, as cartas também foram analisadas do ponto de vista de sua autoria, considerando o espaço geográfico de onde o sujeito escrevente fala. Julgamos esse passo importante para podermos vislumbrar melhor o público que escrevia cartas ao *JC*, quando realizamos a pesquisa. Os dados aparecem sistematizados na tabela a seguir:

**Tabela 03 – Quem escreve cartas ao *JC* (abordagem geográfica)**

LOCAL	QUANTIDADE
Região Metropolitana do Recife	212
Interior de Pernambuco	010
Outras Unidades da Federação	015

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

A leitura da tabela acima deixa entrever que os discursos que ecoam nas *cartas dos leitores* veiculadas pelo *JC* não refletem a opinião do povo pernambucano em sua totalidade. As vozes que podemos ouvir a partir desse gênero, nesse suporte, são predominantemente dos habitantes da capital do Estado e do seu entorno. Encontramos cartas identificadas com os mais diferentes locais da região metropolitana do Recife: Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho, Paulista, Camaragibe, Abreu e Lima, Itamaracá, São Lourenço da Mata, Igarassu e Ipojuca.

Por outro lado, este estudo nos mostra que há um público, ainda tímido, residente no interior do Estado, que também escreve cartas ao *JC*, quer sejam habitantes da Zona da Mata, do Agreste ou do Sertão. Assim, verificamos, na ocasião da pesquisa, que havia cartas escritas por pessoas das cidades de Goiana, Sirinhaém, Limoeiro, Angelim, Belo Jardim, Pesqueira, Floresta e Afogados da Ingazeira.

Além disso, o jornal também publica, embora seja uma quantidade rarefeita, cartas enviadas por leitores que vivem em outros estados do Brasil. É o caso, por exemplo, das pessoas que se identificaram como sendo moradoras das cidades de São Paulo, Campinas-SP, Petrópolis-RJ e Rio de Janeiro.

#### 4.2 O envio de cartas à redação e seus processos de edição

É certo que, diante dos avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, a maneira mais rápida e eficaz de o leitor enviar um texto à redação é, realmente, via e-mail. Entretanto, nem todas as missivas analisadas trazem um endereço eletrônico, embora seja um quantitativo muito pequeno em relação à totalidade das cartas do *corpus* expandido deste trabalho que trazem endereço de e-mail. Assim, entendemos que essas cartas são enviadas de outras maneiras, já que no “Entre em contato” o jornal deixa claro que o leitor poderá entrar em contato com a redação “pela internet”, “pelo telefone” e “por carta”. Na nossa investigação, chegamos ao seguinte quadro informativo:

**Tabela 04 – Formas de identificação dos leitores nas cartas enviadas à redação**

IDENTIFICAÇÃO DAS CARTAS	QUANTIDADE	(%)
Assinatura pessoal com e-mail	198	83
Assinatura pessoal sem e-mail	016	6,7
Assinatura institucional com e-mail	001	0,4
Assinatura institucional sem e-mail	021	8,8
Assinatura pessoal e institucional sem e-mail	001	0,4

Fonte: Arquivo do autor da dissertação da dissertação

Vemos que 83% dos dados analisados são cartas de cunho particular assinadas por pessoas que as enviaram por e-mail, ao passo que somente 16 delas (6,7%) não trazem endereço eletrônico. Por outro lado, as cartas que representam a voz institucional, em geral, não trazem endereços eletrônicos, representando 8,8% do *corpus*, visto que são escritas, em sua maior parte, pelas assessorias de comunicação das respectivas instituições. Constituem-se em exceções uma carta assinada pelo “Condomínio do Edifício Tiradentes” (198), a qual informa o e-mail e uma carta que contém dupla assinatura, tanto pessoal quanto institucional (099), conforme vimos na figura 06.

Nessa direção, é ingenuidade pensar que a carta do leitor publicada no jornal é uma reprodução fiel daquela que foi enviada ao editor. Por muitas e diversas razões, o jornal precisa tomar algumas medidas, tais como fazer uma seleção das cartas recebidas, já que todas não poderão ser publicadas devido a inúmeras razões, adaptá-las ao *layout* do jornal, dentre outros procedimentos.

Como destaca Frazão (2007, p. 197), “as cartas e e-mails dirigidos aos meios de comunicação de massa são previamente selecionados pelos editores no momento de decidir sobre a conveniência, ou não, da publicação”. Assim, entendemos que as cartas do leitor publicadas são, de fato, produções retextualizadas, ou seja, há marcas de autoria tanto do leitor que escreve o texto original quanto do redator da seção que edita o texto.

Entretanto, Silveira (1979, p. 189) adverte que o jornal, ao tomar essas medidas, não está praticando censura interna, pois “o que há são critérios de qualidade, além do que o jornal tem o direito e o dever de selecionar e julgar o que vai publicar.” Na verdade, esse é um ponto de vista questionável, visto que o ato de selecionar e estabelecer o que se vai publicar ou deixar de publicar é, de fato, uma forma de censura.

Contando-nos um pouco da sua experiência vivida nos bastidores da produção jornalística, este jornalista português afirma que:

Na impossibilidade de inserir todas as missivas que são recebidas pelo jornal, a seleção deve obedecer a critérios de pluralismo, com vista a traduzir, na medida do possível, a diversidade de opiniões expressas pelos leitores. Em princípio não é legítimo selecionar excertos ou suprimir períodos ou parágrafos, sem consentimento prévio do autor da carta, mas – conforme referem as *Directivas para o trabalho jornalístico* do Conselho de Imprensa alemão (...) – <<os cortes são possíveis se a seção do correio dos leitores possui indicação permanente especificando que a redação se

reserva o direito de encurtar as cartas dos leitores que lhe são dirigidas respeitando o seu teor.>> (MESQUITA, 1998, p. 99).

Com efeito, na ocasião da pesquisa, encontramos na mídia que serve de suporte para a nossa pesquisa uma nota de esclarecimento<sup>38</sup> no final da página da seção de *Opinião*. Portanto, o jornal faz isso para se resguardar, pois, para ele, quem envia cartas à redação aceita tacitamente as regras do jogo. Contudo, segundo Mesquita (1998, p. 99), “esta ressalva não confere aos jornalistas o direito ao árbitro, nem a desfigurar o ponto de vista expresso pelo autor”.

No dizer de alguns jornalistas, um dos maiores problemas enfrentados pela edição do jornal para publicar cartas de leitores é a falta de espaço. Alcides Lemos, redator do *Jornal da Tarde* (SP), responsável pela coluna *São Paulo pergunta*, em fins da década de 70 do século passado, já afirmava isso:

Espaço. Isso mesmo, espaço, o espaço que hoje é reclamado pelos leitores e espectadores, onde os veículos de comunicação serão convidados a também prestar contas ou dar satisfações, objetos de uma salutar autocrítica. Para os leitores, nos jornais, isso será muito mais do que a conquista de um direito. Será uma homenagem ao mais antigo veículo de comunicação social (anterior mesmo à tipografia), à mais pura forma de jornalismo: A CARTA (LEMOS, 1979, p. 213).

Outros autores afirmam também que, ao escrever uma carta, o sujeito deve ter claro que seu primeiro obstáculo é, justamente, convencer o jornal de que é a sua carta, no meio de tantas outras, que merece ser publicada; é fazer com que, no processo de edição, o veículo preserve ao máximo seu texto para que suas opiniões cheguem aos demais leitores da forma mais fiel possível (MELO, 1999). Nesse ponto – “falta de espaço” – frisamos que se trata de um argumento pouco convincente, pois não falta espaço para publicar anúncios de todo tipo, inclusive, muitos deles, eticamente questionáveis.

Ademais, ressaltamos que o processo de edição de uma *carta de leitor* é feito com base em alguns recursos, tais como: a eliminação de informações, a sintetização e a paráfrase. Cabe, então, ilustrar o que ora vimos discutindo a partir

---

<sup>38</sup> Nota transcrita na íntegra: “As cartas enviadas à Redação não devem ultrapassar 10 linhas. Os editores poderão reescrevê-las, para adequá-las ao estilo do jornal. Os originais não serão devolvidos, assim como o jornal não tem o compromisso de publicar todas as cartas recebidas”. A nosso ver, esse procedimento é uma prova de que o gênero em tela materializa o potencial ideológico exercido pela mídia no controle do que deve ou não ser publicado. É nesse sentido que vemos a *carta do leitor* como um forte componente da manutenção das forças de poder e opressão que se estabelecem sub-repticiamente nas relações sociais.

da comparação de uma carta originalmente enviada pelo leitor, via e-mail, com sua respectiva publicação na página impressa do jornal. Esclarecemos que esta missiva não faz parte do *corpus* expandido da nossa pesquisa, visto que foi colhida tempos depois da coleta do material de pesquisa, conforme mostram as fontes. Vejamos a figura 11 abaixo:

**Figura 11 – E-mail enviado por leitor à redação do JC para lograr publicação**

Patrimônio Cultural

De: Valfrido Nunes (fridoval@hotmail.com)  
 Enviada:terça-feira, 25 de maio de 2010 13:45:26  
 Para: Jornal do Commercio (cartas@jc.com.br)

Caro editor,

Gostaria que encarecidamente fosse dispensada sua atenção à esta minha carta, uma vez que urge alertar as entidades responsáveis e mobilizar a população bonconselhense para uma conscientização sobre nossos patrimônios artístico-culturais.

Bom Conselho, "Terra de Papacaça", é mãe de grandes artistas. Quem nunca ouviu falar em Pedro de Lara? Pois bem, não se trata somente dele. Outras figuras ilustres são filhos de nossa terra, a exemplo do marechal, ex-governador de Pernambuco, ex-senador da República, ministro da guerra, jornalista, romancista, contista e teatrólogo Dantas Barreto. No entanto, o que me causa estranheza é o fato da nossa querida Bom Conselho não ter se quer um pequeno recinto onde se possa apreciar as obras desses artistas. Quantos de nós já leram uma obra literária de Dantas Barreto? Ou ainda, quem é conhecedor do Livro da Sabedoria? Nesse sentido, venho por meio desta lamentar, pois a nossa identidade não é construída sem história, sem memória, sem cultura e, tampouco, sem literatura. Já não é sem tempo construir um museu ou, ao menos, uma Casa de Cultura em Bom Conselho?

Grato pela sua gentileza, aguardo publicação.

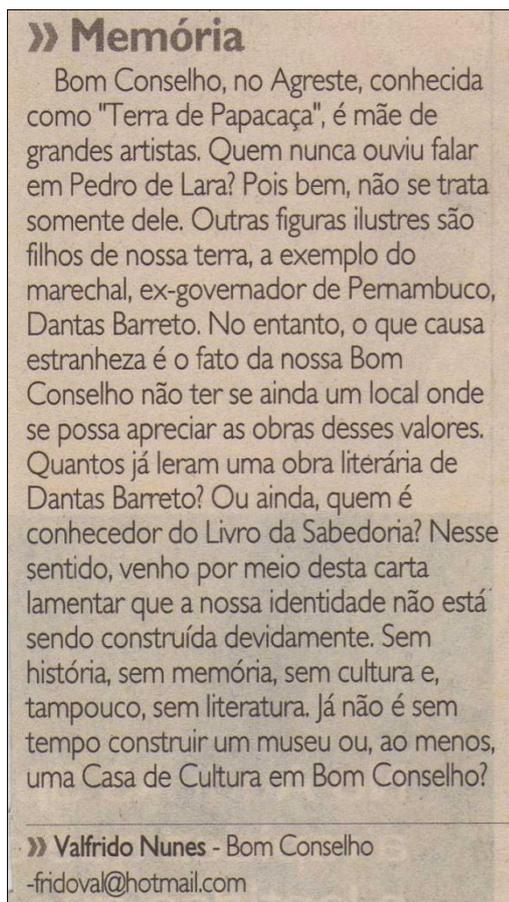
Valfrido Nunes - Bom Conselho/PE

Fonte: [fridoval@hotmail.com](mailto:fridoval@hotmail.com)

No e-mail lido, uma futura *carta de crítica/reclamação*, o leitor lamenta o fato de na sua cidade não haver um museu/casa de cultura que preserve a memória dos seus antepassados, com destaque para um ícone nacionalmente conhecido: Pedro de Lara, visto que é conterrâneo do autor da carta.

Do ponto de vista estrutural, essa *carta do leitor* (que ainda está sendo gestada), ou melhor, este e-mail, conserva as tradicionais marcas das cartas em geral: o endereçamento “de”/”para”, o vocativo, o corpo de texto – “assunto” –, o fecho e a assinatura. Agora, vejamos como esse e-mail foi transformado em uma *carta do leitor*, publicada dois dias depois do envio pelo leitor, no *layout* do jornal, conforme mostra a figura 12:

**Figura 12 – Transmutação de e-mail enviado por leitor em carta à redação**



Fonte: Jornal do Commercio, Recife, 27/05/2010.

Cabe perguntarmos: que mudanças ocorreram na carta publicada, em relação ao e-mail? Ou ainda, que critérios foram adotados pelo editor para fazer alterações no texto original enviado pelo leitor? Na figura abaixo, apresentamos o texto da carta devidamente analisado. Para tanto, esclarecemos que as partes em **negrito** correspondem às passagens que foram totalmente eliminadas; os trechos sublinhados são informações acrescentadas pelo redator do jornal e, por fim, as partes em *itálico* dizem respeito às passagens que foram modificadas/adaptadas pelo editor do jornal. Agora, com base nesses parâmetros, leiamos o texto da página seguinte:

**Figura 13 – Análise das alterações que ocorreram no processo de edição da carta**

*Memória*

**De:** Valfrido Nunes (*fridoval@hotmail.com*)  
**Enviada:** **terça-feira, 25 de maio de 2010 13:45:26**  
**Para:** **Jornal do Commercio (cartas@jc.com.br)**

**Caro editor,**

**Gostaria que encarecidamente fosse dispensada sua atenção à esta minha carta, uma vez que urge alertar as entidades responsáveis e mobilizar a população bonconselhense para uma conscientização sobre nossos patrimônios artístico-culturais.**

Bom Conselho, no Agreste, conhecida como "Terra de Papacaça", é mãe de grandes artistas. Quem nunca ouviu falar em Pedro de Lara? Pois bem, não se trata somente dele. Outras figuras ilustres são filhos de nossa terra, a exemplo do marechal, ex-governador de Pernambuco, **ex-senador da República, ministro da guerra, jornalista, romancista, contista e teatrólogo** Dantas Barreto. No entanto, o que **me** causa estranheza é o fato da nossa **querida** Bom Conselho não ter se (sic) **quer** um *local* onde se possa apreciar as obras desses *valores*. Quantos **de nós** já leram uma obra literária de Dantas Barreto? Ou ainda, quem é conhecedor do Livro da Sabedoria? Nesse sentido, venho por meio desta carta lamentar *que* a nossa identidade não está sendo construída devidamente. *Sem história, sem memória, sem cultura e, tampouco, sem literatura*. Já não é sem tempo construir um museu ou, ao menos, uma Casa de Cultura em Bom Conselho?

**Grato pela sua gentileza, aguardo publicação.**

*Valfrido Nunes - Bom Conselho/PE*

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

A primeira observação a ser feita é com relação às partes negritadas no texto, uma vez que todas elas foram eliminadas. Como era de se esperar, foram suprimidas algumas informações, tais como: os dados referentes à data/horário de envio do e-mail, o vocativo, a solicitação do leitor – argumentando para que o editor publique sua carta –, bem como o fecho e a sigla do Estado. De fato, esses dados são dispensáveis para que a carta se adapte à diagramação do jornal.

Entretanto, observamos que as eliminações seguiram alguns critérios: a maior parte dos apostos que caracterizavam o sintagma “Dantas Barreto” foram eliminados – “ex-senador da República, ministro da guerra, jornalista, romancista, contista e teatrólogo”, permanecendo apenas os dois primeiros; o pronome oblíquo “me” que marcava a subjetividade do autor da carta foi retirado, assim como a expressão “de nós”; o adjetivo “querida”, que tinha função emotiva, foi retirado; a palavra “quer” foi eliminada, talvez por descuido, pois prejudicou a estrutura sintática da oração.

Com relação às passagens sublinhadas, que são os acréscimos postos pela redação do jornal, temos a expressão “no Agreste”, que funciona como um localizador geográfico, para o leitor que não sabe onde fica a cidade; “conhecida como”, uma expressão que cumpre a função de introduzir o aposto do nome da cidade “Terra de Papacaça”; a palavra “carta”, que já estava subentendida no texto original; a locução verbal “está sendo” e o advérbio “devidamente”, que entraram em cena para materializar a mudança que o editor fez no texto original do leitor.

Os trechos em itálico no texto apontam as passagens que foram alteradas ou adaptadas. A primeira delas é o título do texto, visto que a redação do jornal não aproveitou a assunto do e-mail “Patrimônio Cultural”, preferindo criar outro: “Memória”; nome do autor, cidade onde reside e e-mail para contato foram adaptados ao padrão gráfico-visual das cartas no *design* do jornal; a palavra “local” encapsula “pequeno recinto”; a palavra “valores”, colocada e substituição a “artistas”, alterou semanticamente o que o leitor queria dizer, além de parecer estranha ao contexto; a conjunção integrante “que” em lugar da explicativa “pois”, mudou a orientação argumentativa do enunciado, além de o redator ter deixado o restante do enunciado nominalizado, o que parece meio desconexo.

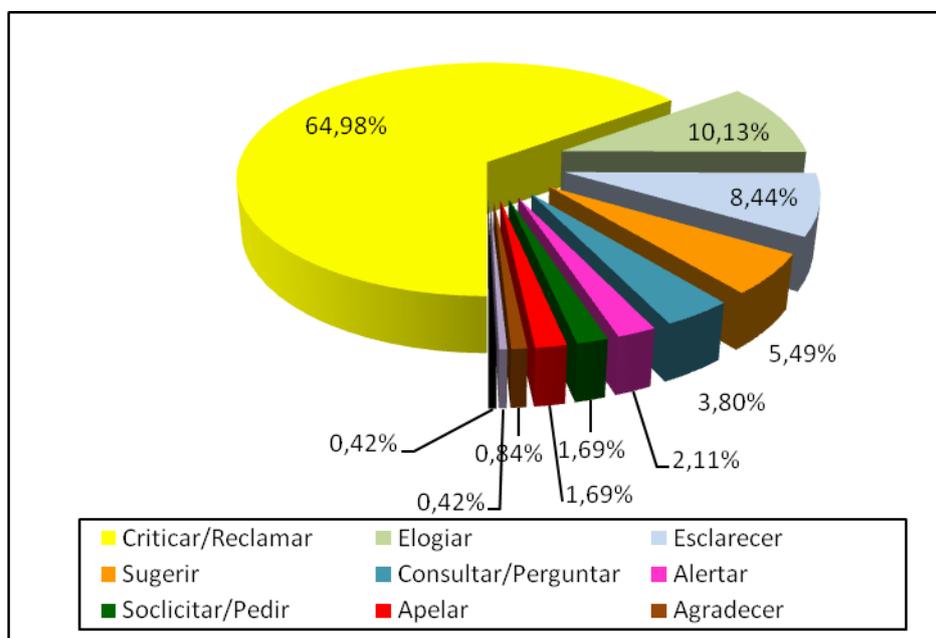
Enfim, verificamos que, deveras, a *carta do leitor* sofre intervenções por parte de quem edita os textos recebidos e selecionados. Logo, concluímos ser a eliminação de informações, o acréscimo e as alterações parafrásticas, com predomínio do primeiro, como Melo (1999, p. 29) já havia constatado, os procedimentos mais comuns no processo de edição das cartas, o que evidencia que, de fato, a *carta do leitor* é um gênero textual que emerge de um processo de retextualização.

#### **4.3 As funções sociais e os propósitos comunicativos da carta do leitor**

É certo que, do ponto de vista de suas funções sociais, a *carta do leitor* funciona como um canal aberto que permite, de alguma forma, o contato entre a mídia e os leitores e os leitores entre si; a bem dizer, ela cumpre um papel importante ao tornar pública a voz do leitor, que muitas vezes busca fazer valer os seus direitos e deveres, como forma de exercício da cidadania. Essa sua funcionalidade, inserida em quadros sociológicos mais amplos, realiza-se no gênero por meio dos propósitos comunicativos subjacentes.

Como já afirmamos em momentos anteriores nesta dissertação, o gênero textual *carta do leitor* na mídia em pauta mostrou-se bastante diversificado quanto aos seus propósitos comunicativos. Na verdade, os leitores escrevem a partir de diferentes lugares sociais, com intenções muito variadas, as quais são manifestas por meio dos seus discursos, materializados no gênero que estamos analisando. É assim que podemos afirmar que o gênero em discussão é extremamente heterogêneo. Não dá para pensar a *carta do leitor* como sendo de um único tipo. De fato, trata-se de uma “família” de cartas agrupadas sob uma mesma denominação, porém com finalidades muito distintas, conforme podemos observar no gráfico abaixo:

**Figura 14 – Propósitos comunicativos do gênero textual carta do leitor**



Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Do ponto de vista linguístico, os propósitos comunicativos, anteriormente mostrados no gráfico, vêm marcados na *carta do leitor*, muitas das vezes, de forma bastante explícita, por meio de um verbo ou expressão verbal que indicam o ato de fala do sujeito escrevente. É o que podemos notar nas passagens abaixo:

**“Quero parabenizar** o JC pela entrevista com o engenheiro João Paulo Aguiar, relativa à anexação da Chesf pela Eletrobrás...” (086)

“**Gostaria de parabenizar** a equipe do Jornal do Commercio pelo brilhante editorial...” (151)

“Em resposta à carta “Lâmpadas”, publicada nesse JC, a Prefeitura de Olinda **informa** ao leitor reclamante, que a Secretaria de Obras...” (003)

“Em resposta à carta do leitor Plínio Palhano, a Compesa **esclarece** que a falta d’água no bairro de Rio Doce, Olinda, foi motivada...” (106)

“Em atenção a Sra. Carmem Ferraz, de Floresta, **ressaltamos** os inúmeros investimentos realizados pelo governo...” (164)

“Em atenção ao leitor Júlio Ferreira, a Secretaria Estadual de Saúde **afirma reconhecer** a superlotação cardiológica do Hospital Agamenon Magalhães...” (200)

“Em atenção à carta do Sr. Dario Medeiros, publicada na edição do dia 8, e em cujo texto o leitor comete um equívoco histórico para fundamentar uma suposta crítica ao prefeito de Ipojuca, **temos a esclarecer** que as homenagens...” (159)

“... **Sugiro** que o Dircon ou quem quer que seja, multe o proprietário.” (181)

“**Gostaria de saber** se é correto a Prefeitura de Goiana cobrar mais que 300% do IPTU/2010...” (011)

“**Gostaríamos de perguntar** se existe alguma outra fonte que justifique o percentual apontado pelos senhores...” (184)

“... **Pedimos** que o Grande Recife Consórcio de Transporte reveja essa decisão e determine a volta da referida linha...” (030)

“**Gostaria de pedir** à Prefeitura do Recife que tapasse milhares de buracos...” (035)

“... **Solicito** à SDS um maior policiamento naquele bairro onde os assaltos de duplas de motoqueiros são constantes.” (065)

“**Faço um apelo** ao prefeito de Sirinhaém...” (061)

“**Gostaria de fazer um apelo** as autoridade competentes, especialmente ao prefeito de Paulista...” (085)

“Só **posso** agora **apelar** para essa coluna...” (233)

“**Venho agradecer** o apoio que o Conselho de Moradores do Loteamento Primavera, em Camaragibe, recebeu do grupo JCPM...” (234)

Contudo, é fato também que nem todos os exemplares do gênero em análise apresentam o verbo explicitamente. Grande parte das cartas analisadas deixa entrever o seu propósito comunicativo pelo próprio teor do texto, e mais notadamente por estruturas sintáticas que sinalizam para o leitor a intenção discursiva de quem escreve. Observemos este exemplo:

**Figura 15 – Carta que não apresenta verbo explícito referente ao ato de fala**

“**Está virando brincadeira de mau gosto.** Toda semana há falta de energia no bairro do Rosarinho e adjacências. Mas nesta semana **a incompetência foi longe demais.** No dia 16 ficamos quatro horas sem energia durante a madrugada. Não houve como dormir em virtude do calor infernal e da morosidade da solução. E no dia seguinte, o fato se repetiu. Após um dia cansativo de falta de sono anterior, mais outra noite de inferno. **Isso é um absurdo. A Celpe, tão competente em cobrar pelo serviço ruim que presta, revela-se uma instituição desorganizada e indolente** quando põe uma gravação de uma irritante voz no 0800 081 0196 afirmando que aguarde atendimento, para em seguida dar sinal de ocupado, deixando o usuário na condição de bobo. **Tanto descaso e incompetência merecem uma punição exemplar.** Carlos Bayma – Rosarinho – carlosbayma@gmail.com (007)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 20/03/10.

Como podemos perceber, não há, nesse texto, um verbo que possamos sublinhar para indicar o ato de fala do sujeito escrevente, porém isso não quer dizer que a carta acima não tenha propósito comunicativo. Fica óbvio que se trata de uma *carta de reclamação*, pois o leitor recorre à mídia na intenção de publicizar o seu sentimento de indignação pela falha na prestação do serviço ao qual ele se refere. As passagens em negrito no texto mostram a seleção lexical<sup>39</sup> e as estruturas sintáticas que reforçam o teor de reclamação da carta.

<sup>39</sup> No dizer de Cordeiro e Oliveira (2010, p. 7), a seleção lexical “é a escolha cuidadosa de palavras que traduz, em sua plenitude, os valores ideológicos e socioculturais assumidos pelo enunciador.”

Para fins de maiores esclarecimentos, vejamos esta outra carta. Convém destacar que, de todo o material coletado, este exemplar é o menor, pois está transcrita integralmente:

**Figura 16 – Menor exemplar de carta do leitor encontrado no *corpus***

“Li matéria de Fabiana sobre os travestis. **Genial**, não encontro outra palavra. Ironia  **fina e alta** sensibilidade.” **Maria Eduarda R. Mota** – Recife – me.rocha@uol.com.br (213)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 17/04/10.

Como podemos notar, mais uma vez não aparece um verbo indicativo do ato de fala do autor da carta. No entanto, inferimos que se trata de uma carta com conteúdo laudatório, em virtude do próprio teor lisonjeiro do texto, no que concerne à matéria anteriormente publicada, marcado linguisticamente pelos adjetivos em negrito. Em suma, trata-se de uma carta cujo propósito comunicativo é elogiar, embora isso não esteja textualmente dito.

Interessante observar ainda que nem sempre o verbo expresso textualmente, bem como outras categorias da língua, corresponde à intencionalidade de quem escreve. Observemos o exemplo abaixo:

**Figura 17 – Carta cujo verbo não corresponde ao ato de fala do sujeito escrevente**

“**Convidamos** o prefeito de Jaboatão dos Guararapes e seus secretários, **especialmente** os de Obras e Saúde, para em um *dia de chuva*, visitar a Rua Amaro Soares de Andrade, em Piedade. Ainda **pedimos** a presença do vice que, na condição de ex-vereador, fez pronunciamento na Câmara requerendo essa obra. **Durante a visita**, as autoridades também **poderão conhecer** o Posto de Saúde da Família que fica numa *rua esburacada com lama e águas empoçadas*. *Há oito anos pedimos a pavimentação da rua.*” **Alberto Ribeiro** – Jaboatão dos Guararapes – Alberto\_loura@yahoo.com.br (204)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 16/04/10.

Como é possível verificar, do ponto de vista formal, a carta contém estruturas sintáticas típicas de um convite, entretanto não podemos afirmar que o propósito comunicativo desta epístola seja “convidar” alguém para um momento solene, uma visita oficial, uma cerimônia. Trata-se de uma crítica ferrenha, por meio do recurso retórico da ironia, pois os termos em negrito contrastam semanticamente com aqueles que estão em itálico no texto. Esse exemplar por si só justifica que a língua permite aos sujeitos falantes/escreventes lançar mão dos mais variados recursos, a fim de tornar eficaz a sua interação verbal.

#### 4.4 Conteúdos temáticos abordados nas cartas e seus destinatários

Da mesma forma como se prestam a diferentes funções sociais, em virtude da variabilidade dos propósitos comunicativos, as cartas enviadas pelos leitores também são muito diversificadas do ponto de vista de suas temáticas, isto é, dos assuntos que elas abordam, com especial relevo para o tipo cartas de crítica/reclamação, muito embora os demais tipos também apresentem certa volubilidade temática. No que tange a esse aspecto, Silveira afirma que:

Quem se der ao trabalho de examinar um período de um ano de cartas publicadas descobrirá que todos os temas ali aparecem. Até porque o público é sensível e reage a todo acontecimento importante. Uma entrevista da TV, um grande pronunciamento de alta autoridade, um fato internacional. Tudo o que é importante repercute nas Cartas dos Leitores quase que imediatamente (SILVEIRA, 1979, p. 189).

Com efeito, ao investigarmos as *cartas de crítica/reclamação*, percebemos que seu temário segue, no mínimo, quatro tendências: 1) grande parte foca a crítica em personalidades do mundo político, religioso ou artístico; 2) a maioria delas critica ou reclama do setor de serviços; 3) umas tratam de problemas sociais recorrentes e/ou temas de interesse nacional e 4) outras criticam o próprio teor das cartas dos leitores, ou seja, é uma crítica entre missivistas.

São ícones desta primeira tendência personalidades como: Lula (então Presidente da República), Dilma Rousseff (então ministra da Casa Civil), Eduardo Campos (governador de Pernambuco), João da Costa (prefeito do Recife), João Paulo (ex-prefeito do Recife), o papa Bento XVI, a atriz Susana Vieira, dentre outros. Vejamos o exemplo da página seguinte:

### Figura 18 – Carta do leitor que critica personalidade do mundo artístico

“No mínimo infeliz a contratação da atriz Suzana Vieira para o papel de Maria, mãe de Jesus, no espetáculo de Fazenda Nova. Além de puro desconhecimento bíblico, com deboches sobre a roupa utilizada, que, segundo ela, era “de pobre” (será que ela sabe quem foi Maria?), bem como de opinar sobre a geração do Menino Jesus que, segundo sua teoria, teria sido “de forma natural, da união de Maria e José, e que só depois teria sido abençoado por Deus”, além do desconhecimento geográfico da localização de Brejo da Madre de Deus, e de debochar da medicina local, quanto ao atendimento oftalmológico. Ainda teve a audácia de se intitular inteligente, rica e moradora da Barra, no Rio. Quem assistiu ao espetáculo comprovou que nem boa atriz ela é mais. A memória já não funciona adequadamente, esquecendo textos simples e de fácil memorização e que não é culpa da idade. É puro desleixo, falta de compromisso. Além de sermos referência na área oftalmológica, também possuímos bons psicólogos e hospitais psiquiátricos que podem auxiliar no tratamento de pessoas que passam por desequilíbrio. Ela bem que poderia ter realizado um check-up aqui no Nordeste.” **Robson Lemos** – Angelim – Robson.tricolor94@yahoo.com.br  
(148)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 08/04/10.

Nessa carta, o leitor manifesta sua indignação diante da atitude da atriz Suzana Vieira, colocando em xeque o profissionalismo dela, uma vez que, na opinião dele, a artista não representou como deveria o papel de Maria na encenação do espetáculo da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, município de Brejo da Madre de Deus – PE. Como podemos ver, ele a critica explicitamente, tachando-a de debochada, desinformada, desleixada e desequilibrada.

Em relação à segunda tendência, o alvo são as instituições (públicas ou privadas) que prestam serviços, tais como empresas de telefonia, água, luz, transportes, limpeza e infraestrutura urbana, planos de saúde, OAB, hospitais, prefeituras, STF, TSE, Ministério Público etc., conforme podemos verificar no texto da figura 17 (à página 103), na qual o leitor, de forma irônica, refere-se à falta de pavimentação da rua onde reside.

Fazem parte da terceira tendência aquelas cartas que tratam de problemas sociais recorrentes e de temas de interesse nacional, como violência urbana,

impunidade, pedofilia, Copa do Mundo de 2014, projeto Ficha-Limpa, possibilidade de administração da Chesf pela Eletrobrás, pré-sal, PAC 1 e 2 e outros mais. Vamos a um exemplo:

**Figura 19 – Carta do leitor que aborda tema de interesse nacional**

“Não sei o motivo de tanto espanto diante da negativa dos deputados federais em votar no Projeto Ficha-Limpa. Afinal, espantoso seria esse ‘magote de sacripantas’, muito dos quais com um passado mais ‘sujo do que pau de galinheiro’, que tomaram de assalto a política brasileira, tivesse aprovado uma lei proibindo que as pessoas com ficha-suja, exatamente como a maioria deles tem, pudesse ser candidato a um cargo eletivo. Como o brasileiro é inocente! Afinal, querer que essa turma votasse favoravelmente a um projeto em frontal desacordo com seus interesses, é algo tão ilusório quanto achar viável a estratégia de ‘colocar raposas para tomar conta do galinheiro’. Esse tal projeto Ficha Limpa, com um texto minimamente decente, só será aprovado no dia de São Nunca, quando a cobra ganhar asas ou quando a galinha criar dentes. (...)” **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com  
(172)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 12/04/10.

Esta carta é um exemplo contundente de crítica aos políticos, especificamente àqueles que discordam do Projeto Ficha-limpa, que, na opinião do leitor, dificilmente será aprovado. Com um discurso recheado de frases-feitas, típicas da oralidade, o leitor textualiza sua indignação diante da não aprovação do projeto. Muito próximas de uma espécie de “metáfora clichê”, essas frases intencionalmente repetidas no texto escrito se configuram como um recurso argumentativo potente para tornar o texto retoricamente eficaz.

Curiosamente, ao longo da pesquisa, identificamos alguns exemplares do gênero *carta do leitor*, em sua variedade carta de crítica/reclamação, cuja crítica se refere ao próprio teor das cartas dos leitores, configurando-se como uma “conversa escrita” entre os próprios missivistas. Adiante, segue um exemplo ilustrativo desta quarta tendência das *cartas de crítica/reclamação*:

**Figura 20 – Carta do leitor que traz uma crítica entre missivistas**

“Alguns missivistas, notadamente, opositores do governo Lula, vem constantemente usando este espaço para criticar o governo mais popular que o Brasil já teve. Será que eles não sabem que o governo vem encarando na investigação e com disposição de resolver todos os problemas? Eu gostaria de adiantar ao Sr. Fernando Spanghero que não venha me confundir com a candidata do presidente Lula. E mais: procure ler e entender o que vem sendo feito no país. **Dilma Carrasqueira** – Olinda – [dilmacarrasqueira@yahoo.com.br](mailto:dilmacarrasqueira@yahoo.com.br)” (139)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 07/04/10.

Nessa carta, vemos claramente que a leitora – coincidentemente chamada de Dilma – mostra-se insatisfeita com a atitude de “alguns missivistas” que tentam, por meio das cartas, denegrir a imagem do presidente Lula. Em seguida, ela critica nomeadamente o Senhor “Fernando Spanghero”, visto que, para ela, ele não lê nem entende “o que vem sendo feito no país”. Esta carta evidencia que os leitores estão atentos ao que o outro escreve, dado que ela responde – no sentido bakhtiniano – à carta (107) anteriormente publicada (ver anexo B deste trabalho), na qual o referido Senhor critica a postura do governo Lula. Pelo visto, fica explicitado que as *cartas de crítica/reclamação* apresentam uma enorme versatilidade temática e, nesta mesma direção, estruturas composicionais muito diversificadas.

Em linhas gerais, na análise das *cartas de elogio*, podemos dizer que a temática predominante circunscreve-se em torno do próprio veículo de comunicação em tela. São cartas enviadas pelos leitores, com tom lisonjeiro, sobre matérias do próprio jornal (editorial, artigos e seus articulistas, reportagens e seus autores e fotógrafos, entrevistas etc.). Constituem exceção a esse predomínio: uma referência elogiosa a José Alencar (ex-vice-presidente da República), uma ao Padre Edvaldo Gomes (Recife) e outra à cidade de João Pessoa-PB. Um exemplo pode ser visto na carta da figura 16 deste capítulo (à página 103).

No que concerne às *cartas de esclarecimento*, como elas funcionam como uma espécie de carta-resposta enviada pela assessoria de comunicação do órgão institucional ao leitor reclamante, suas temáticas versam geralmente sobre os serviços questionados por estes mesmos leitores. Portanto, encontramos cartas que esclarecem ou justificam serviços de infraestrutura, iluminação pública, água, transporte interurbano, concessão de alvará, saúde, educação, dentre outros, como

se poderá verificar no capítulo seguinte, quando tratarmos, com mais detalhe, da organização retórica desse tipo de *carta do leitor*.

Neste sentido, as *cartas de sugestão* também não fogem muito a essa recorrência temática, ou seja, também abordam assuntos referentes à prestação de serviços. Geralmente são sugestões que os leitores enviam como forma de intervir na realidade da comunidade em que vivem. Algumas destas cartas também poderão ser visualizadas no capítulo seguinte, quando trataremos da sua organização retórica.

As *cartas de consulta*, já que geralmente se dirigem a alguém em busca de algum tipo de resposta para o seu questionamento, costumam referir explicitamente a quem está sendo “endereçada”. Logo, tratam de temas muito variados, desde um questionamento sobre aumento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) ao incômodo provocado pelos bate-estacas da construção civil, conforme veremos no capítulo seguinte, quando trataremos da sua organização retórica.

Na análise das temáticas das *cartas de alerta*, constatamos que elas trazem em seu bojo assuntos muito diversos, tais como: possibilidade de acidente causado por orelhão, partilha do pré-sal, trafegabilidade em BR, novo foco de violência e arrastões na praia de Boa Viagem, conforme podemos ver neste exemplar:

#### Figura 21 – Carta do leitor que faz um alerta

“A Secretaria de Defesa Social deve já de agora ficar bastante preocupada e começar a agir, pois com a pressão nos morros cariocas, a criação de unidade pacificadoras e as constantes batidas nas favelas, logo logo eles estarão debandando para outros Estados. E o Recife sempre teve uma preferência pelos forasteiros e posso até apostar que alguns assaltos que não são muito comuns em nossa região, como aos carros fortes, já foram ação deles. **James Leonardo** – Recife – jamesleonardo@uol.com.br” (071)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 29/03/10.

A carta acima citada faz um alerta à Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco sobre a possibilidade de novos focos de violência, motivados pela saída de bandidos das favelas cariocas, devido à ofensiva das Forças Armadas naquela região, bem como pela implantação das Unidades de Polícia Pacificadora

(UPP). Uma característica linguística que merece ser destacada nessa carta é a presença da expressão “logo logo”, uma repetição típica da oralidade<sup>40</sup>.

As *cartas de solicitação* também versam sobre serviços. Destacam-se reivindicações feitas pelos leitores. São, em geral, exigências que os moradores fazem em busca de melhorias para a comunidade em que residem. Na verdade, não é um documento oficial protocolado conforme as regras da burocracia administrativa, mas uma carta, em que eles cobram mesmo, desde a volta de linha de ônibus previamente retirada, passando por operação tapa-buracos, água para escola, policiamento no bairro onde vivem, entre outros.

Abaixo temos um exemplo desse tipo de *carta do leitor*:

### Figura 22 – Carta do leitor que faz uma solicitação de serviço

“Gostaria de pedir à Prefeitura do Recife que tapasse milhares de buracos que se encontram um atrás do outro, no começo da Rua Quarenta e Oito, no Espinheiro. Os amortecedores e pneus do meu carro agradeceriam. **Karyne B. Ferreira** – Espinheiro – karynerouge@hotmail.com” (035)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 24/03/10.

Vemos aqui que a leitora busca solução para um problema de infraestrutura urbana e o faz de forma concisa por meio de figuras retóricas, valendo-se do recurso da hipérbole (“milhares de buraco”) e da metonímia (“Os amortecedores e pneus do meu carro agradeceriam”). Notamos explicitamente o verbo indicativo do ato de fala da missivista: “pedir”, acompanhado da expressão polida “gostaria de...”.

Em se tratando das *cartas de apelo*, o foco também são os serviços. Vejamos a figura da página seguinte:

<sup>40</sup> A esse respeito, Nunes (2011a, p. 205-206) afirma que, “contrariamente à maioria dos gêneros do domínio jornalístico, em que predomina o registro culto da língua (editorial, notícia, reportagem, artigo de opinião) podemos perceber na *Carta do Leitor* certa oscilação no que concerne a esse aspecto, ou seja, há *Cartas* extremamente formais, relativamente formais, bem como outras em que se pode localizar com bastante nitidez a presença de marcadores conversacionais e outros traços que evidenciam forte ‘parentesco’ com a língua em sua modalidade oral.”

**Figura 23 – Carta do leitor que faz um apelo**

“Faço um apelo ao prefeito de Sirinhaém para que remova a feira livre da principal avenida. Ela acontece nos fins de semana, e deixa o local imundo, causando transtornos no trânsito, e, sobretudo deixando a cidade em aspecto horrível. O quadro, prefeito, reflete em sua administração. E na véspera, os feirantes colocam suas barracas no meio da rua. Por que o senhor não transfere para as imediações do campo de futebol? **Jorge Beltrão** – Sirinhaém – jorgebeltrao@ig.com.br” (061)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 27/03/10.

Percebemos que o leitor apela para a remoção da feira livre de um local para outro, dirigindo-se explicitamente ao prefeito da cidade e justificando o porquê desse apelo. Encontramos ainda, ao longo da pesquisa, apelos referentes a cuidados para com a Academia da Cidade (em Paulista, região metropolitana do Recife), melhorias no trânsito e falta de energia em outras localidades. O verbo indicativo do ato de fala também está presente: “faço um apelo”; além disso, a presença do vocativo<sup>41</sup> dá um tom de interatividade ao texto, como se fosse uma conversa face a face.

No andamento da nossa pesquisa, identificamos ainda duas *cartas de agradecimento* (234 e 239, respectivamente, conforme catalogação no anexo B deste trabalho), ambas direcionadas a JCPM (João Carlos Paes Mendonça), ou seja, ao próprio *Jornal do Commercio*, uma vez que ele é o seu proprietário. De forma rarefeita, porém não menos importante, localizamos uma *carta de desabafo* (088) – referente à justiça feita no caso da violência contra a menina Isabella Nardoni – e uma *carta de divulgação* (165), que pode ser visualizada na figura da página seguinte:

<sup>41</sup> Acerca disso, em sua pesquisa, Cecilio e Ritter (2007, p. 2065) afirmam que “uma das marcas linguísticas que garantem a informalidade, a aproximação ente revista/leitor e a familiaridade com a carta pessoal é o uso do vocativo”.

**Figura 24 – Carta do leitor que faz uma divulgação**

“A mesma filosofia do editorial “A nova arte popular”, publicado recentemente no **Jornal do Commercio**, será adotada pela direção da casa de eventos Acrópole, em Limoeiro, de 3 a 6 de junho deste ano. Será a 1ª Feira Regional dos Municípios, destinada a contribuir para o reconhecimento do valor artístico dos artesãos da região e do produto industrial das micro e pequenas empresas. Como se sabe, em volta de Limoeiro localizam-se mais de 20 municípios, com população próxima de um milhão que conta com estradas asfaltadas. A Acrópole já está preparada para o evento, com a instalação dos estandes concluída. Iremos, a partir desta semana, manter contatos com as autoridades municipais e estaduais, objetivando saber se receberemos algum tipo de apoio. Conforme se poderá observar em nosso site [www.acropledelimoeiro.com.br](http://www.acropledelimoeiro.com.br), a nossa casa é a única da região a comportar um empreendimento desse porte. Essa é a nossa maneira de colaborarmos para o desenvolvimento social e econômico de limoeiro e adjacências. Finalmente, não é por demais lembrar, que a região é produtora de artesanato de notável valor artístico como bordados (Passira, Salgadinho, Limoeiro), barro (Tracunhaém), Tapeçaria (Lagoa do Carro), palha de bananeira (Machado, São Vicente Férrer e Macaparana). **José Veloso** – Limoeiro – [jsvadv@uol.com.br](mailto:jsvadv@uol.com.br) (165)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 11/04/10.

A respeito dessa carta, temos a dizer que, de fato, ela tem o propósito de divulgar a casa de evento “Acrópole”, no município de Limoeiro, em Pernambuco. Por outro lado, chamou-nos a atenção sua particularidade hipertextual, embora seja um gênero impresso. Noutros termos, como afirmou Nunes (2010c, p. 8), essa carta mantém uma relação estreita com dois textos que são fundamentais para o leitor compreendê-la em sua inteireza. Ela faz referência explícita a um editorial e a uma *homepage*, levando o leitor a outros textos, como se fossem *links* da internet. Portanto, apresenta certa mobilidade na leitura, conduzindo o leitor “para trás” (se quiser buscar o editorial) e “para frente” (caso queira visitar o *site* do evento).

Assim, é verdade também que todo texto, como ação de linguagem, materializado em um determinado gênero, como forma de ação social, tem público-alvo. Dito de outra forma, todo texto é falado/escrito por um “eu” para ser ouvido/lido por um “outro”. De fato, isso reflete o próprio dialogismo, que é um princípio

constitutivo da linguagem humana. Nesse sentido, o filósofo e linguista brasileiro já dizia que:

Um texto é produzido sob certas condições, por um autor com certos conhecimentos e determinados objetivos e intenções. Em outro contexto de recepção, aquele texto assim produzido pode ter outras condições de recepção. (...). Em geral, o autor tem em mente um certo público, mas não elimina outros. Isso repercute diretamente sobre a forma de organização dos materiais linguísticos e as condições de processamento (MARCUSCHI, 2008, p. 243).

A bem dizer, a *carta do leitor* é um gênero textual que se destina a vários “outros”, isto é, a mais de um interlocutor. Primeiramente, convém destacar que o primeiro destinatário deste gênero é o próprio editor da seção de cartas do jornal, que fica incumbido de receber, ler, selecionar e publicar (ou não) as cartas, visto que a ele é concedido esse exercício de poder. A análise que fizemos na seção sobre o processo de edição das cartas, neste capítulo, corrobora isso que ora afirmamos.

Em segundo lugar, não podemos perder de vista que a *carta do leitor*, quando da sua efetiva publicação nas páginas do jornal, torna-se um gênero textual de caráter aberto. Logo, pode ser lido por qualquer pessoa que tiver acesso ao periódico, seja assinante dele ou não, e que tenha um razoável nível de proficiência em leitura. Nesse ponto, é coerente frisarmos que as instituições – públicas ou privadas – geralmente têm suas assessorias de imprensa, cujos funcionários se encarregam de acompanhar diariamente o que se publica nos jornais. Assim, entendemos que tais instituições também se configuram como leitoras desse gênero textual. Prova disso é que qualquer crítica ou reclamação, enviada pelo cidadão comum e publicada pelo jornal, logo será respondida por suas assessorias de comunicação, como ocorre frequentemente nas *cartas de esclarecimento*.

Em terceiro lugar, muitas vezes o destinatário vem referido no próprio texto. Essa pista linguística é fundamental para compreendermos que o sujeito escrevente da *carta do leitor* quer dirigir-se exatamente àquele interlocutor em particular. É o que mostra a figura da página seguinte:

### Figura 25 – Carta do leitor dirigida a interlocutor particular

“O nosso governador Eduardo Campos não gosta de professor. A classe é mal remunerada, e ele não paga o piso salarial determinado por lei. Lei é para ser cumprida. Governador, não faça propaganda enganosa na mídia. Professor merece respeito.”  
**Júlio Acioli Filho** – Recife – julioacioli@ig.com.br (082)

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 30/03/10.

Nesse exemplo, está visível a referência explícita ao destinatário do texto, por meio do vocativo “governador”. Cumpre salientarmos, no entanto, que nem sempre as autoridades políticas dispõem de tempo para ler efetivamente esses textos, mas, em todo caso, a intenção discursiva de quem o enviou é atingir esse interlocutor em especial.

Em resumo, neste capítulo, procuramos fazer uma análise apreciativa do gênero textual estudado, buscando compreender as suas condições de produção/edição/recepção. Ou melhor, deslocamos o nosso olhar do linguístico para o mundo da vida, procurando compreender o entorno – contexto enunciativo – deste gênero textual. Para isso, classificamos os sujeitos que enviam cartas ao *JC*, a partir da taxionomia de Silveira (1979); olhamos o lugar social de onde esses sujeitos escreventes falam; delineamos, do ponto de vista geográfico, o público que envia cartas ao jornal; analisamos como as cartas são enviadas à redação; abordamos o processo de edição das cartas pelo setor de redação da mídia em tela; identificamos as funções sociais desse gênero textual, materializadas a partir dos seus múltiplos propósitos comunicativos; abordamos as temáticas que são tratadas nas epístolas e tecemos algumas considerações acerca do público leitor deste gênero textual.

No capítulo seguinte, faremos um estudo do gênero foco da nossa pesquisa, no que concerne à organização retórica de quatro de seus tipos, diagnosticados com a nossa investigação, a saber: *carta de elogio*, *carta de esclarecimento*, *carta de sugestão* e *carta de consulta*, respectivamente.

## 5 ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA CARTA DO LEITOR

---

*Tudo o que é tipicamente relevante para o indivíduo era em geral já tipicamente relevante para seus predecessores e, conseqüentemente, tem depositado seu equivalente semântico na língua. Em suma, a língua pode ser vista como a sedimentação de esquemas experimentais típicos que são tipicamente relevantes numa sociedade.*

**Schutz**

A organização retórica de um gênero diz respeito à sua estruturação em *movimentos retóricos* e *estratégias retóricas*. Os *movimentos* são as passagens do discurso que realizam uma função comunicativa<sup>42</sup> específica e que, juntas a outros movimentos, determinam a estrutura informacional global que deve estar presente no texto para permitir que ele seja reconhecido pela comunidade de discurso como um exemplar autêntico de um determinado gênero (SILVEIRA, 2005). As *estratégias* são as táticas das quais o escrevente se vale para atingir um certo objetivo dentro do movimento, contribuindo para construir a rede argumentativa mais próxima ao micronível do texto. Em outros termos, é como se as estratégias funcionassem como *subunidades* de uma *unidade* maior (o movimento retórico).

Nesse sentido, um dos objetivos deste trabalho é mostrar como esses movimentos discursivos, com suas respectivas estratégias, se realizam nos exemplares do gênero em estudo, com a finalidade de chegar a um padrão retórico das variedades analisadas. Assim, constatamos, com a pesquisa, que existe um padrão retórico realizado por meio dos movimentos retóricos, embora observamos que as estratégias retóricas podem variar muito, em função das múltiplas e distintas situações retóricas que motivam a produção da *carta do leitor*.

A bem dizer, identificar onde um movimento retórico se inicia ou onde ele termina não é uma tarefa simples; da mesma forma, não é fácil delimitar as diferentes estratégias utilizadas para realizar um determinado movimento. As

---

<sup>42</sup> Essa função comunicativa é linguisticamente marcada no texto pelos *atos de fala*. Neste trabalho, entendemos um *ato de fala* como “uma atividade pragmática intencional que surge como efeito (força performativa) dos textos ao lado das possíveis informações (força locucional) por eles veiculadas.” (MELO, 1999, p. 18).

fronteiras textuais são muito tênues entre as várias estratégias que compõem um determinado lance retórico. Assim, adotar um critério puramente linguístico para estabelecer as fronteiras entre os estágios discursivos não tem se mostrado eficaz. No dizer deste pesquisador da Universidade de Sydney, na Austrália:

À parte os indicadores físicos, tais como as lacunas nas páginas e as divisões de parágrafos e capítulos, os indicadores de fronteiras são vistos de forma mais clara em termos de conteúdo, ou seja, o que guia nossa percepção das divisões textuais é um sentido mais *cognitivo* do que *linguístico*. Essa posição é defendida por Bhatia, que assinala que a análise de gêneros muitas vezes tem subestimado os fatores psicológicos ao tentar dar conta da descrição dos estágios textuais (PALTRIDGE, 2009, p. 71, *itálicos do autor*).

Com efeito, uma divisão dos estágios textuais que compõem um dado exemplar de gênero deve ser feita, levando-se em consideração muito mais critérios funcionais do que formais. Dito de outra maneira, o princípio adotado para estabelecer fronteiras deve estar baseado na *função* que determinado movimento discursivo realiza, isto é, no seu propósito comunicativo, e não apenas em parâmetros puramente linguísticos, pois, muitas vezes, estes estabelecem “limites imprecisos”. De fato, uma divisão de gênero seguindo apenas parâmetros linguísticos poderá falsear a análise. Portanto, adotamos como critérios para a segmentação do texto: a evidência linguística (forma), a interpretação das informações contidas nos textos (conteúdo) e a experiência do pesquisador como usuário deste gênero textual.

## 5.1 Delimitando algumas variedades da carta do leitor

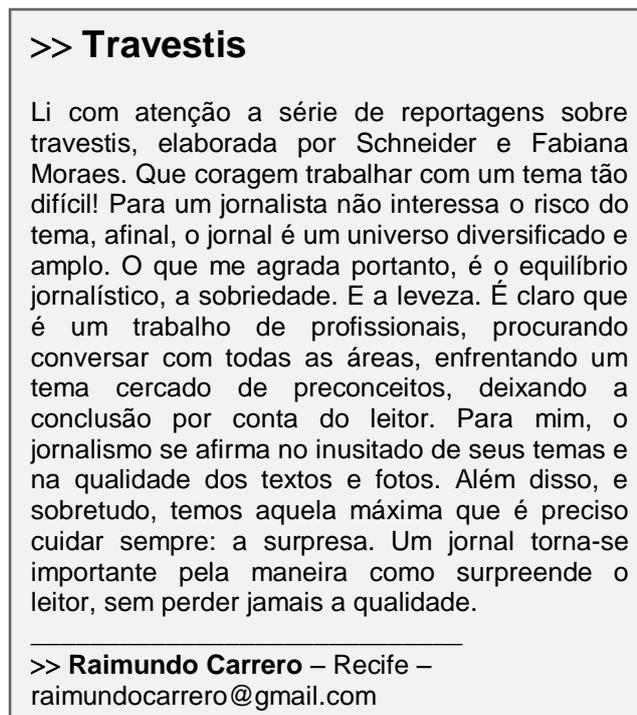
Conforme já explicamos no capítulo que trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa, reiteramos que a análise da organização retórica da *carta do leitor*, neste trabalho, foi feita com base em alguns critérios de delimitação. Assim sendo, por se tratar de um gênero textual cuja natureza é bastante diversificada, julgamos coerente escolher alguns tipos de *carta à redação* para submeter à análise sociorretórica. Dessa forma, exporemos as análises das cartas de *elogio*, *esclarecimento*, *sugestão* e *consulta*, respectivamente. Vejamos, portanto, como as informações são distribuídas em cada uma delas, segmentadas em *movimentos* e *estratégias retóricas*. Ressaltamos, todavia, que a versatilidade é uma

das propriedades marcantes desse gênero textual, conforme mostrarão as análises que seguem.

### 5.1.1 Carta de elogio

As *cartas de elogio*, cujo propósito comunicativo predominante é, evidentemente, fazer um elogio a algo ou alguém, versam, em sua maioria, sobre matérias do próprio jornal. Na verdade, trazem em seu bojo um conteúdo laudatório, porém não menos ideológico, visto que, duvidamos muito da possibilidade de publicação de uma carta que porventura denegrísse a imagem da mídia em questão. Escapam um pouco a essa regularidade temática, as cartas que se dirigem a personalidades – quer sejam políticas, quer sejam religiosas – ou lugares. Do *corpus* expandido em análise, foram contabilizadas ao todo 24 cartas dessa natureza, as quais correspondem a 10,13% dos dados analisados. Convém destacar, portanto, que esse foi o segundo tipo de carta mais frequente na mídia em tela no período observado. Abaixo, leiamos um exemplar autêntico desse tipo de carta<sup>43</sup>:

**Figura 26 – Exemplar autêntico da carta de elogio**



Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 17/04/10.

<sup>43</sup> Para a apresentação dos exemplares que introduzem cada uma das seções deste capítulo, reproduzimos as cartas o mais parecido possível com o seu *design* no *layout* do jornal.

A partir da leitura do texto da página anterior, não é difícil perceber que se trata de uma carta publicada com o intuito de enaltecer uma matéria jornalística, bem como seus respectivos autores. De forma geral, verificamos que a *carta de elogio* organiza-se em três movimentos retóricos: o primeiro deles (M1) – **identifica o texto** – cuja função é sinalizar para o leitor o tópico central sobre o qual a carta discorrerá; tem por função ainda chamar a atenção do leitor para a leitura do texto. Na figura 27, trata-se de temática relativa aos “travestis”. Este movimento contém apenas uma estratégia que se confunde com ele mesmo: citar tópico do texto, e aparece como um lance não obrigatório, visto que a ausência dele em uma das cartas não inviabilizou o reconhecimento do gênero.

Com relação ao segundo movimento retórico (M2) – **faz um elogio** –, julgamos ser esse o bloco principal para a constituição do gênero, uma vez que é nele que encontramos o propósito comunicativo predominante; o tom do texto é principalmente lisonjeiro e de celebração. Contudo, convém frisar que, para realizar este estágio do texto, o sujeito escrevente lança mão de diferentes estratégias. Aliás, elas são tão diversas que não é possível prever qual “caminho” o autor seguirá. Não é sem propósito que, para os 24 exemplares analisados, encontramos 24 formas diferentes de organização discursiva (Ver apêndice “A”). Isso evidencia a plasticidade dessa variedade da *carta do leitor*.

Em se tratando do terceiro movimento retórico (M3) – **fornece dados de identificação** – este é o momento em que aparecem para o público leitor informações pessoais relativas ao sujeito escrevente. Este movimento, neste tipo de carta, apresenta-se organizado em três estratégias: 1) identifica o(a) autor(a) da carta; 2) identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside e 3) apresenta e-mail para contato. A relevância deste movimento retórico é clara, visto que o jornal não publica cartas anônimas. Entretanto, verificamos que, em alguns exemplares, o contato (e-mail) não aparece, configurando essa estratégia como opcional, já que a mídia em tela também recebe cartas por outros meios.

Visto isso, passemos à análise de dois exemplares autênticos da *carta de elogio*, os quais se mostraram um tanto diferenciados, do ponto de vista das *estratégias*, para que possamos visualizar melhor o que vimos discutindo.

**Quadro 01 – Carta de elogio em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (021)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Revisão	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Faz um elogio</i>	Venho parabenizar o artigo do senador Marco Maciel, “É preciso fortalecer os municípios”.	<i>E1 – Parabeniza matéria jornalística</i>
	Ele defende uma revisão dos critérios de repasse do FPM de modo que as prefeituras não fiquem vulneráveis às necessidades do governo e nem as variações da economia mundial.	<i>E2 – Parafraseia o conteúdo da matéria</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Fátima Carneiro	<i>E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta</i>
	Madalena	<i>E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside</i>
	fatinhaalves@hotmail.com	<i>E3 – Apresenta e-mail para contato</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Notamos no texto acima que há uma preocupação do editor em dar um título à epístola. Trata-se de um elemento de orientação que leva o leitor a levantar hipóteses acerca do que será abordado ao longo do texto. Este é, portanto, o primeiro movimento retórico (M1) em que se subdivide a carta do leitor. No decorrer da pesquisa, verificamos que este movimento é predominantemente constituído por apenas um vocábulo, geralmente um substantivo. No exemplar em análise, figura o substantivo abstrato “revisão”, cuja significação se constrói à medida que o leitor adentra o universo da missiva, quando ele perceberá que se trata da “revisão dos critérios de repasse do FPM [Fundo de Participação Municipal]”.

Convém ressaltar que esse estágio textual apresenta apenas uma estratégia, isto é, a carta é identificada, citando-se o próprio tópico do texto. Ademais, verificamos que, dos 24 exemplares analisados, em apenas um deles este movimento não ocorreu. Portanto, entendemos que, apesar da sua não obrigatoriedade, ele é bastante recorrente.

Assim, depois da identificação do texto, encontramos o lance principal (M2). Ou seja, esta é a parte da missiva em que o escrevente fará, de fato, o elogio. Todavia, convém frisar que as estratégias adotadas para realizar este movimento

são muito diversificadas nos diversos exemplares analisados. No exemplo em tela, o elogio foi feito por meio de duas estratégias.

Primeiramente, em (E1), a autora parabeniza a matéria jornalística e, implicitamente, a mídia que a veiculou. Para tanto, recorre à expressão verbal “venho parabenizar”, o que evidencia o propósito comunicativo deste bloco do texto, marcando o ato de fala do sujeito escrevente. Percebemos claramente a marcação da sua subjetividade<sup>44</sup> por meio do verbo “vir” na primeira pessoa do singular. Em seguida, cita o nome da matéria à qual se refere, isto é, um artigo do senador Marco Maciel, cujo título é “É preciso fortalecer os municípios”. A partir deste momento, está claro para o leitor o objeto elogiado.

Ainda para realizar o segundo movimento retórico (M2), a segunda estratégia (E2) adotada pela autora, consciente ou inconscientemente, neste caso, é o recurso da paráfrase. Assim, a missivista retoma o conteúdo global do texto fazendo uso de suas próprias palavras. Implicitamente, ela justifica o porquê do elogio, uma vez que concorda com o ponto de vista defendido pelo senador em seu artigo. Para isso, faz uma citação indireta, com uma estrutura sintática arranjada em um único período composto. A articulação entre esse bloco do texto e o anterior é realizada também pelo pronome anafórico “ele”, cujo referente é “o artigo do senador”.

O terceiro movimento retórico (M3), que é composto por três estratégias diferentes, é relativamente padronizado para a maioria das cartas publicadas. Cremos que este seja um padrão estabelecido pela redação do jornal. Contudo, mesmo assim, há variações.

A primeira estratégia (E1), cuja função é apresentar o nome do(a) leitor(a) que enviou a carta, é item obrigatório, já que, como dissemos, o veículo em pauta não publica cartas anônimas. No exemplo em questão, a carta aparece “assinada” pela cidadã Fátima Carneiro. A segunda estratégia (E2), que cita topônimos, varia entre o nome da cidade e o nome do bairro; este último aparece quando se trata de cidade da região metropolitana do Recife, em razão da popularização dos nomes dos seus bairros, como é o caso da “Madalena”, no exemplar que estamos analisando. Essa

---

<sup>44</sup> As marcas da subjetividade (verbos e pronomes na 1ª pessoa verbal) são recorrentes neste gênero textual, visto que se trata de uma carta, ou melhor, uma espécie de “conversa por escrito”, o que deixa o/a missivista, de alguma forma, mais livre para textualizar suas intenções discursivas e, naturalmente, expressar seus sentimentos e emoções.

estratégia é recorrente em todas as cartas analisadas na pesquisa<sup>45</sup>. A terceira e última estratégia (E3) é aquela em que aparece o contato, ou melhor, o endereço de e-mail, a fim de que os demais leitores do jornal, caso queiram, possam interagir com o(a) missivista. Esta estratégia é opcional, posto que nem todas as cartas que chegam à redação, como já explicamos, são enviadas por correio eletrônico.

Agora, passemos à análise de outro exemplar da *carta de elogio*:

**Quadro 02 – Carta de elogio em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (136)**

MOVIMENTOS	TEXTO	ESTRATÉGIAS
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Desafios	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Faz um elogio</i>	Esplêndido o caderno especial do <b>JC</b> sobre os empreendimentos em Suape.	<i>E1 – Elogia matéria do jornal</i>
	Entre os desafios vencidos pelos asiáticos, especialmente a Coreia do Sul, chama atenção o que diz respeito à educação escolar propriamente dita e, principalmente, os investimentos para que os asiáticos estivessem preparados para trabalharem na indústria naval.	<i>E2 – Ressalta parte da matéria</i>
	Os gestores educacionais de Pernambuco, liderados pelo governador, devem ler esse caderno para absorverem os ensinamentos para quem quer chegar à tecnologia de ponta, mas, principalmente, para tomarem uma decisão política de priorização na educação, capacitando não somente os alunos, mas também os professores da rede pública. Oferecendo, inclusive, todas as condições para um bom rendimento escolar. Novos investimentos estão chegando e com eles, novas oportunidades de empregos.	<i>E3 – Indica ironicamente matéria para leitura</i>
	Parabéns ao <b>JC</b> pelo maravilhoso trabalho.	<i>E4 – Conclui parabenizando veículo de comunicação que publicou a matéria</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Luciano G. Torres	<i>E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta</i>
	Recife	<i>E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside</i>
	ugonto@ig.com.br	<i>E3 – Apresenta e-mail para contato</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

<sup>45</sup> Depois da mudança pela qual o *JC* passou, a qual deu maior visibilidade à voz do leitor, conforme já sinalizamos anteriormente, as cartas enviadas pelos leitores também sofreram alterações e, curiosamente, essa estratégia retórica desapareceu.

Semelhantemente à análise do exemplar anterior, o primeiro movimento retórico (M1) cumpre a função de intitular o texto. Neste caso, novamente um substantivo abstrato – “desafios” – cujas hipóteses sobre a sua significação serão confirmadas quando o leitor fizer o percurso do texto; assim, compreenderá que se refere aos “desafios vencidos pelos asiáticos...”, realidade que se assemelha ao contexto dos empreendimentos tecnológicos e industriais na região de Suape, em Pernambuco.

Por outro lado, não é difícil notar que, diferentemente do exemplar analisado anteriormente, o segundo movimento retórico (M2) – em que se faz o elogio – apresenta quatro estratégias distintas, as quais funcionam como “esteios” para sustentá-lo.

A primeira estratégia (E1) tem por função referir o objeto ao qual o elogio se dirige. Neste caso, “o caderno especial do **JC** sobre os empreendimentos em Suape”. Logo, identificamos claramente que se trata de um elogio à mídia em debate. Ou seja, trata-se de uma *carta do leitor* que dialoga com uma matéria do jornal, um exemplo claro do princípio da intertextualidade temática<sup>46</sup>. Do ponto de vista linguístico, a presença do adjetivo<sup>47</sup> “esplêndido”, que têm um valor semântico marcado por juízo de valor, figura como uma avaliação positiva do objeto em questão. A admiração do leitor pela matéria é notável.

A segunda estratégia (E2) tem por finalidade ressaltar uma parte da matéria, dado que o autor “chama atenção” para um tópico que ele deseja salientar, isto é, a educação e os investimentos em países emergentes, o que levou seus habitantes a estarem aptos para trabalhar na indústria naval.

Posteriormente, já na terceira estratégia retórica (E3), o autor da epístola muda de foco: ele se desloca do elogio para uma crítica velada, que, de alguma forma, mantém coerência que o que vinha sendo discorrido no texto. Para isso, indica a leitura do “esplêndido” caderno do *Jornal do Commercio* pelo governador e

---

<sup>46</sup> A intertextualidade temática, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p.18, negrito nosso), “é encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologias próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica; **entre matérias de jornais e da mídia em geral**, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as revista semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola (...)”

<sup>47</sup> Para Rocha (2008, p. 58), a adjetivação no gênero carta do leitor deve-se ao fato de ele ter “um caráter argumentativo, por ser rico em subjetividade.”

demais gestores educacionais de Pernambuco, pois, na visão dele, é preciso tornar a educação uma prioridade, algo que, supostamente, tais gestores não vêm fazendo.

Por fim, o movimento (M2) se encerra com a quarta estratégia (E4), de forma lisonjeira, dando as congratulações ao suporte em debate, ao passo que, mais uma vez fazendo uso de sintagma adjetival, aprecia o trabalho realizado como “maravilhoso”.

No que concerne ao terceiro movimento retórico (M3), não há novidades em relação à análise do exemplar anterior. No exemplo em questão, a carta aparece “assinada” pelo cidadão Luciano G. Torres, que reside no Recife, e a enviou por e-mail.

Posto isso, é de bom alvitre sublinhar que, a partir de um breve olhar sobre as duas análises acima aventadas, há de se reconhecer que as cartas de elogio apresentam, por assim dizer, diferentes “esquemas” de organização retórica, devidos às restrições postas pelos conteúdos, às audiências e às diferentes estratégias utilizadas pelos sujeitos escreventes para materializar seus propósitos comunicativos. Podemos afirmar ainda que o tipo de *carta do leitor* em debate apresenta uma flexibilidade que parece ser inerente à sua natureza interativa próxima à da conversação, o que, de certa forma, justifica a sua organização de várias maneiras.

Em relação às recorrências, se considerarmos apenas o primeiro e o último movimento retórico, verificamos que há uma relativa padronização; no entanto, o mesmo não podemos asseverar acerca do segundo movimento. É principalmente nele que aparecem as diferentes estratégias para a sua realização. Isso é tão evidente que, no decorrer da pesquisa em *cartas de elogio*, conseguimos esboçar praticamente um esquema retórico para cada exemplar analisado (ver apêndice “A” deste trabalho).

Apesar disso, se fizermos uma aproximação semântica entre algumas estratégias que realizam o segundo movimento discursivo, já que parte delas é retórica e pragmaticamente semelhante, podemos encontrar recorrências, mesmo não havendo evidências da existência de uma forma padronizada dessas estratégias nas *cartas de elogio*. Vejamos a tabela da página seguinte:

**Tabela 05 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de elogio, considerando-se o universo de 24 exemplares**

<b>ESTRATÉGIAS RETÓRICAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIA</b>	<b>%</b>
Parabeniza matéria jornalística OU Chama a atenção para matéria jornalística publicada OU Elogia matéria do jornal OU Elogia jornalistas e matéria escrita por eles OU Parabeniza veículo de comunicação OU Parabeniza jornalista por trabalho desenvolvido OU Cita matéria do jornal que será elogiada	20	83,33
Avalia positivamente a matéria OU Avalia positivamente o veículo de comunicação OU Avalia positivamente o ponto de vista da pessoa elogiada OU Avalia positivamente decisão tomada	7	29,16
Reflete sobre a temática da matéria OU Comenta a matéria	5	20,83
Parafraseia o conteúdo da matéria OU Parafraseia a primeira matéria do jornal	4	16,66
Cita a quem se dirige o elogio	3	12,5

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

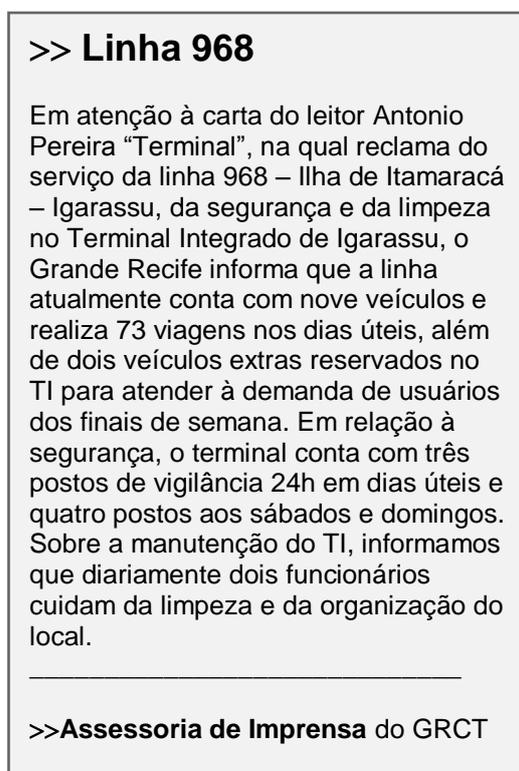
Podemos concluir, portanto, que diferentemente dos gêneros mais formatados, em que os movimentos discursivos são observados rigidamente, o tipo de carta em estudo põe em evidência a versatilidade dos gêneros textuais. A despeito disso, não podemos nos esquecer de que uma vez por outra aparecem recorrências, visto que o ato de elogiar, obviamente, não prescinde da referência ao item elogiado, nem abre mão de um discurso recheado de avaliações e juízos de

valor, visto que a valoração positiva é o seu carro-forte. Linguisticamente, a adjetivação<sup>48</sup> é evidente.

### 5.1.2 Carta de esclarecimento

Fazendo jus à sua própria designação, a *carta de esclarecimento*, como variedade do gênero textual *carta do leitor*, tem o propósito de responder alguma dúvida ou queixa, algum questionamento ou mal-entendido do leitor, por isso é sempre motivada por uma outra carta já publicada anteriormente. Dessa maneira, podemos dizer que elas asseguram, em certo sentido, o direito de resposta que as instituições têm de se defenderem ou, pelo menos, cuidarem da sua imagem perante a sociedade. Abaixo, vejamos um exemplar autêntico desse tipo de carta:

**Figura 27 – Exemplar autêntico da carta de esclarecimento**



Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 05/04/10.

<sup>48</sup> Segundo Cordeiro e Oliveira (2010, p. 5), “a adjetivação é um valioso recurso linguístico que evidencia os fenômenos psicológicos e afetivos da linguagem e enfatizam a originalidade do espírito criador, servindo para ressaltar a subjetividade da linguagem.”

Ao efetuarmos a análise dos movimentos discursivos que aparecem nos 20 exemplares analisados desse tipo de carta, que é o terceiro predominante no *corpus* expandido do trabalho, correspondendo a 8,44%, verificamos que, em linhas gerais, ela se caracteriza por três movimentos, que podem ser sistematizados da seguinte forma: o primeiro movimento retórico (M1) – **identifica o texto** – tem por finalidade sinalizar para o leitor o tópico central sobre o qual a carta discorrerá, chamando a sua atenção, de forma resumitiva, para a leitura. Aliás, praticamente não há variação neste movimento em praticamente todos os tipos de carta do leitor analisadas. Na figura 28, aparece como “Linha 968”.

O segundo movimento discursivo (M2) – **esclarece uma questão** – é o movimento mais importante para a constituição do gênero, uma vez que é nele que encontramos o propósito comunicativo, marcado, inclusive, por um verbo que indica o ato de fala do sujeito escrevente. É nessa passagem que a instituição faz o esclarecimento, respondendo à reclamação ou solicitação anteriormente feita pelo leitor. Para isso, lança mão de algumas estratégias mais ou menos semelhantes em praticamente todos os exemplares analisados, a saber: referir o título, o autor, a data, a cidade e/ou o motivo da carta publicada anteriormente; fazer menção à instituição respondente e, por fim, responder à crítica ou solicitação do leitor. Tais estratégias variam em extensão, frequência e ordem.

O terceiro lance retórico (M3) – **fornece dados de identificação** – identifica a instituição autora do texto. Esse movimento, nesse tipo de carta, diferentemente das demais, tem apenas uma estratégia que recobre o próprio movimento: identificar a(s) instituição(ões) autora(s) da carta.

Agora, analisemos este exemplar da *carta de esclarecimento*, a fim de que possamos vislumbrar com mais precisão o que vimos expondo:

**Quadro 03 – Carta de esclarecimento em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (003)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Manutenção	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Esclarece uma questão</i>	Em resposta à carta “Lâmpadas”, publicada nesse JC,	<i>E1 – Refere título de carta publicada anteriormente</i>
	a Prefeitura de Olinda	<i>E2 – Refere instituição respondente</i>
	informa ao leitor reclamante, que a Secretaria de Obras está realizando manutenção corretiva de 350 pontos de iluminação pública. E nessa manutenção estão sendo beneficiados os bairros de Rio Doce, Casa Caiada, Bairro Novo, Jardim Atlântico, Jardim Brasil, Cidade Alta, Carmo e Águas Compridas. O telefone para reclamações sobre iluminação pública no município é 0800.28.12.112.	<i>E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Assessoria de Imprensa da PMO	<i>E1 – Identifica instituição (ões) autora(s) da carta</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Conforme podemos ver no quadro da página anterior, o primeiro movimento (M1) tem a finalidade primordial de resumir em uma única palavra o conteúdo do texto. Assim, funciona como um elemento que possibilita ao leitor inferir o assunto sobre o qual a carta discorrerá. Ao se deparar com uma carta cujo título é “manutenção”, o leitor é levado a pensar em “reparos”, “consertos”, o que, na verdade, confirma a sua predição à medida que ele adentra a leitura do texto.

O segundo movimento (M2) traz em seu bojo três estratégias que se organizam para compor o núcleo do texto. Primeiramente, (E1) funciona como uma espécie de “gancho” que conecta a *carta de esclarecimento* a uma outra carta aprioristicamente publicada neste mesmo veículo de comunicação. Não é sem propósito que em quase todos os exemplares analisados esse estágio textual se inicia com a expressão “em resposta à...” ou “em atenção à...”, deixando claro que se trata de uma carta-resposta.

Ainda nesse passo, encontramos sempre um “diálogo” materializado entre as duas cartas, seja pelo nome do autor que havia enviado a carta, seja pelo título da carta enviada, seja pelos dois elementos concomitantemente, entre outros. No exemplar em análise, vemos que se aplica o segundo caso, visto que a instituição responde fazendo referência à carta, cujo título é “Lâmpadas”.

Logo após a exposição dos dados que situam o leitor em relação à carta já enviada, como uma espécie de *link*, encontramos na maioria das *cartas de esclarecimento*, em (E2), uma referência explícita à instituição que responde à carta. A bem dizer, trata-se de uma autorreferência, porém marcada por um certo tom de impessoalidade, já que se trata de voz institucional.

Na terceira estratégia retórica (E3), verificamos a resposta efetivamente dada pela instituição ao leitor reclamante. Ela se preocupa em “informar” as atividades que a Secretaria de Obras vem realizando como forma de mostrar seu papel, enquanto estabelecimento público, de atender bem aos cidadãos, prestando os seus serviços com qualidade. Chega mesmo a fornecer um número de telefone gratuito para reclamações, como forma de transparecer que está aberta para outros questionamentos.

Sem desmerecer as demais unidades que compõem o texto, é neste movimento, e mais especificamente em (E3), que podemos localizar o verbo que indica o ato de fala da voz institucional – “informar” –, o que evidencia explicitamente o propósito comunicativo desta carta. Assim, julgamos essa estratégia como condição fundamental para caracterizar a *carta de esclarecimento*.

O terceiro movimento (M3), recorrente em todos os exemplares analisados, fornece os dados de autoria, porém com alguma particularidade nesta variedade de carta. Diferentemente dos demais tipos, em que aparece a assinatura pessoal, seguida de e-mail para contato, aqui temos apenas a expressão “Assessoria de Imprensa de...”, seguida do nome do órgão que emitiu a carta. Neste caso, trata-se de uma pessoa jurídica, ou melhor, uma instituição pública, visto que foi enviada pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Olinda.

Vejamos outro exemplo:

**Quadro 04 – Carta de esclarecimento em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (042)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Galhos	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Esclarece uma questão</i>	Em atenção ao leitor Carlos Bayma que, em carta publicada dia 22, reclamou de interrupções de energia em Rosarinho,	<i>E1 – Refere autor, data e motivo de carta publicada anteriormente</i>
	a Companhia Energética de Pernambuco (Celpe) informa que as duas ocorrências citadas pelo leitor foram provocadas por galhos de árvores que tocaram fios de alta tensão e resultaram na interrupção temporária. Os reparos exigiram cautela dos técnicos para a normalização do fornecimento com segurança para a população. Uma ação de poda na área está sendo agendada.	<i>E2 – Refere instituição respondente</i> <i>E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Assessoria de Imprensa da Celpe	<i>E1 – Identifica instituição (ões) autora(s) da carta</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

O quadro 04 traz um outro exemplar de *carta de esclarecimento*. No que concerne ao (M1), podemos afirmar que tem a mesma funcionalidade já comentada nos exemplos anteriores. Dito de outra maneira, o título do texto tem a finalidade de levar o leitor a construir hipóteses sobre o seu “miolo”.

Tal como o exemplar anterior, em (M2), partindo da primeira estratégia (E1), temos as informações que articulam a *carta de esclarecimento* com a carta anteriormente publicada. Agora, vemos que não aparece mais o título desta, mas sim outras informações que são relevantes para a contextualização a leitura, como o nome do autor – “Carlos Bayma” – e a data em que a carta de Bayma foi publicada – “dia 22”. Além disso, dá pistas referentes à carta com a qual dialoga: era de reclamação e versava sobre as “interrupções de energia em Rosarinho”.

Quanto à (E2), quase não há novidades em relação à análise anterior. Notamos que há uma menção à própria instituição que responde à carta, marcada sintaticamente por um sujeito seguido de verbo na 3ª pessoa do singular, recurso típico das construções impessoais.

O passo seguinte, (E3), vai, de fato, responder à crítica feita pelo leitor, justificando o porquê das interrupções, dado que “foram provocadas por galhos de árvores que tocaram fios de alta tensão e resultaram na interrupção temporária”. Neste “bloco” do texto, localizamos o verbo que indica o ato de fala do autor, neste caso, da instituição – “informar” –, o que explicita a intencionalidade deste exemplar de gênero textual.

A respeito de (M3), temos a dizer que a função dessa parte do texto assemelha-se à análise feita da carta anterior, salvo a natureza da instituição que, nesse caso, é uma empresa privada: a Companhia Energética de Pernambuco (Celpe).

Se tivéssemos que estabelecer uma comparação entre a *carta de esclarecimento* e a *carta de elogio* no que toca às recorrências, diríamos que esta se mostrou bem mais versátil, pois variou constantemente nas estratégias adotadas para a sua composição. Ao contrário, a *carta de esclarecimento* mostrou-se um tanto mais padronizada. Dos 20 exemplares analisados, identificamos 8 esquemas de organização retórica diferentes, conforme podemos verificar no “Apêndice B” deste trabalho.

Logo, atribuímos essa similitude dos exemplares analisados à situação retórica, à audiência, aos conteúdos e aos propósitos comunicativos que motivaram a produção deste gênero textual, sem descartar o papel fundante do editor do jornal, que cumpre o papel de editar estas cartas e dispô-las, a partir de um padrão gráfico-visual, na página do jornal.

Considerando que M1 e M3 mostraram-se bem padronizados, observemos o quadro da página seguinte, que traz uma síntese das recorrências em M2:

**Tabela 06 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de esclarecimento, considerando-se o universo de 20 exemplares**

<b>ESTRATÉGIAS RETÓRICAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIA</b>	<b>%</b>
Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor	20	100
Refere instituição respondente	18	90
Refere autor de carta publicada anteriormente	8	40
Refere título de carta publicada anteriormente	4	20
Refere autor, data e motivo de carta publicada anteriormente	3	15
Refere autor e motivo de carta publicada anteriormente	3	15

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Com base nos dados analisados, podemos concluir que a *carta de esclarecimento*, em seu movimento principal (M2), apresenta certa regularidade. Se tomarmos as quatro últimas estratégias da tabela acima como semântica, retórica e pragmaticamente equivalentes, reforçaremos ainda mais a posição de que essa variedade da *carta do leitor* mostra-se razoavelmente padronizada, malgrado não estejamos prevendo um “modelo” para o gênero, já que não convém examiná-lo atomisticamente.

### 5.1.3 Carta de sugestão

É bem verdade que o leitor de jornal escreve à redação acerca dos mais diversos assuntos que o inquietam, que o afligem, que o deslumbram, enfim. Ele parece encontrar no espaço “voz do leitor” o lugar apropriado para tornar pública a sua maneira de pensar sobre o mundo, a nação e a realidade local, exercendo o seu papel de cidadão participativo.

Por essa razão, o leitor intervém nos problemas circundantes e, sem medo de fazer ecoar a sua voz para todos quantos ao jornal tiverem acesso, “tecla” à redação ou até mesmo deixa a tinta deslizar sobre o papel, lacrando o envelope e encaminhando à imprensa as suas “mal traçadas linhas”.

Isso posto, verificamos com a pesquisa que o ato de sugerir também faz parte da rotina daqueles que enviam cartas ao jornal. Pelo visto, em alguns momentos, não basta apenas denunciar os problemas, mas também é preciso propor soluções para eles. É principalmente sobre isso que versam as *cartas de sugestão*. Vamos a um exemplo:

**Figura 28 – Exemplar autêntico da carta de sugestão**

**>> Bondinho**

Em Lisboa, Rio de Janeiro, Belo horizonte e outras cidades onde se preservam os prédios históricos, podemos encontrar entre outros meios antigos de locomoção, o bonde ou trem tipo “maria fumaça”. Aqui no Recife existe um bairro chamado Recife Antigo que, para fazer jus ao título ainda precisa de muito investimento, principalmente em bonde que poderia circular em suas ruas. E até trilho já tem. Ao fazer essa sugestão nessa coluna durante a gestão anterior, recebi ligações de pesquisadores que me pediram mais detalhes sobre essa ideia, porém, até agora nada se fez de concreto. Acredito que, pelo espírito empreendedor do prefeito, talvez essa sugestão seja dessa vez aproveitada.

---

>> **Cláudio de Melo Silva** – Olinda –  
melo\_riodoce@hotmail.com

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 24/03/10.

No decorrer da investigação, constatamos que essa variedade da *carta do leitor* é a quarta mais recorrente, totalizando 13 exemplares, os quais correspondem a 5,49% do *corpus* expandido deste trabalho. Nesse sentido, observamos que a *carta de sugestão* subdivide-se em três movimentos retóricos, a saber: o primeiro movimento (M1) é similar ao M1 da *carta de elogio* e da *carta de esclarecimento*, discutidas em seções anteriores deste capítulo. Em outros termos, ele equivale à palavra-chave que intitula o texto, consoante aparece o vocábulo “Bondinho” no exemplo acima.

A novidade da *carta de sugestão*, em relação às demais, está no segundo movimento retórico (M2) – **faz uma sugestão** – que, neste caso, cumpre a função de dar um “palpite” sobre o fenômeno que será tratado na carta. Para isso, o

escrevente lança mão de diferentes estratégias, tais como: delinear um cenário, apresentar um problema, propor uma solução para o problema, dentre outros. Na figura 28, temos uma intervenção do leitor, que sugere a implantação de um bonde no Recife Antigo.

O terceiro movimento retórico (M3) aparenta-se com este mesmo movimento na *carta de elogio*, discutida anteriormente. Ou seja, apresenta as mesmas três estratégias (nome, local, contato), visto que quem envia a missiva também é uma pessoa física. Analisemos este exemplar:

**Quadro 05 – Carta de sugestão em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (181)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Metralhas	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Faz uma sugestão</i>	Existe um terreno murado na Rua Odorico Mendes, esquina com a Professor Francisco Trindade em Campo Grande, que os mal educados jogam lixo nas calçadas. A prefeitura limpa e no dia seguinte recomeça o despejo. E ainda jogam muita metralha vinda em carroças movidas por animais, e tudo fica espalhado na rua atrapalhando o trânsito e ainda facilitando um acidente, já que esse terreno é de esquina.	<i>E1 – Apresenta o problema</i>
	Sugiro que o Dircon ou quem quer que seja, multe o proprietário.	<i>E2 – Propõe solução</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Gilson Mendes	<i>E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta</i>
	Campo Grande	<i>E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside</i>
	gilson147mendes@gmail.com	<i>E3 – Apresenta e-mail para contato</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Inicialmente, é de bom parecer reafirmar que M1 figura como um “chamariz”, para que o leitor adentre ou não no texto. Além do mais, é, de fato, uma identificação.

Para construir o movimento principal do texto (M2), o autor se vale de, pelo menos, duas estratégias diferentes, porém imbricadas. Naturalmente, antes mesmo de fazer a intervenção, ele procura situar o problema e argumentar favoravelmente em relação a ele. Assim, em (E1), identificamos o obstáculo – “lixo nas calçadas” e “metralhas” – e os dois argumentos que o sustentam: atrapalha o trânsito e facilita acidentes, já que se trata de um terreno de esquina.

Feito isso, o autor da epístola vai apontar uma possível solução (E2) para mitigar o problema citado. Curiosamente, ele não responsabiliza o órgão responsável pela limpeza, visto que “a prefeitura limpa e no dia seguinte recomeça o despejo”. A sugestão agora é penalizar o proprietário do imóvel. É nessa passagem do texto que encontramos, de fato, o verbo indicativo do ato de fala do sujeito escrevente – “sugiro” –, o que ratifica o propósito comunicativo desse bloco do texto.

Por fim, o terceiro movimento (M3) fornece os dados de identificação do autor da carta, pois consta da assinatura do senhor “Gilson Mendes”, morador de “Campo Grande” (bairro predominantemente residencial do Recife), que enviou carta à imprensa, via correio eletrônico.

Observemos este outro exemplo:

**Quadro 06 – Carta de sugestão em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (096)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Bancos	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Faz uma sugestão</i>	Seria oportuno que o GRCT colocasse bancos nos terminais de passageiros, principalmente no Cabo de Santo Agostinho, recentemente inaugurado.	<i>E1 – Propõe solução</i>
	Na maioria dos terminais não existe lugar para idosos ou pessoas com deficiência sentar. Às vezes, os ônibus demoram e uma atitude como essa seria ideal.	<i>E2 – Apresenta o problema</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	José Carlos F. Silva	<i>E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta</i>
	Recife	<i>E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside</i>
	rocotui@bol.com.br	<i>E3 – Apresenta e-mail para contato</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Neste exemplar, tanto o primeiro movimento retórico (M1) quanto o último (M3) são similares ao que discutimos no exemplo anterior, por isso julgamos coerente não tecer comentários sobre eles.

Com efeito, uma das novidades que percebemos nessa passagem do texto consiste na inversão das estratégias que o autor da carta usa no segundo movimento (M2), em relação à carta anterior. Enquanto lá apareceu a ordem “apresenta o problema – propõe solução”, aqui constatamos “propõe solução – apresenta o problema”.

Como podemos conferir, o autor inicia a primeira estratégia (E1) dando uma sugestão para aplacar um problema existente. É válido enfatizar que a atitude do escrevente diante do seu dizer foi modalizada<sup>49</sup> por meio do verbo “ser” no futuro do

<sup>49</sup> Entendemos por modalização o fenômeno que diz respeito à atitude do falante/escrevente diante do seu dizer. Como diz Koch (2009a, p. 86), “o recurso às modalidades permite, pois, ao interlocutor marcar a distância relativa em que se coloca com relação ao enunciado que produz, seu maior ou

pretérito do indicativo, o que, de certa forma, eufemiza o impacto da sua intervenção. Por conseguinte, a construção textual ganha um tom de possibilidade, e não de imposição.

Isso posto, o autor da missiva introduz, de fato, o problema (E2) – “não existe lugar para sentar” – e, mais que isso, cita como argumentos grupos prioritários, como idosos e deficientes, além de ressaltar a demora dos ônibus para passarem nos terminais.

Assim sendo, vemos que ambos os exemplares analisados mantêm certa relação no que concerne às recorrências. Contudo, nem todos se enquadram nesse mesmo esquema composicional. Com a investigação das 13 *cartas de sugestão*, chegamos a 8 esquemas diferentes de organização retórica (conferir apêndice “C” deste trabalho), o que justifica a sua natureza maleável, embora tenhamos encontrado um razoável nível de estratégias que recorreram, conforme mostra a tabela seguinte:

**Tabela 07 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de sugestão, considerando-se o universo de 13 exemplares**

<b>ESTRATÉGIAS RETÓRICAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIA</b>	<b>%</b>
Propõe solução	13	100,00
Apresenta o problema	11	84,61
Delineia o cenário	3	23,07

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Em virtude disso, inferimos que a *carta de sugestão*, mesmo apresentando outras estratégias que foram bastante rarefeitas (conforme podemos verificar no apêndice “C” desta dissertação), mostrou-se razoavelmente padronizada. Parece um tanto lógico, inclusive, que a proposta de solução seja a estratégia prevalecente, já que o propósito comunicativo principal desta variedade da carta do leitor é certamente fazer uma intervenção; em seguida, a apresentação do problema é fundamental, pois, geralmente, é a partir dele que surge a ideia de intervir.

#### 5.1.4 Carta de consulta

Ratificando o que já dissemos ao longo desta dissertação, os leitores de jornal não medem esforços para exteriorizar seus anseios, suas curiosidades, suas dúvidas, mesmo sabendo da perecibilidade deste suporte<sup>50</sup> que, cotidianamente, é descartado como embrulho ou simplesmente como lixo. Mas, a palavra não é perecível nem descartável.

Com base nisso, identificamos, durante a pesquisa, que a *carta do leitor* no *Jornal do Commercio* de Pernambuco também se tipifica numa espécie de carta-pergunta. Melhor dizendo, o autor da carta, por diversas razões (possivelmente falta de proximidade física com o seu interlocutor, comodidade, desejo de tornar público o seu questionamento, entre outras), faz da redação do jornal uma espécie de canal entre si e o seu destinatário.

Naturalmente, essas cartas-pergunta deveriam ser respondidas pelo órgão ou responsável arguidos, porém, verificamos que isso nem sempre acontece. Curiosamente, das 9 *cartas de consulta* publicadas pelo jornal, apenas duas delas foram respondidas<sup>51</sup> via *JC* no período observado: uma pela própria redação do jornal (conforme verificaremos em uma das análises desta seção) e a outra pelo órgão inquirido (a Prefeitura da Cidade do Recife).

A fim de que possamos conhecer melhor algumas particularidades desse tipo de *carta do leitor*, procedamos à leitura do exemplar da página seguinte:

---

<sup>50</sup> Para essa afirmação, estamos considerando o veículo de comunicação em sua versão impressa, já que ele também circula em versão digital.

<sup>51</sup> Esse ato interativo carta-pergunta x carta-resposta nas páginas do jornal remete-nos à dinâmica das inter-relações humanas, mediadas pela linguagem, que é dialógica por excelência; como dizia Bakhtin (conforme expusemos nas bases teóricas deste trabalho), é um exemplo vivo da *atitude responsiva ativa* dos sujeitos do discurso, já que todo enunciado suscita resposta e, numa perspectiva de língua(gem) voltada para os usos sociais, não há sujeito passivo.

**Figura 29 – Exemplar autêntico da carta de consulta**

**>> Cálculo**

Gostaria de saber do prefeito Elias Gomes, de Jaboatão dos Guararapes, qual a base de cálculo usada para os valores obtidos no IPTU 2010 na comunidade UR – 11. Ano passado paguei algo em torno de R\$ 120 e este ano, vou pagar R\$ 227. Não moro na parte nobre, mas ainda bem que vou ter condições de pagar o IPTU 2010. Fico pensando nas pessoas que tiveram esse mesmo reajuste (mais de 100%) e seus salários continuam os mesmos. A maioria recebe um salário e suas casas continuam de mesmo jeito, sem reformas. Talvez – gostaria de acreditar nisso – esse aumento gigantesco tenha acontecido para se melhorar a estrutura do bairro, calçar ruas de UR – 06, que há mais de 25 anos não tem uma viela calçada, ou até quem sabe, concluir a Operação Tapa Buracos, iniciada e nunca concluída. Estamos cansados de paliativos, senhor prefeito. Acredito em sua administração, mas custa acreditar nessa base de cálculo do IPTU 2010.

---

>> **Manoel de Almeida** – Jaboatão dos Guararapes –  
 manoelalmeidamax@yahoo.com.br

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 12/04/10.

Depreendemos da leitura do texto acima que se trata, de fato, de uma *carta de consulta*, ou melhor, a pessoa que enviou esta carta à redação tem como propósito principal buscar uma explicação, uma resposta convincente que justifique o aumento, em “mais de 100%”, do IPTU, na comunidade onde reside, em Jaboatão dos Guararapes – PE.

Nesse prisma, identificamos com a pesquisa que, do *corpus* expandido do trabalho, 9 cartas eram dessa natureza, o que, de certa forma, constitui-se em um número relativamente pequeno, quando comparado à totalidade das cartas coletadas em um mês de observação. No entanto, mesmo assim, esse ainda é o quinto tipo de carta mais frequente, alcançando um percentual de 3,80% dos dados coletados.

De forma geral, as *cartas de consulta* organizam-se em três movimentos retóricos, conforme verificaremos nas análises mais adiante.

Em síntese, o primeiro movimento (M1) corresponde à identificação da missiva, tal como apareceu nas demais espécies de cartas analisadas. A novidade aparece, pois, no segundo movimento (M2) – **formula uma questão** – cujas estratégias variam para a sua realização: perguntas (in)diretas, exposição de argumentos favoráveis ao levantamento do questionamento, dentre outros.

O terceiro movimento retórico (M3) assemelha-se ao que já foi verificado nas *cartas de elogio e sugestão*, visto que também são enviadas por pessoas físicas. Consequentemente, temos as mesmas três estratégias já comentadas: E1 refere-se à “assinatura”; E2 traz o local e E3 mostra o e-mail para contato.

Observemos este exemplar:

**Quadro 07 – Carta de consulta em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (011)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Abuso	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Formula uma questão</i>	Gostaria de saber se é correto a Prefeitura de Goiana cobrar mais que 300% do IPTU/2010, em comparação a 2009.	<i>E1 – Faz pergunta indireta</i>
	Acho um abuso em todos os sentidos, sobretudo contra os trabalhadores que tiveram aumento de pouco mais de 10%. A prefeitura, achando pouco, cobra ainda taxas de iluminação, coleta urbana e de tapa-buracos, e ainda retira o transporte gratuito dos estudantes. Estou indignado.	<i>E2 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento</i>
	A quem devemos recorrer? À imprensa, ao Procon, à justiça ou ao Tribunal de Contas?	<i>E3 – Faz pergunta(s) direta(s)</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Henrique Fenelon	<i>E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta</i>
	Goiana	<i>E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside</i>
	seraldo@bol.com.br	<i>E3 – Apresenta e-mail para contato</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

No que respeita ao primeiro (M1) e ao terceiro (M3) movimentos retóricos, cremos que já foram feitas considerações suficientes sobre eles em análises

anteriores neste capítulo. Assim sendo, não é difícil perceber que o texto está identificado como “abuso”, um substantivo abstrato, cuja significação se completa quando o leitor tem conhecimento do texto; ao mesmo tempo, está explícito que a carta foi enviada por “Henrique Fenelon”, residente em Goiana (litoral norte de Pernambuco), via correio eletrônico.

Com relação ao segundo movimento retórico (M2), verificamos que o autor vale-se de três estratégias para materializar o seu dizer. Na primeira delas (E1), é notável a polidez com a qual ele inicia a carta: “gostaria de saber...”. Esse é um traço linguístico comum nas *cartas de consulta*, uma vez que se mostrou recorrente. A bem da verdade, esse recurso contribui, de alguma forma, para efetivar o propósito comunicativo do autor nessa passagem do texto, que é o de fazer uma pergunta indireta, elucidando a razão que o levou a escrever a missiva (cobrança em “mais que 300% do IPTU/2010, em comparação a 2009”).

Em seguida (E2), o missivista procura apresentar argumentos favoráveis ao seu questionamento. Para ele, muitos trabalhadores tiveram apenas pouco mais de 10% de aumento; a cobrança de taxa de iluminação, coleta urbana e tapa-buracos é abusiva; a retirada do transporte gratuito dos estudantes encarece os gastos do contribuinte. Essa justificativa dada pelo missivista sustenta a defesa do seu ponto de vista que, aliás, está linguística e subjetivamente marcada com a introdução do verbo “acho”<sup>52</sup>.

Na terceira estratégia retórica (E1), o missivista novamente faz uso de construções sintáticas interrogativas, porém de forma direta. Nesse estágio, o autor da carta não se dirige a um interlocutor em particular; ele pede ajuda para saber, com precisão, a qual órgão deve recorrer para reclamar do aumento abusivo do IPTU.

Na página seguinte, apreciemos mais uma análise:

---

<sup>52</sup> A presença da construção “[eu] acho” é um exemplo do fenômeno *marcas da oralidade no texto escrito*, pois ele é um marcador conversacional pré-posicionado no início de turno (MARCUSCHI, 2007, p.68). Ao que tudo indica, esse fenômeno parece ser recorrente no gênero textual carta do leitor, uma vez que se aproxima do texto conversacional. Com efeito, fala e escrita são modalidades de uma mesma língua e, portanto, não podem ser vistas como realidades dicotômicas. Não é sem motivo que Marcuschi (2008, p. 192-193) trata do *continuum tipológico* dos gêneros textuais, mostrando que eles se situam numa linha diagonal tênue, citando o noticiário de TV e a entrevista publicada na revista *Veja* com exemplos de gêneros que mesclam traços do oral com o escrito. Aliás, a *carta do leitor* também é citada pelo referido autor (2010a, p. 41), no eixo das comunicações públicas, como um texto escrito que, de alguma maneira, aproxima-se das conversações e das comunicações pessoais.

**Quadro 08 – Carta de consulta em que aparecem movimentos retóricos e suas respectivas estratégias (184)**

<b>MOVIMENTOS</b>	<b>TEXTO</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>
<i>M1 – Identifica o texto</i>	Percentual	<i>E1 – Cita tópico do texto</i>
<i>M2 – Formula uma questão</i>	Observamos que na matéria sobre o PAC, publicada no <b>JC</b> , do dia 4, Caderno Economia, no quadro “Em marcha lenta”, Pernambuco detém 871 projetos e, no campo, “concluídos”, apresenta um percentual de 9,50% em relação ao total de empreendimentos. Consultamos a fonte “Contas Abertas”, indicada no artigo e constatamos que o total das obras concluídas neste Estado foram 56, o que equivale a 6,42% de 871 projetos.	<i>E1 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento</i>
	Gostaríamos de perguntar se existe alguma outra fonte que justifique o percentual apontado pelos senhores, porque erros dessa natureza denigrem a imagem do <b>JC</b> .	<i>E2 – Faz pergunta indireta</i>
	Será que podemos confiar em todos os dados apresentados?	<i>E3 – Faz pergunta direta</i>
<i>M3 – Fornece dados de identificação</i>	Cecília Gomes	<i>E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta</i>
	Recife	<i>E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside</i>
	eaogomes@hotmail.com	<i>E3 – Apresenta e-mail para contato</i>

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

Para a análise deste exemplar, mais uma vez esclarecemos que o primeiro (M1) e o terceiro (M3) movimento retórico não trazem novidades em relação à análise anterior, visto que tratam do tópico do texto e dos dados de identificação da missivista, respectivamente.

Por outro lado, convém destacar que o segundo movimento (M2) apresenta as mesmas estratégias da carta anteriormente analisada, porém em ordem diferente. A autora da carta a inicia preparando o terreno (E1) para, posteriormente, fazer o questionamento. Trata-se de uma leitora exigente que, minuciosamente, comparou dados estatísticos mostrados em reportagem do jornal. Assim, para justificar a sua pergunta, a missivista parte de um provável equívoco cometido pelo jornal, pois os dados comparados por ela não eram equivalentes, situação que a motivou a escrever essa *carta de consulta*.

Dessa forma, a segunda estratégia retórica (E2) corresponde ao ato de perguntar indiretamente, fazendo uso de um discurso civilizado, iniciando com a expressão “gostaríamos de perguntar...”, o que legitima o propósito comunicativo da carta por meio do verbo indicativo do ato de fala (“perguntar”). É sensato ressaltar que a missivista constrói todo o seu dizer em torno da primeira pessoa verbal no plural (“nós”), o que confere ao texto um tom de discurso coletivo. Ou melhor, funciona como uma estratégia de preservação da própria face, já que a responsabilidade pelo dito não recai somente sobre si.

Na terceira estratégia (E3), ela faz uma pergunta direta de caráter aberto, muito próxima de uma pergunta retórica, que tem por função levar o leitor da carta à reflexão; funciona, também, como uma estratégia de envolvimento entre leitor e texto.

Nessa linha de raciocínio, cumpre observarmos quais as estratégias que recorreram na maioria dos exemplares analisados, considerando que para os 9 exemplares constantes do *corpus*, identificamos 7 esquemas retóricos diferentes, o que evidencia a sua plasticidade (conforme podemos verificar no apêndice “D” deste trabalho).

Partindo do princípio de que os movimentos um (M1) e três (M3) são previsíveis e, portanto, bastante padronizados nos exemplares de *cartas do leitor* analisados, é conveniente descrevermos as similitudes presentes no segundo movimento retórico (M2), o qual se mostrou o mais versátil em todos os exemplares de *carta de consulta* investigados. Portanto, na tabela seguinte encontramos uma síntese dessas recorrências:

**Tabela 08 – Flexibilidade de algumas estratégias retóricas no M2 da carta de consulta, considerando-se o universo de 09 exemplares**

ESTRATÉGIAS RETÓRICAS	Nº DE OCORRÊNCIA	%
Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento	9	100,00
Faz pergunta indireta	7	77,77
Faz pergunta(s) direta(s)	7	77,77

Fonte: Arquivo do autor da dissertação

A tabela analisada evidencia que, embora tenha havido deslocamento entre as estratégias para realizar o segundo movimento (M2), já que elas variaram em termos de sequência (conferir apêndice “D”), podemos asseverar que esse tipo de carta do leitor mostrou um relativo número de recorrências, predominando a estratégia de apresentar argumentos favoráveis ao questionamento, seguida do empate do ato de perguntar propriamente dito (seja direta, seja indiretamente).

Neste capítulo, procuramos analisar a *carta do leitor*, do ponto de vista da sua organização retórica. Para tanto, centramo-nos em quatro espécies desse gênero textual: as *cartas de elogio*, *esclarecimento*, *sugestão* e *consulta*. Apesar dessa variedade, buscamos identificar em cada uma delas as estratégias que recorreram nos diversos exemplares analisados, as quais contribuem, em certo sentido, para manter a identidade do gênero, de modo que ele possa ser reconhecido pelos membros da comunidade que o usam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa científica que procurou compreender os usos sociais da linguagem humana, em sua modalidade escrita, na nossa sociedade, a partir da descrição e análise de um gênero textual situado na instância do chamado jornalismo opinativo: a *carta do leitor*. Nesse sentido, o estudo teve como premissa verificar de que maneira esse construto genérico funciona na comunidade usuária, neste caso, a dos leitores do *Jornal do Commercio* de Pernambuco. Para tanto, um dos propósitos da nossa investigação foi analisar o gênero quanto ao seu projeto enunciativo, isto é, tomá-lo enquanto *processo*, considerando aspectos relativos às suas condições de produção, circulação e recepção no suporte onde é publicado. Outro objetivo da nossa pesquisa foi analisar o gênero do ponto de vista da sua organização retórica, ou melhor, observar como as informações são distribuídas nos exemplares de *cartas do leitor* analisadas, segmentando os estágios textuais, em busca das recorrências que asseguram a prototipicidade do gênero.

Para fundamentar teoricamente o nosso estudo, aportamos na Teoria de Gêneros, em sua concepção sociorretórica, buscando pôr em cena autores que, nos últimos tempos, têm se debruçado sobre a análise de gêneros, a exemplo de Swales (1990; 2009a; 2009b), Bhatia (1993; 1997; 2009), Miller (1984; 2009) e Bazerman (2006; 2007; 2009). Os dois primeiros foram importantes por fornecer-nos aparatos metodológicos, que podem ser testados na análise de gêneros nas mais diversas esferas comunicativas. Os dois últimos ajudaram-nos a compreender os gêneros como *ação social*, motivados por situações retóricas, dentro da paisagem comunicativa das nossas rotinas diárias, cujas recorrências contribuem, em certo sentido, para garantir os processos de tipificação social.

A contribuição do Círculo de Bakhtin – que, a nosso ver, não se opõe, do ponto de vista filosófico, à teoria sociorretórica – mostrou-se relevante para corroborar a ideia de que os gêneros têm um *equilíbrio instável*, ou seja, as regularidades existem, enquanto forças de coesão, mas a inovação coexiste, enquanto força de dispersão, o que valida a tese de que os gêneros são flexíveis e, portanto, *relativamente estáveis*. Assim, modelos de análise devem ser tomados numa perspectiva descritiva, mas não prescritiva.

Os estudos da área de Comunicação possibilitaram-nos uma interface com a área da Linguística. Tais trabalhos mostraram-se relevantes por nos oportunizar conhecer um pouco mais da engrenagem do trabalho jornalístico, já que a *carta do leitor* é um gênero típico dessa arena discursiva. Quase todos os autores consultados nessa área exerceram a profissão de jornalista em jornais impressos de grande circulação, seja no Brasil, seja no exterior. Inclusive, alguns deles trabalharam como editores de seção de cartas. Assim, concluímos que este diálogo foi produtivo, pois nos possibilitou adentrar um pouco os bastidores da produção jornalística, especificamente no que tange ao gênero estudado nesta dissertação.

Em se tratando dos procedimentos metodológicos da nossa pesquisa, utilizamos a análise de *corpus*, visto que coletamos 237 exemplares autênticos do gênero *carta do leitor*, num período cronológico de trinta dias, no veículo de comunicação anteriormente referido, ou seja, o *Jornal do Commercio*, entre março e abril de 2010. A bem da verdade, o *corpus* é um tanto extenso, entretanto avaliamos este procedimento como fundamental para termos uma visão real do funcionamento desse gênero no periódico investigado. Afinal, precisávamos delinear o máximo possível de propósitos comunicativos que aparecem nesse gênero, pois, no andamento da pesquisa, já percebíamos que ele era bastante heterogêneo. Além do mais, *cartas de leitores* são textos relativamente curtos, o que, de alguma forma, facilita o seu manuseio. Vale esclarecer, entretanto, que para a análise retórica das cartas, o grande *corpus* foi reduzido a um número bem menor, totalizando 66 exemplares, devidamente classificados conforme seus propósitos comunicativos.

Ao longo desta dissertação, podemos notar vários quadros percentuais e um gráfico, que foram necessários para sistematizar as recorrências. Entretanto, convém ressaltar que a nossa pesquisa foi de natureza predominantemente qualitativa, uma vez que o foco esteve na interpretação dos dados para a questão tratada. Grande parte das análises foi feita com base em excertos de cartas ou em sua reprodução na íntegra. Dessa forma, esta pesquisa configurou-se, efetivamente, como qualitativa, pois o fenômeno da linguagem, na perspectiva que defendemos, dificilmente poderá restringir-se apenas a dados quantitativos.

Nessa direção, julgamos importante tratar um pouco dos limites vivenciados por nós ao longo da pesquisa. Em princípio, é importante destacar que há pouca literatura sobre o tema pesquisado, sob o enfoque retórico. Geralmente os trabalhos encontrados enfatizam a *carta do leitor* sob um ponto de vista mais pedagógico.

Poucos deles tomam o gênero em seus usos sociais autênticos, em busca de uma maior compreensão do seu funcionamento no suporte em que circula. Ademais, até onde pesquisamos, nenhum dos trabalhos encontrados focavam esse construto genérico à luz da abordagem sociorretórica de gêneros textuais. À parte a presunção, é nesse ponto que acreditamos trazer uma contribuição original.

Uma lacuna a ser observada diz respeito à história do gênero *carta do leitor*. Apesar dos nossos esforços em busca da literatura escrita sobre o tema, não foi possível encontrar informações precisas que nos subsidiassem quanto aos aspectos históricos do gênero em tela. Dito de outra maneira, não localizamos com precisão: uma data que possivelmente marcou o surgimento da *carta do leitor* na mídia impressa; o país onde ela “nasceu”; o primeiro veículo de comunicação onde ela circulou; seus propósitos comunicativos iniciais, dentre outros. Apesar disso, colhemos informações que apontam para uma possível relação entre esse gênero e a luta pelos ideais democráticos em países como a França, a Inglaterra e os Estados Unidos da América, que são países cuja tradição jornalística influenciou várias nações emergentes, inclusive o Brasil. Aliás, curiosamente, a *carta do leitor* também era um gênero presente nas sociedades ditas socialistas, em séculos passados, que primavam pela voz do leitor (o trabalhador, o cidadão comum) nas páginas dos seus jornais. Portanto, esse é um ponto que requer estudos mais aprofundados.

Outro desafio que se apresentou a nós foi tentar aplicar um modelo de análise inicialmente mais voltado para os gêneros do universo acadêmico ou profissional, os quais, de alguma forma, são relativamente mais padronizados, tais como as introduções de artigo de pesquisa, os resumos de trabalhos científicos, as resenhas acadêmicas, a correspondência na burocracia estatal e empresarial, conforme as inúmeras pesquisas têm comprovado. No nosso caso, lidamos com um gênero jornalístico ou, mais especificamente, com uma espécie de carta. Cartas são gêneros escritos que, assim como a conversação na oralidade, podem ser engendradas de diferentes maneiras. Mesmo assim, na nossa descrição, encontramos padrões retóricos para o gênero, apesar da heterogeneidade e da flexibilidade, que são aspectos evidentes e caracterizadores desse gênero textual. É aqui que o nosso diálogo com o Círculo de Bakhtin mostra-se eficaz.

Nesse caminho, alguns pontos foram priorizados em detrimento de outros. Assim, em virtude da heterogeneidade evidente da *carta do leitor*, tivemos que escolher alguns de seus tipos para submeter a uma análise retórica. Conforme

vimos no corpo deste trabalho, os múltiplos propósitos comunicativos da *carta à redação* permitiram-nos agrupá-las sob diferentes nomenclaturas. Assim, a *carta de crítica/reclamação* foi a que predominou no *corpus*; entretanto, como é comum a associação da *carta do leitor* à reclamação, escolhemos não submetê-la a uma análise retórica, ao menos neste momento, com o intuito de dar relevo aos outros propósitos comunicativos que são menos conhecidos nesse gênero (elogiar, esclarecer, sugerir e consultar). Logo, entendemos que ela merece ser reconsiderada em estudos ulteriores.

Quanto às descobertas, asseveramos que um dos principais achados deste trabalho reside na constatação de que a *carta do leitor*, no suporte investigado, configura-se como um gênero bastante heterogêneo, servindo como materialização de intenções discursivas muito diversas. Os leitores/escreventes dirigem-se à redação do jornal para tratar de assuntos variados, desde uma polêmica de cunho nacional (Projeto Ficha-Limpa, por exemplo), a questões mais regionais (espetáculo da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém – Brejo da Madre de Deus/PE), perpassando problemas de cunho mais particular (falta de energia na rua onde se mora, aumento do IPTU no município onde se reside, entre outros).

Verificamos com a pesquisa que o propósito comunicativo e a situação retórica são importantes para a descrição do gênero, mas, no caso da *carta do leitor* existem outros fatores que precisam ser considerados, tais como as condições de produção, edição e publicação do gênero em estudo. Além disso, não podemos nos esquecer de que o suporte tem um papel relevante para a identificação desse gênero pela comunidade usuária. O jornal destina uma seção específica para publicar esse gênero. Trata-se de um *locus* devidamente identificado como sendo o espaço em que se pode ouvir a voz do leitor. Portanto, os textos ali publicados são *cartas de leitores*.

Além disso, o papel do editor é fundamental para dispor os textos no *layout* do jornal, dar-lhe um título, reorganizar os dados de identificação na parte final da carta, a fim de tentar padronizá-las, ao menos formalmente. O auditório universal, ou seja, o caráter aberto e público da *carta do leitor* é uma particularidade típica desse tipo de carta; por essa razão também, ela difere da *carta pessoal*, da *carta oficial* (ofícios, memorandos), da *carta comercial*, do e-mail, dentre outras.

Outro aspecto digno de nota diz respeito aos sujeitos que escrevem cartas ao editor. Com efeito, não são os famosos e as celebridades; são os leitores do jornal,

em geral os cidadãos comuns. Assim sendo, é uma carta que, em princípio, parte do leitor para a mídia, e não o contrário. A nosso ver, aqui reside uma diferença substancial entre a *carta do leitor* e a *carta ao leitor*.

Com base nisso, podemos concluir que a constituição e a identificação do gênero *carta do leitor*, no veículo de comunicação por nós investigado, dependem de uma série de fatores: do suporte, do papel do sujeito escrevente, do editor, do auditório, dos propósitos comunicativos e da situação retórica. Esses dois últimos parecem ser determinantes para a tipificação da *carta do leitor* em suas várias espécies (*carta de crítica/reclamação, carta de elogio, carta de esclarecimento, carta de sugestão, carta de consulta, carta de solicitação, carta de agradecimento etc.*), embora todas estejam agrupadas sob um mesmo rótulo.

Na análise contextual e enunciativa da *carta do leitor*, os resultados da pesquisa evidenciaram que a maior parte dos leitores que enviam cartas ao *JC* são, de fato, os *lesados* (no dizer de SILVEIRA, 1979), que recorrem ao jornal em busca de justiça, reclamando, criticando, denunciando, enfim, exteriorizando suas queixas. Ademais, os dados revelaram que a identificação da instituição à qual o sujeito escrevente pertence está relacionada ao *status* social de que este goza na sociedade; esses mesmos dados mostraram também o lugar social a partir do qual esses sujeitos falam, ou seja, ora são pessoas físicas, ora são pessoas jurídicas (em geral, instituições que respondem, por meio de suas assessorias de imprensa, às cartas que lhes são enviadas). Os resultados ainda clarificaram que, embora a mídia em tela (o *JC*) se autopromova como líder no Norte e Nordeste do país, a voz que ecoa nas cartas à redação é principalmente a do habitante da Região Metropolitana do Recife.

O nosso estudo comprovou que a maior parte das cartas publicadas resulta da transmutação de e-mails; corroborou também que a carta editada nas páginas do jornal nem sempre corresponde àquela enviada pelo leitor na íntegra, ou melhor, essas cartas são reescritas pelo editor; portanto, entendemos que esse gênero é, de alguma forma, retextualizado. Mais que isso: elas são selecionadas e, conseqüentemente, editadas, publicadas ou descartadas, enfim, passam por uma triagem (MELO, 1999). Portanto, aqui estão as relações de forças, de restrição, de conveniências e o jogo de interesses que a publicação desse gênero implica. As análises mostraram que o gênero versa sobre os mais diversos conteúdos temáticos

e que, embora se dirija ao público em geral, pode, simultaneamente, dirigir-se a um interlocutor em particular.

Na análise sociorretórica da *carta do leitor*, quando segmentamos o texto em movimentos e estratégias retóricas, verificamos que, a depender do tipo da carta, houve variações entre as regularidades e a tendência para a inovação. Dessa forma, constatamos que, dos quatro tipos analisados retoricamente, a *carta de elogio* foi a que se mostrou mais versátil; em contrapartida, a *carta de esclarecimento* foi a mais “padronizada”, seguida pela *carta de sugestão* e pela *carta de consulta*. Portanto, em maior ou menor proporção, as regularidades existem para garantir a prototipicidade do gênero.

Em suma, as discussões aqui levantadas chamam a atenção para o conceito de gênero como uma ação social, como forma de vida, ou seja, como “artefatos culturais” que organizam a vida em sociedade em suas inúmeras situações retóricas. Além disso, evidenciam que os gêneros não são enrijecidos nem estanques, ao passo que tendem à inovação, à maleabilidade e à possibilidade de (muitos deles) não se “encaixarem” em padrões retóricos. Melhor dizendo, assim como a linguagem é escorregadia e opaca, os gêneros não poderiam fugir a esse princípio (NUNES, 2011c).

Isso posto, acreditamos que um estudo como este enseja algum tipo de retorno social. Em outras palavras, ele pode contribuir para uma maior compreensão dos usos sociais da linguagem humana, explicando como essa linguagem organiza as práticas discursivas, principalmente na sua modalidade escrita. Assim sendo, entendemos que esta pesquisa pode ampliar os horizontes daqueles que lidam rotineiramente com a escrita midiática da imprensa (redatores, jornalistas, editores), bem como daqueles que estão se iniciando nessa prática (estudantes da área de Comunicação em geral). Em termos mais específicos, o estudo chama a atenção para um gênero textual que materializa o discurso do cidadão comum: suas inquietações, seus anseios, sua maneira de intervir no debate público, numa constante luta entre querer dizer e fazer-se ouvir.

Outra contribuição que este estudo poderá trazer reside na conexão possível entre o conhecimento que se produz na Academia e o que se ensina e se pratica na realidade das nossas escolas. Num país que tem uma dívida secular com a Educação, isso não pode ser ignorado. Assim, entendemos que o presente trabalho pode somar-se ao que já se discute sobre gêneros textuais e ensino. Possivelmente

trará subsídios para incrementar a formação dos profissionais de línguas, tanto os que estão em efetivo exercício na escola, quanto aqueles que estão em formação (estudantes de Letras, de Pedagogia etc.). Favorecerá, de alguma forma, o ensino e a prática escolar da escrita, quando da sua efetiva transposição didática, possibilitando, na medida do possível, a formação de um sujeito crítico e com maior respaldo para exercer a sua cidadania, como forma de fortalecimento da nossa democracia. Ademais, possibilitará ao aprendiz transitar em outras instâncias discursivas, que não apenas a literária (por muito tempo a única privilegiada na escola, principalmente nos anos finais da Educação Básica).

Por fim, concluímos esta dissertação cientes de que a questão debatida não está esgotada. Ao invés disso, continua fértil e aberta para pesquisas posteriores. Sugerimos verificar como esse gênero textual se comporta em outros suportes, nos semanários e em outros veículos da grande imprensa. Igualmente importante é investigar quais as alterações sofridas pela *carta do leitor* em periódicos dirigidos ao público infantil ou infantojuvenil, bem como naqueles mais científicos. Ou ainda, analisá-la em periódicos com diferentes ideologias, tais como os esquerdistas, os religiosos etc. Um estudo comparado entre a *carta do leitor* na contemporaneidade e em séculos passados poderá render bons frutos. Numa perspectiva mais abrangente, seria interessante verificar também como esse gênero funciona em países mais conservadores, tais como aqueles do mundo islâmico. Enfim, um cotejo entre esse gênero na imprensa ocidental e oriental pode ser produtivo.

## REFERÊNCIAS

---

ADAM, J. M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. revista e aumentada. Versão em português do original em francês: “la linguistique textuelle: introduction à l’analyse textuelle des discours”. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Quadro teórico de uma tipologia seqüencial. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e seqüências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 115-132.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e seqüências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 221-243.

BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Trad. de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik, a partir do original russo, 1976. Disponível em: <[www.fflch.usp.br/.../ARTIGO\\_VOLOSH\\_BAKHTIN\\_DISCURSO\\_V/.../](http://www.fflch.usp.br/.../ARTIGO_VOLOSH_BAKHTIN_DISCURSO_V/.../)> Acesso em: 01 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de “Toward a Philosophy of the Act.” Austin: University of Texas Press, 1993. Disponível em: <[www.4shared.com/.../Bakhtin\\_-\\_Para\\_uma\\_filo/.../](http://www.4shared.com/.../Bakhtin_-_Para_uma_filo/.../)> Acesso em: 01 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p. 279-326.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: UNESP/UCITEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução feita do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

\_\_\_\_\_; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Escrita, gênero e interação social**. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel *et al.* São Paulo: Cortez, 2007.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 225-234.

BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 17-32.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. New York: Longman, 1993.

\_\_\_\_\_. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, v. 75, n. 3, p. 629-652, 1997. Disponível em: <[www.4shared.com/.../BHATIA\\_V\\_K\\_Genre\\_ana/](http://www.4shared.com/.../BHATIA_V_K_Genre_ana/)> Acesso em: 02 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 159-195.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BUANI, M. H. O. **Cartas do leitor como estratégia para o ensino de Língua Portuguesa**. 2007. p. 1-20. Disponível em: <[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1156-4.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1156-4.pdf)> Acesso em: 23 maio 2011.

BUNZEN, C. S. O ensino de gêneros em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. In: COVRE, A. L. *et al.* **Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. São Carlos, SP: Publicação GEGE, 2004. Disponível em: <[www.letramento.iel.unicamp.br/.../o\\_ensino\\_de\\_generos\\_ClecioBunzen.pdf](http://www.letramento.iel.unicamp.br/.../o_ensino_de_generos_ClecioBunzen.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2011.

CARDOSO, D. P.; SILVA, A. E. S. Cartas do leitor: atividades para o ensino médio. **Interdisciplinar**, v.2, n. 2, p 13-20, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/index.htm>> Acesso em: 28 out. 2010.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 130-149.

CAVALCANTE, F. L.; NUNES, V. S. O Hipertexto e suas Implicações para o Ensino. In: BEZERRA, B. G. (Org.). **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, 2011. p. 171-190.

CECILIO, S. R.; RITTER, L. C. B. Leitura e análise linguística: carta do leitor na revista Ciência Hoje das Crianças. In: COLÓQUIO DE ESTUDO LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3., 2007, Maringá/PR. **Anais**. Maringá: UEM, 2007. p. 2059-2069. Disponível em: <[www.ple.uem.br/3celli\\_anais/...linguisticos/pfd\\_linguisticos/096.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/...linguisticos/pfd_linguisticos/096.pdf)> Acesso em: 05 jan. 2011.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga/Portugal, v.16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <[redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf](http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf)> Acesso em: 04 jun. 2011.

CORDEIRO, I. C. ; OLIVEIRA, E. G. A argumentação no gênero carta do leitor. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1., 2010, Maringá/PR. **Anais**. Maringá: UEM, 2010. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/503.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2011.

COSTA, S. G. Cartas de leitores: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal *O Dia*. **Solettras**, Rio de Janeiro, v. 10, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/SOLETRAS/10/03.HTM>> Acesso em 25 fev. 2011.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, D. A. C. O caráter histórico dos gêneros e da representação da enunciação. **Revista do GELNE** (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), João Pessoa, v. 8, n. 1/2, p 7-20, 2007.

ESPÍNDULA, D. V. I. Ensinando o gênero *carta do leitor*: um dos caminhos possíveis. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011, Natal. **Anais**. Natal: UFRN, 2011. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>> Acesso em: 30 nov. 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FONTANINI, I. Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 225-238.

FRAZÃO, T. J. **Sistema de cotas e discurso da imprensa**: o que é publicado e a reação da opinião pública. Recife: FCAP Books, 2007.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

KOCH, I. G. V; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009a.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEMONS, A. Cartas de leitores: cartas (ainda) fechadas. In: NEOTTI, C. (Org.) **Comunicação e consciência crítica**. São Paulo: Edições Loyola, 1979. p. 191-213.

LÜDKE, M.; ANDRÊ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b. p. 19-38.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros jornalísticos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

MATIAS, T. T. Cartas de leitores: espelho da realidade sócio-histórica do português brasileiro. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas/SP, **Anais**. São Paulo: Unicamp, 2007. p. 1-10. Disponível em: <[www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss09\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss09_01.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **A orientação para o outro: relações dialógicas na constituição do discurso escrito de cartas de leitor do século XIX**. 2009. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

\_\_\_\_\_. A orientação para o outro: relações imagéticas e discursivas em cartas de leitor pernambucanas do século XIX. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 4, p 95-107, 2º sem. 2010. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewArticle/4302>> Acesso em: 24 dez. 2010.

MELLO, V. H. D. Trabalhando com a gramática no gênero textual carta do leitor: uma abordagem enunciativa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2007, Tubarão/SC. **Anais**. Tubarão/SC: UNISUL, 2007. p. 1948-1958. Disponível em: <[www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/131.pdf](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/131.pdf)> Acesso em: 15 jan. 2010.

MELO, C. T. V. “**Cartas à redação**”: uma abordagem discursiva. 1999. 281 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1999.

MESQUITA, M. **O jornalismo em análise**: a coluna do provedor dos leitores. Coimbra: Minerva, 1998.

MILLER, C. Genre as social action. **Quartely Journal of Speech**. 1984. p. 151-167. Disponível em: <[www4.ncsu.edu/~crmiller/.../MillerQJS84.pdf](http://www4.ncsu.edu/~crmiller/.../MillerQJS84.pdf)> Acesso em: 18 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

NOVAES, A. M. P. Carta: uma leitura bakhtiniana do gênero. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 10., 2006, Rio de Janeiro. **Lugares dos Discursos**. Rio de Janeiro. ABRALIC, 2006. p.1-13. Disponível em: <[www.dialogarts.uerj.br/congresso/ana\\_maria\\_pires\\_novaes.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/congresso/ana_maria_pires_novaes.pdf)> Acesso em: 23 maio 2011.

NUNES, V. S. Traços da oralidade no gênero carta do leitor. In: MELO, D. W.; SANTOS, M. F. O. (Org.). **Retórica e Análise da Conversação**: um encontro possível. Maceió: EDUFAL, 2011a. p. 197-211.

\_\_\_\_\_. Aspectos da oralidade no gênero carta do leitor. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA, 3., 2011b, Belém. **Estudos linguísticos e literários**: histórias e perspectivas. Belém, PA: Editora CRV, 2011b, 3 v., p. 1233-1240. Disponível em: <<http://www.3ciella.ufpa.br/>> Acesso em: 29 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. O gênero textual carta do leitor na mídia impressa: uma abordagem sociorretórica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011c, Natal. **Anais**. Natal: UFRN, 2011c, p. 1-18. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>> Acesso em: 30 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Saussure e Bakhtin: duas visões, um mesmo objeto. In: ENCONTRO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 3., 2010a, São Cristóvão. **Anais**: deslocamentos culturais. São Cristóvão, SE: NPGL, 2010a, p. 1808-1823. CD-ROM.

NUNES, V.S. (Re)visitando os conceitos de língua/linguagem e gêneros do discurso sob a ótica bakhtiniana. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1., 2010b, Pau dos Ferros. **Anais**. Pau dos Ferros, RN: UERN, 2010b, p.1-9. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. O (hiper)texto e suas implicações no ensino. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3., 2010c, Recife. **Anais eletrônicos: redes sociais e aprendizagem**. Recife, PE: NEHTE/UFPE, 2010c, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/simposio2010.html>> Acesso em: 10 fev. 2011.

PALTRIDGE, B. Análise de gêneros e a identificação de fronteiras textuais. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 61-78.

PAREDES SILVA, V. L. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. 1988. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. V.; BARROS, K. S. M. (Org.). **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: EDUFRN, 1997. p. 118-124.

PASSOS, C. M. T. V. As Cartas do Leitor nas revistas Nova escola e Educação. In: DIONISIO, A. P.; BESERRA, N. S. (Org.) **Tecendo textos, construindo experiências**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 81-107.

RANGEL, E. F. M. O gênero textual carta do leitor no ensino de linguagem. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 8., 2008, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 1-12. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/08\\_index.htm](http://www.celsul.org.br/Encontros/08_index.htm)> Acesso em: 23 maio 2011.

ROCHA, V. G. **A adjetivação nas cartas dos leitores do periódico *La Battaglia***. 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, M. A. N. O direcionamento dado ao gênero textual carta do leitor no livro didático. **Revista Trama**, v. 3, n. 5, p 127-139, 1º sem. 2007. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/saber>> Acesso em: 13 ago. 2010.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, T. C. G. **A carta do leitor: um estudo das estratégias semântico-argumentativas** 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

SILVA, T. C. G. As marcas da enunciação nas cartas dos leitores: um estudo semântico-argumentativo. **ReVEL**, v. 9, n. 16, p 61-85, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/>> Acesso em: 24 abr. 2011.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de gênero textual**: concepção sociorretórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

SILVEIRA, J. Carta do leitor: uma resposta crítica. In: NEOTTI, C. (Org.) **Comunicação e consciência crítica**. São Paulo: Edições Loyola, 1979. p. 185-189.

SIMONI, R. M. S; BONINI, A. A organização retórica do gênero carta-consulta. In: BIASI-RORIGUES, B; ARAÚJO, J. C; SOUSA, S. C. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 117-138.

SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. Repensando gêneros: nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009a. p. 197-220.

\_\_\_\_\_. Sobre modelos de análise do discurso. In: BIASI-RORIGUES, B; ARAÚJO, J. C; SOUSA, S. C. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b. p. 33-46.

XAVIER, A. C. A Retórica (digital) das redes sociais. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3., 2010, Recife. **Anais eletrônicos**: redes sociais e aprendizagem. Recife, PE: NEHTE/UFPE, 2010, p. 1-28. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/simposio2010.html>> Acesso em: 11 fev. 2011.

## APÊNDICES

**Apêndice A – Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de elogio**

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
1	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	001
	M2 – Faz um elogio	E1 – Cita a quem se dirige o elogio		
		E2 – Descreve e aprecia aspectos relativos à vida da pessoa elogiada		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		E3 – Apresenta e-mail para contato		
2	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	021
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabেনiza matéria jornalística		
		E2 – Parafraseia o conteúdo da matéria		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		E3 – Apresenta e-mail para contato		
3	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	024
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabেনiza matéria jornalística		
		E2 – Situa a temática da matéria		
		E3 – Dá exemplos que ilustram a temática tratada		
		E4 – Conclui com crítica às pessoas responsáveis pelos problemas abordados na matéria		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside				
E3 – Apresenta e-mail para contato				

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
4	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	032
	M2 – Faz um elogio	E1 – Chama a atenção para matéria jornalística publicada		
		E2 – Relata fatos relativos ao objeto elogiado		
		E3 – Conclui parabenizando equipe responsável pelo veículo		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
E3 – Apresenta e-mail para contato				
5	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	040
	M2 – Faz um elogio	E1 – Elogia matéria do jornal		
		E2 – Reflete sobre a temática da matéria		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		E3 – Apresenta e-mail para contato		
6	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	072
	M2 – Faz um elogio	E1 – Elogia jornalistas e matéria escrita por eles		
		E2 – Propõe reflexão sobre a temática da matéria		
		E3 – Sugere apelo às autoridades competentes sobre a questão tratada		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar			
	Movimentos	Estratégias					
7	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	086			
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza matéria jornalística					
		E2 – Cita passagens da matéria					
		E3 – Demonstra concordância com o ponto de vista defendido na matéria					
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta					
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside					
		E3 – Apresenta e-mail para contato					
	8	M1 – Identifica o texto			E1 – Cita tópico do texto	1	099
		M2 – Faz um elogio			E1 – Elogia matéria do jornal		
E2 – Avalia positivamente a matéria							
E3 – Demonstra apoio ao trabalho feito pela mídia em tela							
M3 – Fornece dados de identificação		E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta					
		E2 – Identifica instituição à qual o autor pertence					
		E1 – Cita tópico do texto					
9		M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	108		
		M2 – Faz um elogio	E1 – Cita a quem se dirige o elogio				
	E2 – Avalia positivamente o ponto de vista da pessoa elogiada						
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta					
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside					
		E3 – Apresenta e-mail para contato					

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
10	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	132
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza jornalista por trabalho desenvolvido		
		E2 – Manifesta ponto de vista crítico em relação à questão tratada		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
11	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	134
	M2 – Faz um elogio	E1 – Avalia positivamente decisão tomada em relação à transferência de evento de um local para outro		
		E2 – Argumenta favoravelmente à decisão		
		E3 – Reconhece a contribuição das pessoas envolvidas na mudança		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
E3 – Apresenta e-mail para contato				
12	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	136
	M2 – Faz um elogio	E1 – Elogia matéria do jornal		
		E2 – Ressalta parte da matéria		
		E3 – Indica ironicamente matéria para leitura		
		E4 – Conclui parabenizando veículo de comunicação que publicou a matéria		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside				
E3 – Apresenta e-mail para contato				

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
13	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	140
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza veículo de comunicação por matéria publicada		
		E2 – Parafraseia o conteúdo da matéria		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
	E3 – Apresenta e-mail para contato			
14	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	143
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza veículo de comunicação		
		E2 – Descreve o veículo de comunicação por meio de personificação		
		E3 – Avalia positivamente o veículo de comunicação		
M3 – Fornece dados de identificação	E4 – Conclui parabenizando mais uma vez o veículo de comunicação			
15	M1 – Identifica o texto	E1 – Identifica instituição autora da carta	1	144
	M2 – Faz um elogio	P1 – Cita tópico do texto		
		P1 – Elogia duas matérias do jornal		
P2 – Parafraseia a primeira matéria do jornal				
M3 – Fornece dados de identificação	P3 – Comenta a segunda matéria do jornal			
	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
		P3 – Apresenta e-mail para contato		

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar			
	Movimentos	Estratégias					
16	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	150			
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza matéria do jornal					
		E2 – Reflete sobre a temática da matéria					
		E3 – Chama a atenção para outros tópicos relacionados à questão tratada					
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta					
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside					
		E3 – Apresenta e-mail para contato					
	17	M1 – Identifica o texto			E1 – Cita tópico do texto	1	151
		M2 – Faz um elogio			E1 – Parabeniza veículo de comunicação		
E2 – Justifica o elogio							
E3 – Avalia positivamente o veículo de comunicação							
M3 – Fornece dados de identificação		E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta					
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside					
		E3 – Apresenta e-mail para contato					
18		M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	171		
		M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza matéria do jornal				
	E2 – Parafraseia e comenta matéria						
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta					
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside					
		E3 – Apresenta e-mail para contato					

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
19	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	174
	M2 – Faz um elogio	E1 – Cita a quem se dirige o elogio		
		E2 – Apresenta argumentos que justificam o elogio		
		E3 – Conclui contrastando realidades		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
20	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	198
	M2 – Faz um elogio	E1 – Elogia matéria do jornal		
		E2 – Mostra outros problemas relacionados ao tema da matéria		
		E3 – Pleiteia intervenção da mídia		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição autora da carta			
	E2 – Apresenta e-mail para contato			
21	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	211
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza matéria do jornal		
		E2 – Comenta a matéria		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside				
E3 – Apresenta e-mail para contato				

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
22	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	212
	M2 – Faz um elogio	E1 – Cita matéria do jornal que será elogiada		
		E2 – Avalia positivamente a matéria		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
	E3 – Apresenta e-mail para contato			
23	M1 – Identifica o texto	---	1	213
	M2 – Faz um elogio	E1 – Cita matéria do jornal que será elogiada		
		E2 – Avalia positivamente a matéria, de forma lacônica		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
	E3 – Apresenta e-mail para contato			
24	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	217
	M2 – Faz um elogio	E1 – Parabeniza veículo de comunicação por ação combativa		
		E2 – Manifesta ponto de vista crítico em relação à questão tratada		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
	E3 – Apresenta e-mail para contato			

**Apêndice B – Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de esclarecimento**

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
1	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	4	003 105 189 226
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere título de carta publicada anteriormente		
		E2 – Refere instituição respondente		
		E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			
2	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	2	042 161
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere autor, data e motivo de carta publicada anteriormente		
		E2 – Refere instituição respondente		
		E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			
3	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	3	056 098 146
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere autor e motivo de carta publicada anteriormente		
		E2 – Refere instituição respondente		
		E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			
4	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	4	073 142 203 214
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere instituição respondente		
		E2 – Refere autor de carta publicada anteriormente		
		E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
5	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	4	106 111 200 237
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere autor de carta publicada anteriormente		
		E2 – Refere instituição respondente		
		E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			
6	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	1	128
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere autor, título e motivo de carta publicada anteriormente		
		E2 – Refere instituição respondente		
		E3 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			
7	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	1	159
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere autor, data e motivo de carta publicada anteriormente		
		E2 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			
8	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	1	164
	M2 – Esclarece uma questão	E1 – Refere autor e cidade de carta publicada anteriormente		
		E2 – Responde à(s) crítica(s) feita(s) pelo leitor		
M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica instituição(ões) autora(s) da carta			

### Apêndice C – Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de sugestão

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
1	M1 – Identifica o texto	E1 – cita tópico do texto	1	004
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Sinaliza o problema		
		E2 – Propõe solução		
		E3 – Revela o problema		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
E3 – Apresenta e-mail para contato				
2	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	031
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Delineia o cenário		
		E2 – Apresenta o problema		
		E3 – Propõe solução		
	M3 – Fornece dados de identificação	E4 – Reclama da persistência do problema		
		P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside				
3	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	038
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Delineia o cenário		
		E2 – Apresenta o problema		
		E3 – Propõe solução		
	M3 – Fornece dados de identificação	E4 – Dirige-se à autoridade responsável		
		E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside				
4	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	3	051 096 103
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Propõe solução		
		E2 – Apresenta o problema		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
5	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	077
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Propõe solução		
		E2 – Remete à carta que denuncia o problema		
		E3 – Detalha a solução		
		E4 – Apresenta o problema		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
E3 – Apresenta e-mail para contato				
6	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	094
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Apresenta o problema		
		E2 – Propõe solução		
		E3 – Detalha o problema		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		E3 – Apresenta e-mail para contato		
7	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	1	130
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Delineia o cenário		
		E2 – Propõe solução		
	M3 – Fornece dados de identificação	E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		E3 – Apresenta e-mail para contato		
8	M1 – Identifica o texto	E1 – Cita tópico do texto	4	160 168 181 190
	M2 – Faz uma sugestão	E1 – Apresenta o problema		
		E2 – Propõe solução		
		E1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
	M3 – Fornece dados de identificação	E2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		E3 – Apresenta e-mail para contato		

**Apêndice D – Os movimentos retóricos e a diversidade das suas estratégias na carta de consulta**

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
1	M1 – Identifica o texto	P1 – cita tópico do texto	3	011 028 196
	M2 – Formula uma questão	P1 – Faz pergunta indireta		
		P2 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
		P3 – Faz pergunta(s) direta(s)		
	M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
P3 – Apresenta e-mail para contato (ou não)				
2	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	034
	M2 – Formula uma questão	P1 – Faz pergunta(s) direta(s)		
		P2 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
		P3 – Faz pergunta(s) direta(s)		
	M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
P3 – Apresenta e-mail para contato				
3	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	169
	M2 – Formula uma questão	P1 – Faz pergunta indireta		
		P2 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
		P3 – Cita outros problemas semelhantes ao questionado		
	M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
P3 – Apresenta e-mail para contato				

Esquema	Organização retórica		Número de ocorrências	Código do exemplar
	Movimentos	Estratégias		
4	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	178
	M2 – Formula uma questão	P1 – Faz pergunta indireta		
		P2 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta			
	P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside			
	P3 – Apresenta e-mail para contato			
5	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	184
	M2 – Formula uma questão	P1 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
		P2 – Faz pergunta indireta		
		P3 – Faz pergunta(s) direta(s)		
	M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
P3 – Apresenta e-mail para contato				
6	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	197
	M2 – Formula uma questão	P1 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
		P2 – Faz pergunta(s) direta(s)		
	M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
		P3 – Apresenta e-mail para contato		
7	M1 – Identifica o texto	P1 – Cita tópico do texto	1	206
	M2 – Formula uma questão	P1 – Faz pergunta indireta		
		P2 – Apresenta argumentos favoráveis ao questionamento		
		P3 – Faz pergunta(s) direta(s)		
		P4 – Relata fatos relativos ao problema questionado		
		P5 – Faz pergunta(s) direta(s)		
		P6 – Conclui com crítica		
	M3 – Fornece dados de identificação	P1 – Identifica o(a) autor(a) da carta		
		P2 – Identifica o local (bairro e/ou cidade) onde o(a) autor(a) reside		
P3 – Apresenta e-mail para contato				

**ANEXOS**

Anexo A – Página do JC onde são publicadas as cartas dos leitores

20 **opinião** *Journal do Commercio - Recife, 27 de junho de 2010 - domingo*

diretor de redação: Haroldo Sampaio [sampaio@jc.com.br](mailto:sampaio@jc.com.br)  
 diretor-adjunto: Laurindo Ferreira [laurindo@jc.com.br](mailto:laurindo@jc.com.br)  
 editora-executiva: Maria Lúcia Borges [mariaborges@jc.com.br](mailto:mariaborges@jc.com.br)  
 fax: (51) 3413-4174, 3413-6176 e 3413-6178 [www.jc.com.br/topnotas](http://www.jc.com.br/topnotas)

## editorial

# Poliomielite: a guerra continua

A campanha anual de vacinação contra a poliomielite – a terrível paralisia infantil, doença infecto-contagiosa viral aguda – começou dia 12 em todo o território nacional, a exemplo do que vem acontecendo nos últimos 31 anos. Somente há 21 anos, desde 1989, quando uma criança de Souza, na Paraíba, foi vitimada, não se tem registro de um caso de pólio no País, que recebeu o Certificado Internacional de Erradicação da Transmissão do Poliovírus Selvagem em 1994.

A vigilância epidemiológica que se concretiza pelo controle das campanhas de amplo espectro é um comprometimento dos países que possuem o certificado de erradicação. A meta deste ano do governo federal é imunizar 95% da população entre 0 e 5 anos de idade, o correspondente a mais de 14 milhões de indivíduos, dos quais 750 mil em Pernambuco. Cerca de 12 mil profissionais de saúde em Pernambuco – que teve o último caso notificado da doença em 1988 – estão envolvidos na campanha. Como em 2009, mais de um milhão de doses foram distribuídas pelo Ministério da Saúde aos municípios, de acordo com a Secretaria Estadual de Saúde. O objetivo é repetir o desempenho do ano passado, quando 100% das crianças pernambucanas foram imunizadas, enquanto no Brasil este índice chegou aos 98%.

A segunda etapa da campanha contra a pólio no Brasil está marcada para o dia 14 de agosto, mas alguns municípios entenderam a primeira etapa em virtude do não comprometimento das metas, a exemplo de São Paulo e Porto Alegre. Em todo o Estado de Mato Grosso, a primeira etapa segue até 9 de julho. Em Curitiba, que não foi um caso da doença desde 1985, a meta de 95% foi alcançada dentro do prazo, em menos de uma semana de vacinação.

Os dados demonstram que os métodos de vacinação em massa contra a poliomielite no Brasil têm sido considerados de sucesso, realizados em alguns anos desce, para alistar de vez a ameaça da doença, que ainda existe em 26 países, como a Nigéria, o Afeganistão, o Paquistão e a Índia – locais onde permanece como endemia. Com seu último caso no ano passado, o governo de Legião, pois com que resultados gerais, interessantes, práticos se vêem da doença ainda este ano, através de campanhas de vacinação que irão consumir US\$ 5 milhões.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o fim precoce das atividades levou a dificuldades e, por conseguinte, ao fracasso de volta por etapas. Em 1988, a pólio atingiu cerca de 350 mil crianças de 125 países. Em 2009, foram contabilizados 1.600 casos de paralisia infantil, inclusive em lugares onde o mal já se considerava erradicado. Cinco anos antes, em 2004, 12 nações africanas tiveram o retorno da doença, o que levou a um alerta geral no continente. Este ano, a pólio reapareceu na ex-república soviética do Tajiquistão, com 32 casos, após ter sido erradicada em 1997. Por isso, recomenda a OMS, todo cuidado é pouco, e altos índices de imunização devem ser mantidos, até que a transmissão tenha sido bloqueada no mundo inteiro.

Segundo o relatório que a entidade publica anualmente em 2005, mas que ainda não foi obtido. A guerra contra a pólio continua.

Na guerra contra a pólio, a vacina é a guerra efetiva da saúde infantil. Por isso o slogan escolhido para a campanha brasileira – “Vacine. É fácil. Vamos vencer a criança da vacinação infantil” – apresenta o clima de Copa do Mundo para atrair os pais aos postos de vacinação. Integre as campanhas realizadas em todos os países, a vacina para eliminar a pólio das preocupações das famílias encontra resistência nos meses onde a falta de informação é reforçada por uma tradição maliciosa. Na maioria, grupos religiosos difíceis e erradicação, ao se posicionarem contrários à qualquer vacina infantil, e temem que o procedimento deturpe as crianças e até mesmo a redução populacional. O preconceito nigiriano é mais para a epidemiologia global. No Brasil, apesar do fato, não podemos deixar a guarda. A importância das campanhas de vacinação deve ser constantemente reforçada, uma vez que, nos doze países a pólio, o único tratamento possível é mesmo a prevenção.

**Tudo cuidado é pouco, até que a transmissão tenha sido bloqueada no mundo inteiro**

### cartas

#### Calamidades

O cenário das perdas com as enchentes é desolador. Ficaríamos mergulhados. Sabemos que há coisas inevitáveis, mas não sabemos de ver nem tudo um grande desastrosidade do poder público. As calamidades do Sudeste nos deixaram assustados. De novo, o cenário se repete e aqui perto. Há o inesperado, nem tudo pode ser controlado, porém o respeito ao poder público é muito contraditório. Falta prevenção. No Brasil, as eleições fazem o correto dos projetos dos partidos. Por isso, vem o desastre que é nem para a democracia. Plena individualismo termina destruindo a sociedade nas possibilidades de se reinventar. A profissionalização da política reforçou as vaidades e as manobras. Vamos acordar e tomar outros rumos. Investir bem na educação, inclusive para os líderes que se apresentam como salvadores. E deixar o cinema de lado, pois chega de discursos e promessas. Depois, levantemos a expansão das drogas e da violência. Não existe profundidade, mas busca de sucesso sem limites. Plena máscara para pouco carnal, isso quebra a cordaria.

Aracelis Paulo Ramalho - Casa Forte - [aracelis7@bol.com.br](mailto:aracelis7@bol.com.br)

A situação das cidades atingidas pelas últimas chuvas é de cortar coração. Quem assiste aos noticiários pela TV sente na pele o drama vivido pelas pessoas que perderam tudo, inclusive parentes. O momento é de solidariedade e o mesmo tempo de reflexão. O que aconteceu é uma tragédia, repetição do que foi vivido por habitantes da mesma região há 50 anos, pois o JC deste dia 22, registra uma notícia publicada no mesmo dia do mês de junho de 1960, sobre algumas cidades do Agreste e Sertão que ficaram isoladas, ficaram sem estradas destruídas e até o transporte de terra foi suspenso. Isso, sem nenhuma dúvida, revela a fragilidade, a falta de cuidados e de atenção das administrações municipais, ao permitirem a ocupação de áreas próximas aos rios, dos rios e rios de interesse não para a população. Quanto o poder público falta, o povo sofre as consequências.

Water Freitas - Piquinim - [waterfreitas@bol.com.br](mailto:waterfreitas@bol.com.br)

As consequências dos efeitos das chuvas nos Estados de Pernambuco e Alagoas com o terremoto do Haiti, o ministro Nelson Jobim deu a noção exata do que a população desses Estados está passando. É necessário que haja uma mobilização nacional em prol dos atingidos por esta catástrofe. Como sugerido, artigos da terra bem que poderiam mostrar atualizações com a finalidade de arrecadar dinheiro. As ações adotadas nos anos passados, em nome dos atingidos pelas chuvas de Santa Catarina, conseguiram um belo resultado. Este será o nosso parâmetro. Paraíba, Brasil.

Cleto Cruz - Recife - [cleto@bol.com.br](mailto:cleto@bol.com.br)



#### há 50 anos

**Internacional**  
 WASHINGTON - O secretário de Defesa, Thomas Gates, declarou que os Estados Unidos estão militarmente preparados e dispostos a enfrentar qualquer tipo de guerra seja pequena ou grande. E mais: "nossa prioridade está alerta e podemos nos deslocar rapidamente ou até reforçá-los, se for preciso". O recado, segundo a imprensa, foi para a União Soviética.

**Nacional**  
 BRASÍLIA - O presidente Juscelino Kubitschek, viajou hoje para a Ilha do Bananal em companhia das filhas Flávia, Marília e Doris Sara, além do ministro Melo Souza. Juscelino quer avaliar a todo custo o projeto de transformar a maré alta fixada do mundo em um parque turístico. Projeto esse que a oposição não aceita.

**LOCAL**  
 O governador Celso Sampaio esteve ontem no Engenho Proibido, em Itaquilândia, com a finalidade de verificar o conflito entre proprietários e fazendeiros, na disputa de terras. O governador ouviu reclamações e sugestões sobre as terras e sugeriu que a terra litigiosa fosse loteada ao preço de Cr\$ 20 mil paga em prestações.

#### Trecho

Ficamos em ano de eleição o governador Eduardo Campos esqueceu do projeto que liga Albuquerque N. de Sertão a Afogados da Ingazeira. O que mais impressiona é saber que existe um esborço do DER em Sertão. Paralelamente vem alguns dos funcionários deste órgão nos comentários das estradas. Está o por que do secretário dos Transportes faz visitas grossas para o que acontece neste pequeno trecho? Pernambuco tem que ser tratado como um todo e não por localidades. Diversos acidentes já aconteceram.

Paulo Araújo - A. de Ingazeira - PE

#### Controle

Os governos precisam criar e fazer cumprir leis mais rígidas para quem agride de qualquer forma a natureza. Condições e campanhas nos meios de comunicação não estão surtindo o efeito desejado e o meio ambiente diariamente está sendo machucado com pessoas pagando caro em sua própria vida destruindo suas casas próximas aos cursos dos rios ou em encostas, causando destruição e morte quando a natureza reclama seu espaço. Devemos haver sanções penais para os poluidores.

Cláudio de Melo Silva - Olinda - [melo\\_cdo@bol.com.br](mailto:melo_cdo@bol.com.br)

#### Escureidão

A comunidade da Várzea quer saber das autoridades municipais, incluindo o prefeito João de Cortes, o que estão esperando para que seja consentida a iluminação da praça de expensas na graça. Ela é o lugar mais frequentado e a escureidão impede o lazer do bairro.

Rubens Sertão - Várzea - [rubensertao217@bol.com.br](mailto:rubensertao217@bol.com.br)

#### Psiquiatria

Existem poucas dúvidas em todo o mundo desenvolvido quanto ao não há internações psiquiátricas. Atuação do Tratamento Bipolar II permite ligadas ao lobo, agressões psicômotoras internas, das reações temidas, estresse violento, insatisfações internas, fuga são frequentes e tantas situações mais. Nenhum médico ou psicólogo hesita na hora de recomendar a uma hospitalização psiquiátrica. As crises particulares - crises - vivem lotadas. O SUS, que atende a população de baixa renda, o que não representa nada diante do orçamento gigantesco do Ministério da Saúde e nem escapa ao projeto do ministério, com o pagamento da forma seguinte: um atestado por cada paciente internado, desassistido, assim, o doente mental pobre em situação psíquica grave. Pagamos impostos altíssimos, sem nenhum retorno do dinheiro que ganhamos com muito esforço. Não temos educação de qualidade, carecemos de segurança e nossa atenção à saúde como um todo patina num nível insatisfatório. A saúde mental, esta é calamidade no Brasil. Até quando abusarão de nossa paciência?

Ulysses Pernambuco - Recife - [ulysses@bol.com.br](mailto:ulysses@bol.com.br)

#### Baguena

Como se já não bastassem os inúmeros lançamentos de fios e cabos sobre as novas cabanas, que se desentrem como teias de aranha, colocando o cidadão em altíssimo risco de ser atingido e não evitar escapadela, vem mais uma operação de telefonia com uma catástrofe. O mais incrível é que não há fiscalização ou regulação de nenhum órgão público. A distribuidora de energia, passando por Detran, pelas operadoras de telefonia e internet, fazem o que for de melhor custo e o que lhes convém. Em bairros de periferia a escuridão é sem limites, pois, os fios são acionados de destruição de pipas e borboletas (foi com uma pipa em cada comunidade) e os famosas "macacos" para ligar pontos de luz e eletrodomicílios de ambulantes e barracões nas calçadas. É o tempo de o órgão público (Recife, Estado ou município) a quem cabe a responsabilidade, tomar providências antes de uma tragédia anunciada.

Rubens Sertão - Recife - [rubensertao217@bol.com.br](mailto:rubensertao217@bol.com.br)

As cartas enviadas à Redação não devem ultrapassar 10 linhas. Os editores poderão resumir, para adequá-las ao estilo do jornal. Os originais não serão devolvidos, assim como o jornal não tem o compromisso de publicar todas as cartas recebidas.

**Anexo B – Cartas do leitor do JC coletadas no período de 20/03/10 a 20/04/10**JC - Carta 001 – 20/03/10: **Candidatura**

O vice-presidente da República, José Alencar, um dos homens mais admirados e sérios deste país, afirmou no programa partidário do PRB que os novos exames no seu tratamento contra o câncer apontam sucesso. Na prática, ele sinaliza estar disposto a entrar na disputa eleitoral de outubro. Com o avanço no tratamento, o vice-presidente deve decidir se vai ao Senado ou ao governo de Minas Gerais, todavia, ele já havia revelado que sentia saudades do Legislativo e que pretendia voltar. Ele também é apontado como o candidato a governador que unificaria a base de sustentação do presidente Lula em Minas Gerais, onde três nomes do governo postulam vaga de candidato à sucessão de Aécio Neves (PSDB), contra Antônio Anastasia (PSDB). Disputam o apoio do presidente Lula e o palanque da ministra Dilma Rousseff, o ministro peemedebista Hélio Costa (Comunicações), Patrus Ananias (Desenvolvimento Social) e o ex-prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel. Não importa qual o cargo que José Alencar venha a disputar. O fato de ser um homem honrado já orgulha os brasileiros que vivem sob as “chamas da corrupção” que maculam a imagem do Brasil. **Marco Albanez** – São Lourenço da Mata – marco@albanez.com.br

JC - Carta 002 – 20/03/10: **Justificativa**

Enquanto o jornalista Guillermo Fariñas, em greve de fome, critica a postura tendenciosa de Lula, os brasileiros ignoram tal situação e continuam aplaudindo o presidente, inclusive, no seu apoio a Cuba. Conversando com uma jovem no Palácio Gustavo Capanema, justificava ela que “se” Dilma Rousseff havia matado no regime militar, seguiu o lema de que “os meios justificam os fins”. Repliquei, então, que ela aprovava a matança de traficantes pela polícia, o que ela se opôs, alegando que eles matavam inocentes, como se Dilma não tivesse feito o mesmo – matado inocentes. Estes são os eleitores de Lula que o aplaudem, ignorando que, indiretamente, estão aplaudindo a truculência da “democracia” cubana, pelas imagens que nos chegam pela TV. É a incoerência que “pulula” entre os eleitores analfabetos “politicamente”. **João Roberto Gullino** – Petrópolis – jrgullino@oi.com.br

JC - Carta 003 – 20/03/10: **Manutenção**

Em resposta à carta “Lâmpadas”, publicada nesse JC, a Prefeitura de Olinda informa ao leitor reclamante, que a Secretaria de Obras está realizando manutenção corretiva de 350 pontos de iluminação pública. E nessa manutenção estão sendo beneficiados os bairros de Rio Doce, Casa Caiada, Bairro Novo, Jardim Atlântico, Jardim Brasil, Cidade Alta, Carmo e Águas Compridas. O telefone para reclamações sobre iluminação pública no município é 0800.28.12.112. **Assessoria de Imprensa** da PMO.

JC - Carta 004 – 20/03/10: **Começo**

Agora a luta só começou. A sociedade tem que se organizar para a viabilidade de um parque com segurança, pistas de cooper, pista infantil para velocípedes, carrinhos, estacionamento organizado e pagamento para usufruir, com segurança, limpeza, etc. E ainda um dia de gratuidade para escolas públicas. Um dia para associações governamentais de apoio aos carentes. E o prefeito que viabilizar tal feito nunca vai ser esquecido. Estou me referindo ao Parque da Tamarineira. **Sheila J. Santos** – Recife – verderecife@uol.com.br

JC - Carta 005 – 20/03/10: **Alô, Oi!**

Na Rua Isaac Salazar, em frente ao número 228, Tamarineira, há um orelhão prestes a causar um acidente. A sua base de sustentação está enferrujada e a circulação em volta dele é intensa devido a uma escola. **Cynthia Freire** – Tamarineira – cynthiafreire@hotmail.com

JC - Carta 006 – 20/03/10: **Responsabilidade**

Todos os dias se ouve falar nos prédios do tipo caixão com riscos de desabamento. A Caixa, financiadora da maioria deles com recursos do FGTS, deveria também ser responsabilizada. Quem financia deve fiscalizar. Basta ser necessário fazer qualquer conserto hidráulico ou elétrico, para se ver por trás da pintura o material de péssima qualidade, tudo com o aval da Caixa. **Carlos Nóbrega** – Jaboatão dos Guararapes – carlosnobrega2004@hotmail.com

JC - Carta 007 – 20/03/10: **Repetência**

Está virando brincadeira de mau gosto. Toda semana há falta de energia no bairro do Rosarinho e adjacências. Mas nesta semana a incompetência foi longe demais. No dia 16 ficamos quatro horas sem energia durante a madrugada. Não houve como dormir em virtude do calor infernal e da morosidade da solução. E no dia seguinte, o fato se repetiu. Após um dia cansativo de falta de sono anterior, mais outra noite de inferno. Isso é um absurdo. A Celpe, tão competente em cobrar pelo serviço ruim que presta, revela-se uma instituição desorganizada e indolente quando põe uma gravação de uma irritante voz no 0800 081 0196 afirmando que aguarde atendimento, para em seguida dar sinal de ocupado, deixando o usuário na condição de bobó. Tanto descaso e incompetência merecem uma punição exemplar. **Carlos Bayma** – Rosarinho – carlosbayma@gmail.com

JC - Carta 008 – 20/03/10: **Cobrança**

O descaso, o desmando, a inoperância e a exploração da Compesa está passando dos limites. Agora pretende cobrar uma taxa para quem tem poço artesiano em casa. Pelo jeito a companhia vai cobrar também pela água da chuva. **Dionízio Filho** – Ribeirão – diomshow@hotmail.com

JC - Carta 009 – 21/03/10: **Engano**

O “infalível” Bento XVI está redondamente enganado a respeito do celibato. Historicamente, pois, nos primeiros séculos da Igreja, não havia celibato. Bispos e padres casavam-se sem problemas. Ainda hoje, os padres da igreja ortodoxa

casam-se, sem faltar aos seus deveres sacerdotais. Entre eles, aliás, não se tem notícia de pedofilia. Por que a Igreja romana se queixa da escassez de vocações e da debandada de seus fiéis para outras denominações cristãs? Resposta: os escândalos sexuais dos padres católicos estão pipocando no mundo inteiro e respingam sobre a púrpura de S.S. Em vez de insistir numa lei obsoleta, introduzida no Concílio de Elvira (Espanha) entre 300 e 360 d.C., por motivo de prevaricações e de finanças (mas os casamentos continuaram por décadas), o papa devia evangelizar os próprios católicos para a essência da religião: o amor a Deus e ao próximo. **Ladislao Gati** – Recife – gatihaj@gmail.com

JC - Carta 010 – 21/03/10: **Dança**

Pense em uma cena surreal! Pensou? Então, multiplique por dez! Só assim será possível chegar próximo do que foi a pantomima de Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil e pré-candidata do PT à Presidência da República, durante mais uma de suas agora frequentes aparições na TV, desta vez no programa humorístico mais escrachado da TV brasileira, quando aceitou dançar “rebolation”, o sucesso do Carnaval de 2010. Só mesmo a absoluta falta de senso de ridículo, ou o apego ao princípio de que “vale tudo” para vencer eleições, poderia fazer com que Dilma impusesse aos espectadores do “Pânico na TV” a traumática experiência de assistir sua “grotesca dancinha”. Aliás, essa performance de Dilma passa a ser o maior mico eleitoral da história dessa democracia brasileira. A ministra desbanca dessa forma o ex-presidente FHC, que detinha o posto desde 1994, quando, durante visita de campanha ao Sertão pernambucano, deixou-se flagrar comendo, com cara de quem estava adorando, uma buchada de bode. É por essas e outras que prevalece a tese de que políticos, independentemente do viés ideológico ou partidário, são todos farinha do mesmo saco. **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com

JC - Carta 011 – 21/03/10: **Abuso**

Gostaria de saber se é correto a Prefeitura de Goiana cobrar mais que 300% do IPTU/2010, em comparação a 2009. Acho um abuso em todos os sentidos, sobretudo contra os trabalhadores que tiveram aumento de pouco mais de 10%. A prefeitura, achando pouco, cobra ainda taxas de iluminação, coleta urbana e de tapa-buracos, e ainda retira o transporte gratuito dos estudantes. Estou indignado. A quem devemos recorrer? À imprensa, ao Procon, à justiça ou ao Tribunal de Contas? **Henrique Fenelon** – Goiana – sernaldo@bol.com.br

JC - Carta 012 – 21/03/10: **Atendimento**

A comunidade de Jaboatão dos Guararapes não está satisfeita com o atendimento da Celpe, núcleo situado no Shopping Guararapes. O atendimento chega a durar um dia inteiro e os funcionários atendem em média 100 pessoas/dia, inclusive pessoas de outras regiões, como o Recife, Camaragibe, Paulista, etc. Além do mais, a preferência aos idosos não vem sendo obedecida. Essa lentidão no atendimento não se explica e as reclamações não param. O sistema de fichas não funciona. **Ana Macário** – Jaboatão dos Guararapes – ana.macario@hotmail.com

**JC - Carta 013 – 21/03/10: Modelo**

Em Cuba as “Damas de Blanco”, grupo formado por parentes de presos políticos, foram detidas enquanto faziam uma passeata pacífica em Havana e obrigadas a entrar à força em dois ônibus. Esse é o regime totalitário dos castristas que o presidente Lula tanto admira. **Izabel Avallone** – São Paulo – izabelavallone@yahoo.com.br

**JC - Carta 014 – 21/03/10: Preservação**

Em Paris existe um hospital de nome Hôtel-Dieu, localizado às margens do Rio Sena. É o hospital mais antigo e até hoje em atividades, fundado no ano de 651 pelo bispo de então, Saint-landry. O hospital sofreu vários incêndios, passou por várias reformas e hoje se encontra modernizado. É ligado à Faculdade de Medicina Paris-Descartes e faz parte da assistência pública dos hospitais de Paris. É também considerado um símbolo de caridade e hospitalidade, tendo sido o primeiro hospital da cidade até a Renascença. Embora esse grande hospital fosse situado numa das áreas mais valorizadas, nunca ninguém por lá defendeu a transferência de seus serviços para instalação de um shopping center, ou melhor, de um centro de compras. Lá, é onde reside a civilização. Lá, Igrejas, hospitais e outros prédios públicos são respeitados, permanecem ao longo dos séculos, não são pura e simplesmente “apagados” da cidade para satisfazer a cobiça de interesses privados, como se pretende fazer com a transferência do Hospital da Tamarineira. Em vez disso, deveriam procurar modernizá-lo, já que a cidade é tão carente de atendimento médico. Diante disso, faço a seguinte pergunta aos recifenses de boa-fé: será que vamos ficar de olhos fechados vendo os nossos governantes, a Igreja e parte da nossa sociedade deixar seguir adiante um crime bárbaro e espúrio como esse? Será que nos tornamos tão descrentes com os seres humanos, com a nossa cultura e com as suas instituições e até mesmo com a nossa vida, para deixar isso acontecer? **Eduardo Aguiar** – Recife – ed.aguiar@uol.com.br

**JC - Carta 015 – 21/03/10: Salários**

Depois dos professores e defensores públicos, que recebem o pior salário do País, os delegados de polícia também são lanterninhas no Nordeste. Apesar de Pernambuco ter o segundo maior PIB da região, remunera os seus delegados pior que o Piauí. Lá, o salário chega em início de carreira a R\$ 9.609 enquanto nosso Estado paga R\$ 5.855. Parece brincadeira. Brincadeira é ouvir sempre do governo que “os reajustes concedidos aos delegados nos três anos de gestão demonstram a valorização da categoria...” É o mesmo discurso que tem para os professores e defensores públicos. E o pior é que corremos risco de continuar nessa situação, pois o tempo para qualquer aumento termina em 3 de abril. A legislação eleitoral tem de ser cumprida. **José Cláudio Azevedo** – Olinda – jclaudio.azevedo@hotmail.com

**JC - Carta 016 – 22/03/10: Estrutura**

A Petrobrás era uma empresa 100% estatal, quando conseguiu autossuficiência em petróleo e iniciou as pesquisas do pré-sal. Logo, todo o seu desenvolvimento, até chegar a esse estágio e se tornar a segunda maior empresa mundial do setor, foi erguida com o dinheiro de todos os Estados. As riquezas do subsolo são também do

brasileiro. Dessa maneira, os royalties devem ser igualmente distribuídos. Pode até haver uma pequena diferença nos Estados produtores para compensar o impacto ambiental e populacional das cidades afetadas. Porém, até nisso, elas vão ter aumento de arrecadação de impostos. Quanto à declaração de Sérgio Cabral, sobre a ameaça da possibilidade de se realizar as Olimpíadas de 2016, ele precisa pensar antes de falar, pois anterior a essa discussão, ele afirmou que o Rio possuía todas as condições para o evento sem se referir a verbas federais. **Edson Campos e Silva** – Boa Viagem – ecampos@globo.com

JC - Carta 017 – 22/03/10

O governador do Rio de Janeiro tem razão. Querem passar a mão na parte justa que lhe cabe como Estado maior produtor do pré-sal. O que nos chateia é ver outros Estados que não produzem nada querendo usufruir de uma partilha maior de uma divisão correta. E se outros estados também reivindicasse partilha na produção de cana-de-açúcar de Pernambuco? Todos também iriam chiar. Vamos esquecer quintal do vizinho e trabalhar com nossos próprios recursos e acabar com olho grande na casa dos outros. **Raul de Araujo Lira** – Campo Grande – raulira@bol.com.br

JC - Carta 018 – 22/03/10

Não se pode imaginar um Estado da Nação abdicando de R\$ 7 bilhões anuais, ainda que este fato seja justificado por fortes argumentos jurídicos. Fluminenses, nordestinos e brasileiros em geral, necessitam de uma solução com relação a partilha do pré-sal. O petróleo do Brasil é nosso. Todavia, não se concebe planejar as contas públicas de um Estado sem uma parte de recursos tão significativa. É preciso escalonar o quanto antes os efeitos da distribuição dos royalties do petróleo. Só assim, evitaremos o sentimento de vencedores e derrotados, dentro de uma mesma pátria. **Célio Cruz** – Recife – celiocruz@terra.com.br

JC - Carta 019 – 22/03/10: **Redução**

É estranho o governo divulgar que a violência diminuiu no estado e o “Pacto pela Vida” está mostrando resultado. Não entendo como se pode reduzir o índice de criminalidade, numa cidade onde as delegacias são consideradas uma das piores do País, sem infraestrutura, segundo recente pesquisa divulgada na mídia. Estamos quase no período eleitoral, e espero que o povo pernambucano avalie melhor a política de segurança pública e faça seus julgamentos nas urnas. **Manoel Limoeiro** – Torrões – manoeljsl27773997@hotmail.com

JC - Carta 020 – 22/03/10: **Desrespeito**

A Borborema e o Recife Consórcio de Transporte não têm o menor respeito para com os usuários na linha Candeias - Dois Irmãos, principalmente das 6h até as 8h. Os ônibus velhos, já chegam em Candeias literalmente lotados e, daí pra frente, é só sufoco até a Avenida Recife. Trabalhadores, estudantes, passageiros em geral são tratados com desleixo. Na volta, a situação não muda, talvez pior diante do cansaço. Já reclamamos ao GRCT, mas de nada adiantou. **Lúcia de Fátima** – Jaboatão dos Guararapes – luydefatima@yahoo.com.br

**JC - Carta 021 – 22/03/10: Revisão**

Venho parabenizar o artigo do senador Marco Maciel, “É preciso fortalecer os municípios”. Ele defende uma revisão dos critérios de repasse do FPM de modo que as prefeituras não fiquem vulneráveis às necessidades do governo e nem as variações da economia mundial. **Fátima Carneiro** – Madalena – fatinhaalves@hotmail.com

**JC - Carta 022 – 22/03/10: Ideologia**

Após certificar-se de que a concessão ao Brasil de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU não passou de um sonho, Lula resolveu “chutar o pau da barraca” e escancarou para o mundo, a sua real ideologia da política externa que é, na realidade, a do PT. É uma política de um partido e não de um governo, mostrando, claramente, a democracia que eles querem para o Brasil. A admiração que Lula demonstra aos irmãos Castro é descabida e incompreensível, pois de tratam de ditadores sanguinários, responsáveis pelo destroçamento da economia cubana. Na sua última viagem à ilha foi um enorme fiasco e causou vergonha o brasileiro, ao mostrar-se em praça pública, rindo ao lado de Raul Castro, ouvindo e aprovando mentiras. A incoerência de Lula é de estarrecer. Enquanto no Brasil o seu governo já pagou R\$ 4 bilhões a presos políticos do regime militar, em Cuba ele compara os presos discordantes do governo dos Castro, com os bandidos comuns de São Paulo. Por outro lado, agindo na contramão do resto do mundo, Lula, guiado por Amorim e Garcia, está demonstrando de forma cada vez mais forte, o seu apoio ao alucinado presidente do Irã, aquele que disse as seguintes pérolas: “o holocausto não existiu; eu ainda irei varres Israel da face da terra e os americanos implodiram as duas torres gêmeas”, para justificar a guerra contra o terrorismo. Eu temo pelo que poderá acontecer com o Brasil, se a maioria do nosso povo em obediência a determinação do “messias”, eleger uma guerrilheira autoritária. **Horácio Fittipaldi Sênior** – Espinheiro – hfitti@terra.com.br

**JC - Carta 023 – 22/03/10: Resultado**

O PIB do Brasil para 2009 foi anunciado em -0,2%. Este foi o resultado da “marolinha” subestimada por Lula. Criaram a sigla chamada de PAC para fazer o País andar, como se apenas uma jogada de marketing eleitoreira desse algum resultado. Como nem assim o País cresceu, já estão falando em PAC2. Chega de enganar o povo brasileiro. Essa popularidade tem que ser desmascarada, pois em quase tudo que o PT põe a mão, é de forma errada, excetuando-se na macroeconomia herdada do governo FHC. A educação está em frangalhos, onde sequer organizar um Enem eles sabem. **Iramar B. Albert Jr** – Recife- Iramar\_jr@yahoo.com.br

**JC - Carta 024 – 23/03/10: Destruição**

Parabéns ao **JC** e a Arthur Carvalho pelo artigo “Contrato de gaveta”. Esse artigo deve ser transcrito nos anais da Câmara de Vereadores do Recife e de Olinda, e nos anais da Assembleia Legislativa para que esses senhores olhem um pouco para as questões ambientais, para os processos de destruição nas cidades e nos campos. O **JC** sempre bate nessa tecla: a derrubada de árvores em Goiana, Caruaru, Recife e

alhures. Recentemente, a Celpe destruiu umas cinco mangueiras na sua subestação de Casa Caiada – Jardim Fragoso, enquanto algum morador exterminou duas árvores na Praça 12 de Março, tudo isso e mais outras barbaridades em Olinda. Nenhuma autoridade fez alguma coisa até hoje. Aliás, penso mesmo que a maioria cega, surda e muda aposta no pior para todos, em Olinda, em Pernambuco: visitemos nossos rios Capibaribe, Beberibe, Tracunhaém, Ipojuca, Una, etc. Não há reflorestamento nenhum e as olarias, padarias, restaurantes, além das usinas, continuam queimando a flora e a fauna, impiedosamente. Mas, infelizmente, as pessoas que recebem ganhos para cuidar dessas questões, estão é engordando suas contas e aumentando seus patrimônios materiais, como se um dia não morressem, viajam para o exterior sem nem mesmo saber onde fica Paris, Miami ou Dubai, vão e voltam e continuam de costas para seu próprio País. **Ramos Sobrinho** – Recife – jramossobrinho@gmail.com

#### JC - Carta 025 – 23/03/10: **Importância**

A história tem permanências, mas as mudanças são importantes. Uma está se dando na luta política. A sociedade vai tomando consciência de outras coisas básicas. A preservação do meio ambiente é uma delas. Muita construção não acena com qualidade de vida. Se o poder público investisse para valer na rede de saneamento, por exemplo, teria obra para muitos anos. Mas prefere aparecer com outras realizações. Não há um olhar para o futuro, o que vale é o retrato no jornal. A propaganda continua sendo a alma do negócio. E o espaço para questionar tudo isso é muito controlado. **Antônio Paulo Rezende** – Casa Forte – cielo77@uol.com.br

#### JC - Carta 026 – 23/03/10: **Atribuições**

Tem tanta coisa que a PCR deveria fazer e não faz, como fiscalizar e monitorar o trânsito que está um horror a qualquer hora. Só vemos guardas escondidos multando ou jogando conversa fora. A PCR também deveria observar que quase não existem calçadas em ordem e os pedestres se arriscam andando pelas ruas junto aos veículos. A prefeitura deveria tapar os buracos que destroem os carros e põem em risco a vida de motoristas e pedestres. **Rogério de Melo** – Recife – rogeriodemelorecife@bol.com.br

#### JC - Carta 027 – 23/03/10: **Método**

Os que estão alardeando alegria pela subida de Dilma nas pesquisas, deveriam se informar como elas são feitas. Na indicação nominal dos candidatos, no nome de Dilma é acompanhado de: “indicada por Lula”. E entre os municípios pesquisados 80% das prefeituras são petistas. Da mesma maneira da atuação fantasiosa de Lula. O político inglês Benjamin Disraeli já dizia: “Existem mentiras, grandes mentiras e estatísticas”. É ingênuo quem acredita em pesquisas. **João Roberto Gullino** – Petrópolis – jrgullino@oi.com.br

#### JC - Carta 028 – 23/03/10: **Risco**

Gostaria de saber quando a Compesa irá tampar uma cratera criada há mais de um mês e vem pondo em risco pedestres e motoristas, além de interromper o tráfego da

Rua Pereira Coutinho Filho na Iputinga. Será que a companhia está esperando alguém se acidentar para tomar alguma providência? **Wladimir Lacerda** – Iputinga - Recife

JC - Carta 029 – 23/03/10: **Atendimento**

Gostaria de destacar o mau atendimento no serviço de prontidão da Celpe. No meu bairro, Aflitos, ocorreu falta de energia e ao solicitar o 0800 que se encontra na conta de luz, entrava uma gravação informando que outros bairros também estavam com problemas (Imbiribeira, Rio Doce, Jardim Atlântico, etc.), e se fosse esse o problema, já estaria sendo resolvido, se não, aguardasse na linha e em seguida a linha caiu. Tentei três vezes para conseguir, e mesmo sem discar o número do contrato, uma gravação falou que o meu problema seria solucionado em três horas. Detalhe: das duas vezes que consegui ouvir a gravação em horários totalmente diferentes, a previsão era a mesma e não consegui falar com nenhuma atendente. Vamos melhorar os atendimentos aos clientes, **Dona Celpe**, as manutenções e a rapidez nos consertos, porque nesse caso demorou cinco horas para a situação se regularizar. **Karyne Brito** – Recife – karynerouge@hotmail.com

JC - Carta 030 – 23/03/10: **Retirada**

Moradores de Paulista foram surpreendidos com a retirada da linha 999 Pau amarelo – Derby, pela empresa Cidade Alta, fato que ocorreu com a implantação do Terminal de Integração Pelópidas Silveira, situado na PE-15. Entendo que uma integração venha para acrescentar serviços à comunidade, bem diferente do que aconteceu com essa linha. Pedimos que o Grande Recife Consórcio de Transporte reveja essa decisão e determine a volta da referida linha que, com sua ausência milhares de pessoas residentes nos distritos das praias de Paulista foram drasticamente afetadas no acesso ao trabalho e outros compromissos. Sabemos que o percurso do litoral paulistense a Olinda e Recife, por questão de lógica, deve ser feito sem o trânsito pela sede do município. Essa atitude gerou grandes transtornos a toda a população. Afinal, qual a justificativa para a retirada da linha? E a missão de “atender os interesses do povo”, onde fica? **Vandoci Dantas** – Paulista – vandoci@hotmail.com

JC - Carta 031 – 24/03/10: **Bondinho**

Em Lisboa, Rio de Janeiro, Belo horizonte e outras cidades onde se preservam os prédios históricos, podemos encontrar entre outros meios antigos de locomoção, o bonde ou trem tipo “maria fumaça”. Aqui no Recife existe um bairro chamado Recife Antigo que, para fazer jus ao título ainda precisa de muito investimento, principalmente em bonde que poderia circular em suas ruas. E até trilho já tem. Ao fazer essa sugestão nessa coluna durante a gestão anterior, recebi ligações de pesquisadores que me pediram mais detalhes sobre essa ideia, porém, até agora nada se fez de concreto. Acredito que, pelo espírito empreendedor do prefeito, talvez essa sugestão seja dessa vez aproveitada. **Cláudio de Melo Silva** – Olinda – melo\_riodoce@hotmail.com

JC - Carta 032 – 24/03/10: **50 anos**

Chamou-me atenção, matéria publicitária de página inteira, publicada nesse JC de domingo comemorando os 50 anos da TV Jornal do Commercio. Eu tinha certeza de que ela fora inaugurada em junho de 1960, portanto, ainda faltavam alguns meses. Mas, lembrei-me de um fato. Na época eu estudava na Escola de Aplicação Cônego Rochael de Medeiros, no 13 de Maio. Da minha sala de aula ficava “olhando” para o bairro de Santo Amaro, e de lá dava para ver as duas torres que subiam em “busca dos céus”. Inicialmente só a do Canal 2 e posteriormente do antigo Canal 6. E neste misto de recordação, veio à mente que o Canal 2 lançou suas imagens experimentais bem antes de sua inauguração, onde felizardos telespectadores reuniam familiares e vizinhos em suas casas para assistir a novidade. Entre elas, o repórter Esso, testemunha ocular da história. Então, entendi finalmente a mensagem que lera no jornal: são 50 anos da primeira imagem televisiva em nossa capital. Parabéns, então, a todos que fazem a emissora pioneira e genuinamente pernambucana. **Sílvio Dantas** – Tamarineira – sildant@oi.com.br

JC - Carta 033 – 24/03/10: **Esquecimento**

É visível para todos. Quem anda no Largo da Encruzilhada até o terminal de Campo Grande, se depara com a exclusão do asfalto da Rua Vicente Pinzón, no bairro do Hipódromo, a única das 30 ruas transversais deste trecho da Estrada de Belém que não possui calçamento. Não bastou ter o nome do ilustre navegador espanhol que primeiro chegou ao Brasil para a rua ser asfaltada. Em que ano estamos? 1500? Fica a pergunta: Quando será que a Prefeitura da Cidade do Recife irá “descobrir”, ou melhor, cobrir com asfalto essa rua? **Henrique Dias** – Hipódromo – hjosed@gmail.com

JC - Carta 034 – 24/03/10: **Permissão**

Alguém pode me informar qual o horário permitido para o funcionamento dos indesejáveis bate-estacas indispensáveis na construção de prédios? Quem os controla? Prefeitura, Crea, ou a construtora responsável? Ou os três em comum acordo? Moro em frente a uma construção em Boa Viagem e as batidas começam pouco depois das 7h da manhã, inclusive no sábado, exatamente no único dia em que podemos dormir um pouco mais. A quem eu devo reclamar? **Eduardo Brito** – Boa Viagem – eduardo.ccbrito@hotmail.com

JC - Carta 035 – 24/03/10: **Sequência**

Gostaria de pedir à Prefeitura do Recife que tapasse milhares de buracos que se encontram um atrás do outro, no começo da Rua Quarenta e Oito, no Espinheiro. Os amortecedores e pneus do meu carro agradeceriam. **Karyne B. Ferreira** – Espinheiro – karynerouge@hotmail.com

JC - Carta 036 – 24/03/10: **Recall**

Gostei da matéria do domingo sobre os recalls. Os defensores das montadoras podem até alegar que os recalls estreitam o relacionamento com o cliente, demonstrando preocupação com a qualidade. Qualidade hoje não é mais diferencial,

é obrigação. A Volkswagen tem decaído muito na qualidade do pós-venda. Seu site é precário e não se consegue fazer uma reclamação direta à fábrica. O fale conosco é “não fale conosco”. O chat diz que anota as reclamações, mas tem até atendente grosseiro que derruba a conexão. As concessionárias não estão agendando o recall (alegam falta de peças) – não deveriam ter mandado as cartas. Agora andamos nos carros sem saber se eles irão quebrar na próxima esquina. **Ricardo Banholzer** – Olinda – rfbahot@hotmail.com

JC - Carta 037 – 24/03/10: **Cadê?**

Onde está a polícia do governador Eduardo Campos? Dia 18, um engarrafamento quilométrico se estendeu por toda Mascarenha de Moraes. O motivo ainda não foi o alagamento que surge com qualquer chuvinha, mas sim assaltos à luz do dia, na altura da Ponte Motocolombó, quando as pessoas se dirigiam para o trabalho. Todos procuravam pela polícia, mas não havia. E perto dali fica a Delegacia de Homicídios, que se mostrou inoperante. A polícia militar, sempre devagar, chegou quando os ladrões já haviam se dado por satisfeitos e o horror já estava implantado. **Anna Maria Cardozo** – Recife – annamariacardozo@hotmail.com

JC - Carta 038 – 24/03/10: **Parceria**

Quero lembrar à Prefeitura do Recife, que promove cursos profissionalizantes, que não se esqueça dos alunos que se formaram na Escola Moacir de Melo Rego, no Vasco da Gama. Foram cursos de serralheria, solda elétrica, solda acetileno, caldeiraria e eletricista predial. Todos reclamam que depois não se tem uma oportunidade de emprego porque não existe uma parceria com as empresas. Poderia ser feito um acordo com o Promimp, do governo estadual. Este órgão vem aproveitando os concluintes do Senai enviando para o Porto de Suape. Nós também poderíamos ser aproveitados. Pense nisso, senhor prefeito. **Mário Bezerra** – Recife – ulisseslauro@yahoo.com.br

JC - Carta 039 – 25/03/10: **Comemoração**

A Semana da Árvore começou dia 22. A PCR divulgou uma programação festiva, mas a Emlurb encontrou uma forma peculiar de festejar. Resolveu podar árvores às 23h na Rua Alberto Paiva, nos Aflitos, com motosserra ligada, sem nenhum motivo ou propósito. O agrônomo responsável não estava presente, evidenciando que as ações se dão sem supervisão nem critério técnico. Inibidos pela polícia chamada por moradores por causa do barulho, os trabalhadores passaram a depredar as árvores com facão. É essa a técnica que nosso serviço de manutenção desenvolve para cuidar das árvores da cidade? E faz o serviço após 22h, quando não há a quem se apelar para evitar a injustificada intervenção? Como cessar a irresponsabilidade e o desrespeito às árvores e áreas verdes do Recife? Com a Emlurb cuidando das árvores urbanas, nem precisamos de shopping na Tamarineira para nos preocupar. **Isabelle Meunier** – Aflitos – meunier@hotmail.com.br

JC - Carta 040 – 25/03/10: **Mudança**

Muito oportuna a matéria veiculada, no último domingo, nesse JC, sobre o uso e comemoração dos 50 anos da pílula, fato que causou uma verdadeira revolução

sexual. É nesse sentido que fazemos uma breve e contundente reflexão de como um simples medicamento modificou todo um contexto sociocultural que **vigorara** amplamente em âmbito internacional. Mesmo sabendo que os efeitos sociais das pílulas carregadas de hormônios ocorreram a lentos ESTRATÉGIAS e, em especial, aqui no Nordeste, onde as famílias mantinham tradição de muitos filhos. Já dizia o “rei” Reginaldo Rossi na célebre “A raposa e as uvas” em meados dos anos 80: “(...) a pílula já existia, mas nem se falava”. Contudo, é de suma importância ressaltarmos os efeitos diretos dos anticoncepcionais. **Rodrigo Farias** – Camaragibe – rf\_grau@yahoo.com.br

JC - Carta 041 – 25/03/10: **Destino**

É preciso que enxerguemos o óbvio: a construção da arena da Copa, em São Lourenço da Mata, atenderá apenas aos interesses da Copa do Mundo. Após a sua realização, o que faremos com aquele “elefante branco”? Esse projeto a longo prazo mostra-se inviável. Afinal, quem, em sã consciência, levará os jogos do Náutico, Santa Cruz e Sport para uma área distante do Recife? É preciso ter coragem e assumir que, se for para edificar esse projeto faraônico e fadado ao abandono, não interessará a Pernambuco, enquanto subsede da Copa. **Célio Cruz** – Recife – celiocruz@terra.com.br

JC - Carta 042 – 25/03/10: **Galhos**

Em atenção ao leitor Carlos Bayma que, em carta publicada dia 22, reclamou de interrupções de energia em Rosarinho, a Companhia Energética de Pernambuco (Celpe) informa que as duas ocorrências citadas pelo leitor foram provocadas por galhos de árvores que tocaram fios de alta tensão e resultaram na interrupção temporária. Os reparos exigiram cautela dos técnicos para a normalização do fornecimento com segurança para a população. Uma ação de poda na área está sendo agendada. **Assessoria de Imprensa** da Celpe

JC - Carta 043 – 25/03/10: **Sonho**

No Dia Mundial da Água, moradores do Loteamento Bosque das Mangueiras, em Itamaracá, sonharam em ter água encanada em suas casas, mas parece que a Compesa não está nem um pouco preocupada com essa comunidade que sofre há mais de 10 anos sem ter um pingô. **Sandro Soares** – Itamaracá – sansonas@hotmail.com

JC - Carta 044 – 25/03/10: **Baderna**

Nós moradores do entorno da Faculdade Maurício de Nassau não sabemos mais a quem recorrer, para que se acabe de vez com a baderna provocada por estudantes, tanto nas ruas como nos estacionamentos irregulares com som alto, instalação de barracas especialmente nas sextas-feiras. É realmente de tirar o juízo de qualquer ser humano. E agora, pior ainda, com o comércio desordenado vendendo bebida alcoólica acompanhada de salgadinhos feitos ali mesmo, parecendo mais uma “feira de mangaio”. Toda vez temos que ligar para 190 da PM e eles nos socorrem, mas só para o som e assim mesmo é um paliativo. Todas as autoridades têm

conhecimento do que ocorre, mas infelizmente, só há competência para cobrança de impostos. **Rômulo Almeida** – Derby – Recife

JC - Carta 045 – 25/03/10: **Exigência**

Li nos jornais que o ministro Paulo Vanucchi, dos Direitos Humano, lançou um edital para comprar uma cama para seu gabinete de trabalho, com as seguintes características: espuma com poliuretano; revestimento antiácido, antifúngico e antialérgico, em condições de suportar 80 a 100 quilos. No edital, justifica-se que a aquisição da referida cama é para atender a enorme carga de trabalho do ministro. Se a moda pega, brevemente, cada gabinete de Brasília vai ter uma cama igual e, portanto, o dito cujo vai passar algumas noites trabalhando só para pôr mais esse item no PNDH. É esse pessoal que Lula quer levar para a ONU, porque com toda a enorme vaidade que lhe é peculiar, essa postura de estadista que tenta passar ao mundo, nada mais é do que a vontade de bater no peito e dizer: diretamente de Caetés, interior de Pernambuco, para Secretaria Geral da ONU, junto com os meus aloprados. **Alf Cunha** – Recife – cunhaalf@gmail.com

JC - Carta 046 – 25/03/10: **Cobranças**

Em nome do povo, o Ministério Público deveria cobrar do ex-prefeito João Paulo pelo elefante branco que ele deixou: Parque Dona Lindu. O prefeito João da Costa, que também nunca disse ao que veio, também deveria ser cobrado. O povo está cansado de ser feito de bobo. Aliás, o ex-governador Joaquim Francisco, também, deveria ser responsabilizado por deixar outro elefante branco que é o Memorial Arcoverde. **Diogo Malvan** – Cabo de Santo Agostinho – diogomalvan@yahoo.com.br

JC - Carta 047 – 26/03/10: **Baboseiras**

Embora o governador de Pernambuco não perca a oportunidade de fazer proselitismo eleitoral, tecendo loas às melhorias adotadas na segurança pública, qualquer pernambucano sabe que esse discurso é fantasia. O fato é que Eduardo Campos, mesmo se dizendo de esquerda, adora aquela estratégia criada pelo nazista Goebbels, ministro de Hitler, segundo a qual “uma mentira muitas vezes repetidas torna-se verdade”. Recentemente, vivenciei um exemplo do quanto a segurança pública estadual está se especializando em “deixar na mão” os cidadãos que dela precisam. Na manhã do último domingo, enquanto recebia alguns amigos em casa, surgiu na rua um indivíduo altamente embriagado que, dizendo-se armado, batia de casa em casa ameaçando que, caso não recebesse dinheiro entraria nas casas para pegar. Vendo o clima de revolta na rua, solicitei que alguém ligasse para o 190 e acionasse o Posto Policial que fica a menos de 200m dali. Pois bem, depois de quase 10 minutos vendo a pessoa encarregada de fazer a ligação “pendurada no telefone”, fui saber o que estava ocorrendo, quando então fui informado de que, para acionar Posto Policial, a atendente do 190 (chamado de emergência policial) exigia que fossem respondidas uma série de ridículas perguntas, fazendo-se necessário, entre outras baboseiras, o fornecimento de uma detalhada descrição do indivíduo e suas vestes. Desisti e mandei encerrar a ligação. Afinal, foi fácil concluir que era melhor pagar para que o sujeito fosse embora. **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com

JC - Carta 048 – 26/03/10 [sem título]

A Rua Daniel Antonio Rodrigues, em Afogados, era ótima para se morar. Isso até os assaltantes a elegerem o seu paraíso. Daí virou um inferno. Meu filho, por exemplo, foi assaltado às 19h ao estacionar o carro, e sem esboçar reação, teve a cabeça aberta a coronhadas que lhe valeram 38 pontos. Quando todos os moradores do prédio onde residimos foram assaltados, resolvemos reagir pacificamente. Contratamos vigilância 24h e uma guarita foi construída. Estamos, pois, pagando mensalmente aos vigilantes o que nos seria tomado pelos assaltantes. É ou não é um assalto a crédito? E os assaltantes, quem são? Os marginais ou aqueles que recebem os nossos impostos para nos dar segurança? **Paulo Fernando Bezerra** – Afogados – paulofmb@oi.com.br

JC - Carta 049 – 26/03/10: **Royalties**

Lula deixou o problema dos royalties do petróleo correr solto. Agora foi obrigado a intervir no assunto e mandou os senadores de sua base guardar o projeto que trata dos recursos dos royalties, e que foi objeto da emenda Ibsen Pinheiro para uma votação no futuro, sem prazo definido para ser votado. A desculpa é que o debate dos royalties deve ser feito sem a pressão do embate eleitoral, num momento mais propício. No fundo, o que Lula quer é não se queimar com ninguém, permanecendo em cima do muro para receber os votos dos dois lados. **Ronaldo Ferraz** – Rio – ronferraz@globo.com

JC - Carta 050 – 26/03/10: **Discórdia**

O governo do Estado continua semeando discórdia não só entre os professores, mas também junto aos alunos com a diferença de tratamento nas escolas de referência e nas escolas “da geral”. Até o fardamento das escolas de referenciam é de melhor qualidade. E ainda vai reduzir os salários dos professores. Infelizmente, os deputados nada fizeram para impedir tamanha afronta e injustiça. Concluímos que, com profissionais da educação insatisfeitos e desmotivados, fica mais fácil os políticos enganar o povo. **Carla Simone** – Recife – css\_prof\_1976@yahoo.com.br

JC - Carta 051 – 26/03/10: **Conscientização**

Deveria haver uma campanha de conscientização para que as pessoas respeitassem as vagas de estacionamento destinadas aos deficientes. O fato acontece nos shoppings e supermercados, onde essas vagas especiais são invadidas por quem não precisa sem o menor respeito. **Aurélio Loiola** – Paulista – PE

JC - Carta 052 – 26/03/10: **Infidelidade**

O cúmulo da infidelidade partidária se traduz no caso em que prefeitos da oposição (DEM, PSDB, PPS...) comunicam abertamente apoio ao partido do governador (PSB), sendo que em 2008, apenas dois anos depois, esses mesmos prefeitos foram financiados e apoiados politicamente por essas legendas que hoje são traídas descaradamente, mostrando como funciona a política, onde não prospera a ideologia, mas sim favorecimentos provenientes do lado mais forte. Leia-se PSB. A

justiça que deveria fazer sua parte não faz. Há quase seis meses está tramitando no TER o processo de cassação do mandato dos deputados Ciro Coelho e Sebastião Rufino. Daqui a pouco termina o mandato deles e o processo não é julgado. Fato é que nem previsão tem para entrar em pauta, ou seja, nem com a justiça podemos contar. Só nos resta assistir o mundo político se definir cada dia mais. **Rui Borba** – Recife – ruigustavo@hotmail.com

JC - Carta 053 – 26/03/10: **Sem água**

Há mais de uma semana que enfrentamos um sério problema de falta d'água na Escola Barros de Carvalho, no Cordeiro. A direção da escola por diversas vezes tem entrado em contato com a Compesa, mas até agora não houve uma solução. O pouco de água que tem, vindo da cisterna, está sendo aproveitado na merenda. E fica uma pilha de pratos e panelas sujos e sem ter água para lavar. Outro problema grave reflete nos banheiros. Não tem água para dar descarga. Diante desse quadro, os professores e a direção da escola estão liberando os alunos mais cedo. Porém, a gestora da Gre Sul, quer obrigar os professores a continuarem dando aula normalmente como se a escola contasse com uma infraestrutura normal e os alunos se acomodassem. Pedimos urgência à Compesa para resolver essa questão que tanto nos preocupa. **Érika Aleixo** – Cordeiro – erikaleixo@gmail.com

JC - Carta 054 – 27/03/10: **Vontade**

Imaginava que os admiradores das ditaduras comunistas haviam desaparecido juntamente com a ex-União Soviética. Ledo engano. Esses “jovens” revolucionários que já gozam dos benefícios da terceira idade, foram ressuscitados no governo Lula e resolvem vagar como zumbis em todas as nossas instituições, assombrando nossa democracia. Retardatários e defasados no tempo, desejam a implantação de um sanguinário totalitarismo de esquerda através de um nefasto programa de “direitos humanos” (PNDH), base de um eventual governo Dilma, que fere de morte nossa Constituição. Como já disse claramente o presidente Lula, que costuma meter a colher onde não é chamado”, na campanha eleitoral de 2010 do pescoço para baixo tudo é canela e vencerá “aquela” que melhor souber desferir golpes de capoeira. Diante do acovardamento do TSE, da cumplicidade da OAB e o Ministério Público, e do aparelhamento do STF, seria importante a presença de observadores internacionais, pelo atropelamento da lei eleitoral, já em curso, mas principalmente pela violabilidade das urnas eletrônicas. Pela sintonia do PT com os ditadores Fidel Castro, Hugo Chávez, Evo Morales, Rafael Correa, Kadafi, e o famigerado Ahmadinejad, os brasileiros deveriam colocar as barbas de molho. **Sergio Villaça** – Encruzilhada – svillaca@terra.com.br

JC - Carta 055 – 27/03/10: **Rotina**

Está virando brincadeira de mau gosto ou incompetência, a frequente falta de energia nas imediações do cruzamento da Rua Alberto Paiva com a Antônio Novais, nas Graças. O fato ocorre há anos, mas agora vem sendo frequente prejudicando clínicas, comércio e moradores, além de deixar sem funcionar o semáforo causando ainda tumulto no intenso tráfego. Dizem operários que vêm consertar, que o problema reside nas fases da energia, afetadas por galhos de árvores. Pergunta-se: por que a Celpe não mostra competência e resolve a situação de vez? Esta semana,

passaram duas horas consertando e menos de 24 horas depois voltou a faltar energia. Cabe à PCR podar as árvores e a Celpe precisa se entender com ela para superar o problema. **Cleofas Reis** – Graças – cleofasdefariasreis@hotmail.com

JC - Carta 056 – 27/03/10: **Mangueiras**

Em atenção ao leitor Ramos Sobrinho que, em carta criticou a erradicação de mangueiras na subestação da Celpe em Casa Caiada, a Celpe esclarece que a supressão das árvores foi necessária para afastar em definitivo o risco de acidentes fatais, já que os galhos permitiam a invasão da subestação por parte de moradores da área como denunciado pelo **JC** em 27 de outubro de 2009. Antes do corte, a Celpe solicitou da CPRH “Informativo de corte e colheita de espécies florestais exóticas e frutíferas”. **Assessoria de Imprensa** da Celpe

JC - Carta 057 – 27/03/10: **Travessia**

Pelo que está se verificando nas obras da BR-101 Norte, a travessia do perímetro urbano de Igarassu não terá nenhum viaduto que permita que o tráfego urbano entre os dois lados da cidade fique independente, como em Gravatá. É bom salientar que o lado Oeste já está quase do tamanho ou maior que a área mais antiga e, portanto, com um grande fluxo. Se essa for a realidade, nós amargaremos, em futuro próximo, o mesmo problema que vivemos na difícil travessia de Abreu e Lima. **Silvio Guimarães** – Goiana – Silvio-vg@hotmail.com

JC - Carta 058 – 27/03/10: **Sinal**

Há mais de duas semanas que o sinal da NET está péssimo em vários locais, conforme informação da própria NET em seu canal 14. Liguei para saber quando teria novamente o sinal “normal” e para solicitar o abatimento na próxima conta, quando fui surpreendido com a informação de que eu teria que esperar o retorno do sinal e a fatura e poder negociar os “dias ruins”. Pergunto: se o cliente não ligar, não será reembolsado? **Sérgio Barbosa** – Recife – sergionb@uol.com.br

JC - Carta 059 – 27/03/10: **Repetência**

Há mais de sete dias que não temos água fornecida pela Compesa em todo bairro de Rio Doce, Olinda. Mas a conta mensal é tão precisa que admiramos a eficiência da empresa. O importante seria ter a mesma capacidade na prestação do seu serviço. Isso se repete todos os anos nos meses de março, abril e maio, tornando quase uma tradição esses transtornos. O que podemos concluir é que a Compesa não cumpre a sua parte contratual e, por dever, deveria baixar o valor das contas. Parece que o consumidor em nosso País, ainda está distante dos seus direitos, bem diferente dos países desenvolvidos. Vem aí a Copa de Mundo de 2014 e será que teremos esses serviços com a qualidade que merecemos? **Plínio Palhano** – Olinda – ppalhano@hotlink.com.br

JC - Carta 060 – 27/03/10: **Divisões**

“É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela riqueza. Por cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve

trabalhar sem receber. O governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém. Quando metade da população entende a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então, chegamos ao começo do fim de uma Nação. E impossível multiplicar riquezas, dividindo-as”. Esta frase foi dita pelo pastor batista americano Adrian Rogers, nascido em 1931 e falecido em 2005, mas é muito atual para o Brasil, onde os marxistas que estão no poder insistem em penalizar aqueles que estudaram e venceram na vida e distribuem bolsas para a compra descarada de votos. **Iramar B. Albert Jr.** – Recife – iramar\_jr@yahoo.com.br

JC - Carta 061 – 27/03/10: **Reflexo**

Faço um apelo ao prefeito de Sirinhaém para que remova a feira livre da principal avenida. Ela acontece nos fins de semana, e deixa o local imundo, causando transtornos no trânsito, e, sobretudo deixando a cidade em aspecto horrível. O quadro, prefeito, reflete em sua administração. E na véspera, os feirantes colocam suas barracas no meio da rua. Por que o senhor não transfere para as imediações do campo de futebol? **Jorge Beltrão** – Sirinhaém – jorgebeltrao@ig.com.br

JC - Carta 062 – 28/03/10: **Providência**

Eu gostaria de saber quando é que o prefeito do Recife vai tomar alguma providência para diminuir (pelo menos) o caos que é o trânsito da nossa capital. São semáforos sem sincronização e, pior, quando chove muitos ficam apagados. Existe ainda a total ausência de guardas de trânsito para coordenar as áreas mais críticas, principalmente para evitar o fechamento de cruzamentos. Não estou falando de guardas que se escondem atrás de árvores e postes só para multar, e sim de ruas esburacadas e que não estão ainda piores porque não começou o período chuvoso. É a falta de planejamento no que concerne à construção de novas vias e de viadutos. E ainda temos que escutar que essa administração investe no trânsito. **Márcio Barros** – Recife – m.ab.awan@hotmail.com

JC - Carta 063 – 28/03/10: **Universidades**

Se tem uma coisa que admiro em Lula da Silva é o seu jogo de palavras, pois, como um mágico ele as transforma de verídicas em mentirosas e estas em verdadeiras. No início do mês, ele disse que passará a história como presidente que mais construiu (sic) universidades e escolas técnicas federais no Brasil. É mentira. Das 58 universidades existentes apenas 10 (17,2%) foram criadas no governo dele. Em comparação ao ex-presidente Juscelino Kubitschek, que presidiu o país em apenas um mandato, fica tudo igual, pois o ex-presidente também criou igual número das criadas por Lula, só que este em quase oito anos de mandato, enquanto aquele no período de 1956/61. Por outro lado, se formos comparar as instituições criadas pelos dois, vamos observar que JK tem a seu favor a instalação de universidades como as federais fluminenses (RJ), ES, GO, SC, PA e AL. Já na lista de Lula estão, por exemplo, as federais dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, ambas em Minas Gerais, sendo que esta última foi inaugurada no mês passado, mesmo faltando o acesso. Fato que motivou protesto de alunos durante a “inauguração”. Outras três universidades “criadas” por Lula (fronteira Sul, Integração Latino-Americana e Oeste

do Pará) nem sequer estão funcionando... **Marco Albanex** – São Lourenço da Mata – marco@albanex.com.br

JC - Carta 064 – 28/03/10: **Desigualdade**

Enquanto os professores lutam para ganhar o piso nacional determinado por lei, os fazendários podem ter aumento e receber R\$ 22.400. Isso graças ao projeto de lei do deputado Geraldo Coelho. Assim, os fazendários terão reajuste em torno de R\$ 4 mil, enquanto os professores lutam para ganhar pouco mais de R\$ 1.000, conforme lei. Todavia, o governador diz que não paga o piso. Então, professores, não adianta fazer greve, pois há corte de ponto e pronto! A categoria precisa se unir e votar contra o governador nas próximas eleições. **Emmanuel Ferraz** – Recife – Emmanuel\_ferraz@hotmail.com

JC - Carta 065 – 28/03/10: **Assalto**

Muito se fala em redução da violência no Recife. Infelizmente, cheguei à conclusão de que tudo não passa de propaganda. Recentemente, sofri uma tentativa de assalto nos Aflitos, onde dois homens em uma moto tentaram roubar meu carro, chegaram a me imobilizar e tentar pegar a chave. No entanto, fiz algo que ninguém deveria fazer: joguei a chave no quintal de uma casa. Por sorte estou escrevendo essa carta. Solicito à SDS um maior policiamento naquele bairro onde os assaltos de duplas de motoqueiros são constantes. **Wladimir Moura** – Iputinga – Recife

JC - Carta 066 – 28/03/10: **Na mesma**

Depois de várias negociações com moradores da Rua Amaro Soares de Andrade, Piedade, e a Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes, não foi cumprida a promessa de licitar a obra de calçamento. Enquanto isso, os moradores continuam convivendo com a lama e os buracos, mas o carnê do IPTU veio reajustado. **Alberto Oliveira** – Jaboatão dos Guararapes – PE

JC - Carta 067 – 28/03/10: **Punição**

Segundo entendimento da 5ª Turma do Superior Tribunal de Justiça, a análise clínica poderá ser motivo suficiente para punir um motorista embriagado. Por essa razão, manteve ação penal contra um acusado que apresentava sinais de álcool e foi preso em flagrante em Mato Grosso. O STJ confirma que o teste do bafômetro e o exame de sangue não seriam as únicas formas de constatar se o motorista está bêbado, motivo pelo qual a autoridade policial terá autonomia para relatar a embriaguez do motorista através de uma avaliação visual. Embora sabendo do risco que os motoristas podem ficar expostos, devido aos maus policiais, espero que este entendimento seja acatado pela Justiça em geral, torcendo para que seja dado um fim a esses irresponsáveis que, flagrados muitas vezes completamente embriagados, se dão ao luxo de não fazer o teste do bafômetro, sob a alegação de não produzir prova contra si – fato que é uma verdadeira piada de mau gosto –, e são penalizados tão somente com a retenção do veículo, uma multa de R\$ 957,70 e a perda de 7 pontos. Chega de tanta impunidade! **João Cância Ferreira Filho** – Recife – jcancio2000@uol.com.br

**JC - Carta 068 – 28/03/10: Consultas**

Na entrevista do governador Eduardo Campos, no final do ano passado neste **JC**, ele disse que 2010 seria o ano da saúde de Pernambuco. Embora estejamos no início de 2010, percebe-se que muito terá de ser feito para a população do Estado ser bem atendida, sobretudo os usuários do plano de saúde Sassepe, dos funcionários públicos. Inclusive, sugiro ao **JC** tentar fazer uma marcação de consulta no 0800-284-2727, call center do Sassepe. Tal call center é o único que conheço que só dá sinal de ocupado. Nós, usuários, ficamos tentando horas para ser atendidos e, quando somos ouvidos, as vagas (oito por dia para cada especialidade em todo o Estado) já têm sido preenchidas. Para professores que têm dois vínculos como no meu caso, recebemos o desconto do plano nos dois contratos, ou seja, pagamos em dobro por um serviço que não funciona bem nem pela metade. **Alexandro Cavalcanti** – Abreu e Lima – quimicaalex@hotmail.com

**JC - Carta 069 – 29/03/10: Trânsito**

A Avenida Norte é uma das cinco maiores do Recife com mais de 6 km. Por força da minha profissão passo por lá diariamente e fico cada dia mais irritado com a situação em que ela se encontra. Totalmente esburacada, com “gelos baianos” sujos, grandes e desalinhados. Ausência de calçadas ou quando elas existem são cheias de desníveis e buracos. As casas e os prédios têm as fachadas sujas ou caídas aos pedaços, além da horrível poluição visual das placas comerciais. No entanto, o que mais irrita, o que mais tira do sério quem por lá trafega é a total falta de sincronia dos semáforos nos fazendo ficar parando o carro toda hora gastando tempo e desgastando o carro, além do aumento do consumo de combustível. Sei que é impossível sincronizar os semáforos de uma via de dois sentidos mas, por que a CTTU não escolhe um sentido só da via e cria uma “onda verde” como foi feito na Avenida Domingos Ferreira? Hoje tanto faz você trafegar no sentido cidade-subúrbio quanto ao contrário. Pega todos os sinais vermelhos. Acredito que por estas e outras, a prefeitura deveria entregar o trânsito do Recife a uma empresa competente. **Sérgio Viana** – Graças – sergionauticovana@gmail.com

**JC - Carta 070 – 29/03/10: Ataque**

Luís Inácio Lula da Silva novamente ataca a imprensa em ano de eleição. O fato não é novo, pois em 2002 e 2006 foi exatamente igual, acusando a imprensa de mentir. Desta vez, Lula compara a mídia brasileira aos jornais sensacionalistas londrinos. Mas ele esquece, porém, que muito deve à imprensa brasileira sua grande popularidade, mesmo tendo ele próprio e seu governo mentido várias vezes para seu grande eleitorado. O presidente da República preferiria que todos, sem exceção, exaltassem-no como se coniventes fossem com toda a corrupção que temos visto se avolumar em todos os poderes da República. Afinal, seria muito conveniente que todos se calassem, o que ele e seu partido não cansam de tentar. Basta, senhor presidente! Desta vez, o senhor não vai conseguir seus intentos, pois o eleitor tem memória sim e o senhor escreve um triste capítulo em nossa história: o de governo mais corrupto, sem que ninguém consiga tomar as devidas providências. **Lígia Bittencourt** – São Paulo – ligialbc@uol.com.br

**JC - Carta 071 – 29/03/10: Debandada**

A Secretaria de Defesa Social deve já de agora ficar bastante preocupada e começar a agir, pois com a pressão nos morros cariocas, a criação de unidade pacificadoras e as constantes batidas nas favelas, logo logo eles estarão debandando para outros Estados. E o Recife sempre teve uma preferência pelos forasteiros e posso até apostar que alguns assaltos que não são muito comuns em nossa região, como aos carros fortes, já foram ação deles. **James Leonardo** – Recife – jamesleonardo@uol.com.br

**JC - Carta 072 – 29/03/10: Ipojuca**

A repórter Myllena Valença e o fotógrafo Bira Nunes presentearam os leitores do **JC-Agreste** com uma rica matéria sobre o Rio Ipojuca e o drama vivido pelas populações ribeirinhas, cujo sustento retiram de suas águas poluídas. Seria ótimo que as escolas levassem os estudantes a uma reflexão sobre o estado de degradação e que coloca o Ipojuca entre os mais poluídos do País. Aos moradores das regiões banhadas pelo rio, resta apelar para que as autoridades responsáveis pela proteção ambiental elaborem programas em defesa desse e dos demais rios. **Walter Freitas** – Pesqueira – PE

**JC - Carta 073 – 29/03/10: Buracos**

A Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb) comunica à leitora Karyne Ferreira, que, ainda nesta semana será promovida uma Operação Tapa-buracos na Rua Quarenta e Oito, no bairro do Espinheiro. **Assessoria de Imprensa** da PCR

**JC - Carta 074 – 29/03/10: Canal**

Apesar de o empenho do governo estadual e do secretário das Cidades, as obras do Canal do Rio Jordão estão sendo realizadas a ESTRATÉGIAS de tartaruga. A empresa Delta, responsável pelo serviço somente desenvolve os trabalhos em horário comercial. Parece que a Cehab não está considerando o provável sofrimento desse povo, com o próximo período de chuvas. Do jeito como as coisas estão sendo processadas, demonstra claramente, a falta de vontade política para se concluir a tão desejada revitalização do rio. Além disso, para piorar e, sem uma justificativa premente, ocorreu o afastamento de uma das engenheiras da Cehab que demonstrava um efetivo comprometimento com a obra. E, com a possível saída de Humberto Costa, é bem provável que o povo do Jordão continue sofrendo e sonhando com essa benfeitoria até as eleições de 2014. Portanto, considerando-se que existe possibilidade da paralisação dos trabalhos e como não existe uma fiscalização diurna, parece-me que já existem pessoas invadindo a área limite das supostas avenidas marginais do rio. Saibam vocês que, por mais incrível que pareça, essa é a terceira desapropriação efetuada na referida área e até hoje, o Canal do Rio Jordão não saiu do papel. Realmente, gastar o dinheiro dos outros é a melhor coisa que existe na cabeça dos políticos. **Alfredo Cunha** – Recife – cunhaalf@hotmail.com

**JC - Carta 075 – 29/03/10: Apagões**

Moradores de Casa Forte não mais suportam a falta de energia. Acontece sucessivamente, tanto com curtas como longas durações. A última, dia 25, durou toda a madrugada. Como presidente da Associação dos Moradores de Casa Forte, e costumeiramente andando com fiscalizações ou acompanhamento dos serviços empreendidos na busca de atender necessidades ou mesmo vendo trabalhos da Polícia Amiga, ouço os inúmeros protestos que até falam numa campanha de não pagarmos as contas. A Celpe nos deve explicações e uma urgente correção. Desculpas de chuvas, quedas de postes por acidentes ou árvores de grande porte, estão todas previsíveis. Onde anda uma eficiente e preparada Prontidão? O telefone 0800 só serve para ouvirmos gravações que nada esclarecem ou justificam horas na escuridão. A eficácia dos trabalhos faz muito tempo que foi para o brejo. **Carlos Tigre** – Casa Forte – carloskktigre@hotmail.com

**JC - Carta 076 – 30/03/10: Bons tempos**

O 25 de março é Dia da Constituição do Brasil, documento que dá ordenamento jurídico ao País. E nesta data tivemos um protesto no Pina contra a prisão de acusados de tráfico. Nessa ordem estamos copiando o Centro-Sul com queimas e depredações de ônibus por motivos semelhantes. Bons tempos aqueles em que os protestos eram para mais e melhores escolas e hospitais. Faz-se mais e maiores manifestações para apoiar alguém que burla lei e comete crimes. Como dizem os místicos, na Terra como no Céu, ou seja, as bases, de forma dialética, reproduzem os valores do topo da pirâmide, só faltam termos noites de cristal com os jovens sendo instrumentalizados. Já tivemos e quiçá teremos, assaltantes e assassinos no poder dando seu exemplo concreto, mas com um discurso angelical. Só está faltando, para completar esse quadro triste, grupos e organizações criminosas, transvestidas de filantrópicas e idealistas, financiarem nossos candidatos em troca de favores e apoio. Bons tempos que apoiávamos a democracia, as eleições diretas, os direitos humanos enquanto hoje fazemos apologia aos governos que exatamente fazem o contrário, dando um indício para onde caminharemos num futuro próximo. Bons tempos que a inteligência não era manipulada apoiando sem discernimento, bons tempos que a compra de votos era freada e fiscalizada por uma oposição séria e consciente. Quem sabe se, daqui a 75 anos passemos por outras oportunidades históricas em que podemos repensar e mudar nosso sistema de valores e elite dirigente? **José Kovacs** – Recife – Kvsl@oi.com.br

**JC - Carta 077 – 30/03/10: Desrespeito**

É necessária uma forte campanha de respeito e fiscalização das vagas destinadas aos deficientes, idosos e gestantes determinadas por lei federal. A carta do Sr. Aurélio Liola, nesse **JC**, passa a ser o mais novo aguerrido defensor. Em nossa cidade, a CTTU, e no restante do Estado o BPTRAN, poderiam respaldados por lei, multar os contumazes infratores desses locais bastante identificados. Nos supermercados as burlas são corriqueiras. **Carlos Tigre** – Casa Forte – carloskktigre@hotmail.com

**JC - Carta 078 – 30/03/10: Campanha**

Que país é esse, onde o presidente da República, mesmo sabendo que é ilegal, faz campanha descarada para a sua candidata? Que é multado seguidamente pela Justiça eleitoral e, mesmo assim, continua sua campanha usando todos os recursos ao seu alcance para influenciar o eleitorado. Este país é o Brasil de Luiz Inácio Lula da Silva. É o Brasil daquele que, pela primeira vez, poderá dizer com propriedade que “nunca antes na história deste país” um presidente teve um comportamento tão deplorável. **Ronaldo Ferraz** – Rio – ronferraz@globo.com

**JC - Carta 079 – 30/03/10: Terminal**

Denuncio mais uma vez o péssimo serviço prestado pela Empresa Itamaracá, principalmente na linha de Itamaracá. Os poucos ônibus atrasam e ainda temos de suportar a bagunça generalizada no Terminal Integrado de Igarassu. Sem segurança, sem fiscalização, toailete sujo, e trata-se de um terminal dos mais movimentados da Área Metropolitana. Onde fica a responsabilidade do GRCT? Se na integração inaugurada recentemente em Paulista tem todo aparato do GRCT, por que discriminar? **Antonio Pereira** – Itamaracá – oxispcb@hotmail.com

**JC - Carta 080 – 30/03/10: Apagão**

Um absurdo o descaso da Celpe na última quinta-feira, 25. A Rua Isaac Salazar, na Tamarineira, junto com outras ruas do mesmo bairro enfrentaram falta de energia das 12 às 19h. Alguns prédios já estavam com ameaça de ficar sem o funcionamento do gerador e a Celpe não aparecia. **Joana Sampaio** – Tamarineira – sampaio.joana@gmail.com

**JC - Carta 081 – 30/03/10: Desprezo**

Fica difícil acreditar em governos que não investem na educação. Os salários dos professores são baixos e a escola pública se ressentida de motivação para fazer um trabalho de qualidade. Mas o desprezo pela educação não cessa. Recentemente, os deputados mostraram como encaram a questão. Sem motivação salarial não há quem segure o trabalho tão importante de formar cidadãos. Outros setores recebem aumento de acordo com a política de fortalecer a arrecadação. São interesses claros que causam constrangimentos e desmascaram o que move a política pública. É uma pena que não se olhe, democraticamente, para as necessidades da população. Melhorar as escolas não se resume a prometer e multiplicar o uso de computadores. O pior é que o governo se coloca como vítima. Despossuído para alguns, mas ativo para atender a quem merece atenção eleitoral. A descrença aumenta e ameaça a confiança da sociedade se transformar. Os nomes dos partidos não correspondem aos seus projetos. Tudo é ligado à eleição e aos cargos prometidos. **Antonio Rezende** – Casa Forte – cielo77@uol.com.br

**JC - Carta 082 – 30/03/10 [sem título]**

O nosso governador Eduardo Campos não gosta de professor. A classe é mal remunerada, e ele não paga o piso salarial determinado por lei. Lei é para ser

cumprida. Governador, não faça propaganda enganosa na mídia. Professor merece respeito. **Júlio Acioli Filho** – Recife – julioacioli@ig.com.br

JC - Carta 083 – 30/03/10: **Obras**

A reforma da Praça do Pacheco, em Tejipió iniciada há 15 dias, vem sendo feita sem projeto e sem dotação orçamentária. Apurei na internet. Logicamente isso não vai acabar bem. Os pedreiros chegam às 10h e largam às 15h e só taparam uns buraquinhos na calçada. Até o concreto é feito com pouco cimento e dizem até que os sacos de cimento sumiram. A praça não tem espaço para lazer, parquinho, escorrego, gangorra e muito menos quadra esportiva. Mas está lotada com fiteiros, barracas e depósito de lixo. Nem a cobertura do ponto de ônibus escapou, pois os bancos de concreto são tão ásperos que ao sentar rasgam-se as calças. Isso é uma vergonha, depois de 40 anos sem a prefeitura fazer nenhuma reforma a primeira é desse jeito. Parece até deboche. **Francisco Santana** – Tejipió – franciscocfs@ig.com.br

JC - Carta 084 – 31/03/10: **Feiura**

A cidade do Recife parou desde que o prefeito era João Paulo e com João da Costa a coisa só faz piorar. Nunca vimos a cidade tão destruída, tão acabada, tão esquecida. Recife faz vergonha! As avenidas são esburacadas, mal iluminadas, com calçadas quebradas. O povo está cada vez mais feio, o trânsito indisciplinado, os mercados públicos imundos, as praças depredadas, os rios e canais poluídos e fedorentos, aliás, a cidade fede a xixi. As ruas do centro são uma excrescência só. As Avenidas Conde da Boa Vista e Guararapes parecem que acabaram de ser vítimas de um bombardeio. A Praça da Independência é um antro de prostituição e de gente degradada. Que vergonha ser recifense numa hora dessas! Falta de um tudo na cidade, que mais parece um mercado da Índia, daquele que vemos na TV. E o mais grave de tudo isso é que não enxergamos uma saída. Imagino que com a Copa vão dar uma maquiada na cidade. Mas, como o próprio nome já diz, uma maquiagem não é algo definitivo. Maquiagem acaba logo, borra, sai com o tempo, e o que o Recife precisa é de obras estruturais sérias, bem feitas, permanentes. Já imaginaram turistas saindo dos hotéis de Boa Viagem e pegando a horrorosa Avenida Recife pra ir ao estádio? Pensem só na belezinha de paisagem que eles verão! **Francisco Imperial** – Boa Viagem – franciscoimperial@hotmail.com

JC - Carta 085 – 31/03/10: **Academia**

Gostaria de fazer um apelo as autoridade competentes, especialmente ao prefeito de Paulista, Yves Ribeiro, no tocante à Academia da Cidade localizado no Conjunto Beira Mar, no Janga. Construída recentemente, já demonstra sinais de negligência, ou seja, falta policiamento para impedir as ações dos vândalos, lixeiras e, especialmente gradil para que seja impedida a presença e animais que fazem todo o tipo de sujeira. A academia encontra-se muito suja com sacos plásticos contendo lixo doméstico. Mesmo sem ser inaugurada ela precisa de cuidados para se evitar mais um desperdício do dinheiro público. **Nélio Júnior** – Paulista – nediojs@hotmail.com

**JC - Carta 086 – 31/03/10: Apoio**

Quero parabenizar o **JC** pela entrevista com o engenheiro João Paulo Aguiar, relativa à anexação da Chesf pela Eletrobrás, sepultando a Chesf e transformando a Eletrobrás em uma Petrobrás da energia, com muito bem diz João Paulo em sua entrevista: “estão destruindo empresas e cirando um monstro (nova Eletrobrás) que não vai atender aos interesses do Brasil.” Meu apoio integral às palavras do entrevistado. **Epaminondas Albuquerque Filho** – Recife – epafilho@elogica.com.br

**JC - Carta 087 – 31/03/10: Resultado**

O resultado da pesquisa Datafolha, mostrando um avanço de Serra, e um aumento de sua diferença para Dilma, é o reflexo da estratégia correta do candidato do PSDB, que está deixando para o momento final a confirmação da sua candidatura. Dilma, ao contrário, está em campanha descarada há muito tempo e se expondo, dessa forma, às inúmeras críticas que vem recebendo. Dilma saiu sozinha na chuva antes da hora, e acabou se molhando sozinha. É o feitiço virando contra a feiticeira. **Ronaldo Ferraz** – Rio – ronferraz@globo.com

**JC - Carta 088 – 31/03/10: Justiça**

A justiça foi feita. Isabella poderá descansar em paz. Mesmo sabendo que o tempo de prisão dado pelo juiz não vai ser cumprido na íntegra por causa da justiça do Brasil que é branda. Alexandre vai passar 14 anos de prisão em regime fechado e Anna Carolina 11. **Bartolomeu Morais** – Paulista – PE

**JC - Carta 089 – 31/03/10: Mentiras**

Mentirosos estão em todos os lugares. Principalmente no governo, e o que é pior, são pessoas que parecem ser verdadeiras, que inspiram confiança, mas a uma verdade que todos sabem ser revestida de mentira. Vejam o PAC: somente 11% das obras foram concluídas! Se fizessem um concurso dentre todos os presidentes dos países do mundo para sabermos quem seria o maior mentiroso, em que ranking estaria o presidente brasileiro? Por que mentir tanto? Mentiu em Cuba ao dizer que não recebeu nenhum comunicado sobre Zapata. Mentiu ao dizer que na sabia de nada sobre o mensalão, e muitas obras. A mentira cansa, e como já se disse: “Ninguém pode enganar todos durante todo tempo”. **Alberto Nunes** – São Paulo – albertonunes77@hotmail.com

**JC - Carta 090 – 31/03/10: Escola**

Enquanto o governo do Estado faz propaganda e diz que a rede física das escolas foi totalmente recuperada e que R\$ 350 mil foram investidos nessa empreitada, a Escola Torquato de Castro, em Camaragibe, que funciona num galpão, encontra-se entregue à própria sorte. Os alunos da Escola de Jovens e Adultos – EJA, continuam sem livros para estudar e nessa escola não há espaço para aulas de educação física, nem para recreação. Além disso, a rua é escura, sem pavimentação, as paredes das salas de aulas são pichadas e com infiltrações. Um verdadeiro desestímulo a qualquer prática pedagógica. **Albênia Silva** – Camaragibe – malbenia@gmail.com

**JC - Carta 091 – 31/03/10: Comportamento**

Fiquei revoltado quando li a entrevista coletiva dos atores que estão participando do drama da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém. Suzana Vieira de fato é uma criatura sem humildade. Durante a entrevista, ela deveria ao menos respeitar o papel de Maria que interpreta e não se achar a estrela da noite, falando de sexo e riqueza. A produção do espetáculo deveria escolher melhor seu elenco e esperamos que no próximo ano venha uma “Maria” mais séria. **Jailton Nascimento** – Cabo – jailtonfisio@yahoo.com.br

**JC - Carta 092 – 01/04/10: Insatisfação**

É lamentável ver o governador dizer que está melhorando a educação no Estado. Melhorando como? A maioria das escolas está sucateada, professores e alunos “morrendo de calor” porque os ventiladores não são suficientes ou estão quebrados. Não temos sequer água para beber. Temos que fazer “cotinha” para comprar garrações, uma vez que a Secretaria de Educação nem lembra que professores e alunos bebem água. Pernambuco continua sendo o Estado brasileiro que paga o pior salário para os professores, dito pelo MEC. E o piso salarial que o governador tanto alardeia na mídia, na verdade, não é pago. Só propaganda. Basta conferir o contracheque de qualquer professor. E pra resumir, negociar não é mesmo para este governo “socialista” que arbitrariamente irá reduzir nossos salários. É demais! **Carla Simone** – Recife – css\_prof\_1976@yahoo.com.br

**JC - Carta 093 – 01/04/10: Opiniões**

Quem acompanha as cartas do Sr. Raul de Araújo Lira, verifica que ele nunca deixa passar em branco suas opiniões em relação às políticas de modo geral. O que causa certo espanto é o fato de que as suas indagações sempre são carregadas de caráter demeritório, quando o assunto em pauta são os órgãos de segurança. A sua última investida diz respeito à aprovação do piso salarial nacional que, segundo ele, ocasiona uma inversão de valores comparada a outras classes. Sugiro ao Sr. Raul um maior aprofundamento sem seus conceitos, no intuito de, cada vez mais, fortalecermos a solidificação de uma sociedade repleta de operadores de segurança multiplicadores dos direitos humanos, através de uma interação mais próxima com as comunidades. Pois, todos aqueles que carregam um contato positivo com esses agentes, nas horas de extrema necessidade (um socorro, por exemplo), sabem muito bem a importância que eles desempenham em prol dos interesses da coletividade. **Alexandre Pereira** – Camaragibe – rogealexperreira@hotmail.com

**JC - Carta 094 – 01/04/10: Prevenção**

Com a proximidade das chuvas, a ventania aparece e a PCR bem que poderia enviar equipes especializadas em podas de árvores para Boa Viagem/Setúbal, a fim de cuidar das árvores a fim de mantê-las seguras no inverno. Com esse tempo, os fios de alta tensão começam a ser partir e os apagões são constantes, precisando-se urgentemente que se faça manutenção dessas árvores para a segurança dos moradores. Apenas podaço, e não cortar cruelmente as árvores com acontece sempre nesta cidade. **Rita Melo** – Boa Viagem – ritamel@yahoo.com.br

**JC - Carta 095 – 01/04/10: Cena**

Fui almoçar em um famoso restaurante, na Beira Mar do Pina com quatro professores de Juiz de Fora (Minas Gerais) e ficamos estarecidos com a bagunça naquele trecho. A começar pela quantidade de carros estacionados na areia; pessoas dando banho em cachorros; rapaz dando banho em cavalo, mais três cavalos soltos, cinco charretes; 17 motos, oito bicicletas; uma mulher jogando metralha na praia e um carro da polícia perambulando no meio dos banhistas. **Wlademir Lacerda** – Iputinga – wladmoura@hotmail.com

**JC - Carta 096 – 01/04/10: Bancos**

Seria oportuno que o GRCT colocasse bancos nos terminais de passageiros, principalmente no Cabo de Santo Agostinho, recentemente inaugurado. Na maioria dos terminais não existe lugar para idosos ou pessoas com deficiência sentar. Às vezes, os ônibus demoram e uma atitude como essas seria ideal. **José Carlos F. Silva** – Recife – rocotui@bol.com.br

**JC - Carta 097 – 01/04/10: Briguinha**

Esses políticos acham que o povo é totalmente idiota. Quase todos os dias, através da imprensa, subestimam a inteligência das pessoas. Ciro Gomes vive apregoando que será candidato a presidente da República, pelo PSB. Lula, por sua vez, aparenta discordar de tal posicionamento e afirma que o ideal seria que Ciro disputasse o governo de São Paulo. O governador de Pernambuco, por ser do PSB, para não causar constrangimento ao PT local, parece ficar em cima do muro. É amigo de Lula, precisa do seu apoio a fim de ser reeleito, mas não assume uma posição contra ou a favor da candidatura de Ciro. Alguns inocentes estão acreditando que essa briga de compadres é verdadeira. Nas entrelinhas observa-se que a realidade é outra. O pessoal do Planalto quer Ciro candidato a presidente, pois dessa forma é mais fácil se chegar a um possível segundo turno, mas faz beicinho, porque assim deixa transparecer uma briguinha para enganar os eleitores incautos. Se a ministra da Casa Civil ganhar a eleição, o emprego do cearense estará garantido. Aqui no Brasil a política tem sido sempre assim, os mais sucedidos são aqueles que sabem enganar melhor, através de palavras bonitas e tirar proveito daqueles eleitores inocentes que também só pensam em levar vantagem, pois na primeira oportunidade trocam o voto por qualquer coisa. **Alf Cunha** – Recife – cunhaalf@gmail.com

**JC - Carta 098 – 01/04/10: Demora**

Em resposta à leitora Karyne Brito que teve carta publicada reclamando da demora no estabelecimento de energia nos Aflitos, e no atendimento do 0800, a Companhia Energética de Pernambuco – Celpe, informa que a interrupção foi decorrente de curto circuito provocado pelo contato de galhos na rede de alta tensão, o que exigiu cautela dos técnicos em fazer a poda de árvores e religação da área. Quanto ao teletendimento, a Celpe esclarece que o sistema reconhece a cliente pelo telefone cadastrado na companhia, fornecendo uma resposta automática em caso de ocorrência próxima ao endereço sem que seja necessário o registro de uma

queixa. A gravação pode repetir o prazo de restabelecimento de energia em casos cuja complexidade exija a extensão dos reparos. **Assessoria de Imprensa** da Celpe

JC - Carta 099 – 02/04/10: **Caminhos**

O caderno especial publicado dia 30, nesse **Jornal do Commercio** ressaltando a importância de olhar para os gigantes da indústria naval e ver até onde Pernambuco pode chegar, é um trabalho primoroso, relevante para este momento em que a indústria naval ressurgiu em nosso País, incentivada pelo Programa de Modernização e Renovação da Frota da Transpetro. Vai fundo na reportagem e aponta os caminhos para seguir em frente, gerando emprego e novas oportunidades para o Nordeste. Estão todos de parabéns pela iniciativa e pelo projeto “Pernambuco na Rota dos Tigres Asiáticos” que, sem dúvida, terá ainda muita repercussão positiva em todo o Brasil. Encaminhei um exemplar para o presidente da Transpetro, Sérgio Machado, que já vem acompanhando o projeto apresentado pela **TV Jornal**, com entusiasmo. Vamos apoiar a distribuição do caderno no lançamento do navio, em data ainda a ser marcada. É o nosso reconhecimento ao trabalho de vocês.  
**Etiene Ramos** – Petrobras Transporte S.A. - Transpetro

JC - Carta 100 – 02/04/10: **Pedofilia**

Há anos que escuto e leio sobre casos de pedofilia na Igreja Católica. A mais recente aponta omissão das autoridades eclesiais bem próximas a Bento XVI. Fala-se em casos isolados, entretanto, acredita-se também, que o avanço das comunicações esteja deixando o mundo ciente desse descalabro dentro de uma instituição religiosa que, a nosso ver, tem por obrigação zelar pela moral e pelos bons costumes da sociedade. O celibato, apesar de ser um tabu dentro do catolicismo, de uma forma geral, contribuiu para a ocorrência desses casos, haja vista que os padres e as freiras são humanos e, logicamente, têm os mesmos defeitos e desejos de homem e de mulher. Pedofilia, como todo mundo sabe, é caso de polícia, mas nesse caso, a batina e os milhões de dólares da Igreja protegem. **Alf Cunha** – Recife – cunhaalf@gmail.com

JC - Carta 101 – 02/04/10: **Atenção**

É obrigação de todo prefeito e secretários observar o que está errado nas cidades. Fiscalizar ruas, obras, etc. Mas aqui, isso não acontece. Os prefeitos se elegem para manter seus partidos no poder e, claro, pelo prestígio, salários e mordomias. Se fossem atentos como nós, cidadão que só queremos o bem para nossas cidades, os prefeitos e assessores veriam absurdos nas ruas, coisas que, para serem sanadas só precisam de boa vontade. Não vou citar exemplos porque estão todos os dias nas Cartas à Redação. **Diogo Malvan** – Cabo de S. Agostinho PE

JC - Carta 102 – 02/04/10: **Camelôs**

A ocupação desordenada do comércio ambulante nas ruas e calçadas do bairro de São José está passando dos limites. É impossível se transitar a pé pela Rua das Calçadas, por exemplo. A bagunça chegou a um ponto que até os táxis fecham a passagem, como na Rua dos Pescadores. E onde anda a prefeitura que não vê nada disso? E os fiscais, que só fazem recolher as mercadorias dos camelôs? O que

a prefeitura de João da Costa espera para executar um plano de ordenamento nas ruas centrais? **Genueffa Santoro** – São José – Recife

JC - Carta 103 – 02/04/10: **Resgate**

Sonho que um dia o Exército vai se alojar em Itamaracá e resgatar a paz e a natureza. Substituir a PAI por um campo de treinamento e alojamento militar. Seria a salvação, pois as invasões desordenadas, os presos e familiares que ali circulam livremente estão devastando o pouco que ainda resta da natureza. Sem falarmos nos assaltos em bando com capuz que atacam famílias de bem que ali vão para o lazer e não para deteriorar a ilha. **Ana Maria Barbosa** – Itamaracá – anamoraisbarbosa@hotmail.com

JC - Carta 104 – 02/04/10: **Tratamento**

É revoltante a maneira com o governador encara com naturalidade o fato de conceder aumentos diferenciados ao funcionalismo, privilegiando umas categorias e outras não. Consegue o governador atender aos fazendários, policiais, por exemplo, ainda que a duras penas. O próprio salário e de certas categorias que levam a efeito cascata também são reajustados. Nunca é possível enxergar, no entanto, a defasagem do salário dos professores. Até do piso nacional determinado por lei, ele foge. Governador, veja se consegue lembrar que sua formação hoje é resultados dos bancos escolares que o acolheram no passado. Merecemos muito mais atenção. **Bruno Domingues** – Recife – brunoibgm@hotmail.com

JC - Carta 105 – 02/04/10: **Agendamento**

Em resposta à carta “Consultas”, a diretoria do Sassepe informa que o sistema agenda mais de 40 mil consultas por mês. Para a especialidade de cardiologia, por exemplo, a oferta mensal é de oito mil vagas. É importante esclarecer que, diariamente, a grade é aberta para todas as especialidades. Os agendamentos são realizados por especialidades e em horários pré-definidos. Ao todo, são mais de 50 terminais de atendimento exclusivos para o usuário do Sassepe. Ressaltamos, ainda, que alguns médicos específicos atendem em determinados dias da semana e há uma cota definida de consultas, o que pode restringir o limite de vagas/dia. Quanto ao desconto do Sassepe em contracheque, segundo a Lei Complementar nº 30 – que regulamenta o Sassepe, o percentual é calculado sob o total de vantagens, provenientes do Estado, recebidas pelo servidor. **Assessoria de Imprensa** do IRH

JC - Carta 106 – 02/04/10: **Bomba**

Em resposta à carta do leitor Plínio Palhano, a Compesa esclarece que a falta d'água no bairro de Rio Doce, Olinda, foi motivada por um problema elétrico em uma bomba do poço que abastece a área. O conserto foi concluído na última sexta-feira (26), antes da publicação da carta, no dia 27. Após a conclusão dos serviços, o sistema voltou a operar regularizando o abastecimento do bairro. **Assessoria de Imprensa** da Compesa

### JC - Carta 107 – 03/04/10: **Demagogia**

Na ânsia de apresentar sua candidata e mostra serviço que não realizou em sete anos de governo, o presidente Lula, respaldado por uma formidável aprovação popular, usa e abusa de ações com perfil exclusivamente eleitoreiro. Daí, por vezes, se dar mal. A malsinada inauguração da fábrica de dormentes e brita – as maiores do mundo segundo a conotação petista – que não tiveram suas obras se quer iniciadas e de um trecho inacabado da inexistente Transnordestina – é um exemplo do açodamento demagógico que reveste todas as suas ações. Pior para os adesistas de plantão, que, além de ficarem sem bater palmas para o cara que sempre criticaram e combateram, não vão poder mentir para o eleitorado na ânsia de obter uns votinhos. Espera-se que tais empreendimentos, quando prontos, não sejam como a UPA de Paulista, que sua excelência, na apressada inauguração alegou “dar vontade de adoecer para ir lá se tratar” em tendo um piri-paque à noite, correu para o hospital português. **Fernando Spanghero** – Recife – ferspan@uol.com.br

### JC - Carta 108 – 03/04/10: **Posição**

Lúcidas e corajosas foram as declarações do padre Edvaldo Gomes publicadas nesse **JC**, com o título “Padre se mobiliza conta shopping na Tamarineira”, além de alinhadas com as posições até aqui expressas pela Associação Brasileira de Psiquiatria e a Sociedade Pernambucana de Psiquiatria. O religioso está coberto de razão quando pergunta “como negociam o lugar passando por cima da história da psiquiatria do Recife?” E também mostra toda a sua lucidez ao afirmar que “acho que eles (prefeitura e governo estadual) têm condições de assumir isso, pois o Ulisses Pernambucano é patrimônio nosso”. O Padre Edvaldo Gomes, homem muito querido e respeitado pelos recifenses, teve a coragem de se posicionar do lado correto da questão e se comprometeu com a população. E fez isso de maneira mais clara que a administração pública, até agora omissa diante da situação. **João Alberto Carvalho** – Recife – Vinicius@assessoraonline.com.br

### JC - Carta 109 – 03/04/10: **Reajuste**

É lamentável a forma como o governador Eduardo Campos trata os professores. O Secretário de Educação, por sua vez, ninguém fala ninguém vê. Vergonhoso dizer que o aumento ficou em torno de 3%, quando outras categorias tiveram bem mais. É assim que querem melhorar a educação no Estado? A eleição vem aí, e se todos os professores da ativa e aposentados souberem dar o troco... Já passamos o ano de 2009 na penúria. Vamos repetir a dose em 2010? Por que esse tratamento para com os professores? **Carmem Ferraz** – Floresta – carmem465@yahoo.com.br

### JC - Carta 110 – 03/04/10: **Ajuda**

Coitada da bloguista e jornalista cubana Yoani! Que culpa tem ela de ter nascido em Cuba, sob o jugo de um regime comunista? Ela tenta autorização para vir ao Brasil em junho para assistir ao festival de cinema em Salvador. Escreveu carta a Lula pedindo que ele interceda e convença Havana permitir sua viagem. Pela atitude desta cidadã Yoani, e a imposição de Cuba, é possível imaginar o respeito que aquele governo tem pelo seu povo e o fatídico “direitos humanos” que tanto

apregoam, assim como no atual Brasil. **Benone Paiva** – São Paulo – benonepaiva@yahoo.com.br

JC - Carta 111 – 03/04/10: **Fiação**

Em resposta à carta do Sr. Cleofas Reis, a Emlurb esclarece que a manutenção dos galhos das árvores das Ruas Alberto Paiva e Antônio Novais, nas Graças, só pode ser executada com o apoio da Celpe. A fiação tem contato com os galhos e a Celpe terá que desligar a rede. A Emlurb já entrou em contato com a Celpe. **Assessoria de Imprensa** da Emlurb

JC - Carta 112 – 03/04/10: **Declarações**

Absurdas, descabidas e preconceituosas as declarações da atriz Susana Vieira, acerca das cidades de Brejo da Madre de Deus (onde é realizada a encenação da Paixão de Cristo) e Caruaru. Em entrevista coletiva, ela declarou que estava na “selva”, que no chamado Agreste não há meios de comunicação, apenas “sinais de tambores ou de fumaças” e que “graças a Deus, mora na Barra – Rio de Janeiro”. Ora, se ela recebeu a proposta de representar o papel de Maria, mãe de Jesus, no espetáculo mundialmente conhecido de Fazenda Nova, por que a aceitou, se a missão era tão “árdua”? Além do mais, a atriz não decorou as suas “falas”, no espetáculo, configurando a sua falta de compromisso com os espectadores que pagam pelos ingressos e merecem respeito. Portanto, esta senhora deveria procurar ajuda de psiquiatras, para não continuar a agredir gratuitamente a população de Pernambuco nem os cidadãos-consumidores que prestigiam a Paixão de Cristo de Nova Jerusalém. **Célio Cruz** – Recife – celiocruz@terra.com.br

JC - Carta 113 – 03/04/10: [sem título]

Não sou católico e nem puritano. Mas, Suzana Vieira no papel de Maria, mãe de Jesus, é penalizar o plano espiritual. Suas declarações no caderno C desse jornal, dão uma ideia da infeliz escolha por parte da direção do espetáculo Paixão de Cristo. Tão significativo papel, rico em simplicidade, humildade e amor distanciam-se em muito dos seus conceitos equivocados de pobreza e riqueza. Suas necessidades “materiais” tão pouco sublimes fogem aos padrões normais e equilibrados da criação. Em contrapartida, está de parabéns Eriberto Leão pela sintonia que mantém com a profundidade do drama e muito mais pelas mensagens adquiridas no espetáculo, nos prestigiando com declarações magníficas dadas aos órgãos de comunicação, entre eles o **JC**. **Antonio Souto** – Recife – antonio.souto@hotmail.com

JC - Carta 114 – 03/04/10: **Arena**

Nos dias de clássico o Recife se transforma numa arena entre as torcidas organizadas e sobra violência para todos os lados. As principais ruas e avenidas tornam-se praças de guerra. Os maiores prejudicados são os moradores, ônibus depredados juntamente com vários equipamentos públicos. O futebol que deveria ser atração no esporte nacional, vai para nas manchetes policiais. **Fernando Melo** – Igarassu – PE

**JC - Carta 115 – 04/04/10: PAC 2**

Depois que o PAC 1 frustrou as expectativas, depois de ter sido apresentado como capaz até de parir um elefante, não passava de mais um daqueles embustes comumente usados pela petralhada para enrolar eleitores incautos e terminou parindo um reles camundongo. Vem à tona uma nova armação eleitoreira, desta vez batizada de PAC 2. O fato é que Lula, depois que esgotou seu estoque de inaugurações pequenas, percebeu que esse negócio de transformar festa de entrega de obras inacabadas em comícios pró-Dilma já estava dando na vista e resolveu dar uma “guaribada” no antigo PAC, inventando esse novo PAC, tão fantasioso e eleitoreiro quanto o velho. Só mesmo a camarilha petista e seus aliados por conveniências, desesperados ante a possibilidade de perder a eleição, fingem acreditar nessa pantomima, montada aos moldes de qualquer “festinha de militância”, única e exclusivamente para tentar encobrir a absoluta incompetência político-eleitoral de dona Dilma, uma candidata que, mesmo estando sozinha na disputa e contando com o intenso favorecimento da máquina governamental, conseguiu a proeza de ficar em segundo lugar, atrás do governador de São Paulo, José Serra, que só agora se revelou candidato. Pense numa candidata ruim de serviço! **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com

**JC - Carta 116 – 04/04/10: Divisão**

Li nesta coluna o leitor Raul Lira comparando o petróleo com a cana de açúcar. Ele diz que da mesma forma que queremos participar da divisão da grana da extração do pré-sal, o pessoal de lá também tem o direito de querer dinheiro da produção da nossa cana. Lira deve estar “se achando” com essa comparação. O que ele não entende é que a cana não aparece no solo por obra e graça da natureza. Ela precisa ser plantada, cultivada e colhida com o dinheiro do usineiro ou do fornecedor. Os bancos emprestam os recursos e os produtores pagam. O petróleo em questão não foi plantado nem será extraído com a grana do governo do Rio. Toda a operação será feita pelo governo federal com recursos da União. Se vierem recursos de fora, emprestados, todos pagaremos. Nós temos direito de participar da divisão, sim. **Reginaldo Afonso** – Iputinga – reginaldoafonso@oi.com.br

**JC - Carta 117 – 04/04/10: TIP**

Apesar de já fazer quase dois anos que a administração do TIP foi terceirizada, vemos poucos resultados. Mesmo com aumento na taxa de embarque de R\$ 0,75 para R\$ 3.55, os banheiros permanecem fedorentos, não há sinalização no embarque intermunicipal e não temos carrinhos para transporte de bagagem. Parece até que os administradores, se é que se pode chamá-los assim, têm convênio com os carregadores “sindicalizados”, estes sim, sempre à disposição... A que reclamar? DER? DNIT? Preferi reclamar à imprensa. **Luciano Mayer** – Recife – luckmayer@best.com.br

**JC - Carta 118 – 04/04/10: Sujeirinha**

Toneladas de lixo ficam nas calçadas em torno da feirinha de Boa Viagem justo na hora em que o pátio está superlotado, aos domingos à noite. Como se não bastassem as fétidas barraquinhas de comida, o cheiro de azedo no ar, o chão

imundo e toda aquela sujeira espalhada, a feirinha é vítima de si mesma. Ou seja, dos visitantes e ambulantes sem educação. A PCR há anos se mostra inoperante e incapaz de executar um trabalho de disciplinamento e de fiscalização. Onde esta cidade vai parar? **Francisco Imperial** – Boa Viagem – franciscoimperial@hotmail.com

JC - Carta 119 – 04/04/10: **Postura**

Concordo com o leitor Jailton Nascimento sobre a postura da atriz Suzana Vieira. Em uma Tv nacional ela disse que estava no Sertão-Agreste, nem sabia se situar. Esta “no fim do mundo”. Existem outras boas atrizes que poderiam muito bem fazer o papel de Maria na Paixão de Nova Jerusalém. **Geisa Vasconcelos** – Recife – geisapessoa@hotmail.com

JC - Carta 120 – 04/04/10: **Rebaixada**

Por mais que queira, não posso deixar de falar do (des)governo do presidente Lula. Primeiro foi a Sudene e agora a Chesf. A maior empresa da região, formuladora de projetos que são instrumentos para o desenvolvimento regional, vai ficar “às escuras”. É que, sem a transparência que se exige no setor público e na contramão dos interesses do Nordeste, o governo federal alterou a sua forma de atuação visando ao fortalecimento da Eletrobrás e, em consequência, esvaziando-a sob o argumento de que é preciso “transformar a Eletrobrás, controladora da Chesf, numa espécie de Petrobrás do setor elétrico”. Assim, decisões antes tomadas pela empresa nordestina no Recife agora terão de ser aprovadas pelos técnicos da Eletrobrás, no Rio. Enfim, aquela que é um símbolo do desenvolvimento e celeiro de técnicos qualificados se transformará numa espécie de escritório. Tal transformação é um negócio tão feio, que todo o processo começou no ano passado sem ninguém saber, comandado pelo presidente da Eletrobrás, Antonio Muniz. E só agora veio ao conhecimento do público. O dana é: quando FHC quis privatizar a Chesf, houve uma mobilização de políticos e empresários sem precedentes na região. E agora, onde estão eles? Esconderam-se ou estão com medo de bater no presidente Lula? Não, eles continuam por aí enganando o povo e não passam de pessoas oportunistas. Pois é, este é o outro lado do governo populista de Lula que as pessoas não conhecem. E salve o Bolsa Família! **Marco Albanez** – São Lourenço da Mata – marcoalbanez@uol.com.br

JC - Carta 121 – 04/04/10: [sem título]

O esvaziamento da Chesf como um a distribuidora autônoma de energia elétrica já era esperado. Empresa caracteristicamente técnica deveria ser comandada exclusivamente por seu corpo técnico, mas com seus salários de Primeiro Mundo sempre foi alvo de ambições políticas, o que faz com que sua diretoria quase sempre seja indicada por partidos políticos. Nos últimos anos, a empresa tem aparecido mais como patrocinadora de eventos. Mas neste Brasil sempre foi assim, quem manda é o partido que governa e todos os cargos têm que ser rateados entre si e os seus aliados. E o povo que pague a conta! **Raul Lira** – Recife – raulira@bol.com.br

**JC - Carta 122 – 05/04/10: Acusações**

O que se passa com a Igreja Católica tem relação direta com todo seu passado histórico. A Igreja nem sempre foi generosa e esteve apoiando muitas políticas autoritárias pelo mundo. Há exemplos de figuras coerentes com o Cristianismo e seus princípios, mas há também comportamentos condenáveis. Agora, as acusações estão direcionadas para a pedofilia. São constantes. É preciso que a Igreja reconheça seus desacertos e que leia com o coração a ética que Cristo pregou. A sua institucionalização gerou controvérsias e práticas sociais que estão longe do que deveria ser o amor ao próximo. Esquecer a generosidade em nome do poder esvazia sentimentos e provoca desconfiças. O desgaste é grande e a perda da autoridade é contínua. A contradição arruína as esperanças dos mais crentes. A sociedade precisa de solidariedade e instituições que a defendem com legitimidade. **Antônio Paulo Rezende** – Casa Forte – [cielo77@uol.com.br](mailto:cielo77@uol.com.br)

**JC - Carta 123 – 05/04/10: Herança**

Na Escola Parque do Recife, em Jaboatão dos Guararapes, está escrito: “A nossa relação social ainda está carregada pela herança da escravidão”. É uma realidade que se constata. Faxineiras, empregadas domésticas e servidores de bares, na verdade são pessoas originárias do tempo da escravidão. Nos clubes de elite dificilmente vamos encontrar negros, e quando frequentam devem ser ricos ou pessoas de nível representativo. Nas formações militares predominam os soldados de origem negra. Os de formação superior fazem carreira até general, brigadeiro. A legislação faz discriminação, reservando lugares para pobres nas faculdades públicas, jovens que certamente moram nas favelas. Os barraqueiros que ocupam as calçadas do Recife são pessoas provavelmente de origem negra. Os jogadores de futebol geralmente são negros. A elite joga tênis, voleibol, basquete e remam. Antes de o presidente Lula, o brasileiro mais conhecido no exterior era Pelé, considerado um dos jogadores mais famosos do mundo, mas era negro. Finalmente, imagino que os EUA elegeram Obama para dizer que lá não existe preconceito racial. **Paulo Montezuma** – Boa Viagem – [p.montez@ig.com.br](mailto:p.montez@ig.com.br)

**JC - Carta 124 – 05/04/10: Academias**

Sempre se diz que a prática do esporte pode mudar as pessoas, principalmente crianças e adolescentes. Mas o governo de Pernambuco pensa diferente, uma vez que quadras poliesportivas, na maioria das escolas, não existem. A Mirim Seixas, em Prazeres, é uma delas. Localizada em área carente e violenta, não conta com espaço para esportes. Mas o governo vai construir três Academias da Cidade nos presídios. Não seria o caso de evitar a chegada de “atletas” nos presídios, oferecendo à garotada do lado de fora? **Geraldo Dantas** – Jaboatão dos Guararapes – [picuiolinda@gmail.com](mailto:picuiolinda@gmail.com)

**JC - Carta 125 – 05/04/10: Retrato**

Os sanitários fechados para o público na orla de Bairro Novo é o retrato do que acontece há anos em Olinda. Além de a praia ser perigosa, não somente pela ameaça de tubarões, mas principalmente pela sujeira. Não existe um programa de praia limpa, a exemplo do Recife. A prefeitura é omissa quando se trata de respeitar o direito do eleitorado e fecha os olhos para tudo que não seja Carnaval e renovação

de mandato. Vamos esperar que este governo passe logo para que se veja alguma providência. **Maria da Conceição Pazzola** – Olinda –  
conceicaopazzola@yahoo.com.br

JC - Carta 126 – 05/04/10: **Surpresa**

Taí. A emenda saiu pior que o soneto. Nós torcemos tanto para a saída de dom Dedé, e vimos chegar o novo arcebispo para Recife e Olinda, com ideias arejadas. E de repente, dom Fernando anuncia a venda do Hospital da Tamarineira para virar um shopping! **Claudemir Carvalho** – Boa Viagem – Recife

JC - Carta 127 – 05/04/10: **Boa Vista**

O editorial do JC sobre a Boa Vista traduz o sentimento de impotência do recifense diante da degradação e total abandono do bairro. Nasci e fui criada na Boa Vista, precisamente nos arredores entre a Rua do Rosário e a Manuel Borba, onde restaram apenas fragmentos de um passado recente, de um bairro que era cheio de vida, de beleza e de história. Como recifense, sinto angústia em ver minha cidade abandonada dessa forma. Outro dia, passei por um constrangimento sem precedentes: resolvi levar um amigo brasiliense, numa manhã de domingo, para conhecer as “belas” ruas da Imperatriz, Matriz, Aragão e Praça Maciel Pinheiro. O que consegui encontrar foram: mendigos na calçada, ruas esburacadas e fétidas, enfim, um cenário de total decadência e abandono, que me deixou constrangida e envergonhada. Obviamente que o visitante, acostumado apenas à Orla de Boa Viagem e às ladeiras de Olinda, teve uma impressão tenebrosa do nosso Recife. Por este motivo, acredito que o Jornal do Commercio deveria insistir no tema – apesar de a matéria de uma página publicada no dia 21 – ou seja, continuar denunciando o abandono da Boa Vista, não apenas da Boa Vista: igualmente abandonado se encontra o bairro de Santo Amaro, e em estado deplorável está a Avenida Norte, cujas casas estão sendo “largadas” (encontra-se várias placas de vende-se e aluga-se) no trecho entre o viaduto que dá acesso à Encruzilhada e a Cruz Cabugá. **Danielle Romani** – Recife – dbromani@gmail.com

JC - Carta 128 – 05/04/10: **Linha 968**

Em atenção à carta do leitor Antonio Pereira “Terminal”, na qual reclama do serviço da linha 968 – Ilha de Itamaracá – Igarassu, da segurança e da limpeza no Terminal Integrado de Igarassu, o Grande Recife informa que a linha atualmente conta com nove veículos e realiza 73 viagens nos dias úteis, além de dois veículos extras reservados no TI para atender à demanda de usuários dos finais de semana. Em relação à segurança, o terminal conta com três postos de vigilância 24h em dias úteis e quatro postos aos sábados e domingos. Sobre a manutenção do TI, informamos que diariamente dois funcionários cuidam da limpeza e da organização do local. **Assessoria de Imprensa** do GRCT

JC - Carta 129 – 06/04/10: **Bloqueios**

As favelas da Área Metropolitana situam-se em locais estratégicos por invasões ou pelas construções irregulares sob o olhar pacífico das prefeituras. É cômodo aos seus gestores, nas campanhas, ir lá pedir votos. As comunidades usam dessa

situação de controle para pôr em prática o modismo de bloquear as vias públicas. Os contribuintes após uma jornada de trabalho têm que se submeter ao grupo de vândalos que arrumam qualquer pretexto para “trancar as ruas”. Os assaltantes aproveitam para tirar proveito e a polícia não tem qualquer planejamento para coibir ou desmantelar. Os motivos: atropelamento, invasão da favela para prender marginais, criança desaparecida por irresponsabilidade dos pais que passam o dia “encangando grilo”, pois as bolsas família, escola, Pro - jovem, salário de detento e outras rendas governamentais suportam a vadiagem. Na Ilha do Maruim e Santa Tereza em Olinda, os moradores provocaram um monumental engarrafamento que durou três horas. Não foi justa a ação, assim como a falta de determinação da polícia e bombeiros, pois sempre aparece um vereador lembrando ao governador que estamos em ano eleitoral. **Roberto Cortez** – Olinda – rscortez47@yahoo.com.br

JC - Carta 130 – 06/04/10: **Urbanização**

Nos próximos meses devem ser concluídas as obras do viaduto da PE-15 que deverá contribuir para a melhoria do trânsito na ligação do Recife com as cidades da Área Norte. Seria oportuno que, em paralelo a essa obra, fossem desenvolvidas ações tanto da Prefeitura de Olinda, quanto do governo estadual para urbanizar a Lagoa de Santa Teresa que margeia o viaduto. Poderia ser criado, por exemplo, um parque com pistas de cooper e quadras poliesportivas, lanchonetes, proporcionando melhor lazer para as comunidades, além de preservar a vegetação no entorno da lagoa, ocupando-a, a fim de se evitar que suas margens sejam favelizadas. Olinda ganharia então mais uma área de lazer para se unir às belezas do seu rico acervo histórico. **Lenilson Costa** – Olinda – Lenilson.costa@ig.com.br

JC - Carta 131 – 06/04/10: **Explicações**

As comunidades das URs 11, 06, Parque Recreio, Minha Deusa e adjacências sofrem com o abastecimento d'água imposto pela Compesa. Em algumas ruas o fornecimento só ocorre a cada 15/20 dias. Geralmente, a água leva cinco a seis dias para chegar às torneiras. Como explicar isso? Não chega água, mas as contas com valores incríveis chegam todo mês. A comunidade já se mobiliza para invadir a Compesa a fim de pedir uma explicação e, claro, uma solução. Paciência tem limite. **Emílio Moura** – Ibura – emiliojmoura@hotmail.com

JC - Carta 132 – 06/04/10: **Intérprete**

Quero parabenizar a jornalista Duda Martins por reportar com honestidade a entrevista dos atores da Paixão de Cristo, em Fazenda Nova. Acho que foi um erro contratar certos artistas de novelas para assumir papel que requer pelo menos um mínimo de educação. Ninguém acha que um artista devia viver sua vida privada semelhante ao personagem que interpreta. Quem vai assumir o papel de Maria num espetáculo religioso não pode absolutamente se apresentar diante da imprensa usando um palavreado de quem fosse viver Madalena. **Ana Maria Menezes** – Boa Viagem – Recife

**JC - Carta 133 – 06/04/10: Estratégia**

Impressionante a estratégia dos postos de combustível. Toda vez que vão aumentar de preço, usam a mesma estratégia: baixam os preços durante uma semana e, em seguida, mostram o reajuste. Antes era de R\$ 5,59 e agora está em R\$ 2,69. **Pedro Pedreira** – Recife – pedropedreirabrazil@gmail.com

**JC - Carta 134 – 06/04/10: Festival**

Decisão acertada, bom senso e coerência impediram a realização do Festival Abril Pro Rock no terreno da Fábrica Tacaruna. Uma liminar do Ministério Público proíbe shows de grande porte ali. Além disso, o produtor Paulo André, tomou uma decisão sensata em voltar ao Centro de Convenções. Nada contra o evento. Rock é revitalizante. Mas, a Fábrica Tacaruna é considerada uma Zona Especial de Preservação Histórica. Prédio e todo o terreno são patrimônios públicos, desapropriados pelo governo do Estado há dez anos. Vários projetos já foram criados para transformar o local numa escola de artes, num Centro de Formação e Desenvolvimento Cultural, mas nada saiu do papel. Infelizmente, o espaço passou a ser seguidamente utilizado para a realização de shows. Pior para os moradores das áreas circunvizinhas – Campo Grande, Salgadinho e Sítio Novo que sofreram com barulho insuportável, congestionamento e bagunça, antes e pós shows. Passou dos limites! Lembramos que desde 2007 o Ministério Público de Pernambuco investiga se a antiga fábrica pode, de fato, receber eventos assim. Muitas reclamações bateram à porta do MPPE. E a conclusão da promotora de Meio Ambiente e de Urbanismo, Alda Virgínia de Moura, é a de que apresentações musicais, por exemplo, no local ameaçam o patrimônio e pode ser um risco para quem estiver nos shows. A promotoria entrou com uma ação contra o Estado e o juiz José Viana Ulisses Filho proibiu a realização de eventos na área. O magistrado pensou no bem público e na coletividade. **Francisco Carlos do Nascimento** – Olinda – chicocarlos56@hotmail.com

**JC - Carta 135 – 06/04/10: Trabalho**

Lula continua desrespeitando a Lei Eleitoral, fazendo dos brasileiros uns “manes”, desafiando o TSE em defesa de sua candidata. O lançamento do PAC 2, sem ter concluído nem 50% do PAC 1, mostra a grande falta de seriedade que norteia o seu governo, em lançar programas meramente eleitoreiros com discursos inconsistentes e promessas que certamente não serão cumpridas por falta de verbas. E o mais engraçado foi dizer que está trabalhando muito, e quem quiser vencê-lo, terá de trabalhar muito mais. Realmente, enfrentar uma máquina poderosa como a que ele tem a seu favor, não é tarefa fácil. **Walter Freitas** – Pesqueira – wjorgefreitas@uol.com.br

**JC - Carta 136 – 07/04/10: Desafios**

Esplêndido o caderno especial do **JC** sobre os empreendimentos em Suape. Entre os desafios vencidos pelos asiáticos, especialmente a Coreia do Sul, chama atenção o que diz respeito à educação escolar propriamente dita e, principalmente, os investimentos para que os asiáticos estivessem preparados para trabalharem na indústria naval. Os gestores educacionais de Pernambuco, liderados pelo

governador, devem ler esse caderno para absorverem os ensinamentos para quem quer chegar à tecnologia de ponta, mas, principalmente, para tomarem uma decisão política de priorização na educação, capacitando não somente os alunos, mas também os professores da rede pública. Oferecendo, inclusive, todas as condições para um bom rendimento escolar. Novos investimentos estão chegando e com eles, novas oportunidades de empregos. Parabéns ao **JC** pelo maravilhoso trabalho. **Luciano G. Torres** – Recife – [ugonto@ig.com.br](mailto:ugonto@ig.com.br)

#### JC - Carta 137 – 07/04/10: **Inaugurações**

Como diz sempre o nosso Lula, “nunca antes na história desse país” se fez tanta demagogia ou se disse tanta mentira, quanto no governo petista. A embromação que reveste o PAC, batizado pela imprensa de Programa Atrasado de Crescimento, é algo vergonhoso e, o dinheiro que já foi torrado Brasil afora com falsas inaugurações pelas comitivas presidenciais, seguramente é maior do que o que se investiu no programa. O Nordeste, como sempre, mantém-se na rabeira dos investimentos. A média de conclusão de obras na região é inferior a 8% do que se prometeu fazer, e isso porque o presidente é nordestino e “protege” a região. Não bastasse, para alavancar a candidatura de Dilma, se lança um PAC-2, que, segundo denúncias na mídia, tem obra até na Argentina e Paraguai. Como é que pode se ter tanta cara de pau e continuar iludindo o povão com tanta mentira e esmola? Não seria melhor tentar concluir o que se arrasta há anos, sem aparente solução como as Transnordestina e a BR-101 Norte? **Fernando Spanghero** – Recife – [ferspan@uol.com.br](mailto:ferspan@uol.com.br)

#### JC - Carta 138 – 07/04/10: **Pagamento**

A Prefeitura de Ipojuca não valoriza a cultura nem o artista. Até esta data, ela não pagou o cachê dos artistas que trabalharam no Carnaval. Essa atitude não se justifica, uma vez que o município tem uma das maiores arrecadações do Estado. A Refinaria e o Porto de Suape rendem milhões aos cofres da prefeitura. Muitas empresas se instalaram no município, Porto de Galinhas, por sua vez, atrai turistas o ano todo, etc. E qual o motivo desse atraso? Afinal, a quantia não vai quebrar Ipojuca, não é prefeito? **Antonio de Souza Filho** – Ipojuca – [souzaeventos2002@hotmail.com](mailto:souzaeventos2002@hotmail.com)

#### JC - Carta 139– 07/04/10: **Desafios**

Alguns missivistas, notadamente, opositores do governo Lula, vem constantemente usando este espaço para criticar o governo mais popular que o Brasil já teve. Será que eles não sabem que o governo vem encarando na investigação e com disposição de resolver todos os problemas? Eu gostaria de adiantar ao Sr. Fernando Spanghero que não venha me confundir com a candidata do presidente Lula. E mais: procure ler e entender o que vem sendo feito no país. **Dilma Carrasqueira** – Olinda – [dilmacarrasqueira@yahoo.com.br](mailto:dilmacarrasqueira@yahoo.com.br)

#### JC - Carta 140– 07/04/10: **Descaso**

Parabéns ao **JC** pela imparcialidade ao divulgar fatos importantes de Pernambuco, com foi o caso do desrespeito e injustiça sofridos pelos professores da rede pública

estadual. O editorial do dia 2 mostrou que o governo nunca se importou com a educação, e neste só piorou. **Acacy Nascimento** – Jaboatão dos Guararapes – mais3108@yahoo.com.br

JC - Carta 141– 07/04/10: **Deboche**

Ficou evidente a forma grosseira com que a atriz global Suzana Vieira tratou o nosso Estado. Isso constitui um desrespeito e merece o repúdio dos pernambucanos. Parecia estar sob o efeito de tranquilizantes quando quis humilhar o povo de agreste, afirmando que a comunicação em Fazenda Nova se dava por meio de fumaça e tambores, numa infeliz alusão à “terra de índios”. Após a desastrosa entrevista houve o silêncio das autoridades, já que apenas os radialistas Ednaldo Santos, Graça Araújo e Geraldo Freire se pronunciaram, fazendo-a ver a injúria proferida. Somos vítimas da subserviência cultural que vem desde a colonização, talvez por isso tenhamos ainda que escutar esses impropérios. A atriz necessita abdicar da soberba e agir com bons modos e moderação, deixar de ser arrogante e debochada com as pessoas que a recebem bem. Preconceito e excesso de estrelismo são comuns nas pessoas desequilibradas. **Luiz Maia** – Recife – l.maia@terra.com.br

JC - Carta 142– 07/04/10: **Conservação**

A administração do TIP esclarece ao Sr. Luciano Mayer que, quando a Socicam assumiu o Terminal em outubro de 2008, havia apenas nove carrinhos de bagagem disponíveis, e em péssimo estado de conservação. Em seguida, foram comprados 25 novos carrinhos, e no momento estamos concentrando recursos em reformas na estrutura e manutenção dos espaços fazendo uma grande obra para acabar com as infiltrações. Sobre o valor das taxas de embarque, elas foram regularizadas de acordo com resolução da ARPE (em 2008), antes mesmo da Socicam assumir. A taxa é usada para cobrir despesas com água, energia, funcionários, segurança, administração, manutenção dos banheiros e de toda a estrutura do terminal. Os banheiros foram reformados, sendo colocados vasos sanitários, pias e azulejos que faltavam. Além disso, os banheiros foram equipados com papel toalha e sabonete líquido. Há também funcionários que trabalham somente nesses espaços, fazendo a manutenção do local várias vezes por dia. **Assessoria de Imprensa** do TIP

JC - Carta 143– 08/04/10: **91 anos**

Toda a equipe da MID Comunicação parabeniza o **Jornal do Commercio** pelos seus 91 anos de vida. Como (sic) se fosse uma pessoa, o **JC** seria um excelente personagem para falar dos principais fatos da História, não só de Pernambuco, mas do Brasil e do Mundo. Esse personagem, o “**Sr. JC**”, teria uma narrativa econômica, seria objetiva, clara. Suas lembranças dos momentos mais pitorescos da cidade incluiriam todos os assuntos, da defesa das comunidades às notícias de educação passando pelos casos policiais que provocariam a nossa revolta. Sabereria, ainda, falar de política, cultura e tecnologia, e contaria suas viagens e saberia de cor as escalões de cada um dos times pernambucanos, quem ganhou, quem perdeu. É justamente esse jornalismo comprometido, inovador e honesto a receita do sucesso do **Jornal do Commercio**. Afinal, se assim não fosse, o nosso **JC** não estaria há mais de nove décadas presente no nosso cotidiano. E temos certeza de que ele

nunca irá envelhecer. Afinal, sempre vamos precisar de bons contadores para presenciar todos os fatos da nossa História. Parabéns a todos que fazem o **Jornal do Comercio. Equipe MID** Comunicação

JC - Carta 144– 08/04/10: **Artigos**

“Professores desrespeitados” e “Quarto de empregada”, artigos publicados recentemente nesse **JC** merecem ser republicados. O primeiro afirmando que a educação em Pernambuco, com o ensino básico de má qualidade e professores ganhando salários baixos em condições precárias, resultam em jovens despreparados para o trabalho ou para ingressarem no curso superior, o que infelizmente não foi levado em conta quando aprovado o novo teto do Executivo ultrapassando a cifra dos R\$ 22 mil, quando o salário dos professores é de R\$ 950. O segundo, lembrando Gilberto Freyre, ao tratar em tempo tempos idos das mucamas e amas de leite, mencionado – acrescento de maneira prazerosa, “Quarto de empregada” de “quarto de Maria”, que deveriam ser mínimos de 2,58x3m para um padrão popular, onde as patroas depositam tudo aquilo que não têm onde colocar na maioria dos atuais “apartamentos” – novamente complemento, ou não querem ver ou não querem descartar. **Oswaldo Martins** – Espinheiro – omfsouza@hotmail.com

JC - Carta 145– 08/04/10: **Contraste**

A taxa de desemprego nos EUA está em 9,7%, a mais alta desde 2007. Obama vê uma luz no fim do túnel, mas tem um longo caminho a percorrer. No Brasil, as coisas acontecem de maneira inversa, as pessoas perdem emprego e o governo mostra que a taxa de desemprego caiu. Eis o contraste brasileiro: os trabalhadores perdem seus empregos e a popularidade do presidente sobe para quase 90%. Isso mostra que um país não se faz com trabalhadores, mas com pessoas satisfeitas por comerem apenas uma refeição. **Luciana Lins** – Campinas – lucianavins@hotmail.com

JC - Carta 146– 08/04/10: **Antecipação**

Em resposta ao leitor Cleofas Reis que teve carta publicada reclamando das interrupções de energia elétrica recorrentes no cruzamento entre as Ruas Alberto Paiva e Antônio Novais, nas Graças, a Companhia Energética de Pernambuco (Celpe) esclarece que a prioridade dessas ações é definida pela Emlurb. No entanto, dadas as ocorrências de desligamento de energia nas referidas ruas, a Celpe está antecipando ação de corte nas copas das árvores desde o dia 1º de abril. **Assessoria de Imprensa** da Celpe

JC - Carta 147– 08/04/10: **Ataques**

A candidata do PT, Dilma Rousseff, já ataca seu principal concorrente à Presidência, José Serra do PSDB. Com isso, entende-se que seu adversário também está livre para lhe revidar e expor seu passado até hoje omitido no seu currículo. **Benone Augusto de Paiva** – São Paulo – benonepaiva@yahoo.com.br

**JC - Carta 148– 08/04/10: Debochada**

No mínimo infeliz a contratação da atriz Suzana Vieira para o papel de Maria, mãe de Jesus, no espetáculo de Fazenda Nova. Além de puro desconhecimento bíblico, com deboches sobre a roupa utilizada, que, segundo ela, era “de pobre” (será que ela sabe quem foi Maria?), bem como de opinar sobre a geração do Menino Jesus que, segundo sua teoria, teria sido “de forma natural, da união de Maria e José, e que só depois teria sido abençoado por Deus”, além do desconhecimento geográfico da localização de Brejo da Madre de Deus, e de debochar da medicina local, quanto ao atendimento oftalmológico. Ainda teve a audácia de se intitular inteligente, rica e moradora da Barra, no Rio. Quem assistiu ao espetáculo comprovou que nem boa atriz ela é mais. A memória já não funciona adequadamente, esquecendo textos simples e de fácil memorização e que não é culpa da idade. É puro desleixo, falta de compromisso. Além de sermos referência na área oftalmológica, também possuímos bons psicólogos e hospitais psiquiátricos que podem auxiliar no tratamento de pessoas que passam por desequilíbrio. Ele bem que poderia ter realizado um check-up aqui no Nordeste. **Robson Lemos** – Angelim – Robson.tricolor94@yahoo.com.br

**JC - Carta 149– 08/04/10: Propaganda**

Ao passar pela rodovia PE-60, no município de Ipojuca, me deparei com aproximadamente 60 outdoors, um a cada cem metros, que fazem propaganda de obras realizadas pela prefeitura daquele município. Existem até placas que indicam construções com o nome do prefeito, Pedro Serafim. Ele, o prefeito, faz a obra com o dinheiro público e coloca o seu nome na edificação, o que é ilegal, além de imoral. Será que as autoridades da Câmara de Vereadores, do Ministério Público Estadual e do Tribunal de Contas não estão vendo esse abuso de poder? Enquanto Recife, Jaboatão dos Guararapes e outras cidades combatem a poluição visual retirando painéis das vias públicas, a Prefeitura de Ipojuca atua em sentido contrário e torna feio o outrora belo percurso da PE-60 que leva os turistas a Porto de Galinhas. **Dário Medeiros** – Recife – dariomedeirosl@ibest.com.br

**JC - Carta 150 – 09/04/10: Editorial**

Parabéns ao **JC** pelo editorial “A UFPE e seu time vencedor”, publicado dia 3. O que foi dito demonstra a extraordinária visão dos responsáveis pelo editorial em relação à importância da pesquisa para o desenvolvimento de uma Nação. Espero que o magnífico texto sirva de estímulo para que os poderes competentes possam valorizar o trabalho do pesquisador como variável chave do desenvolvimento do nosso País. Aproveito a oportunidade para lembrar que, além da conceituada UFPE, pesquisadores das demais instituições de ensino superior (UFRPE, UPE, IFPE, Unicap) também desenvolvem pesquisas relevantes para o crescimento de Pernambuco, assim com o IPA e a Embrapa. Lembro também que inúmeros professores, tanto de órgãos públicos como privados, também merecem crédito pelo ensino de qualidade que ministram em suas disciplinas, assim como outros que desenvolvem atividades extensionistas significativas em inúmeros municípios do Estado. **Carlos Alberto Tavares** – Recife – carlostavares19@yahoo.com.br

**JC - Carta 151 – 09/04/10: Luta**

Gostaria de parabenizar a equipe do **Jornal do Commercio** pelo brilhante editorial do dia 2. Ele ajuda os professores a desmascarar os políticos que temos. Esse veículo de comunicação foi o único que deu devida importância a um assunto tão sério no nosso Estado: a educação. A classe de professores conta com o apoio da mídia nessa luta, pois só com educação de qualidade e professores respeitados e qualificados teremos um Brasil melhor. **Veruska Bezerra** – Recife – vmprof@hotmail.com

**JC - Carta 152 – 09/04/10: Dificuldade**

Faço através dessa coluna apelo para que seja tomada uma atitude no trânsito na área próxima ao Viaduto da Torre, no sentido de quem vai para o Carrefour. Quem precisa contornar o viaduto seguindo para o Hiper Casa Forte, não consegue entrar ao lado do viaduto porque todos os veículos estão na contramão e fica impossível ultrapassar. Sugiro a presença de guardas a partir das 7h, quando o trânsito começa a ficar movimentado. **Geraldo Lins** – Parnamirim – linsgerald058@yahoo.com.br

**JC - Carta 153 – 09/04/10: Imagens**

Ao mesmo tempo em que os canais de televisão mostram imagens de um Rio de Janeiro devastado, mal governado, abandonado à sua própria sorte, são mostradas imagens produzidas pela propaganda do governo Lula, com o PAC isso e o PAC aquilo fazendo pessoas felizes com obras realizadas na cidade. Pelo menos por respeito aos cariocas, enquanto durar o luto da cidade, o governo devia mandar interromper essa propaganda enganosa. **Ronaldo Ferraz** – Rio – ronferraz@globo.com

**JC - Carta 154 – 09/04/10: Recusa**

No ano passado, a Academia Pernambucana de Medicina através do seu presidente, Geraldo Pereira, solicitou audiência com o arcebispo dom Fernando Saburido. A academia estava preocupada com os rumores de que teria sido feita a compra da Santa Casa com grupos privados, para transformação do Sítio da Tamarineira num centro comercial. Dom Fernando recusou-se a receber o pessoal da APM e agora sabemos o motivo. Confiamos, entretanto, no Ministério Público. **Gentil Porto** – Recife – gentilporto@terra.com.br

**JC - Carta 155 – 09/04/10: Cartel**

Uma emissora de TV mostrou postos de gasolina praticando cartel. O repórter ouviu o Procon que falou em multas altas. Acontece que até hoje não houve nenhuma providência e os postos continuam com preços iguais. E a justiça? Continua ficando a dever quando se trata dos direitos dos cidadãos. **Paulo Gustavo** – Paulista – pgpa\_8@hotmail.com

**JC - Carta 156 – 09/04/10: Descaso**

Mais uma vez uso esse espaço de prestigiado jornal para denunciar o abandono em bairro que merece maior atenção das nossas autoridades. A Boa Vista, de passado glamoroso no Recife e presente de importante situação geográfica e comercial, sofre com problemas de simples solução. Além do abandono do seu casario histórico como foi revelado em recente reportagem do **Jornal do Commercio**, problema que também depende da boa vontade de seus proprietários, muitas outras mazelas precisam da intervenção oficial. Uma delas está na iluminação pública. Rua tradicionais com a Progresso, a Ninfas e tantas outras se tornaram assustadoras, principalmente após as 22 horas, quando terminam as aulas nas faculdades próximas e o movimento é reduzido. Outra questão importante a ser abordada está no entupimento das galerias. A Gonçalves Maia, por exemplo, não suporta cinco minutos de chuva, que logo fica inundada, com água acima do joelho de quem passa. Ai incluídos os visitantes de outros Estados, que vêm à cidade tirar o visto de entrada no Consulado Americano e levam uma péssima impressão do Recife. E o inverno nem começou! **Beatriz Melo** – Recife – bibimelo@hotmail.com

#### JC - Carta 157 – 09/04/10: **Recursos**

Apesar de os apelos publicados nesse **JC**, os gestores da UFPE (Progepe) continuam inertes quanto ao provimento dos recursos físicos importantes para a execução das atividades da Academia de Ginástica. Neste período de chuvas, como não foi disponibilizado um espaço coberto, de vez em quando ficamos prejudicados pela impossibilidade de praticar atividades físicas, tão importantes para a nossa qualidade de vida. O que mais acentua a nossa indignação é saber que existem várias áreas ociosas e que poderiam ser disponibilizadas e evitar o ônus de novos recursos para construção de uma área específica. É preciso que os melindres falem muito menos do que as necessidades e que os agentes públicos solidarizem-se na prática de gestões eficazes. Esperamos que o Progepe nos informe se tem condições de prover tais recursos. **Genison Gomes de Menezes** – Recife – genison.gomes@oi.com.br

#### JC - Carta 158 – 10/04/10: **Situação**

Enquanto o governador de Pernambuco, graças ao dinheiro que gasta em propaganda, usufrui do privilégio de ficar dando declarações falaciosas, enaltecendo os fictícios avanços pelo setor de saúde pública durante sua gestão, quem quiser saber a verdadeira situação da saúde pública em Pernambuco, basta dar uma passadinha pelo “mundo-cão” que é a emergência cardiológica do Hospital Agamenon Magalhães, ali no bairro de Casa Amarela. É uma verdadeira “sucursal do inferno”! Trata-se de um local sujo e mal cheiroso, criado com uma estrutura para receber no máximo 18 pacientes, mas onde, por conta da irresponsabilidade dos gestores públicos, normalmente são “atulhados” mais de 50 pobres coitados, a imensa maioria dos quais permanecem “internados” em cadeiras ou em colchões espalhados pelos corredores. Para completar a “desgraceira”, esta semana o ar condicionado do local quebrou, fazendo com que o insuportável calor seja mais um agravante para a já naturalmente desumana situação imposta aos segurados do SUS, que são obrigados a recorrer àquela emergência cardiológica. Se em pleno Recife, a menos de 10 quilômetros do Palácio do Campo das Princesas, tantos pernambucanos são desrespeitosamente submetidos a tantos vexames, o que acontecerá por esses sertões? **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com

### JC - Carta 159 – 10/04/10: **Homenagens**

Em atenção à carta do Sr. Dario Medeiros, publicada na edição do dia 8, e em cujo texto o leitor comete um equívoco histórico para fundamentar uma suposta crítica ao prefeito de Ipojuca, temos a esclarecer que as homenagens prestadas pelos ipojuicanos a Pedro Serafim de Souza referem-se ao ex-prefeito nascido em 1911 e falecido há mais de 40 anos. Por ter sido o primeiro prefeito eleito e reeleito de Ipojuca, o pai do atual prefeito reeleito, Pedro Serafim, tem de fato o nome lembrado pelos munícipes em diversas ocasiões nas últimas décadas. **Assessoria de Imprensa** da PMI

### JC - Carta 160 – 10/04/10: **Construções**

Todas as catástrofes provocadas por chuvas, deslizamentos de terras e inundações que ocorrem em diversos lugares do Brasil poderiam ser evitadas se houvesse uma administração pública responsável, não permitindo construções em áreas de risco, por exemplo. Isso evitaria mortes e perdas materiais. Os conjuntos habitacionais só poderiam ser erguidos em lugares seguros e com toda infraestrutura necessária, oferecendo bem estar e o cumprimento do dever público para com os seus cidadãos. **Benone Augusto de Paiva** – São Paulo – benonepaiva@yahoo.com.br

### JC - Carta 161 – 10/04/10: **Remoção**

Em resposta à carta do leitor Dario Medeiros sobre as propagandas institucionais da Prefeitura de Ipojuca ao longo da PE-60, publicada na edição do dia 8, no **Jornal do Comercio**, o Ministério Público de Pernambuco informa que a Promotoria da comarca tem desde 2008 uma ação civil na Justiça requerendo que o material seja retirado da faixa de domínio da rodovia. A ação, que já está em fase final de sua tramitação, também pede a remoção das placas de publicidade localizadas nas PEs – 09 e 38. **Assessoria de Imprensa** do MPPE

### JC - Carta 162 – 10/04/10: **Gratificação**

Parabenizo o governo do Estado por gratificar os policiais militares e civis, bombeiros e médicos legistas pela redução da violência. São não entendi por que os agentes penitenciários foram excluídos e onde os bombeiros e legistas contribuíram para a redução da violência? **Alex Castro** – Recife – alex.castro2009@gmail.com

### JC - Carta 163 – 10/04/10: **Negligência**

As chuvas que caíram no Rio de Janeiro e São Paulo nos mostram que esses políticos não estão preocupados com nossas vidas, mas sim com o quanto vão arrecadar por cada enchente, desabamento ou até mesmo a seca, e temos muitas situações no nosso dia a dia. O presidente Lula, por exemplo, tem PAC1 e PAC2, tem ministro das Cidades que diz cuidar principalmente dos menos abastados e, ao invés de usar nosso dinheiro para tirar os pobres dos morros, ele manda milhões de dólares para outros países apenas para fazer média. Aqui em Pernambuco a meteorologia está avisando que vai chover bastante e não vemos movimentação alguma nos morros da Região Metropolitana. Devem estar esperando que aconteça

o pior para irem atrás de recursos emergenciais. **James Leonardo** – Recife – jamesleonardo@uol.com.br

JC - Carta 164– 10/04/10: **Investimentos**

Em atenção a Sra. Carmem Ferraz, de Floresta, ressaltamos os inúmeros investimentos realizados pelo governo na área de educação. Entre eles, a recuperação da rede física das escolas, os programas de correção de fluxo, a garantia de fardamento e material escolar para os estudantes, a política de avaliação da aprendizagem, as unidades com jornada ampliada de ensino, a implantação de sete novas escolas técnicas, entre outros. Ressaltamos ainda a apolítica de valorização de pessoal, onde está inserido o pagamento do piso salarial, cumprindo o que determina a Lei 11.738. Sobre o reajuste salarial dos professores, as Secretarias de Educação e de Administração reafirmam o cumprimento da referida lei, de acordo com as orientações do Ministério da Educação para todos os Estados e municípios. As remunerações serão reajustadas retroativas ao mês de janeiro deste ano, de modo que o valor mínimo até maio seja de R\$ 1.025 e de R\$ 1.045 a partir do segundo semestre – valores pagos a um professor de nível médio com 40 horas semanais. Os docentes com carga horária de 30 horas, recebem proporcional. **Assessoria de Imprensa** da SEE e Administração

JC - Carta 165– 11/04/10: **Artesanato**

A mesma filosofia do editorial “A nova arte popular”, publicado recentemente no **Jornal do Comercio**, será adotada pela direção da casa de eventos Acrópole, em Limoeiro, de 3 a 6 de junho deste ano. Será a 1ª Feira Regional dos Municípios, destinada a contribuir para o reconhecimento do valor artístico dos artesãos da região e do produto industrial das micro e pequenas empresas. Como se sabe, em volta de Limoeiro localizam-se mais de 20 municípios, com população próxima de um milhão que conta com estradas asfaltadas. A Acrópole já está preparada para o evento, com a instalação dos estandes concluída. Iremos, a partir desta semana, manter contatos com as autoridades municipais e estaduais, objetivando saber se receberemos algum tipo de apoio. Conforme se poderá observar em nosso site [www.acroledelimoeiro.com.br](http://www.acroledelimoeiro.com.br), a nossa casa é a única da região a comportar um empreendimento desse porte. Essa é a nossa maneira de colaborarmos para o desenvolvimento social e econômico de limoeiro e adjacências. Finalmente, não é por demais lembrar, que a região é produtora de artesanato de notável valor artístico como bordados (Passira, Salgadinho, Limoeiro), barro (Tracunhaém), Tapeçaria (Lagoa do Carro), palha de bananeira (Machado, São Vicente Férrer e Macaparana). **José Veloso** – Limoeiro – jsvadv@uol.com.br

JC - Carta 166– 11/04/10: **Aposta**

O que houve com o socialismo de Eduardo Campos? Quem apostou neste governo, decepcionado com o anterior, está despontado mais ainda. A prática usada com os servidores, notadamente com os da educação, foi mais perversa que a de Jarbas. Pouco diálogo nas negociações, redução de salários, descontos nos dias parados na última greve, prorrogação por mais dois anos dos diretores... ufa! Devo ter esquecido de mais alguma coisa. Mas o que mais me espantou mesmo foi o governador aumentar por mais dois anos os mandatos dos gestores. Prefiro chamá-

los agora de interventores. Se continuaram é porque fizeram bem o “dever de casa”. Muitos foram afastados da gestão. Incomodavam. Não rezavam pelo catecismo de Eduardo. A empáfia dos que permaneceram aumentou, como se tudo pudessem. E podem! Eleição direta acabou neste governo. Viva a democracia do PSB! Viva o socialismo em que todos nós acreditamos. **José Cláudio Azevedo** – Olinda – jclaudio.azevedo@hotmail.com

JC - Carta 167 – 11/04/10: **Preferência**

Depois de o Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral ter conseguido mais de 1,6 milhão de assinaturas, a Câmara dos Deputados demonstra mais uma vez que não está nem aí para a opinião pública. Os parlamentares empurram com a barriga a votação dos candidatos “ficha-limpa”. Eles bem que poderiam pensar na imagem do Congresso com a corrupção impregnada na Praça dos Três Poderes. Mas eles preferem votar no projeto de lei de Paulo Maluf, mais conhecido como a lei da mordaza para engessar a imprensa. **Pedro Araújo** – A. da Ingazeira – PE

JC - Carta 168– 11/04/10: **Mazelas**

O **JC** faz tempo que vem veiculando preciosas matérias apontando o abandono dos bairros centrais do Recife. Vemos o comércio ambulante crescente, calçadas e ruas que ofertam todo tipo de produtos e serviços, detritos de toda qualidade nociva, esgotos banhando meio-fios, cartazes colocados em muros ou postes e todo e qualquer espaço público sem prestar serventia ao trânsito de pedestre. Sugiro ao **JC** criar e publicar diariamente um boxe com tais mazelas para que possamos cobrar do prefeito. **Carlos Tigre** – Casa Forte – carloskktigre@hotmail.com

JC - Carta 169 – 11/04/10: **Ponte**

Gostaria de saber do prefeito João da Costa quando realmente serão iniciadas as obras da ponte interligando os bairros de Iputinga e Monteiro. Prometida por diversas vezes através da imprensa, nada saiu do papel. Outra obra que está virando lenda é a revitalização do Parque da Caiara, bem como a retomada da Refinaria Multicultural, esta, por sinal, tem uma placa novinha com propaganda da PCR enaltecendo a obra. Que obra? **Wladimir Moura** – Iputinga – wladmoura@hotmail.com

JC - Carta 170 – 11/04/10: **Preocupação**

Existem fatos na política para os quais não existem explicações por mais que sejam justificados. É o caso do governo de Eduardo Campos. Em que pesem as UPAs, intervenção no Hospital do Câncer e tentativa de melhorias nos hospitais, a saúde em Pernambuco está “sem coma”: faltam leitos, médicos e remédios. Já a situação caótica em que se encontra o RH dispensa comentários. Na área de educação, outro caos: os professores não acreditam mais nas propostas do governo e só não fazem greve por uma questão legal – eleição deste ano. E a segurança? A população “tremeu nas bases” quando os policiais civis e militares ameaçaram uma greve. Na verdade, não basta a vontade do governador: é preciso determinação, eficácia, seriedade e o acompanhamento das determinações dadas aos subordinados. Como o governo só tem os seus olhos para Suape, não está nem um

pouco preocupado com quem anda pelas ruas, principalmente à noite. Nas imediações da Igreja da Torre a média de assaltos é dez por semana. Nas praias e estradas, roubos e assaltos tornaram-se uma rotina. E a polícia? Mais pessoas e mais automóveis tornam a segurança mais eficaz? Não. Exemplo? No feriadão da Semana Santa foram registrados 57 homicídios (no Carnaval 65), incluindo três duplos homicídios (sem contar que Pernambuco foi o 3º em mortes nas estradas no mesmo período). Pior: mortes em quase todos os bairros do Recife e nas cidades do interior. **Marco Albanex** – São Lourenço da Mata – marco@albanex.com.br

JC - Carta 171 – 11/04/10: **Desmonte**

Gostaria de parabenizar Saulo Moreira, pelo artigo “Chesf: a gênese e a lógica do desmonte”. Nele, fica evidente a atuação dos nossos políticos, diretores e até mesmo de servidores da estatal na defesa da Chesf. O PT está um cordeirinho, quase nada fala. Fernando Ferro é um deles, apesar de e dizer defensor da hidrelétrica nordestina. Os nossos senadores também mantêm o silêncio. Maciel, Jarbas e Sérgio Guerra nem parecem pernambucanos. Eduardo Campos também não fica atrás dessa turma. E o que dizer dos diretores chesfianos? Em suma, como bem disse Saulo Moreira, a nossa maior empresa, a mais lucrativa de todas do sistema Eletrobrás, vai bancar as outras que são deficitárias. Sarney e sua turma, que comandam a Eletrobrás, agradecem o presente recebido de mão beijada. **Marcio Barros** – Recife – m.ab.awan@hotmail.com

JC - Carta 172 – 12/04/10: **Projeto**

Não sei o motivo de tanto espanto diante da negativa dos deputados federais em votar no Projeto Ficha-Limpa. Afinal, espantoso seria esse “magote de sacripantas”, muito dos quais com um passado mais “sujo do que pau de galinheiro”, que tomaram de assalto a política brasileira, tivesse aprovado uma lei proibindo que as pessoas com ficha-suja, exatamente como a maioria deles tem, pudesse ser candidato a um cargo eletivo. Como o brasileiro é inocente! Afinal, querer que essa turma votasse favoravelmente a um projeto em frontal desacordo com seus interesses, é algo tão ilusório quanto achar viável a estratégia de “colocar raposas para tomar conta do galinheiro”. Esse tal projeto Ficha Limpa, com um texto minimamente decente, só será aprovado no dia de São Nunca, quando a cobra ganhar asas ou quando a galinha criar dentes. Enquanto isso, a exemplo do que acontece hoje em dia, a atividade parlamentar continuará servindo de “refúgio de marginais”, que “investem” fortunas para garantir um mandato, não só pelas potencialidades que o cargo carrega, no sentido de “se dar bem na vida”, e principalmente, pelo fato de que tão logo empossados passam a usufruir de alguns benefícios legais agregados ao desempenho da função. Estes são tidos como “uma mão na roda” para quem costuma atuar “com um pé na ilegalidade”, a exemplo do direito à imunidade parlamentar, ao foro privilegiado etc. **Júlio Ferreira** – Recife – [julioferreira.net@gmail.com](mailto:julioferreira.net@gmail.com)

JC - Carta 173 – 12/04/10: **Revolta**

A tristeza e a revolta foram os sentimentos que me tomaram ao ver a foto publicada no **JC** onde um pai carregava nos braços o corpo sem vida de um filho de 8 anos. Dor maior não há no mundo. Penso então, quanto dessa dor não é consequência da

irresponsabilidade dos administradores públicos que, por décadas, fecharam os olhos para a ocupação irregular, para os desmandos ambientais que potencializam esses fenômenos e para a educação de nosso povo que não compreende que pequenas ações, como a deposição do lixo em locais adequados, podem minimizar essas tragédias. Quanto dos recursos desviados pela corrupção deixaram de ser aplicados na melhoria da educação e na qualidade de vida do povo? A cada ano, são as mesmas respostas culpando os fenômenos naturais e nenhuma ação efetiva para organizar as nossas cidades. **Tibério Noronha** – Recife – Tnoronha@hotmail.com.br

#### JC - Carta 174 – 12/04/10: **Diferenças**

Cada vez que vou a João Pessoa penso estar em um país civilizado. A gasolina custa em torno de R\$2,30 e o Sindicato dos Frentistas não apoia cartel. Não existe depredação de ônibus; o povo não suja as ruas do Centro da cidade; os motoristas param para pedestres atravessarem nas faixas; não vemos moradores de rua; não existe lavador de para-brisa nos sinais e os proprietários de carros não desrespeitam a Lei do Silêncio em lugares públicos. Portanto, não consigo entender essa diferença comportamental entre cidades “vizinhas”. **Cláudio de Melo Silva** – Olinda – PE

#### JC - Carta 175 – 12/04/10: **Doação**

Interessante é ver os reservas do CBMPE se mobilizarem para doar sangue, numa ação coletiva, enquanto nem mesmo sabem quando serão convocados para iniciar o Curso Preparatório após um ano de espera. No caso, é mais válido “festejar” a posse do novo secretário de Administração do governo Eduardo Campos, José Francisco Neto. Os reservas, que tanto lutam para conquistar essa vitória, agora terão que redobrar seus esforços para atingir o “coração” do novo titular da SAD. **Kelly B. Souza** – Recife – kellybia@gmail.com

#### JC - Carta 176 – 12/04/10: **Lava-jato**

Chamo atenção da PCR ao mau uso das praças do Recife. A moda agora é fazer das praças lava-jatos de carros nos fins de semanas. Já aconteceu nas Praças da Encruzilhada, do Parnamirim e agora, na de Casa Forte. Além de ser desleal aos comerciantes, causa má impressão. **Rogério Brandão** – Recife – rtinocobrndao@hotmail.com

#### JC - Carta 177 – 12/04/10: **Culpas**

Vou pegar um “gancho” na carta de Danielle Romani, publicada nessa coluna. Infelizmente, tudo que ela trata em sua missiva é a mais pura verdade e acontece diariamente em nossa cidade. E acrescento ainda, sem querer defender a administração municipal, que parte do povo recifense é o culpado por essa sujeira e fedentina que assola nosso Recife. Sou testemunha ocular de pai ensinando o filho a jogar restos de comida no chão do Parque da Jaqueira, com desculpa de que era para manter o emprego dos zeladores. E é comum vermos cidadãos de todos os naipes jogando sujeira pelo ônibus. E o que falar de sofás, camas, geladeiras e fogões boiando em pleno Rio Capibaribe? Nossos canais são sempre imundos,

mesmo o poder público tentando mantê-los limpos. Nosso povo é que não gosta de limpeza. Já vi, nas priscas eras em que se podia caminhar, gente rodando aquelas lixeiras que existiam na Avenida Guararapes, apenas para derrubar o lixo no chão... Nosso povo precisa aprender a ser civilizado. E não apenas nós pernambucanos, mas os brasileiros de um modo geral. **Sílvio Dantas** – Tamarineira – sildant@oi.com.br

#### JC - Carta 178 – 12/04/10: **Cálculo**

Gostaria de saber do prefeito Elias Gomes, de Jaboatão dos Guararapes, qual a base de cálculo usada para os valores obtidos no IPTU 2010 na comunidade UR – 11. Ano passado paguei algo em torno de R\$ 120 e este ano, vou pagar R\$ 227. Não moro na parte nobre, mas ainda bem que vou ter condições de pagar o IPTU 2010. Fico pensando nas pessoas que tiveram esse mesmo reajuste (mais de 100%) e seus salários continuam os mesmos. A maioria recebe um salário e suas casas continuam de mesmo jeito, sem reformas. Talvez – gostaria de acreditar nisso – esse aumento gigantesco tenha acontecido para se melhorar a estrutura do bairro, calçar ruas de UR – 06, que há mais de 25 anos não tem uma viela calçada, ou até quem sabe, concluir a Operação Tapa Buracos, iniciada e nunca concluída. Estamos cansados de paliativos, senhor prefeito. Acredito em sua administração, mas custa acreditar nessa base de cálculo do IPTU 2010. **Manoel de Almeida** – Jaboatão do Guararapes – manaelalmeidamax@yahoo.com.br

#### JC - Carta 179 – 13/04/10: **Planetário**

O **JC** anunciou a construção, no Parque do Jiquiá, de um Planetário em 3D que seria “o mais moderno da América do Sul”. Se, de fato, esse projeto da prefeitura for realizado, o Recife ganha uma grande opção de lazer e conhecimento. No entanto, segundo a matéria, consta no projeto a construção de uma usina multicultural, ou seja, um espaço para apresentação de shows das mais diversas espécies que poderá atrair uma quantidade de público acima da capacidade do local, além de comércio ambulante desordenado, muita confusão, muita violência e bebedeira, comprometendo, assim, a finalidade inicial do novo espaço científico, além de trazer sérios prejuízos ao verde. Infelizmente, pertencemos a uma cidade que nas últimas décadas não consegue conviver com a paz, o silêncio e o bem-estar das pessoas. Uma cidade com o Recife, que busca de uma maneira obsessiva obras públicas onde o concreto sempre está acima do espaço verde (bom para as construtoras e péssimo para a população), é considerada hoje uma das piores metrópoles brasileiras na qualidade de vida. A usina multicultural proposta servirá apenas para que alguns “artistas” lancem mão do espaço público para se projetarem na mídia e venderem os seus produtos nada palatáveis do ponto de vista cultural, além de atingirem o sossego e a paz pública. Lembrem-se o Parque Dona Lindu, da usina multicultural que seria instalada em pleno Sítio da Trindade, além, é claro, da mais recente polêmica envolvendo o Hospital da Tamarineira. **Luiz Carlos Ferreira** – Parnamirim – luizeppelin@ig.com.br

#### JC - Carta 180 – 13/04/10: **Barulho**

Um amigo gaúcho ao visitar o Recife ficou impressionado com a esculhambação nas ruas. Além disso, o barulho está no nível do insuportável. Em casa de amigos na

Madalena, não se podia conversar durante o dia nem dormir à noite por causa das motos que passavam com o escapamento nas alturas. Uma epidemia que vem tomando conta do Recife e região, numa verdadeira afronta aos artigos 105, V; 98, § único e tantas outras referências do nosso Código de Trânsito. Em Jaboatão, os motoqueiros trafegam com a placa da moto levantada e com o ruído ensurdecedor emitido pelo escape. Uma infinidade de carros de propaganda que só servem para infernizar a vida das pessoas. **Rivail V. Chaves** – Recife – rivailvc@click21.com.br

JC - Carta 181 – 13/04/10: **Metralhas**

Existe um terreno murado na Rua Odorico Mendes, esquina com a Professor Francisco Trindade em Campo Grande, que os mal educados jogam lixo nas calçadas. A prefeitura limpa e no dia seguinte recomeça o despejo. E ainda jogam muita metralha vinda em carroças movidas por animais, e tudo fica espalhado na rua atrapalhando o trânsito e ainda facilitando um acidente, já que esse terreno é de esquina. Sugiro que o Dircon ou quem quer que seja, multe o proprietário. **Gilson Mendes** – Campo Grande – gilson147mendes@gmail.com

JC - Carta 182 – 13/04/10: **Importância**

Enquanto o Rio de Janeiro contava os mortos, feridos e desabrigados da tragédia das enchentes que atingiu principalmente os mais pobres, àqueles que por falta de recursos para habitação moravam em encostas e morros, o ministro da Defesa embriagado pelo poder e pelas mordomias, dava entrevista falando da compra dos caças franceses que vão consumir bilhões de reais dos recursos públicos pagos pelo contribuinte. **Raul Lira** – Campo Grande – raulira@bol.com.br

JC - Carta 183 – 13/04/10: **Cartel**

Por onde andam as autoridades competentes, que não se pronunciam diante desse cartel de combustível que toma cona da nossa cidade? Nós consumidores estamos desolados nos sentindo reféns da ambição desenfreada desses empresários que gozam de impunidade. **Carmem Valença** – Recife – Carmem.faria@yahoo.com.br

JC - Carta 184 – 13/04/10: **Percentual**

Observamos que na matéria sobre o PAC, publicada no **JC**, do dia 4, Caderno Economia, no quadro “Em marcha lenta”, Pernambuco detém 871 projetos e, no campo, “concluídos”, apresenta um percentual de 9,50% em relação ao total de empreendimentos. Consultamos a fonte “Contas Abertas”, indicada no artigo e constatamos que o total das obras concluídas neste Estado foram 56, o que equivale a 6,42% de 871 projetos. Gostaríamos de perguntar se existe alguma outra fonte que justifique o percentual apontado pelos senhores, porque erros dessa natureza denigrem a imagem do **JC**. Será que podemos confiar em todos os dados apresentados? **Cecília Gomes** – Recife – eaogomes@hotmail.com

**NR** – O autor da matéria, Giovanni Sandes, responde: Não há erro da leitora, nem da reportagem. Apenas os números de referência são diferentes. Uma tabela exclui projetos regionais que beneficiam o Estado e a outra não. Assim, facilmente poderíamos encontrar um terceiro e até um quarto número, se observássemos, por

exemplo, a execução financeira do PAC só em Pernambuco e em Pernambuco mais projetos regionais.

#### JC - Carta 185 – 13/04/10: **Transformação**

Quanta falta de sorte essa de Pernambuco. Sou nordestino, nascido a 15 km do grande São Francisco, defensor das nossas coisas, boas e até ruins. Nossa Chesf, inaugurada na gestão de Café Filho que “Delmiro teve a ideia, Apolônio aproveitou, Getúlio fez o decreto e Dutra realizou”, por que agora com esses maranhenses José Sarney, Edison Lobão e o pior de todos: José Antônio Muniz, presidente há apenas dois meses dessa gloriosa companhia, resolveram tirar nosso maior símbolo nordestino, para levar tudo para o Rio de Janeiro? Infelizmente, faltou garra dos políticos pernambucanos. No passado, nosso Estado foi considerado o Leão do Norte. Mas hoje, por incrível que pareça, transformou-se na pequena “raposa do Nordeste”. É lamentável! **José Valdemar Pereira** – Recife – jvpereira42@gmail.com

#### JC - Carta 186 – 14/04/10: **Absurdos**

O presidente Lula trata a Justiça Eleitoral com chacota ao ironizar as multas que lhe são impostas, num flagrante desrespeito às normas constitucionais brasileiras, sendo criticado por isso. É de se estranhar que o PT, um partido político que lutou para que fossem restauradas a democracia e a liberdade de imprensa no País, tenha em seus quadros pessoas que se arvoram no direito de descumprir leis e a Constituição. Enquanto isso, o prefeito do Recife passa por cima da lei ao conceder alvarás às empresas que apresenta projetos de construção em áreas tombadas e de preservação ambiental, como o Shopping da Tamarineira e o supermercado no Poço da Panela. Os absurdos se sucedem numa escalada vergonhosa, em profundo desrespeito ao patrimônio cultural e à memória da cidade. Por que o prefeito João da Costa não desapropria o terreno da antiga fábrica da Macaxeira, transformando aquele espaço e parque público dotado de muito verde, uma Academia da cidade e uma excelente área de lazer? **Luiz Maia** – Tamarineira – l.mai@terra.com.br

#### JC - Carta 187 – 14/04/10: **Educação**

Gostaria de destacar o editorial do **JC** do dia 12: “A educação e o futuro”. Na última Conferência Nacional de Educação, o presidente Lula mostrou-se irritado e surpreso com a resistência de prefeitos e governadores em implantar o piso salarial reconhecido pelo próprio MEC como baixo. Insensibilidade também denunciada pelo **JC** em editorial do dia 02: “Professor desrespeitado”. Prioridade para a educação se faz com investimentos. Ou melhor, com a ampliação dos investimentos. Se o governo Lula triplicou o orçamento do MEC durante sua gestão, o governo Eduardo Campos não aumentou um centavo nos investimentos em educação no Estado. Optou por um modelo baseado no aumento de gastos com gerenciamento e a propaganda que penaliza os professores em seus direitos, salários e carreira. Ao descumprir partes importantes da Lei do Piso como retirar direitos (quinquênios e gratificações), desmontar o PCC (Plano de Carreira) e ainda reduziu salários dos professores que já recebiam o pior salário do País. Torna-se ele, o governador, um péssimo exemplo para os prefeitos. **Elisângela Coelho** – Belo Jardim – elisancoelho@hotmail.com

**JC - Carta 188 – 14/04/10: Hospitais**

Não entendo a posição do governo estadual com relação às Unidades de Pronto Atendimento (UPAS). Os maiores hospitais do Estado estão sem infraestrutura para atender aos carentes que sofrem ao procurar essas unidades. A emergência do HR há muito vem merecendo críticas e providências que nunca chegam. Espero que o nosso governador olhe para essas emergências que não vêm dando a devida assistência ao pobre que precisa desses serviços públicos. **Manoel Limoeiro – Torrões** – manojls127773997@hotmail.com

**JC - Carta 189 – 14/04/10: Iniciativa**

Em resposta à carta “Aposta”, a Secretaria de Educação do Estado ressalta que a criação das mesas geral e setorial da negociação foi iniciativa do atual governo, que sempre manteve um canal direto de diálogo com os servidores. Também instituiu uma comissão de busca para selecionar os gestores das Gerências Regionais de Educação, eliminando as indicações políticas. Medidas que reforçam o compromisso do governo com a democracia. Em relação aos gestores das escolas estaduais, eles foram eleitos pela comunidade escolar. **Assessoria de Imprensa da SEE**

**JC - Carta 190 – 14/04/10: Transporte**

Em vez de o governo estimular a compra de automóveis que só serve para poluir o ar e congestionar o trânsito, deveria melhorar o sistema de transporte público. Barato e de boa qualidade. **Fernando Melo** – Igarassu – fernando-melo@oi.com.br

**JC - Carta 191 – 14/04/10: Justificativa**

Moro há pouco tempo em Candeias e o local ainda preserva certa quietude e beleza remanescentes, mas infelizmente, enfrenta sérios problemas de estrutura que considero de grande importância. Costumo caminhar junto com outros moradores na areia à noite e ficamos impressionados com a quantidade de ratos gigantes que cruzam nossos pés. Alguns deles chegando próximo ao mar em busca de alimentos. As rochas totalmente tomadas por eles, sem contar na quantidade de baratas por todo canto. Acho importante levantar esta questão, pois o município está numa grande campanha para arrecadar IPTU, mas não oferece condições decentes aos moradores. Outro grave problema é a quantidade de cachorros soltos que vivem na praia, inclusive cheguei a ser atacado por um deles, felizmente o ferimento não infeccionou. A quantidade de lixo que fica na praia após o dia de lazer também preocupa, pois não há fiscalização. Existe a limpeza feita pelos carros, mas não sei se ela é paliativa, uma vez que retira o grosso, mas os pequenos objetos e restos ali permanecem. Em Piedade, devido ao avanço do mar, criaram-se passarelas para os pedestres, entretanto, elas são tomadas pelos barraqueiros que dividem e lutam por espaço com os banhistas. E o que dizer das ruas que viram lagos nos dias de chuva? Então eu pergunto: o IPTU caro vai servir para alguma coisa? **Oswaldo Ferreira** – Jaboatão dos Guararapes – englishoswald@yahoo.com.br

**JC - Carta 192 – 14/04/10: Comparações**

A candidata à Presidência da República pelo PT quer comparar o governo de Lula com o governo de FHC. Deveria comparar mostrando ao povo que a ex-primeira dama, falecida em junho de 2008, dona Ruth Cardoso foi a mãe do Bolsa Família, preocupava-se com as questões sociais do País e trabalhava em prol dos mais necessitados. Ao comparar, não se esquecer de dizer o que fez a primeira-dama, Marisa Letícia, que durante oito anos de governo do PT, só plantou uma grama em forma da estrela do partido no jardim do palácio e dedicou o resto do tempo colocando botox. Eis a diferença abissal de ideologia e senso crítico de papéis.  
**Luciana Lins** – Campinas – lucianavlins@hotmail.com

#### JC - Carta 193 – 15/04/10: **Preocupação**

Os recifenses estão preocupados com a proximidade das chuvas, principalmente em determinados bairros. Moro em Porto da Madeira e uma chuvinha que deu na madrugada do domingo, o Rio Beberibe, poluído e carregando muito lixo, inundou a Rua Cortês. A água entrou nas casas. Nem a prefeitura nem o governo tomam uma atitude, e ainda existe o problema da construção de “casas” irregulares na Rua Dalva de Oliveira. Esses barracos estão estreitando o rio prejudicando Porto da Madeira e Beberibe. Em dezembro, o prefeito João da Costa assinou ordem de serviço das obras do PAC – Prometrópole da EU- 19 para esse local. Foi uma festa bonita com secretários, vereadores e deputados, confesso que até me emocionei quando soltaram fogos e o prefeito cobrou agilidade aos representantes do consórcio responsável pela revitalização do rio. Já estamos quase no meio de 2010 e o PAC- Prometrópole mais uma vez ficou só no palanque. E as águas vão invadir as nossas casas. **William Ferreira** – Beberibe – William.fs@ig.com.br

#### JC - Carta 194 – 15/04/10: **Arrastões**

Chamo atenção das autoridades para um detalhe: todo final de tarde, aos domingos, acontecem arrastões na Praia de Boa Viagem, sempre no Posto 10, saída da Rua Bruno Veloso, na frente do Hotel Internacional Palace, em torno das 18h. É batata! Nesta área podemos assistir bandos de adolescentes e jovens atacando pessoas que caminham na areia. E isso vem acontecendo há mais de dois meses. Os moradores acionam a PM que comparece logo em seguida, mas assim que a polícia libera os suspeitos e as viaturas deixam o local, os bandos retornam ao mesmo ponto para novos ataques. Tudo isso que mais parece cinema pode ser visto do calçadão, das varandas... virou rotina e o pior: uma situação completamente fora de controle, num dos pontos turísticos mais expressivos da Zona Sul. Incrível. **Ricardo Estellita** – Recife – angollall@uol.com.br

#### JC - Carta 195 – 15/04/10: **Condições**

Durante a estada de Luiz Inácio, no Rio de Janeiro, exatamente no dia do “alagamento”, o presidente reafirmou “excelentes condições” de o Brasil receber em 2014 e em 2016 as competições internacionais com muita tranquilidade. Como um país sem drenagens, bueiros, esgotos e falta de gestão em infraestrutura, irá sediar aos campeonatos dessa envergadura? Os americanos, europeus e o resto do mundo estão preocupados com a possibilidade de fracasso. Felizmente, junho e julho são meses tranquilos para realização dos eventos. Queira Deus... **Hibernon O. da Silva** – Recife – PE

JC - Carta 196 – 15/04/10: **Análise**

Gostaria de saber quando a Polícia Militar vai pagar o 13º e férias proporcionais aos ex-pms que agora são policiais civis, ainda referentes a 2008. Deixamos a briososa PM há um ano e seis meses, mas não recebemos a importância que temos direito. Já os colegas do Corpo de Bombeiros receberam tudo em dezembro do mesmo ano. Não dá para entender o motivo, uma vez que a verba pertence à mesma secretaria. E para dar mais incerteza, as informações do Quartel do Derby dizem que o nosso caso ainda está sendo analisado. Esse tempo todo? **Éder J. Gonçalves** – Recife – Bellmonty@hotmail.com

JC - Carta 197 – 15/04/10: **Retorno**

Há dois meses fiz a inscrição de minha filha para o concurso Menor Aprendiz, dos Correios, e a prova ainda não foi agendada. Assim como eu, outros pais já realizaram o pagamento. A direção dos Correios já pode nos dar retorno? **Isabele Carvalho** – Recife – isabele.carvalho@gmail.com

JC - Carta 198 – 15/04/10: **Abandono**

Quero parabenizar o **Jornal do Comercio** pela matéria do dia 11, referente ao abandono do Centro do Recife. Nosso interesse é chamar atenção para Rua das Flores, esquina com a Avenida Dantas Barreto. É lastimável a situação em que se encontra esta rua, totalmente abandonada pelo poder público. É um descaso para com a população, principalmente para nós, que estamos instalados no Edifício Tiradentes. O cenário é de humilhação. O que era para ser um local turístico, virou lixo, pois existe uma obra de arte de Francisco Brennand e versos de Ariano Suassuna, “Batalha dos Guararapes” que encontram-se totalmente esquecidos. A rua serve de ponto de encontro para viciados, vadiagem, prostituição, sanitário público ao ar livre. O mau cheiro é insuportável e altamente constrangedor. Outros veículos de comunicação já publicaram matérias expondo o problema, mas não surtiu efeito. Continuamos na mesma. Pela repercussão que esse jornal causa na sociedade, e pelo interesse comum, solicitamos que inclua essa rua na reportagem. Recife não merece isso. **Condomínio do Edifício Tiradentes** – Recife – edificiotiradentes@pop.com.br

JC - Carta 199 – 15/04/10: **Definição**

Dias atrás, Lula criticou a justiça eleitoral, dizendo que os candidatos ao Parlamento teriam que ter regras mais claras para que não fossem punidos arbitrariamente pela justiça. Se o presidente da República não tem meios de entender as leis, imagine o cidadão comum. O ex-governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, que foi filmado recebendo propina, e comprovado que chefiava uma quadrilha que assaltou os cofres públicos do Distrito Federal, foi mandado para a cadeia pelo STJ por estar envolvido numa tentativa de suborno. E agora, o mesmo STJ determinou a liberdade por entender que ele já não oferece perigo às investigações da rouboalheira. Como cidadão, eu também gostaria que a justiça tivesse regras mais claras sobre a definição do que é ser ladrão, e o que deverá um ladrão fazer, ou não fazer, para que ele fique trancado na cadeia. **Wilson Parker** – Rio – gparker@oi.com.br

**JC - Carta 200 – 16/04/10: Superlotação**

Em atenção ao leitor Júlio Ferreira, a Secretaria Estadual de Saúde afirma reconhecer a superlotação cardiológica do Hospital Agamenon Magalhães causada, em grande parte, pela procura de pacientes que não controlam diabetes e hipertensão onde deveriam fazer nos PSFS. Desse modo, esses pacientes aparecem no HAM infartados ou, no caso dos diabéticos, necessitando de amputação de membros. As condições de atendimento ainda estão longe de serem ideais, mas ainda assim o serviço é uma referência nacional em cardiologia e salva, diariamente, dezenas de pessoas. E é justamente com a certeza de que o paciente do SUS merece melhor acolhimento, que este governo está fazendo o que foi relegado há anos. O HAM, por exemplo, terá sua emergência cardiológica ampliada, ganhando mais espaço onde hoje funciona o Serviço de Apoio à Mulher Wilma Lessa. Com cinco UPAs e um grande hospital inaugurados até agora, a rede foi ampliada dentro de um modelo de gestão voltado para a qualidade e o cuidado com os pacientes. **Assessoria de Imprensa da SES**

**JC - Carta 201 – 16/04/10: Serviço**

Essa coluna publicou carta de leitor dizendo que “o presidente Lula procura mostrar serviço que não realizou em sete anos de governo”. Sinceramente, a transparência das obras do PAC está sendo aprovada pelo poder público. No tocante dos serviços de pavimentação e drenagem de diversas ruas e complementação da rede de esgotos nos bairros de Santo Amaro e Campo Grande. Incluindo até as comunidades da Vila da Prata, União dos Palmares, Saramandaia, Capilé e várias ruas no entorno dessas comunidades, no bairro de Campo Grande, Recife. Graças ao presidente Lula, associado à liberação de novos recursos estaduais e a ações do governo municipal em comunidades de diversas cidades do Brasil. É bom lembrar ao missivista que para presidir uma Nação não é como passar horas e horas num botequim vendendo cachaça. Já dizia o escritor e poeta Oscar Wilde: “A cada bela impressão que causamos, conquistamos um inimigo.” **José Calvino A. Lima** – Campo Grande – jose.calvino@ig.com.br

**JC - Carta 202– 16/04/10: Exemplo?**

É indignante a falta de compromisso de certos agentes da CCTU. Vemos esses funcionários investidos da autoridade de trânsito, desrespeitando a própria lei que deveriam tutelar. Por diversas vezes tive o desprazer de verificar que eles conduzem suas motos com a viseira do capacete levantada, alheios ao mau exemplo. Além disso, somos vitimados pela inépcia desses profissionais, mesmo presentes nos locais e horários de maior fluxo de trânsito são incapazes de tomar qualquer iniciativa. **Guilherme Santos** – Recife – guilherme.santos40@hotmail.com

**JC - Carta 203 – 16/04/10: Avaliação**

A Prefeitura do Recife esclarece ao leitor Luiz Maia que não concedeu os alvarás para os empreendimentos citados por ele. Ao contrário, o projeto do supermercado no Poço da Panela ainda está em análise na Dircon e, portanto, a licença de construção não foi expedida. O imóvel em questão não era tombado. Em relação à proposta do shopping Tamarineira, nenhum projeto foi apresentado pelos

empreendedores. É importante ressaltar que o município se pauta pelo princípio da legalidade e respeito às leis no processo de avaliação dos projetos. **Assessoria de Imprensa** da PCR

JC - Carta 204 – 16/04/10: **Visita**

Convidamos o prefeito de Jaboatão dos Guararapes e seus secretários, especialmente os de Obras e Saúde, para em um dia de chuva, visitar a Rua Amaro Soares de Andrade, em Piedade. Ainda pedimos a presença do vice que, na condição de ex-vereador, fez pronunciamento na Câmara requerendo essa obra. Durante a visita, as autoridades também poderão conhecer o Posto de Saúde da Família que fica numa rua esburacada com lama e águas empoçadas. Há oito anos pedimos a pavimentação da rua. **Alberto Ribeiro** – Jaboatão dos Guararapes – alberto\_loura@yahoo.com.br

JC - Carta 205 – 16/04/10: **Disparates**

Bastou pouco mais de uma semana para a temperamental ex-ministra Dilma Rousseff, sozinha na planície, mostrar que, de fato, é um Ciro Gomes de saias deixando em polvorosa a cúpula do PT. Enfiada goela abaixo pelo presidente Lula, o partido ainda não a digeriu, e a cada asneira que fala, parece ficar mais indigesta. Após ter criado imenso problema com os aliados peemedebistas, propondo aliança com os adversários destes em Minas Gerais, essa senhora vem agora desancar a memória de Arraes, Brizola, Prestes e outros ícones da esquerda brasileira, que, no período da ditadura militar foram exilados. Pensava atingir o adversário José Serra e acertou mais um tiro no pé. Do jeito que vai de bobagem em bobagem, o seu despreparo evidente vai criar-lhe obstáculos dentro do próprio partido que não a queria como candidata por lhe conhecer com sobras. Está facilitando a vida dos adversários com sua arrogância, despreparo e destempero verbal. **Fernando Spanghero** – Recife – ferspan@uol.com.br

JC - Carta 206 – 16/04/10: **Pagamento**

Agora que saiu o tão aguardado resultado do Funcultura, gostaria de saber da presidente da Fundarpe, Luciana Azevedo, quando afinal será feito o pagamento do Festival Pernambuco Nação Cultural de 2009? (sic) Haja vista que os artistas nacionais receberam inclusive 50% antecipados, e nós, grupos e artistas da Nação Pernambuco, estamos há quase um ano sem receber os cachês. E o pior, sem nenhuma previsão, já que o Departamento Financeiro não informa absolutamente nada. E além disso, já entregamos todos os documentos inúmeras vezes, pois perdem a validade. E já que faz tanto tempo, vamos receber com juros e correção monetária? No final do ano passado foi publicada uma reportagem onde a presidente da Fundarpe dizia que todos os pagamentos sairiam até 4 de dezembro de 2009. E nada foi pago, sendo prorrogado o prazo que chega aos dias atuais. Outro dia, menos de um mês, saiu aqui mesmo o **JC** outra reportagem sobre a Edição Funcultura 2010 do Festival Pernambuco Nação Cultural, e Luciana Azevedo ressaltou que verba não era problema para a fundação. Então por que até agora os grupos e artistas não recebem aquilo a que têm direito? Política pública para a cultura não pode ser só discurso. **Norma Ferreira** – Recife – normacf.ferreira065@gmail.com

JC - Carta 207 – 17/04/10: **Autoritarismo**

Por se achar um cidadão acima da lei, o presidente Lula desafiou o estado democrático de direito, pois já disse que continuará atuando como cabo eleitoral da ex-ministra Dilma Rousseff. Em com petulância e autoritarismo, afirmou: “os políticos brasileiros não podem ficar subordinados aos juízes nas eleições”. Dá para acreditar? Tais atitudes preocupam entidades que zelam pela defesa da República e da Democracia, como pede a OAB. A maioria dos que formam a sua base no Congresso Nacional diz, como observou o deputado José Chaves (PTB-PE), que Lula é um dos mais fortes chefes do Executivo que o Brasil já teve e não tem diálogo com o Parlamento. Até a Associação dos Magistrados Brasileiros em consonância com a posição das demais instituições contrárias ao seu comportamento, já disse que repudia as declarações inoportunas do presidente. Já se falou que Lula “se considera” um “deus terrestre”, desmoraliza o Judiciário, a sociedade, e, principalmente o Legislativo, já que a maioria dos congressistas não têm moral para enfrentá-lo. Observa-se, assim, que no Brasil não existe uma Democracia. **Marco Albanez** – São Lourenço da Mata – marco@albanez.com.br

JC - Carta 208 – 17/04/10: **Depósito**

Em março de 2009, os moradores da Rua Moema e Jornalista Campello, onde fica localizado o Colégio Horizonte, enviaram um abaixo-assinado com mais de 300 assinaturas à Dircon, denunciando um depósito de material de construção irregular. Para surpresa de todos, mais de um ano depois, o abaixo-assinado, recebido, protocolado e processado, infelizmente, continua à frente da mesa do responsável pela pasta, mofando, dentre outros milhares de mesma natureza ou mais grave, sem nenhuma sanção administrativa aos cometedores de atos ilegais. Isso deixa a população impotente, desestimulada e sem acreditar mais em governo. Onde está o prefeito, que não cobra de seus assessores respostas a problemas que a população denuncia? **Cícero T. de Melo** – Cajueiro – chiquinhoolem@yahoo.com.br

JC - Carta 209 – 17/04/10: **Assaltos**

Na Rua General Cândido Borges Castelo Branco, na Iputinga, inúmeros assaltos ocorrem a qualquer hora. São crianças e adolescentes armados. Onde está nosso policiamento? Onde está a dupla de policiais que antes ficava nesta rua, precisamente na esquina do Centro Espírita Vicente de Paula? Onde está o responsável pela segurança da área? E não adianta dizer que viaturas são enviadas porque só elas não bastam. Precisamos, e muito, de duplas espalhadas pelo bairro para a diminuição da bandidagem. **Polyana Cavalcanti** – Iputinga – Recife

JC - Carta 210 – 17/04/10: **Comenda**

Fiquei surpreso ao ver que dona Marisa Letícia foi agraciada (com que critério?) com Ordem de Rio Branco, a mais alta comenda do Ministério das Relações Exteriores. Afinal, o que a primeira-dama fez em prol do País? Quais os programas sociais que dona Marisa está envolvida? Aliás, ela tem um gabinete no palácio presidencial. Na verdade, a esposa do presidente aparece mesmo é nas colunas sociais, em cerimônias oficiais e nas eternas viagens internacionais de presidente. Bem

diferente de dona Ruth Cardoso. **Marcio Barros** – Recife –  
m.ab.awan@hotmail.com

JC - Carta 211 – 17/04/10: **Editorial**

Parabenizo o **JC** pelo excelente editorial publicado no dia 12 falando da ligação direta da educação com o futuro. O editorial diz exatamente o que todos e, principalmente, o governo sabe, mas não dá importância. **Carla Simone** – Recife –  
css\_prof\_1976@yahoo.com.br

JC - Carta 212 – 17/04/10: **Travestis**

Li com atenção a série de reportagens sobre travestis, elaborada por Schneider e Fabiana Moraes. Que coragem trabalhar com um tema tão difícil! Para um jornalista não interessa o risco do tema, afinal, o jornal é um universo diversificado e amplo. O que me agrada portanto, é o equilíbrio jornalístico, a sobriedade. E a leveza. É claro que é um trabalho de profissionais, procurando conversar com todas as áreas, enfrentando um tema cercado de preconceitos, deixando a conclusão por conta do leitor. Para mim, o jornalismo se afirma no inusitado de seus temas e na qualidade dos textos e fotos. Além disso, e sobretudo, temos aquela máxima que é preciso cuidar sempre: a surpresa. Um jornal torna-se importante pela maneira como surpreende o leitor, sem perder jamais a qualidade. **Raimundo Carrero** – Recife –  
raimundocarrero@gmail.com

JC - Carta 213 – 17/04/10: [sem título]

Li matéria de Fabiana sobre os travestis. Genial, não encontro outra palavra. Ironia fina e alta sensibilidade. **Maria Eduarda R. Mota** – Recife –  
me.rocha@uol.com.br

JC - Carta 214 – 17/04/10: **Integração**

A Secretaria de Controle, Desenvolvimento e Obras do Recife esclarece ao leitor Wladimir Moura que os projetos de construção da ponte que interliga os bairros da Iputinga e Monteiro, bem como do Parque do Caiara, estão prontos. Eles integram o conjunto de ações que compõem o Projeto Capibaribe Melhor, orçado em R\$ 46,8 milhões e que terá financiamento do Banco Mundial. Neste momento, aguardamos apenas a liberação burocrática da Secretaria do Tesouro Nacional, em Brasília, para que esses serviços sejam licitados. Esse procedimento é necessário já que os recursos são oriundos de um banco internacional. A expectativa do município é de que, até o meio do ano, todos os projetos do Capibaribe Melhor sejam encaminhados para licitação. Sobre a Refinaria Multicultural do Parque Caiara, a Secretaria de Cultura informa que o projeto está passando por ajustes e atualização de custos para que haja uma retomada das obras o mais rápido possível. **Assessoria de Imprensa** da PCR

JC - Carta 215 – 18/04/10: **Acomodação**

A raiz dos problemas do Brasil é a falta de consciência do povo. Por causa da colonização predatória em que fomos formados, uma das características dos brasileiros é a falta de envolvimento em relação aos que sofrem “pequenas

tragédias”, aquelas das quais a maioria pensa estar livre. Com exceção das calamidades públicas, quando a imprensa incentiva ações solidárias, praticamente inexitem iniciativas de socorro aos que sofrem com agruras do cotidiano, ocasiões em que, de forma geral, os brasileiros que tomam conhecimento dos fatos, no mais das vezes, lamentam e seguem adiante. Vejamos o exemplo do que atualmente ocorre no Instituto de Medicina Legal do Recife, onde cerca de 50 corpos estão aguardando liberação. Embora o assunto esteja sendo pautado pela imprensa, poucos são os pernambucanos que demonstram capacidade de se indignar com os constrangimentos impostos aos familiares daqueles mortos, que, além da dor da perda, estão sendo submetidos ao desespero de não saber sequer quando poderão sepultar seus entes queridos. Pois bem, mesmo diante dessa caótica situação, que tende a piorar, tanto que a direção do IML já alugou um caminhão-frigorífico para colocar corpos, quando não mais couberem nas geladeiras, nenhum movimento de solidariedade está sendo articulado pela sociedade. Estão todos comodamente calados: autoridades públicas, políticos, instituições, entidades, formadores de opinião etc. A única esperança é que um dia, graças à disseminação da educação, os brasileiros conheçam, entendam e assimilem o que disse o russo Maiakovski, no poema “Despertar é preciso”. **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com

JC - Carta 216 – 18/04/10: **Jogos**

Na praia de Boa Viagem a bagunça está formada, pois não há policiais nem salva-vidas. Estive lá domingo passado e vi uma verdadeira terra de ninguém: times masculinos jogando bola, esta batia nas crianças e as mães tiveram que ir embora, pois o jogo não parava por mais que fosse reclamado. Além disso, motoqueiros e ciclistas passeavam na areia sem ser incomodados. E o programa Praia Limpa acabou? Foi o que pareceu. **Verônica Arruda** – Boa Viagem – v.arruda@yahoo.com.br

JC - Carta 217 – 18/04/10: **Combate**

Parabenizo o **JC**, em particular Fernando Castilho, pela forma combativa com que vem mostrando a ação do governo federal neste esvaziamento da Chesf. Votei em Eduardo Campos, entendendo que o alinhamento dele com Lula seria uma garantia para a continuidade dos empreendimentos semeados pelo governo anterior. Engano meu. O governo somente esta semana se pronunciou, embora tenha, em outras ocasiões e por outros motivos, articulado reuniões com os governadores do Nordeste. **Pedro Vasconcelos** – Recife – pedrocelos@gmail.com

JC - Carta 218 – 18/04/10: **Enganos**

Lamentável sob todos os aspectos que a Chesf venha a ser enterrada exatamente no governo que mais prometeu dinamizar o Nordeste. Somente os tolos acreditam nas mentiras de campanha, com a de ressuscitar a Sudene. Entre esses bobos me incluo. Acreditei em Lula. A Sudene hoje não passa de um prédio que se acha em pé apenas porque abriga a Justiça do Trabalho, aonde, diariamente, um grande número de desempregados e famintos comparece me busca de seus direitos. **Paulo Azevedo** – Recife – pauloazevedo2@terra.com.br

JC - Carta 219 – 18/04/10: **Descaso**

A situação da Escola Guedes Alcoforado, em Olinda, é degradante: o “quadro-verde” fixado com prego; algumas salas de aulas estão sem vidro possibilitando a entrada de chuva; bancas e portas quebradas; sanitário dos professores virou depósito de tralhas. E há salas construídas com combogós. **Albênia Silva** – Olinda – malbenia@gmail.com

JC - Carta 220 – 18/04/10: **Mistérios**

Não há como negar que os pernambucanos ficaram orgulhosos com a atuação da Polícia Civil no caso da turista alemã. Com um forte aparato midiático, todos os passos da investigação foram detalhados e divulgados. Durante as investigações tornaram-se rotineiras as entrevistas dadas pela Polícia Civil. Todavia, alguns crimes permanecem insolúveis e caminham lentamente para o esquecimento. O assassino do estudante Alcides Nascimento ainda em liberdade, a misteriosa morte de um médico na Avenida Agamenon Magalhães, a audaciosa emboscada sofrida por um empresário em Boa Viagem e os inúmeros anônimos que diariamente são vítimas da violência na periferia do Recife e nos rincões do Estado não tiveram a mesma sorte. Como pernambucano torço para que um dia todos os crimes tenham o mesmo desfecho e a mesma publicidade dados no caso Jennifer. **Eduardo Tales** – Recife – tales30@hotmail.com

JC - Carta 221 – 18/04/10: **Pedofilia**

O Vaticano, agora, recomenda a todos denunciar à polícia a pedofilia. Melhor tarde do que nunca. Mais uma vez, porém, coloca os pés pelas mãos quando atribui não a pedofilia à Lei do Celibato, mas ao homossexualismo. Com isso, reconhece, implicitamente, que a igreja católica serve de “refugium peccatorum” – de refúgio de pecadores, abrigando na fileira de seus ministérios, dezenas, se não centenas, de homossexuais. Não soube explicar, porém, a repentina mudança da preferência desses “padres gays”, que atacam, indistintamente, meninos e meninas. O Vaticano fala, outrossim, de uma campanha de perseguição contra a Igreja. Houve, sim, perseguição na história da Igreja, quando os cristãos eram jogados diante dos leões no Coliseu, sem renegar a sua fé. Hoje, os pedófilos renegam a sua fé, sem correr perigo de morte, com seus atos libidinosos. **Ladislao Gati** – Recife – gatihaj@gmail.com

## JC - Carta 222 – 18/04/10: [sem título]

Valoriza-se muito o celibato dos católicos com possível fator desencadeador da pedofilia. Padre pode ter mulher ou até ter contatos homossexuais que seus superiores não ligam para isso. O problema maior, a meu ver, está no pedófilo que quer proteção e conivência das hostes sacerdotais para ficar impune, pois ninguém vira pedófilo aos 40 ou 50 anos. Lugar de pedófilo é na cadeia, seja empresário, político, professor, médico, advogado ou religioso. Principalmente este. **Carlos Bayma** – Boa Viagem – carlosbayma@gmail.com

### JC - Carta 223 – 19/04/10: **Propostas**

As eleições vão esquentar o tempo. Torcemos sempre que cheguem as propostas democráticas e que ataquem os problemas mais sérios. O Brasil tem uma força econômica reconhecida, mas nossos dados na saúde e na educação são vergonhosos. Além de tudo, os governos usam dinheiro em demasia na publicidade. O Rio de Janeiro foi um exemplo dessa irresponsabilidade. É claro que não é possível tudo, diante do excesso de chuvas, porém se poderia amenizar efeitos tão negativos. Democracia não é apenas socializar as perdas, mas garantir as socializações dos lucros e da autonomia. De discursos enganadores estamos cansados e não é possível que a continuidade desses projetos, mal explicados, ganhem espaço. É triste ver o interesse centrado no voto e nas siglas dos partidos totalmente incoerentes com as suas práticas. Salvam-se poucos do cinismo epidêmico. **Antonio Paulo Rezende** – Casa Forte – cielo77@uol.com.br

### JC - Carta 224 – 19/04/10: **Praças**

Duas praças no bairro do Ipsep estão ocupadas há anos por comerciantes clandestinos. São oficinas mecânicas, equipadoras de carros, venda de veículos, lanchonete, bar, venda de plantas, capotaria etc. Essas praças ficam na Avenida Recife, na altura dos números 1000 e 1250, entre as Ruas Alaíde de Sá Leitão e Maria José Mota da Silveira. Ali existem duas caixas d'água desativadas. O local está servindo também para o uso de tráfico de drogas, prática de sexo, desova de veículos roubados e carros abandonados, além de lixo acumulado. Não bastasse ainda, tem os antigos reservatórios de água abertos com risco de contaminação por dengue. A comunidade já acionou o Ministério Público e a prefeitura, mas até agora não obteve resposta. Agora começou a se organizar uma Associação de Moradores e Empresários (Amei) para entrar na Justiça requerendo a reintegração de posse dos locais, com a imediata demolição dos imóveis irregulares e a desocupação do local para adoção das praças e devolvê-las à comunidade revitalizadas, com bancos, playground, jardim, iluminação e espaço para lazer. Está sendo elaborado um abaixo-assinado para ser anexado ao processo. **Marcelo Vila Bella** – Ipsep – adrofig@ig.com.br

### JC - Carta 225 – 19/04/10: **Riscos**

Transitar no Recife está virando uma tarefa arriscada. A lei diz que veículos lentos devem usar a faixa da direita, enquanto os vagarosos insistem em andar na esquerda. Por sua vez, os ônibus que deveriam andar devagar e na direita insistem em andar na faixa do meio ou da esquerda e em alta velocidade. Outro dia estava a 60 km e fui ultrapassado por um ônibus mais rápido do que eu em plena Conselheiro Aguiar, sem falar nas motos que nos ultrapassam por todo lado. **James Leonardo** – Recife – jamesleondardo@uol.com.br

### JC - Carta 226 – 19/04/10: **Jiquiá**

Em resposta à carta “Planetário”, a PCR informa que 70% da área de 36 hectares do Parque do Jiquiá permanecerão como área verde, respeitando a legislação. É um projeto integrado, que tem a proposta de unir conhecimento, tecnologia, entretenimento e lazer, e ainda prevê a instalação de vários equipamentos, como

planetário, museus, memorial, etc., além da restauração da Torre Zeppelin. Os prédios já existentes serão restaurados e quanto à refinaria multicultural ainda sendo estudada. **Assessoria de Imprensa** da PCR

JC - Carta 227 – 19/04/10: **Banalização**

A proposta da Câmara de Vereadores do Recife em conceder títulos de cidadão para José Serra, Dilma Rousseff e José Alencar, demonstra a banalização de um ato que deveria ser homenagem a alguém que muito fez pela cidade. Essa banalização demonstra fragilidade do legislativo municipal. **Rui G. Borba** – Recife – ruigustavo@hotmail.com

JC - Carta 228 – 19/04/10: **Desilusão**

O projeto de Lei 1507 enviado pelo governo e votado aleatoriamente pelos “nobres” ou “pobres” deputados estaduais, descaracterizou os nossos planos, nossos cargos suados e uma longa carreira em vão. Uma bonificação é paliativa, a capacitação é necessária, a qualidade existe, mas a valorização de um professor tem que ser permanente, e aí os candidatos a cargos políticos têm de admitir que “educação como meta prioritária” e palanques de campanha sempre foi um engodo ao longo de muitos anos. A quem interessa a manchete estampada “Professores derrotados”? A família sabe o preço do professor tanto, que não é ele o perdedor. Professores, parodiemos a letra de um cantor nordestino que diz: “são tantas ilusões perdidas na lembrança, nessa estrada só quem pode nos seguir somos nós mesmos”, custe o que custar. **Alberto Leal** – IPSEP – salbertu@hotmail.com

JC - Carta 229 – 19/04/10: **Orgulho**

Li o editorial da semana passada onde palavras generosas e encorajadoras são dedicadas a mim. Fico com as encorajadoras. As elogiosas, como já disse, são da generosidade. Gostaria que você, Ivanildo, por gentileza, transmitisse os meus mais sinceros agradecimentos e as minhas mais vivas manifestações de admiração pelo homem que fez os nordestinos terem novamente orgulho de Pernambuco. Refiro-me, inútil dizer, ao empresário João Carlos Paes Mendonça. Tenho apreciado seus editoriais temáticos. O tema Ciência e Tecnologia é de fundamental importância e o grande problema neste setor no Brasil, a meu ver, é o entrosamento entre o empresariado e os universitários. Deposito maior parte da culpa a esses últimos. No entanto, há melhoras. Minha grande preocupação é com o ensino básico e médio. Este País é mágico! Verdadeiros tesouros, jovens de renda média para baixo nos deixam pasmos com a garra de aprender e a vontade de fazer coisas. Renovo meus votos de agradecimentos e de admiração a João Carlos Paes Mendonça. **Luis Cláudio Arraes** – Recife – lularraes@hotmail.com

JC - Carta 230 – 20/04/10: **Projetos**

Luiz Inácio Lula da Silva, quando presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, pregava ser o representante dos trabalhadores do seu sindicato. Procedimento lógico. Porém, ninguém consegue enganar todo mundo sempre. O tempo passa e vem a imprevista reviravolta da sua vida: elege-se presidente da República. Um projeto de lei amparando e reconhecendo os direitos

da classe trabalhista, dos domésticos, tem sua tramitação passada pelo Congresso Nacional com sucesso e aprovação nas duas casas do Congresso. Uma surpresa: aquele que vivia gritando em São Bernardo, dizendo ser o representante e defensor dos trabalhadores, veta esse projeto. Agora em véspera de eleição surge a promessa de regularizar a profissão das diaristas. Quem acredita? **Benone Paiva** – São Paulo – benonepaiva@yahoo.com.br

#### JC - Carta 231 – 20/04/10: **Impedimento**

O chamado “Custo Brasil” é um dos fatores que mais prejudica a economia brasileira e um dos assuntos mais comentados e analisados por economistas e empresários. Pesquisando, constatei que concorrem para a composição deste custo, todos aqueles desnecessários, desproporcionais ou irracionais que dificultam o desenvolvimento, na medida em que oneram a produção, retirando-lhe o caráter competitivo, importante em qualquer economia. São eles: burocracia excessiva, corrupção administrativa; déficit público elevado, altos custos do sistema previdenciário; alta carga tributária; custos trabalhistas; concentração bancária (taxas de juros) e a conseqüente inviabilidade dos investimentos que concorrem de forma direta para dificultar a produção e o comércio exterior. Os estudiosos dizem que esse Custo compromete tanto a competitividade quanto a eficiência da indústria encarecendo o preço do produto em cerca de 36,27% em relação aos fabricados em outros países com Alemanha, EUA, França e China. Ou seja, o chamado Custo Brasil vem a ser todas aquelas exigências e dificuldades que encarecem o investimento e a produção no País. **João Câncio Ferreira Filho** – Recife – jcancio2000@uol.com.br

#### JC - Carta 232 – 20/04/10: **Defesa**

É intrigante ouvir Blairo Maggi, ex-governador do Mato Grosso, defender a proteção ambiental esquecendo a devastação que foi feita naquele Estado. A preservação ambiental está na agenda mundial, todavia, não podemos nos esquecer dos males causados por aqueles que tempos atrás lucraram valores absurdos e hoje querem se mostrar com paladinos da preservação. A “soja maldita” já causou males e enriqueceu muita gente. Cabe ao Judiciário punir os malfeitores do passado. Depois de ficar rico, não dá pra querer virar santo. **Célio Cruz** – Recife – celiocruz@terra.com.br

#### JC - Carta 233 – 20/04/10: **Escuridão**

É de estarrecer a escuridão na PE-1, precisamente na Avenida José Cláudio Gueiros Leite, a principal da orla de Paulista. A Celpe deveria ter carro especial para fazer vistoria de sua iluminação, e a prefeitura e a subprefeitura das praias, poderiam enviar um ofício à companhia para que ela substitua as lâmpadas defeituosas. Há um mês telefonei para denunciar o poste apagado em frente ao número 871 dessa avenida e até hoje não vieram. Só posso agora apelar para essa coluna. **Paulo Gustavo** – Paulista – pgpa\_8@hotmail.com

JC - Carta 234 – 20/04/10: **Apoio**

Venho agradecer o apoio que o Conselho de Moradores do Loteamento Primavera, em Camaragibe, recebeu do grupo JCPM, por meio do Projeto Rádio Jornal Rádio do Povo. A comunidade foi beneficiada com cursos profissionalizantes, emissão de carteiras de identidade e tantos outros. **Givaldo Nascimento** – Camaragibe – givaldon@hotmail.com

JC - Carta 235 – 20/04/10: **Descontrole**

As coisas estão absurdamente fora de controle. E quem deveria ser de confiança neste controle é quem impõe mais medo. O caso do jovem de 17 anos em Aguazinha que empinava pipa, cortou um policial acidentalmente com a linha e acabou sendo baleado no pé, é um exemplo clássico desse problema. Profissional desse tipo torna-se totalmente dispensável. Não precisamos de um policial tão despreparado a ponto de revidar uma brincadeira de uma criança de rua. A comunidade onde o jovem mora afirmou que o PM é acostumado a fazer confusão, inclusive, gosta de, como dizem os mais íntimos da prática, “tomar uma”. Vamos dar um título para resumir: “abuso de autoridade embriagada”. Que autoridade? Autoridade teria se tivesse fazendo um favor à população. Na verdade, eles precisam aprender que são funcionários do povo, é o povo quem paga o salário deles. Deveria ser punido. **Adauto Júnior** – Recife – juniorsrd@hotmail.com

## JC - Carta 236 – 20/04/10: [sem título]

Pernambuco vem se notabilizando em crimes de grande repercussão. Sendo que, no caso do presidente da escola de samba Unidos de São Carlos poderia ser evitado. O assalto poderia ter ocorrido sem nenhuma vítima, caso o policial, fora de serviço, não tivesse reagido na hora errada. Nada justifica nem paga uma vida perdida. Que o digam os familiares da vítima. Está na hora de se pensar se vale a pena que agentes fora de serviço tenham a prerrogativa de andar armados. O cidadão comum, coitado, desarmado fica ao sabor das balas perdidas dos dois lados: dos bandidos e do Estado. **Raul de Araújo Lira** – Campo Grande – raulira@bol.com.br

JC - Carta 237 – 20/04/10: **Reservas**

Em resposta a Kelly B. Souza, a Secretaria de Administração (SAD) esclarece que o governo do Estado estuda a possibilidade de fazer novas convocações dos reservas aprovados no Concurso para Bombeiros. O governo analisa os impactos dos reajustes salariais concedidos este ano a diversas categorias e o ingresso de novos servidores no quadro da corporação necessita, também, de uma análise mais criteriosa, visto que o Estado não pode ultrapassar os limites da Lei de Responsabilidade Fiscal. A SAD destaca que, quando o concurso foi realizado, previa-se convocar apenas 250 bombeiros e, até o momento, 500 aprovados já ingressaram na corporação. **Assessoria de Imprensa da SAD**